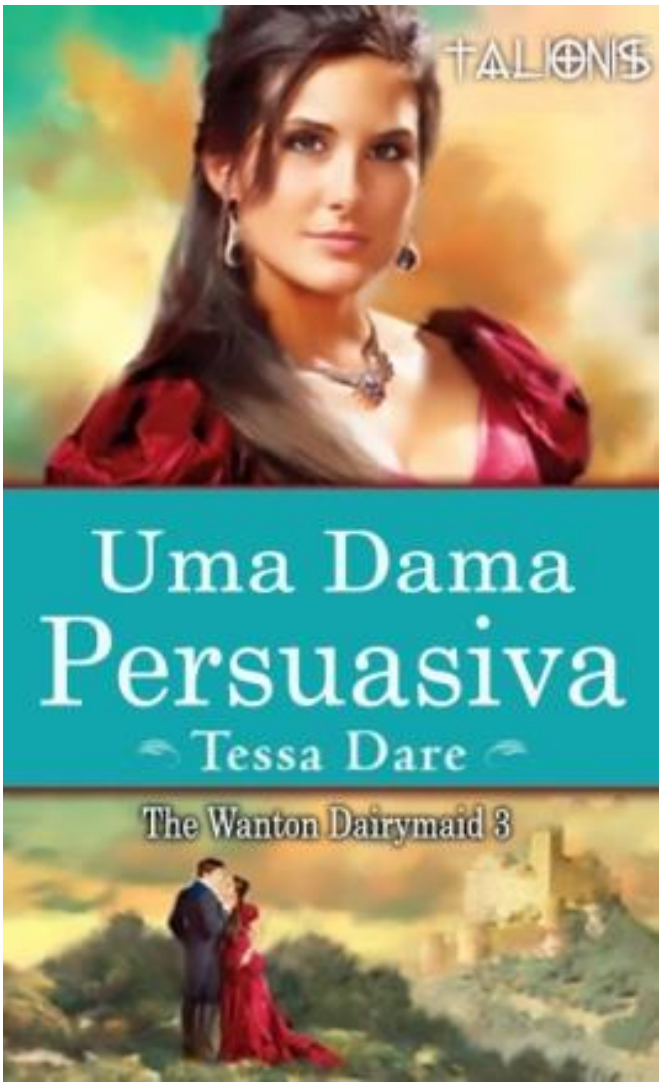


Tessa Dare
Uma Dama Persuasiva

Trilogia The Wanton Dairymaid 03

Só uma coisa pode persuadir Sir Toby Aldridge, um libertino incorrigível, a professar fidelidade eterna a uma mulher que acabou de conhecer: Vingança.
Quer melhor maneira de golpear seu inimigo do que roubar a sua irmã? Não que Toby ache que seduzir uma beleza recém chegada da Índia seja uma tarefa pesada. E quando o prêmio é Isabel Grayson, a vingança é duplamente agradável.
Isabel está decidida a se casar com um rico e poderoso nobre, para dessa forma se tornar uma mulher influente e, portanto, poder usar seu título e dinheiro para lutar contra a injustiça.
Sir Toby, com seu mísero título e sua má reputação, não é um bom candidato a marido, entretanto, é o único que faz com que seu coração se acelere e que os desejos que mantinha guardados, saiam à superfície.
Se ela reformar este encantador demônio obterá o que deseja: O respeito da sociedade. Mas se trata de um jogo perigoso... Porque se Toby ganhar este jogo de persuasão, pode quebrar o seu coração.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Disp em Esp: *MR*
Envio do arquivo: *Δίκη*
Revisão Inicial: *Marcia Daltro*
Revisão Final: *Matias, O Marujo*
Imagem*: Elica*
Talionis

Comentário da Revisora Marcia Daltro: Finalmente o último livro desta Trilogia. Definitivamente não posso dizer que foi o melhor de todos porque me irritei com algumas atitudes da mocinha e inclusive do Toby.

E não me convenci muito com suas justificativas por suas atitudes (acho que porque imaginei que a mocinha seria como as dos livros anteriores, que eram decididas e armariam situações engraçadas para envolver o mocinho).

Mas enfim... Ainda bem que apareceram no livro todos os personagens dos dois primeiros livros para salvar esta leitura "risos". Foi muito bom ler novamente o sério e certinho Jeremy junto com sua Lucy que continua o enlouquecendo. O ex-pirata Gray morrendo de raiva por Toby (ex-noivo da sua esposa Sophia) ter se enredado com sua irmã (que apareceu no livro dele e já era a srta. Certinha).

Saber o destino dos personagens: Joss (o irmão viúvo do Gray) e Hetta (a médica que atendeu Lucy no primeiro livro e virou sua amiga). Ver todos eles interagindo nesta história, nos mostrando como andam suas vidas, valeu à pena.

Então, se vocês leram os dois primeiros livros, não podem deixar de ler este. Beijosss

Comentário do Revisor Matias Jr: A autora quis ser coerente com a personalidade que destinou a essa última personagem. Se ela foi apresentada como a certinha em meio de "Meninas travessas", então sua história deveria se desenvolver em meio a conflitos internos e de difícil superação... Afinal, de todos os grandes monstros que precisamos enfrentar em nossas vidas, os interiores são os mais difíceis.

Se não desenvolvesse essas cenas de conflitos interiores, só restaria ao personagem mudar da água para o vinho.

E vinho tivemos bastante com as "Meninas travessas" dos livros anteriores.

Beijos, Matias Jr. O Marujo.

SOBRE A AUTORA:

Tessa Dare é uma bibliotecária por meio período, mãe em tempo integral e uma autora de romances históricos no turno da noite. Mora no Sul da Califórnia, onde compartilha um bangalô aconchegante e desordenado com o seu marido, seus dois filhos e um grande cão marrom.

Viveu uma infância bastante nômade no Meio Oeste. Quando menina, descobriu que não importava quantas vezes se mudasse, pois dois tipos de amigos sempre viajavam com ela: Os dos livros e os de sua cabeça.

E ela conversava com ambos diariamente.

Tessa escreve romances históricos leves e provocantes. Para desgosto de sua família, não escreve lista de compras nem cartões de Natal. Desfruta de um bom livro, uma boa risada, uma longa caminhada no bosque, um bom filme, uma boa comida, um copo de um bom vinho e a companhia de boas pessoas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

CAPÍTULO 01

Sir Toby Aldridge estava pensando em um ato de assassinato a sangue frio.

Em causar algum dano, em um ato de barbárie selvagem.

Por natureza, Toby não era daqueles que guardava rancor. Como um cavalheiro de sua classe, com riqueza e beleza indiscutível, nunca tinha recebido uma afronta a qual simplesmente não pudesse ser levada na brincadeira.

Ele chamava todos os homens de "amigos" e nenhum homem de inimigo.

Até agora.

— Então, esse é ele. — Toby olhava o homem que dava voltas com uma beleza loira no piso principal próximo a orquestra: Benedict "Gray" Grayson. O pilantra que havia roubado a noiva de Toby, o seu futuro e a sua respeitabilidade, e em seguida, retornou a cidade com ela e foi recebido como um maldito herói.

— Sim, é ele. Tome um brandy. — Seu anfitrião, Jeremy Trescott, o conde de Kendall, estendeu à ele uma taça.

Toby aceitou a bebida e bebeu-a de um gole rápido e abrasador.

— Poderia desafiá-lo para um duelo. — Murmurou por trás da taça. — Eu poderia desafiá-lo e matá-lo com um tiro esta noite em seu jardim.

Jeremy sacudiu a cabeça.

— Você não vai fazer isso.

— Por que não? Acredita que não sou capaz? — Toby soltou uma risada amarga. — Não leu os periódicos, Jem? Aquele amável Sir Toby é um fantasma do passado, e já em boa hora.

Eu te pergunto, onde me levou a honra e a decência? Que me abandonassem e me substituíssem por um ladrão bastardo e sem princípios.

— Gray não é um bastardo. É o sobrinho legítimo de uma duquesa.

— Oh, sim. E agora é um cavalheiro também, não é mesmo? Se ouve nos falatórios que Sir Benedict é um comerciante naval, um proprietário de terras nas Índias Ocidentais, um temido corsário, um modelo de perfeição e valentia...

— Toby meneou a cabeça. — Eu sei a verdade. Ele é o bastardo ladrão que seduziu a minha futura esposa. Estou em meu direito de desafiá-lo.

— Mesmo que você possa fazer isso — disse seu amigo laconicamente, — você não o fará. Este é o primeiro baile de Lucy. Ela esteve planejando-o durante meses. Se você o transformar em um escândalo para a imprensa sensacionalista, vou levá-lo ao jardim e te estriparei eu mesmo.

— Bem, se vocês não queriam um escândalo, não deveriam ter me convidado. Apesar de você ter a reputação do próprio diabo, eu também posso estar a sua altura.

— Pois você deveria se mostrar superior. — Jeremy baixou a voz. — Escute... Você será obrigado a se encontrar com eles em algum momento. Gray vai apresentar sua irmã mais nova este ano e eles estarão em todos os eventos sociais importantes. É melhor tornar pública a sua

reconciliação agora e acalmar os rumores. Por que você acha que Lucy e eu planejamos um baile tão cedo nesta temporada?

— Porque se esperassem mais alguns meses ela estaria muito redonda? — Ansioso por trocar de tema, Toby deu um tapa no ombro de seu amigo. Ele não tinha intenção de se reconciliar com Grayson, publicamente ou de qualquer outra maneira. Nunca.

— A propósito, parabéns.

— Como soube que ela está esperando o meu filho?

Toby fez contato visual com a esposa de seu amigo no salão de baile, enquanto ela abria caminho entre a aglomeração de convidados. Durante anos, Lucy Waltham Trescott tinha corrido atrás dele em suas anuais reuniões de caça, na propriedade de Henry Waltham. Tinha abrigado uma paixão juvenil por Toby, mas a esquecera muito rápido quando Jeremy capturou seu coração o outono passado.

Ele disse:

— Tenho três irmãs mais velhas e dez sobrinhas e sobrinhos até esta data. O que posso dizer... O rosto de uma mulher torna-se um pouco mais redondo, o cabelo brilha. E seus seios...

— Jeremy disparou à ele um olhar gélido e Toby bebeu um gole de seu brandy. — Ora, ora... Foi só um comentário.

Lucy chegou até eles e Toby reforçou seu sorriso. Que o condenassem se ele deixaria que esta multidão o surpreendesse usando qualquer outra expressão que não fosse o seu habitual sorriso de libertino.

— Toby! — Exclamou Lucy, pegando suas mãos. — Estou muito contente em te ver.

— Olhe para você, Lucy. — Ele a olhou da cabeça aos pés e enviou à ela uma piscadela apreciativa. A moça moleca havia se convertido na encantadora e segura Condessa de Kendall.

— Impressionante. A dama mais formosa do salão.

Lucy fez um gesto desdenhoso com a mão, mas depois do gesto, ela se ruborizou até as orelhas. Tal como ele sabia que faria. Toby se inclinou para beijar sua bochecha, ignorando o olhar ameaçador de Jeremy.

— Sei que você diz isso à todas as damas — disse Lucy e depois o olhou com um olhar cauteloso. — Sophia parece estar bem, não?

— Oh, ela está radiante. — Toby obrigou seu sorriso a se ampliar quando os Graysons passaram dançando a valsa, o cabelo loiro de Sophia e sua pele de porcelana marfim, passou como uma elegante imagem imprecisa.

— Inclusive, incandescente. Ela parece uma mulher apaixonada.

Sophia nunca havia parecido incandescente com ele.

Lucy pareceu ler seus pensamentos e colocou uma das mãos em seu braço.

— Toby. Você não estava apaixonado por ela também?

Ele deu de ombros. Lucy dizia a verdade, mas ouvir esta verdade não ajudava.

— O fato, feito está. Você precisa seguir adiante. — Jeremy assinalou com a cabeça para a aglomeração de convidados. — É uma nova temporada, amigo. Há uma nova colheita de debutantes esperando para experimentar o famoso encanto de Sir Toby. Sem dúvida, uma delas deve ter chamado a sua atenção.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toby refletiu. Era verdade, uma nova conquista poderia fornecer uma bem-vinda distração de sua fúria assassina. Ele sempre tinha sido o favorito das debutantes. Mas ultimamente, não havia praticamente nenhum desafio para ele.

Sua notoriedade nos periódicos sensacionalistas como o "Libertino Renascido" havia deixado as mães em estado de alerta e as jovens esvoaçantes. Tudo o que precisava fazer era aparecer.

— Agora que você mencionou isso, penso que houve uma... só uma. — Toby percorreu com a vista o salão de baile em busca de um vislumbre de uma vibrante seda verde esmeralda. Só houve uma dama que chamou sua atenção, ainda que brevemente, quando ele fez sua entrada. Sabia que nunca a tinha visto antes... Certamente não a teria esquecido se a tivesse visto.

Ah, lá estava ela. Uma fascinante beleza de cabelo escuro, diferente de qualquer outra dama no local. Diferente de qualquer dama que já tivesse visto. Até agora, só tinha captado vislumbres dela no mar agitado de dançarinos... Um flash de cor esmeralda, uma cascata de cabelos negros, uma amostra de pele dourada, como o mel. Agora, ela estava alinhada com as damas em preparação para um reel[1], e ele teve sua primeira oportunidade de estudá-la totalmente.

Era alta. Não tão alta como ele, mas, era mais alta do que as mulheres entre as quais estava parada, e possuía uma figura de proporções exuberantes. O corte de seu vestido era modesto, mas ela era uma classe de mulher que fazia com que parecesse indecente, inclusive estando completamente coberta. Seu corpo era do tipo tirado diretamente de alguma fantasia de um harém: Seios grandes, quadris largos e pernas longas.

Toby viu como ela incentivava o seu parceiro de dança com a insinuação de um sorriso. Essa curva sutil de seus lábios era de alguma forma mais sensual do que qualquer outra curva de seu corpo.

Seu desejo despertou e o percorreu, surpreendendo-o por sua intensidade. Todo o seu corpo vibrava com aquele instinto básico e simples, no qual cada sedução, sem importar quão suave fosse, tinha sua raiz:

Eu a quero.

Quem era ela? Estava em sua primeira temporada, sem dúvida. Com sua beleza, não poderia durar mais do que uns poucos meses no mercado de casamento... Mesmo que seu dote fosse composto de conchinhas de mariscos.

Toby se moveu para ver a fila de cavalheiros alinhados à frente, para discernir a identidade de seu parceiro.

— Maldito inferno.

Não podia ser. Seu parceiro era Grayson, o bastardo ladrão. Não era suficiente que já tivesse roubado a mulher com quem ele havia planejado se casar, agora tinha que se pavonear e impressionar às debutantes, também?

Maldito seja, elas eram território de Toby. E agora, o que havia começado como uma vaga inclinação luxuriosa, transformou-se em um plano:

Eu a quero.

E vou tê-la.

[1] *1. Reel: É um tipo de dança folclórica. Existem "reel" escocês, irlandês, inglês. Tem um ritmo animado e geralmente é dançado em um ritmo rápido.*

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Um reel, Lucy?

— Ora, eu não havia...

Sem esperar por uma resposta, Toby pegou a mão de Lucy e puxou-a para a pista de baile, ficando entre os dançarinos alinhados instantes antes que a música começasse. Ele se colocou junto ao ombro de Grayson, e embora tenha feito uma reverência à Lucy com os primeiros acordes da música, manteve seu olhar enviesado para a beleza de seda verde ao seu lado.

A dança se baseava em grupos de três casais, que exigia muitas trocas entre os casais adjacentes, tal como Toby havia esperado. Em intervalos regulares, teria oportunidade de tocar a mão de sua visão vestida de esmeralda, trocar algumas palavras, girá-la até atordoá-la... E se tudo isso falhasse para deixá-la sem fôlego... Cintilaria para ela seu sorriso mais encantador.

Mas tudo em seu devido tempo.

Ganhar uma dama era uma questão de estratégia, de paciência. O primeiro contato não devia ser pele a pele, nem sequer luva a luva, a não ser, unicamente, um contato com os olhos.

Toby deu um passo à frente para se inclinar ante ela, com seu olhar cravado no dela. Seus olhos eram notáveis. Grandes, amendoados, e circundados com pestanas longas. Tão grandes e sérios, que pareciam engolir o resto de seu rosto.

Por um momento, ele se sentiu afundar naqueles poços escuros e plácidos.

Custou a ele toda uma maldita luta consigo mesmo para escapar daqueles olhos.

Uns poucos compassos mais tarde, ainda estava se recuperando quando o padrão da dança o obrigou a pegar sua mão. Ele agarrou seus dedos enluvados com firmeza. O tecido suave se esquentou entre eles, enquanto se moviam em círculos, tornando-se cálido e flexível como a sua pele. Ele sentiria sua pele nua assim, pensou. Suave como o cetim. Flexível. Quente ao tato, enquanto suas mãos deslizassem sob a seda fria para explorar cada uma de suas tentadoras curvas. Além disso, sentiria a textura de seu creme contra sua língua.

Deus. Toby puxou suas rédeas mentais antes que estes pensamentos o destruíssem. Nunca antes havia sentido uma emoção assim, simplesmente pegando a mão de uma dama.

Mas claro, nunca antes seduziu uma mulher diretamente nos braços de seu inimigo.

— Toby... — Lucy fez um sinal para ele com uma contração dos dedos e Toby percebeu que havia ficado para trás no padrão.

— Oh. Perdão. — Ele se adiantou com um salto para reivindicar as mãos de Lucy e a levou rapidamente de volta à dança. — Peço desculpas antecipadamente pelo o que está prestes a ocorrer.

Os olhos de Lucy brilharam.

— Toby, não. Você não pode fazer uma cena.

— Oh, sim... Posso. Eu poderia denunciar Grayson e Sophia na frente de todos ao redor deste salão de festa. Todos pensam que eles são um casal de ouro, o recém renomado herói cavalheiro e sua formosa e inocente esposa...

Eu poderia expor a verdade.

— E eu poderia expor suas vísceras. — As unhas de Lucy se cravaram em seu braço, o que demonstrava que uma caçadora feroz ainda rondava dentro dessa elegante fachada.

— Você não se atreveria. Estive planejando esta noite durante meses, Toby.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

A dança os separou antes que Toby pudesse responder. Então a dama de seda verde sorriu, e algo em seu peito se contraiu. Ele não poderia falar nada, mesmo se tivesse tentado. Ela era perfeita com esse sorriso, formado por lábios carnudos e sensuais da cor de madeira. Lábios desenhados para o pecado, emoldurando uma inocente fila de dentes perolados. E nos cantos da boca, o mínimo indício de melancolia, apenas o suficiente para intrigar a mente e agitar o coração. Esses lábios desafiavam a mera admiração; eles queriam um beijo.

Havia apenas uma coisa errada com este sorriso.

Não era dirigido à ele. Aquele bastardo do Grayson era o afortunado receptor, e tudo o que Toby pôde fazer foi não estender uma bota e fazer com que o homem tropeçasse quando ele se moveu para frente para pegar as mãos da beleza.

Tentadora, essa ideia... Mas inconcebível. Toby poderia arranhar sua bota.

Não, ele se vingaria de uma maneira mais sutil, mais justa. Nenhum duelo obscuro, nem denúncia pública. A Bíblia não aconselhava olho por olho, dente por dente... ou, neste caso, dama por dama?

Quando os passos da dança os reuniram novamente, ele puxou a tentadora morena para mais perto dele... tão perto que a seda de seu vestido verde se enredou em suas pernas. Seu aroma o provocava, uma nítida e limpa mistura de verbenas e frutas cítricas.

Reforçando seu aperto no braço dela, ele simplesmente sussurrou quando se separaram:

— Tenho que te contar um segredo.

Ele apertou seus delicados dedos antes de liberá-los, permitindo que seu polegar roçasse o centro sensível da palma de sua mão. Pareceu ter ouvido seu ofego de espanto.

Grayson lançou para ele um olhar desconfiado. A arrogância de Toby festejou com aquele olhar.

Ele se virou para a dama de verde.

— Você ficará surpresa... — Murmurou enquanto se roçavam um ao outro de novo. — ... mas não pode ser evitado.

Ele não imaginou seu ofego desta vez, nem o rubor que a cobriu da linha do seu cabelo até os seus seios. Deus, ela possuía os seios mais magníficos que já havia visto, que agora estavam se levantando ligeiramente com cada uma de suas respirações, esticando as costuras de seu corpete. Arrancar seu olhar deste espetáculo foi muito possivelmente a coisa mais difícil que ele já havia feito.

Uma eternidade se passou antes que o padrão da dança os reunisse novamente. Toby girou corretamente e caminhou, evitando os olhares inquisitivos de Lucy enquanto via a beleza retornar ao seu lugar.

Em seu interior, uma inveja amarga se retorceu com a luxúria. A admiração brilhava no rosto dela enquanto olhava ao seu parceiro. Fazendo com que desprezasse Grayson, cada vez mais a cada momento.

Quando por fim se reuniu com a dama de verde, sentiu um profundo alívio. Como se ele tivesse viajado a Terra Santa e voltado para ganhar o seu favor, em lugar de circular por um salão de baile.

Mesmo que tentasse, não conseguia explicar o sentido de propósito e predestinação que se

apoderou dele. Este reel alegre se converteu em uma missão mais séria do que qualquer negócio em sua vida.

Manteve um bombardeio baixo e sedutor de palavras enquanto percorriam uma espiral apertada, negando a ela qualquer oportunidade de responder.

— Sinto-me atraído por você. Não tirei os olhos de cima de você toda a noite. Estou encantado.

Ele era um mentiroso.

Isabel Grayson tremia enquanto voltava para o seu lugar na linha. Seu coração pulsava a um ritmo selvagem, o dobro do ritmo do reel. Felizmente, agora os passos da dança ofereceram à ela alguns compassos de descanso.

Aventurou um olhar furtivo na direção do cavalheiro, só para se encontrar com a avaliação inquietante de seus olhos.

Ruborizando-se, baixou o olhar para o chão.

Sinto-me atraído por você, ele havia dito. Não tirei os olhos de cima de você toda a noite.

Uma mentira, mentira. Definitivamente, seus olhos não a tinham seguido toda a noite. Se o tivessem feito, Bel teria percebido... porque ela esteve olhando para ele o tempo todo.

Como podia não olhar? Ele era, simplesmente, o homem mais bonito que tinha visto, apesar de ter crescido em companhia de três homens extremamente bonitos: seu pai e seus dois irmãos.

Mas o áspero e malicioso atrativo deles se apoiava tanto em suas imperfeições, como em seus rasgos harmoniosos. Ao contrário deste homem, este homem era perfeito. O perfil esculpido, seu cabelo castanho claro matizado com dourado, e uma graça esbelta e confiante em todos seus movimentos, grandes ou pequenos.

Tinha-o observado desde o momento em que entrou no salão. Enquanto ele havia circulado pela multidão com um passo ágil e descontraído, quando foi conversar com seus anfitriões. Inclusive quando a educação a obrigou a dirigir seu olhar a outro lugar, estava consciente dele, com um formigamento na base de sua coluna.

E agora, esta dança. Seus olhares ousados, as carícias roubadas e essas devastadoras palavras murmuradas: Estou encantado.

Seu corpo inteiro zumbia com uma emoção estranha e proibida: Desejo.

Oh, isto era um desastre!

Bel não queria sentir desejo. Ela não queria sentir nada. Qualquer outra jovem em seu lugar poderia sonhar com apenas isto: Um homem divinamente belo arrastando-a a uma maré vertiginosa de emoção.

Mas ela não. Ela tinha vindo a este baile por uma só razão: Escolher um marido entre os cavalheiros elegíveis. Sua eleição seria uma decisão totalmente racional, com base na reflexão, na oração, em um retrato bem informado do caráter moral do homem e sua área de influência. Para apoiar este processo, ela sabia que alguma atração física pelo lado do cavalheiro seria benéfica, e este era o motivo daquele vestido luxuoso e apertado que estava usando. Mas por sua parte, Bel não se deixaria influenciar pelos caprichosos sentimentos que se agitavam em seu interior, ou pior, pelas pecaminosas agitações de desejo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

E isto devia ser desejo, esta praga de sensações que a faziam sentir febril e tonta. Sem dúvida ela era uma pecadora. Ela se agitou.

— Você me desorienta...

As palavras foram um sussurro quando o padrão trocou e o belo cavalheiro ziguezagueou ao passar. Enquanto se recuperava de um inoportuno calafrio de prazer, Bel perdeu um passo.

Seu irmão dirigiu para ela um olhar de preocupação.

— Vamos — disse Gray, guiando-a de volta ao padrão. — Não confie em mim para te guiar. Você sabe que ainda estou aprendendo esta tolice de dança campestre. — Baixou a voz.

— Não me atrevo a deixar de contar em voz baixa ou perderei o passo completamente.

Bel soltou uma risada nervosa e ordenou aos seus joelhos, que nesse momento pareciam como cera fundida, a se solidificar. Comporte-se de forma natural, disse para si mesma. Um, dois, três. Dança, ri, sorri.

— Pelo amor de Deus, não sorria...

Ele tinha passado por trás dela outra vez, esse fantasma sedutor, deixando seus traiçoeiros sussurros serpenteando por sua orelha e enroscando-se em seu ventre. E ali vinha ele mais uma vez.

— Quando você sorri, não consigo respirar...

Oh, Deus querido. Isto não era bom. Nada bom.

Ela sabia, porque ela era boa. Ela era. Era uma garota boa, realmente boa. Não era absolutamente o tipo de mulher que se deixava tentar por um diabo de cabelos dourados, de linguajar meloso e vestido com roupas finas.

Sim, foi criada por um pai degenerado, uma mãe lunática, e dois irmãos que construíram a fortuna familiar através da violência e o roubo... Mas Bel se negava a seguir por esse caminho.

Dedicara sua vida ao serviço de caridade, apesar de se sentir frustrada com os limites de seu bom trabalho em Tortola. Visitar os doentes, ensinar as crianças a ler, inclusive seu apoio à cooperativa de açúcar...

Só a faziam sentir como se tivesse recebido um tiro de uma espingarda. Não podia baixar as tarifas abusivas, não podia abolir a escravidão... As únicas pessoas com capacidade de fazer alguma mudança significativa estavam ali, em Londres: Os Lordes, com sua riqueza, poder e vozes no Governo. Bel não poderia se tornar um deles, mas poderia se tornar uma dama rica e poderosa ao seu lado.

Era um plano simples, realmente. Ela se casaria com um Lorde. Tornar-se-ia uma dama influente. E então faria do mundo um lugar melhor. Um, dois, três.

Mas primeiro devia terminar esta dança sem envergonhar a si mesma. A tarefa estava resultando mais fácil de conceber do que executar.

— Correto... — Sussurrou o homem, quando se cruzaram de novo.

Correto? O que ele quis dizer com correto? Agora a irritação borbulhava em seu interior. Não havia nada de correto sobre o seu suposto comportamento. Com toda a certeza, não havia nada de correto em seu toque furtivo que ricocheteava pela base de sua coluna... Ali. Um roçar firme por cima de seu quadril à esquerda a deixou surpresa, trêmula, girando... girando para a direita.

— Depois vire à esquerda. — Ele murmurou. — Cuidado com as penas.

Bel se virou para a esquerda, abaixando-se para evitar um ataque repentino de penas de avestruz enquanto rodeava uma matrona de rosto sério. Sua mente estava girando. Ele a estava ajudando através da dança.

Não era o suficiente que ele já a tivesse intrigado, emocionado, zangado e tivesse feito com que sentisse um pouco de medo. Agora, a este amontoado de emoções em seu interior, se acrescentou a gratidão.

Ele estava fazendo com que a ela gostasse dele.

— Agora, de volta. — Ele sussurrou. — Muito bem.

Oh, isto se tornava cada vez pior. Houve uma pausa novamente e Bel sentiu seu olhar ardente em sua pele. Em um esforço desesperado para desencorajá-lo, levantou seu queixo e lançou ao belo estranho um reprovador e desdenhoso olhar.

Em troca, o homem piscou um olho para ela. Ele piscou um olho!

Com mais dificuldades do que nunca, ela desviou o olhar. Ela deveria saber que não iria funcionar. Ela não possuía talento algum para o desdém ou reprovação.

Ela era uma especialista em seguir as regras.

E esta dança tinha regras. Um padrão. Havia uma forma correta de dançar e uma incorreta. A ideia a tranquilizou. Se ela se prendesse ao padrão da dança, seguindo todos os passos corretos, talvez pudesse derrotar esta tempestade de sentimentos dentro dela, todos aqueles sentimentos incômodos agitados por um cavalheiro cujo nome sequer sabia e cujo o fino perfil jamais esqueceria, nem mesmo que vivesse até os noventa e quatro anos.

Bel endireitou os ombros. Tenho uma missão, disse a si mesma enquanto pegava a mão de seu irmão que se movia atordoado pelo padrão. Girou primeiro à esquerda, logo à direita, e em seguida soltou sua mão para circular de novo. Tenho um propósito, uma causa.

— Você me enfeitiçou completamente...

As palavras a fizeram tremer de novo. Como conseguia aquele homem passar tão indecentemente perto dela, sem chamar a atenção?

Bel olhou ao seu irmão, cuja a testa estava enrugada em concentração. Enquanto Gray dançava, movia os lábios muito ligeiramente. Um, dois, três... Ele estava muito absorto no padrão da dança para notar algo.

Talvez ela devesse fugir. Atrairia muita atenção, se ela simplesmente girasse sobre seus pés e saísse correndo? Ela suspirou. É obvio que sim. E tanto como esperava chamar a atenção da sociedade, não queria atraí-la dessa maneira. Se queria mudar o mundo, ou até um pequeno pedaço do mesmo, estas pessoas deveriam respeitá-la e seguir seu exemplo. Seu comportamento deveria ser irrepreensível.

Não, ela não podia fugir. Deveria ficar. Deveria seguir o padrão da dança. Deveria mover-se para este homem alarmantemente bonito e permitir que ele pegasse sua mão uma vez mais.

— Me diga algo... — Ele deslizou sua mão para segurar seu braço por debaixo do cotovelo. Logo acima de sua luva. Seu polegar acariciou sua pele nua, e Bel estremeceu com um medo delicioso. — ... qualquer coisa.

Juntos, se detiveram no centro da dança. Os olhos dele a mantiveram cativa, uma cor de

cobre quente e insistente como o aço. Sua voz era baixa, para que só ela escutasse.

— Perdoe-me, mas há algo entre nós. Uma força que não posso explicar, nem resistir. Deixa-me débil, febril. Diga-me algo... Diga que sente esta força também...

Bel fez uma débil tentativa para retirar o seu braço, mas ele apertou seu agarre, seu polegar pressionando contra o pulso acelerado do vão de seu cotovelo. Ela não podia pensar o que fazer. Não haviam mais pensamentos em sua cabeça, só as sensações desenfreadas e loucas bombeando em seu sangue.

— Sente esta atração? Suplico que me diga a verdade.

Seus olhos se fecharam. Ela era uma boa garota. Uma garota realmente boa.

Ela não mentia.

— Sim.

CAPÍTULO 02

— Então, você me pertence.

Toby deslizou um braço ao redor da cintura da dama, pegou sua mão na dele e a levou dançando pelo piso reluzente, fazendo-a girar em direção a fileira de painéis de vidro das portas e janelas abertas para o terraço.

Estavam quase na porta, quando o imbecil do Grayson finalmente levantou o olhar de seus pés e notou que sua parceira havia desaparecido. Procurou com o olhar à sua volta em vão.

Os bailarinos em torno dele se detiveram, sua perplexidade em breve se converteria em diversão, a qualquer momento.

Com uma risada, Toby arrastou a sua dama sedutora e seus metros de seda verde diretamente para a noite. Esta seria uma história que a sociedade recordaria quando os nomes de Sir Toby Aldridge e Sir

Benedict Grayson se cruzasse um com o outro em alguma conversa. Grayson poderia ter fugido com a noiva de Toby, mas agora Toby havia roubado uma admiradora diretamente dos braços do Grayson.

Não podia considerar isso uma vingança completa, mas poderia considerar como um sólido começo.

E agora, podia voltar sua atenção à encantadora criatura que tinha nos braços. Poderiam ter se passado tão somente alguns minutos desde que ele havia desejado este abraço? Parecia como se tivessem passado anos.

Uma vida inteira. Ou aqui, entre estas colunas de estilo grego, podia imaginar como se tivesse passado uma eternidade. Era como se um feitiço tivesse sido lançado ao redor deles, vinculando-os com algum ritual antigo e pagão.

— Impressionante... — Ele sussurrou para ela.

Ela se congelou em seus braços, entretanto não fez nenhuma tentativa para se afastar. A rajada de ar fresco noturno que os rodeava só enfatizava o calor que crescia entre seus corpos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— O que é, precisamente, impressionante? — Sua voz era melodiosa, temperada com algum sotaque estrangeiro.

— Você. — Ele respondeu honestamente. — Será que você se dá conta que seu cabelo é em realidade um tom mais escuro do que o céu noturno? — Ele enredou um fio de cor negra azeviche ao redor de seu dedo, desfrutando da forma em que o lábio inferior dela tremeu convidativamente. Oh sim, ele estava em boa forma esta noite. — E é mais suave do que a luz da lua. Como é possível?

— Não. Não o é — disse ela. — Deus querido. Você faz isto frequentemente, certo?

— Fazer o quê?

— Arrastar damas solitárias para terraços para fazer elogios sem sentido.

— Bem... talvez — ele disse, arrependido.

— Talvez... — Repetiu ela.

Seu olhar passou do ceticismo a um de consternação.

— Não se perturbe, querida. Com você, eu realmente os sinto. — Toby dirigiu a ela seu sorriso mais cativante, aquele sorriso torto e travesso que praticara com sua mãe e suas três irmãs mais velhas e depois aperfeiçoou para um sorriso de sedução. Era um sorriso que dizia: Sei que sou impossível, mas é inútil resistir. Ambos sabemos que você não pode evitar me amar.

Exceto, que evidentemente esta dama poderia. Seu olhar de consternação se transformou em um de desespero. Ela engoliu em seco e em seguida soltou uma enxurrada de palavras.

— Por favor, me diga que é você um Lorde.

A involuntária gargalhada de Toby aumentou a distância entre eles.

— Um Lorde?

— Um Duque, Marquês, Conde, Visconde, Barão... — Seus olhos estavam sérios e suplicantes. — Por favor, me diga que tem algum desses títulos.

— Lamento desapontá-la, mas os braços que a sustentam pertencem a um Baronete. Não sou um Lorde, mas sou um Sir.

— Ah... — Ela se afastou dele, soltando suas mãos. Deu um gritinho exasperado, fez um gesto dramático... e abertamente apaixonado, de uma forma muito deliciosamente pouco inglesa.

Que outros gritos de paixão ela daria se ele habilmente a provocasse? Um homem não podia evitar de se perguntar isso.

— O que eu fiz? — Ele se recostou contra uma coluna de mármore, quando ela levou seus dedos às têmporas.

— O senhor não é um Lorde, é somente um Sir. E para piorar as coisas, é um libertino. Isto... isto é um desastre.

Seu sotaque se tornou mais pronunciado quanto mais crescia sua agitação, sua voz se inclinava em interessantes tons. Toby estava quase muito encantado para se sentir ofendido.

Quase.

— Um desastre? — Ele repetiu para ela. — Certamente, isso não é...

— Semelhante conduta... Tal falta de decoro. Jamais encontrarei um marido adequado agora. Que homem honrado iria me querer? — Ela deixou cair as mãos e o olhou. — E eu não posso me casar com você.

E aquele feitiço pagão e atemporal? Pelo visto explodiu como uma bolha de sabão.

Toby sentiu-se tentado a salientar que não recordava de ter proposto nada a ela, e que a ideia de se casar com ela, sequer havia se formado em sua mente.

Mas nenhum desses fatos diminuiria os inumeráveis insultos contidos em sua declaração.

— Permita-me entendê-la. Você não pode se casar comigo, porque não sou um Lorde e sequer sou considerado adequado, ou, segundo suas estimativas, um homem honrado. — Ele passou uma das mãos por seus cabelos, resmungando.

— Bem, talvez. Este não é o agradável resumo da opinião pública?

— Sinto muito. Sinceramente me desculpe. Eu não estou pensando direito. Você... Você fez isto para que eu não pudesse pensar. — Ela se virou e se afastou dele. — Devo voltar lá para dentro. Sou um desperdício de seda, parada aqui.

— Ao contrário — disse Toby, desfrutando da visão de sua figura em movimento. — Eu diria que você dá a esta seda um uso excelente.

Ela lançou a ele um olhar horrorizado antes de se dirigir para a porta.

— Devo voltar, antes que minha reputação fique totalmente destruída.

— Espere... — Ele puxou-a por um braço. Ela não podia voltar lá para dentro ainda, não antes que todos notassem sua ausência. Que tipo de vingança seria essa? Ele fez com que sua voz se suavizasse.

— Por favor, acalme-se. Na verdade, você não fez nada tão escandaloso. Simplesmente teve um enjoo devido à dança e ao local fechado, e eu a trouxe aqui para fora para que tome um pouco de ar fresco.

Ele arrastou-a para um banco e fez um gesto para que ela se sentasse. — Agora, o que você precisa é de uma bebida fresca. Me permita trazer para você uma taça de champanhe.

— Oh, não. Eu jamais bebo álcool, nem sequer medicinalmente.

— Uma limonada, então.

— Não. Não, obrigado. — Suas mãos se remexiam em seu colo. — Você sabe que eu não estou realmente doente.

— Não está? — Ele se agachou em frente a ela. — Lembro claramente de você tremendo. Eu disse a você que me sentia débil e febril. Você disse que sentia o mesmo.

— Não parecia possível que seus olhos se abrissem mais, mas o fizeram. — Você deve estar doente. Deus é testemunha que a atenção de um inadequado, desonroso e humilde Baronete não poderia ter causado tal estado.

— Você está zombando de mim. — Essas palavras foram ditas como uma acusação, e em um tom ferido. Como se zombar dela fosse uma ofensa comparável a roubar o pão de um mendigo. — E não deveríamos estar sozinhos.

— Não estamos nos escondendo. Qualquer um pode aparecer a qualquer momento. — Toby inclinou a cabeça para um grupo de convidados além da coluna. — E uns poucos minutos em um canto afastado comigo, dificilmente poderia ser um obstáculo para você se casar adequadamente. Basta perguntar isso a metade das damas neste salão de baile.

Ela lançou um olhar confuso para as portas envidraçadas e ao colorido impreciso de bailarinos detrás delas.

— Realmente, eu não deveria estar...

— Não, não deveria — ele disse, dando um tom brincalhão a sua voz. Ele precisava que ela confiasse nele. Necessitava que ela ficasse ali. — Você não tem nada a temer de mim.

— Sou uma mulher solteira, com uma reputação para cuidar, e você é claramente a pior classe de libertino. — Ela tocou com uma das mãos o único adorno que levava, um magro pendente de ouro, em formato de uma cruz.

— Tenho muito o que temer de você.

— Esteve lendo essas tolices no Prattler? — Toby ficou de pé. — Minha querida, não acredite em tudo o que lê nos periódicos. Você deveria me agradecer por tê-la tirado desse salão de baile e a tenha resgatado de seu parceiro... Este sim é um verdadeiro descarado. E é a esse Grayson que você deve temer.

— Mas... — Ela sacudiu a cabeça e seus escuros cachos tocaram o lustroso mármore. — Por que eu deveria temer ao meu próprio irmão?

— Seu... — Ele deu um passo atrás, olhando-a fixamente. — Seu irmão?

— Sim, meu irmão.

Toby voltou a se agachar na frente dela. Ele apoiou ambos os braços no banco, um a cada lado de suas saias e olhou fixamente naqueles olhos escuros, solenes.

— Me diga o seu nome.

— Senhorita Isabel Grayson. Pensei que todos sabiam. É verdade que acabamos de chegar de Tortola, mas as fofocas... — Toby inclinou a cabeça e o tom dela se tornou afiado. — Você está rindo?

Quando os ombros dele deixaram de tremer, ele enxugou uma lágrima no canto do seu olho. Que tolo ele era, estava se parabenizando por sua vingança. Roubando uma dama de seu próprio irmão, que triunfo.

— Senhorita Isabel Grayson. Bom Deus — ele disse, com a risada tremendo em seu peito uma vez mais. — Tem alguma ideia de quem sou?

Ela levantou as sobrancelhas.

— Além de um Baronete? Não.

— Sou Sir Toby Aldridge.

Ele esperou que o reconhecimento iluminasse seus olhos. Esperou em vão.

— Sir Toby Aldridge. — Repetiu ele. Nada ainda, salvo uma total indiferença. — Por acaso Sophia... quer dizer, Lady Grayson alguma vez falou à você sobre mim?

— Nunca. Deveria tê-lo feito?

Toby estremeceu interiormente. Ela o tinha esquecido rapidamente.

— Não, suponho que não há nenhuma verdadeira razão para que o fizesse. E você não lê o Prattler?

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu abomino esse tipo de periódico. Desprezo as fofocas e as insinuações, apesar de que parece que esta gente não pensa em nada além disso. — Ela assinalou para o salão de baile, outro desses expansivos e veementes gestos.

— São os líderes do governo e da sociedade, entretanto, parecem irremediavelmente

superficiais. As crianças morrem de fome nas ruas, homens que deveriam ser livres vivem acorrentados, mas a atenção deles está centrada em associações ilícitas, disputas conjugais...

— Compromissos quebrados. — Adicionou Toby, amargamente. — Fugas.

— Sim, precisamente.

— É revoltante, não é? — Ele estalou a língua. — Insuportável. Eu mesmo estou bastante cansado dos escândalos.

Ela se animou com entusiasmo, um bonito rubor colorindo sua pele.

— Sabe... estou em Londres há mais de um mês... assisti a jantares, partidas de cartas, à nomeação de meu irmão e a este baile. Escutei sair tantas palavras da boca desta gente, e todas elas eram sobre escândalos e tolices.

— E isso a desilude?

— Claro que sim! — Aí estava seu sotaque diferente novamente, alegre e arrastado. — Parece que ninguém tem ideias ou opiniões que valham a pena expressar em voz alta.

— E você, senhorita Grayson? Algo me diz que está cheia de ideias e opiniões. Não só que as que valem a pena expressar em voz alta, como também as que precisam do silêncio dos outros para serem ouvidas.

— Oh... — Seus cílios tremeram. — Você está falando sério?

Ela expressou tal admiração em sua voz, que foi como se ele tivesse descoberto a chave de sua alma. Não, ele não fizera nada tão impressionante. Simplesmente repetira o que sabia ser o desejo de todas as moças:

Alguém disposto a ouvi-las.

E Toby era um bom ouvinte.

— Me acredite, eu venho de uma família em que abundam as mulheres com opinião. — Se sentiu afundar nas profundidades desses enormes e escuros olhos, e ali, ele percebeu uma profundidade interior que rivalizava com seu olhar insondável. Nem todas as garotas tinham isso. — Reconheço uma mulher inteligente, de princípios, quando encontro uma.

Ruborizando ainda mais, ela olhou para outro lado. Deus, ela realmente era formosa.

— Sentindo-se febril e fraca novamente? — Ele brincou com ela. — Eu sei que eu estou.

Um sorriso apareceu em um canto de sua boca.

— Oh, não. Não sorria. Você vai me matar. Paro de respirar quando você sorri...

Aqueles lábios sensuais se curvaram mais amplamente, e deixando de lado toda brincadeira, o coração de Toby acertou um chute em seus pulmões.

Não escapou a ele a ironia de que ali estava sentada, a única mulher de Londres que não tinha conhecimento de seu recente escândalo nem sua atroz reputação. A única dama que não o considerava como uma entrada para às páginas de escândalos, ou como um delicioso flerte com a infâmia. Com ela, ele podia ser simplesmente seu antigo e despreocupado ele mesmo.

Não havia percebido, até esse momento, o quanto sentia saudades disso. E aquilo era tão somente uma coisa a mais que Grayson havia roubado dele. Como os mesmos pais poderiam ter engendrado a ambos, um canalha e este anjo, era algo que Toby não podia compreender.

Um pensamento o sacudiu. Em realidade, golpeou-o, com a força de um tijolo. É obvio. Esta era a irmã de Grayson. Se ele queria uma oportunidade de se vingar, bem, então...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Aí estava ela, sentada.

Bom Deus, ele poderia...

— Você poderia o quê? — Ela perguntou.

Havia dito isso em voz alta? Maldição.

— Eu poderia...

Eu poderia te seduzir. Poderia tomar sua virtude. Poderia estar à altura da minha infame reputação e fazer de ti um escândalo público. Poderia me recusar a me casar contigo e te abandonar com o coração quebrado e arruinada, sem perspectivas. Poderia levar todas as esperanças de seu irmão para o seu futuro e fazê-las pedacinhos, tão minuciosamente como ele destruiu as minhas esperanças.

— Eu poderia... — Sua voz se perdeu novamente, enquanto olhava aqueles enormes, encantadores e inocentes olhos.

Não. Não, ele realmente não poderia.

Simplesmente não era a índole dele, não importava o que os periódicos dissessem. E se o único respeito que restava era o que ele sentia por si próprio, Toby se aferraria a ele.

Grayson já levou sua noiva e sua reputação. Maldito fosse se ele renunciaria a seus últimos pedaços de honra também.

Além disso, ele gostava desta moça. Ela merecia ser tratada melhor do que isso.

— Agora eu poderia escoltá-la para dentro — ele disse finalmente. — Ou procurar nossa anfitriã, se você preferir. Ou talvez você tenha mudado de ideia e quer algum refresco?

— Sorrindo, ele cobriu sua mão enluvada com a dele. — Será que posso ser de alguma utilidade para você?

— Talvez haja uma forma em que possa me ajudar.

— Qualquer coisa, minha dama. — Ele se ajoelhou aos seus pés, imitando um gesto de lealdade. — Só precisa dizer as palavras.

— Sir Toby... — Ela sussurrou com seus dedos apertando os dele. — Encontre-me um marido.

— Um marido? — Ele inclinou a cabeça ligeiramente e levantou uma sobrancelha. — Quer que... eu encontre... um marido para você?

O estômago de Bel se agitou. De alguma forma injusta, inexplicável, a confusão o fez parecer ainda mais bonito. Se ela não recordasse logo quais eram suas prioridades, estaria em perigo de esquecê-las totalmente.

— Sim. — Ela respondeu. — Um marido. Esta noite, se for possível.

— Esta noite? — Ele riu. — Que missão está me atribuindo... Está determinada a conseguir um marido esta noite?

— Bom, não espero uma proposta esta noite. Mas eu gostaria de identificar um candidato apropriado para o casamento. Que outro motivo eu teria para assistir a um baile?

— Oh, não sei. Para desfrutar, possivelmente?

— Para o meu desfrute? — Bel de repente percebeu que ainda segurava a mão dele e soltou-a abruptamente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela nunca acreditou ser o tipo de mulher que seria suscetível a libertinos sedutores e encantadores... Mas ali estava ela com um. A sós. Em um terraço escuro. O calor de sua pele ainda pairava na ponta de seus dedos.

— Não é uma sugestão tão absurda — ele disse. — Estes eventos são considerados normalmente agradáveis, acredito. — Ele se levantou de sua posição ajoelhada e se sentou junto a ela no banco, muito perto para a tranquilidade de Bel. O aroma masculino de sua colônia a rodeava, intrigava-a. Ela podia fechar os olhos para o seu belo rosto, mas como poderia bloquear o seu aroma?

E muito menos, fechar seus ouvidos para sua voz rica e tranquilizadora.

— Ora vamos... — ele disse. — Pode me dizer honestamente que não desfrutou de absolutamente nada esta noite?

Ela sentiu-se enfraquecer em silêncio. Ambos sabiam que não podia.

Ele se aproximou mais no banco.

— Eu sei que estou achando esta noite mais agradável a cada minuto.

Nada bom. Nada bom absolutamente. Bel ficou de pé abruptamente.

— Eu tive um único propósito para vir a este baile... — ela insistiu, tanto para ele como para si mesma. — ... e foi para encontrar um marido. Devo me casar com um Lorde.

— Deve se casar com um Lorde? — Ele repetiu do banco. — Não me diga que seu irmão está querendo permutá-la por conexões? Começo a acreditar nisso.

— Não, não. — Ela se perguntou rapidamente do porquê Sir Toby havia formado tão má opinião sobre o seu irmão, quando Sir Benedict Grayson era a atual celebridade de Londres. Evidentemente, ele esteve emprestando pouca atenção aos rumores. — Dolly deu-me um dote obscenamente grande, expressamente para que eu pudesse escolher um marido sem me importar com o título ou fortuna.

— Dolly? — Sir Toby soltou uma risadinha.

Bel se encolheu ante o seu engano. Sabia que seu irmão odiava esse apelido de animal de estimação, mas como poderia apagar seu hábito de infância?

— É uma abreviatura de Adolphus, seu segundo nome. Sei que todos o chamam Gray. Em qualquer caso, Gray quer que eu me case por amor, assim como ele.

— Já vejo. Assim como ele...

Estaria ela detectando amargura em seu tom?

— Me casar com um Lorde... É o meu desejo. — Bel se apressou em dizer. — E não um Lorde qualquer, mas um que valha a pena. Um homem de honra e princípios. — Ela apontou para o salão de baile, repleto de elegantes convidados.

— Mas como posso discernir o caráter moral de um cavalheiro neste cenário? Baile, cartas, intrigas e bebidas... Um baile com muitos excessos e nenhuma virtude.

Ela se virou para Sir Toby, que tinha uma expressão próxima à perplexidade novamente.

— Cheguei a Inglaterra recentemente, mas você viveu entre esta gente toda a sua vida. Conhece seus títulos, seu caráter, suas áreas de influência.

Já que usou a sua determinação para me trazer ao terraço, você poderia me ajudar a identificar um bom partido.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele a olhou fixamente e intensamente. Pareceu uma vida antes que finalmente falasse.

— Você tem um sotaque totalmente intrigante. Não consigo identificá-lo.

— Meu... meu sotaque? Minha mãe era espanhola. Ela foi a segunda esposa do nosso pai.

— Ah, isso explica tudo.

Ele ainda mantinha seu olhar fixo. Bel sentiu-se constrangida.

— É tão horroroso assim de escutar?

— Não. De forma alguma. Acho-o encantador. Poderia escutá-la falar toda a noite.

— Oh... — Agora, "constrangida" não começava a descrever o seu estado. O calor cresceu em seu baixo-ventre, derretendo seu centro de gravidade. Sentia-se instável em seus pés. — Então, me ajudará?

Ele se levantou do banco. Ela não se recordava que ele fosse tão alto.

— Por que você não quer se casar por amor?

Bel engoliu em seco quando ele se aproximou.

— Tudo em você... sua voz, seus gestos, seus pontos de vista... e até mesmo a forma como dança... tão apaixonada... — Ele se aproximou dela, roçando as costas de seus dedos contra a pele nua do braço dela.

— Tão quente... e ainda assim, escolheria um marido desta forma tão fria e calculista? Por um título e status? Isso dificilmente corresponde a sua natureza.

— Você presume conhecer a minha natureza? Não sou... — Ela ficou tensa. Não declararia não sentir paixão. Isso seria uma mentira.

Ela continuou.

— Se eu sinto alguma paixão, é para Deus. Se eu me casasse por amor, seria por causa dos seus filhos em sua hora de necessidade. Por causa do meu pai e meu irmão, carrego o fardo deste dote obtido de forma errada, ouro tingido com sangue. Da minha mãe, herdei isto... — Ela fez um gesto impaciente para sua curvilínea figura. — Como posso viver comigo mesma, se permutar estas vantagens para o meu próprio prazer, ou por algo pouco tão transitório como o amor romântico? Não. Eu não faria isso, por outro lado, eu me redimiria se os trocasse por um título e status, como você diz. Pela oportunidade de fazer o bem.

Ela fechou os olhos e respirou profundamente para se estabilizar. Sir Toby não merecia a sua irritação. Afinal, ele tinha razão. As paixões imprevisíveis de sua mãe queimavam a fogo lento em seu sangue, e algo a respeito deste homem as colocava para ferver.

Talvez, ela tivesse nascido com uma natureza exaltada, mas também possuía a opção de controlá-la. Como provava o exemplo de sua mãe, as selvagens explosões emocionais não faziam com que uma mulher conseguisse ganhar respeito ou influência.

Faziam com que conseguisse um quarto acolchoado e anos de escárnio e negligência.

— Desculpe-me, por favor — ela disse assim que aplacou seu fogo interior. — É só que... O que pode você saber da minha natureza?

— Sei que é humana. — Ele dirigiu a ela um pequeno sorriso que só atiçou suas chamas. — E sei que será uma enorme fortuna para algum homem que não a mereça explorar.

Sem dar tempo a ela para responder, não que Bel tivesse alguma resposta coerente para oferecer, ele uniu seu braço ao dela e a levou para as portas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Está bem, então. Comecemos a nossa busca por um Lorde honorável. — Depois de um momento, acrescentou: — Ah, ali está um Conde que, sob qualquer conceito, é um grande homem e um respeitável proprietário de terras, embora um tanto severo em seu comportamento. É de uma impecável linhagem aristocrática, cheio de dinheiro e uma carreira política em ascensão.

— Bem, ele parece ser ideal.

— Sim, há apenas um inconveniente.

— E qual é?

Sir Toby sorriu para ela.

— Lorde Kendall já está casado, com Lucy.

Com um chiado de recriminação, Bel tentou tirar o braço do dele. Ele já tinha apertado seu agarre, antecipando-se a tal movimento.

Ela perguntou à ele.

— Por que insiste em zombar de mim?

— Porque sinto que você tem uma extrema necessidade de que eu faça isso, querida. Não se preocupe, você aprenderá a desfrutar disso.

— Não o farei. — Entretanto, ela estava aprendendo a desfrutar da cálida pressão de seu braço contra o seu, o sólido apoio que ele oferecia. Que demônio de homem encantador.

— Certamente, há outros Lordes honoráveis neste baile, além do nosso anfitrião. Outros cavalheiros com carreiras políticas em ascensão.

— Bom, se for carreira política o que buscas, não precisa procurar mais. Aqui temos o Lorde Markham, um renomado orador.

Ele dirigiu sua atenção para um cavalheiro magro, de cabelos prateados. Muito mais velho do que ela, pensou Bel, mas talvez sua maturidade viesse bem a seus propósitos.

— Ele é muito influente? — Perguntou ela.

— Oh... muito. As leis se aprovam e caem de acordo com a onda de sentimentos gerados por seus discursos.

— De verdade? — Bel se animou. Este Lorde Markham parecia prometedor.

— Sim, e sei que ele foi de vital importância na hora de reverter a maioria, contra a abolição em um projeto de lei uns poucos anos atrás.

Bel ofegou.

— Então, ele não me servirá absolutamente.

— Mas pensei que você procurava influência política.

— E procuro, mas deve ser para auxiliar a justiça e não oprimi-la. Esse é o meu real intuito ao me casar com um Lorde, o de levar adiante meus projetos de caridade sendo uma dama influente.

— Uma dama influente... — Toby dirigiu a ela um olhar divertido. — Influente sobre a sociedade? Ou sobre um marido bem relacionado?

— Na verdade, sobre ambos. — Bel sentiu o rubor esquentar suas bochechas. Não tinha nada que ver com a vergonha sobre os seus motivos, a não ser pela forma com que ele retirou de seu rosto um fio de cabelo que havia ficado sobre sua sobrancelha. Tão casualmente, como se fosse a coisa mais natural do mundo fazer aquilo. Ela sentiu um formigamento onde sua pele havia tocado a dela.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Já vejo. Então todo este tempo estivemos procurando um Lorde honorável, quando na realidade deveríamos estar procurando por um Lorde maleável. — Ela tentou protestar, mas ele a interrompeu.

— Lorde Whittlesby poderia ser um excelente candidato. É um marquês, enviuvou recentemente. Um tipo de homem bastante tranquilo. É membro do meu clube, apesar de que nunca o vi bebendo ou sentado em uma mesa de cartas.

Suas opiniões raramente são solicitadas, ainda mais quando as conversas passam a ser sobre temas políticos. Ele conversa sobre nada mais do que sobremesas.

— Sobremesas?

— Mmm. Whittlesby é um grande conhecedor de sobremesas... ele discursa e fala sobre elas. — Ele a aproximou mais e a virou para a janela. — Está bem ali. Ao lado da palmeira naquele vaso.

Bel acompanhou a direção de seu braço. Ali, ao lado da mencionada palmeira, estava parado um homem rechonchudo e careca, comendo um creme em uma taça. Observou como ele tirava de seu bolso um lenço de linho e limpava primeiro a sua boca, e depois, sua careca brilhante.

— Um título influente e com opiniões facilmente influenciáveis — disse Sir Toby. — Certamente você não poderá encontrar motivos para rechaçá-lo.

— Ele é... bem... ele é mais baixo do que eu.

— Não sabia que a sua definição de "marido ideal", compreendesse também a estatura física. Devo acrescentar "alto" à lista de qualificações, então? E bonito também? Esta missão que me encomendou se torna cada vez mais difícil.

— Que tenha uma aparência agradável é de pouca importância — disse Bel, irritada com sua própria observação mesquinha. — Como a altura. A beleza de caráter às vezes está em oposição com a aparência física.

Um homem alto e bonito pode muito bem ser o menos desejável dos maridos.

— Sim, sim. Você me excluiu a alguns minutos atrás, lembra? Tenho tudo contra mim. Alto, bonito... — Ele fez uma careta acompanhada de um estremecimento dramático. — Você não é um Lorde. — Ele repetiu, imitando o sotaque dela.

— É apenas um humilde Sir. Isto é um desastre.

Desta vez Bel teve êxito em arrancar o braço do dele.

— Já me desculpei por isso. E jamais usei a palavra "humilde". Meu próprio irmão é um Sir, e sei que ele é igual a qualquer Duque.

Ele sorriu.

— Que leal de sua parte. Mas se fosse esse o caso, por que está tão decidida a casar-se com um Lorde?

— Por sua influência no Parlamento, é obvio. Os Cavalheiros e os Baronetes não têm assentos na Câmara dos Lordes.

— O Parlamento tem duas câmaras, querida. Não ignore a Câmara dos Comuns[2]. É aí onde todo o debate social e as leis se originam, antes que Markham e seus seguidores as sosseguem a

[2] *Câmara dos Comuns: O termo " comum " se refere ao fato de que os membros da Câmara eram originalmente representantes das cidades, em oposição aos membros da Câmara dos Lordes, composta pelos membros da nobreza e da hierarquia da Igreja.*

gritos.

Talvez seja com um membro do Parlamento com o qual você deveria casar.

— Os membros do Parlamento são mais honoráveis, como regra?

— Claro que não. Este é o governo, minha querida. — Ele sacudiu a cabeça, com uma risadinha. — Você é como Diógenes[3] com sua lamparina, vagando pela terra em busca de um homem honesto.

Ser admitido na Câmara dos Comuns é apenas um pouco mais seletivo do que estar no teatro Penny. Qualquer pessoa com alguns milhares de libras para gastar, poderia comprar algum Condado horrível e pessoas que o elejam de forma justa, eles fazem muito isso, mais do que qualquer coisa, por hábito ou por padrão.

Ante a sua descrição, Bel sofreu uma onda de desilusão. Tinha esperado casar-se com um homem honorável e com princípios que tivesse uma cadeira no Parlamento. Um homem pelo qual ela pudesse sentir... não paixão ou amor, mas talvez amizade e alguma classe de estima. Mas o que faria se tal homem simplesmente não existisse? Ela imaginava que teria que se decidir por alguém como Whittlesby. Teve um vislumbre do Lorde rechonchudo careca, comendo a sobremesa próximo as janelas e o olhou atentamente, avaliando cuidadosamente suas emoções.

Nada. Ele não agitava nada dentro dela, salvo uma suave vibração que se assemelhava ao enjoo.

Sir Toby continuou.

— Bem, e ainda assim eu posso assegurar uma cadeira nos Comuns quando quiser. Mesmo sendo o humilde, desastroso e inapropriado Sir que sou.

— Eu nunca disse essas coisas. — Ela reclamou com ele. — Eu nunca diria essas coisas, e me dói que você me acuse disso. Faça a gentileza de deixar de distorcer as minhas palavras.

Ele se aproximou mais a ela.

— Que palavras estou distorcendo? Lembro-me claramente ter ouvido "desastre", e uma subsequente discussão sobre o quão inadequado sou. — Ele deu nela um tapinha no queixo e seu polegar roçou o ângulo de sua mandíbula.

— Não se preocupe. Não sou de guardar rancor.

— Então por que zomba tanto de mim?

— Porque, como eu disse, você precisa de brincadeiras. Você leva muito a sério a si mesma. Muito a sério. A seriedade é uma grave condição. Causa enfermidades, mudança de humores e indigestão.

E é ruim para a pele. Brincar é um de dois remédios comprovados.

— Um de dois? — Bel suspirou. — Se você está tão preocupado com minha aparência, então posso pedir que me diga qual é o outro?

A mão de Toby segurou o seu queixo.

— Muito bem.

E logo seus lábios estavam sobre os dela.

[3] *Diógenes: Um filósofo da Grécia antiga.*

CAPÍTULO 03

Oh.

Estava sendo beijada. Beijada, pela primeira vez em sua vida, em um pilar a luz da lua, por um homem com a beleza de um Deus Grego e a moral de um sátiro.

Estava tudo correto e equivocado ao mesmo tempo, e Bel não sabia o que pensar a respeito. Ela estava tão acostumada a localizar as ações em uma categoria ou outra...

Estava chocada demais para se mover, então, apenas permaneceu... imóvel.

Seus lábios roçavam os dela em uma série de lentas e provocantes carícias. Tenras, suaves... estendendo um convite, mas sem fazer exigências. Ela captou o aroma inconfundível de brandy em seu fôlego... um aroma familiar, mas um sabor ainda não provado. Ela nunca bebia álcool, e aqui os lábios deste homem estavam dando a Bel seu primeiro gosto do pecado. Ele tinha sabor de fogo. Não amargo, como ela sempre havia imaginado que seria, a não ser cru e potente. O sabor abriu todos seus sentidos, excitou todo o seu corpo com a suave pressão de sua boca contra a dela, a suave agitação da brisa que os rodeava, as barbatanas de baleia de seu espartilho pressionavam entre seus seios.

Ela sentia tudo.

Ele sussurrou algo contra sua boca, algo que Bel não pôde ouvir através do rugido do sangue que bombeava em seus ouvidos, mas ela o sentiu, correndo por seus lábios. Ele deslizou sua mão de sua mandíbula à parte posterior de seu pescoço, inclinando a sua cabeça. E então ele a beijou novamente, com maior firmeza desta vez, com os lábios entreabertos quando cobriu os dela. Uma vez mais, o sabor do brandy alagou seus sentidos, embriagador e sombrio.

Poderia ter se afastado em qualquer momento. Mas não o fez. Ficou quieta, muito quieta enquanto seu polegar riscava um círculo preguiçoso sobre o seu pulso. Ela não se moveu. Não se atrevia a respirar.

Mas por dentro, seu sangue dançava. Um baile frenético, pagão que se assemelhava a um minué[4], como um ciclone tropical se assemelhava à névoa de Londres. O calor formou redemoinhos em seu centro e se estendeu em espiral aos seus membros, pulsando com um ritmo furioso.

O ritmo a chamava, chamava seu conhecimento íntimo, com puxões insistentes, até que ela o seguiu, afundando-se profundamente... profundamente dentro dela mesma.

Aqui estava a paixão... O desejo... A emoção selvagem, indomável.

Aqui estava o inimigo de todas as suas esperanças e sonhos.

E, entretanto... foi ele quem se separou dela.

— Oh... — A sílaba escapou de seus lábios no instante em que ele se afastou. Olhou-a fixamente, tão divinamente belo, claramente antecipando sua futura resposta. Mas, o que mais poderia ser dito?

Não podia reprová-lo, quando o erro tinha sido tanto dela como dele. Um sabor permaneceu

[4] *Minué: Dança que surgiu na França há cerca de 200 anos. O nome vem da palavra francesa menu, que quer dizer pequeno; a dança ganhou esse nome em virtude dos passos curtos, graciosos e elegantes.*

em seus lábios, um elixir quente de brandy e desejo. Bel apertou os lábios para saboreá-lo um pouco mais.

Logo ela teria que se virar e entrar. Ela reconstruiria sua razão, se recomporia e encontraria um marido. Um homem que ofereceria a ela sua riqueza e influência, mas que não teria nenhuma influência sobre ela.

Um homem que não agitaria seu sangue com uma piscadela ou um sorriso, que não seria nenhuma ameaça aos seus princípios. Um homem que não teria sabor de creme, nem a brandy, nem a desejo.

Alguém seguro.

Quando atravessasse aquelas portas, Bel recuperaria o controle de suas emoções e se concentraria em seus objetivos.

Mas nestes poucos momentos roubados, nos braços deste demônio encantador... todos os seus pensamentos racionais se desvaneceram. Sua alma havia pertencido a ele.

Ela fechou os olhos, para permanecer na escuridão. Se apenas um momento pudesse durar para sempre.

Se ao menos ele se atrevesse a beijá-la novamente...

Bom, pensou Toby, não ia tentar isso de novo.

Ambos falavam sobre a cura da seriedade e ele tentou curar a dela com um beijo. Ela ainda parecia carregar o peso do mundo sobre esse lindo cenho franzido, enquanto que ele... ele parecia ter contraído um caso fatal de seriedade. Agora a noite parecia ser mais sombria, imensa e deprimente. Ainda que tentasse, não conseguia fazer nenhuma brincadeira. Aquele beijo o deixou sem fôlego para zombar dela.

Ele a beijou. Como ocorreu? Não havia acabado de decidir que não iria persegui-la?

Não. Ele decidiu não arruiná-la como um meio de vingança. E em algum lugar entre aquele momento e este, ele decidiu beijá-la, simplesmente por ela. E foi encantador. Maldita seja, foi quase mágico.

Ele não podia se arrepender de ter feito aquilo.

Entretanto, ele disse:

— Acredito que será melhor entrarmos.

Ele deslizou a mão pela inclinação de seu ombro para uma última carícia e os olhos dela se abriram.

Maldição. Ele agora havia feito isso.

Toby reconheceu o olhar naqueles olhos deslumbrados. Conhecia-o muito bem. Enfeitiçar a jovens damas era seu talento singular, e ele o havia desenvolvido através de anos de prática. Sabia o preciso instante em que as cativava. Quando elas pegavam todas as suas esperanças e românticos sonhos juvenis, formavam uma pequena bola apertada e a jogava em suas mãos. Aqui... Elas diziam. Tome o meu coração e quebre-o.

Normalmente, Toby ficava feliz em fazer isso. Qual era mesmo aquela frase de uma novela que sua irmã Augusta adorava?

"Uma garota gosta de estar um pouco contrariada com o amor de vez em quando".

Palavras mais verdadeiras nunca foram escritas. Ele pegava essa bola de esperanças e sonhos, fazia um pequeno show de malabarismo e a devolvia... Um pouco amassada, talvez, mas em grande parte intacta.

De vez em quando, calculava mal e a bola caía de suas mãos para fazer-se pedacinhos no chão. Mas, mesmo assim, as jovens damas se recuperavam com bastante rapidez.

Porque elas sempre tinham algo escondido. Esta bola que jogavam para ele... Continha os afetos de uma garota. Seus verdadeiros corações femininos, suas mais profundas emoções como paixão e amor, isso elas protegiam, guardavam para outro homem. Qualquer pessoa que rotulasse Toby como um rompedor de corações subestimava a astúcia e a inteligência feminina.

Ele sabia, por anos de experiência, que as mulheres eram muito mais espertas do que suspeitava a opinião geral.

Mas havia algo diferente a respeito desta mulher... Além do seu sotaque encantador e estridente quando falava de política. Quando ele a havia beijado, ela não havia oferecido nada a ele... e tampouco havia guardado alguma coisa. Ela não sabia como flertar. Nenhum de seus elogios ou provocações havia feito com que ela suavizasse, nem um só grau, mas naquele momento, quando seus lábios se encontraram...

Ela foi só dele. Com ela, não haviam meias medidas.

Esse beijo o havia abalado até as suas botas.

Sentia seu sangue ainda borbulhando com a proximidade de seu aroma, com seu sabor. Sua pele era muito suave; uma tentação, afiada. E justamente quando estava quase perdido naqueles olhos escuros e sérios, ela franziu seus lábios deliciosos e sussurrou...

— Whittlesby.

Toby piscou os olhos. Será que ele realmente ouviu o que ela acabou de dizer...?

— Lorde Whittlesby. — Ela engoliu em seco. — Quando voltarmos a entrar, será que você poderia nos apresentar?

— Wh...? — Seu fôlego saiu como uma pergunta indefinível. Ele soltou-a, pigarreou e tentou novamente. — Wh...?

Não adiantava... Ele nem sequer conseguia concluir uma sílaba. Quem? O quê? Por quê? Quando?

Sim, era isso... Quando? Quando minha habilidade amorosa tinha caído tão baixo, que ao beijar uma jovem em um terraço iluminado pela lua, o primeiro pensamento que veio à mente dela foi... "Whittlesby"?

— Whittlesby? — Ele repetiu finalmente, de alguma forma com a esperança de haver ouvido mal. Duas vezes.

— Sim. Você prometeu encontrar um marido para mim. Decidi que pode ser ele.

Uma explosão de risada chocada escapou dele.

— Não. Não, você entendeu mal. Não será o Whittlesby.

Ela franziu a testa.

— Então, você não vai nos apresentar?

— Preferiria morrer. — De fato, uma pequena parte de seu orgulho estava se transformando em pó enquanto falava.

Mas isto não era nada, comparado com a agonia que sofreria, entregando esta mulher vibrante, inteligente e formosa a um fardo como Whittlesby.

Bom Deus. Whittlesby?

— Mas você prometeu me encontrar um marido. — Ela fechou a mão em seu pulso. — Esta noite.

A pressão dos dedos dela em seu pulso fez coisas estranhas com o seu coração. Ele estava prestes a tomá-la em seus braços e beijá-la novamente... Completamente, desta vez. Durante toda a noite, caso fosse necessário.

Até apagar com beijos a memória de qualquer homem, exceto ele.

Honra, recordou-se com severidade. E a este respeito ele se aferrou aos farrapos que sobraram dela. O campo de honra, por desgraça, não incluía beijar esses lábios perfeitos toda a noite, e tampouco indicava enviá-la aos braços de um perfeito imbecil. Precisava esclarecer as coisas para esta mulher. Só então, não antes, ele a deixaria ir.

Os primeiros compassos de uma valsa chegaram aos seus ouvidos.

— Sim, prometi encontrar um marido para você. E farei isso... lá dentro. — Onde a luz de uma centena de velas faria com que esta selvagem tentação se aplacasse. — Vamos — ele disse, colocando sua mão enluvada na dobra de seu braço. — Vou ensinar à você uma lição sobre a verdadeira natureza da influência e a seleção de pretendentes que valham a pena.

Ela o olhou perplexa.

Ele esclareceu:

— Vamos dançar.

Ele a levou de volta ao interior do salão e a arrastou para uma valsa antes que alguém pudesse notar o seu retorno.

Ela era uma bailarina sem experiência, e sabia disso. Ela não teve muitas oportunidades de praticar na pequena ilha tropical. Mas ainda assim, eles deslizavam pelo salão sem nenhum esforço, em um acompanhamento perfeito com a música. Porque Toby era um excelente bailarino, e ela se entregava completamente a sua liderança.

— Você dança como um sonho — ele disse. E aquele era provavelmente o sonho de Toby naquela noite. Talvez o de semanas.

— Não, não é assim. — Respondeu ela. — Nunca fui aficionada por dançar, mas...

— Mas...?

Ela lançou um suspiro perfumado com brandy e resignação.

— Mas estou desfrutando dançar com você.

Bem, louvado seja Deus pelas pequenas vitórias.

— Senhorita Grayson! — Ele disse, fingindo surpresa. — Não me diga que está desfrutando? E em um baile? — Quando ela se ruborizou, ele murmurou: — Não se preocupe. Seu segredo está a salvo comigo.

Mas só se me fizer uma promessa.

— Que tipo de promessa? — Perguntou ela, dirigindo a ele um olhar cauteloso.

— Prometa-me que não se casará com o Whittlesby. Nem com ele, nem com ninguém como ele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não prometerei nada neste estilo. Quem é você para me dizer com quem deveria ou não me casar?

— Quem sou eu? — Ele pôs-se a rir. — Eu sou um cavalheiro com a missão de encontrar um marido adequado para você. Whittlesby e seus asseclas são categoricamente inadequados.

— Mas você não entende. Tenho metas, prioridades. — Ela olhou para o teto. — Quero ser uma dama de influência. É a única maneira de ter algum efeito mensurável na sociedade.

Se não for para me casar com alguém acima da minha posição, posso muito bem permanecer solteira.

— Se você não se casar com um verdadeiro companheiro, vai se arrepender pelo resto de sua vida. Me escute, Isabel.

Ao usar o seu nome de batismo, intimidando-a pela primeira vez, ela se sobressaltou. Bem. Agora ela estava prestando atenção nele. Além disso, gostava que ela prestasse atenção nele.

— Isabel, você é inteligente. É jovem e idealista e transbordante de paixão. Não precisa de fortuna ou de uma família. E é a mais intrigante e formosa mulher deste salão. Esse arsenal de persuasão poderia pôr todos os homens de Londres de joelhos, se souber aplicá-lo criteriosamente. Pelo amor de Deus, não se case com algum pudim de creme com título. O poder que você procura já reside dentro de ti.

— Por favor, economize essa adulação sem sentido.

— Por quê? — Perguntou. — Por que você poderia começar a apreciar isso?

Ela apertou a mandíbula e olhou teimosamente por cima do ombro dele.

— Não estou falando bobagens, Isabel. E sim a coisa mais racional do mundo. — Toby balançou a cabeça. Como ele poderia fazê-la entender? — Então... — Ele começou a falar com calma. — ... imagine um verdadeiro desastre. Imagine que você esteja casada comigo. Um Sir humilde, desonroso e bonito demais, porém inadequado em todos os sentidos.

— Nunca disse que você era humilde!

— Sei. — Ele brincou. — Mas é que você se ruboriza muito lindamente cada vez que protesta. Bom, meu ponto é este, se é influência o que você busca, existem várias maneiras de obtê-la. Inclusive aliando-se a um caso perdido como eu.

Ele a atraiu para ele, aparentemente para sussurrar algo em seu ouvido. Mas não pode deixar de apreciar o farfalhar da seda contra suas botas e seu grande busto roçando o seu peito.

— Não olhe. — Ele murmurou. — Todo mundo neste salão está te observando. Você imagina por quê?

— Porquê você está ne mantendo indecentemente perto? Porque acabamos de sair de um interlúdio ilícito no terraço?

— Precisamente. Somos o mais recente escândalo.

Ela ficou rígida em seus braços.

— Agora não se aflija, querida. Às vezes um pequeno escândalo é exatamente o que necessita. Nunca subestime o poder dos rumores e as insinuações. Neste momento, somos objeto de intensas especulações...

O infame libertino da imprensa sensacionalista, junto com a inocente recém chegada. Estão todos desesperados por saber o que estamos sussurrando entre nós. Amanhã, eles estarão se

perguntando, qual será a manchete?

Estou te arruinando? Ou você está me reformando? — Rindo, ele esticou os dedos na parte inferior de suas costas. — Que história seria para o Prattler. Seu nome estaria em todas as fofocas da cidade.

Finalmente, a boca de Isabel se curvou em uma fração de sorriso.

— Sim, posso imaginar que estaria.

— Está vendo, Isabel? Você é livre para se casar quando quiser, sem ter em conta a fortuna ou posição do escolhido. Inclusive se o impensável ocorresse, e resolvesse casar com um tipo humilde como eu.

— Ele silenciou o seu protesto com uma piscadela. — Ainda assim seria uma dama. Atrairia uma grande atenção. Teria um marido com perspectivas no Parlamento. — É obvio, eram perspectivas que Toby deliberadamente evitou a maior parte de uma década, mas só pelo bem de seu argumento... Ele a fez girar. — Mesmo se não se casasse com um Lorde, ainda assim seria uma mulher de influência.

Ela dirigiu a ele um sorriso cauteloso que fez girar seu mundo.

— Certamente você não está sinceramente sugerindo que eu me case com você, não é?

— Não — ele disse, forçando uma risada de auto desprezo. — Nunca sugeriria tal coisa.

Ela não podia saber como seus despreocupados rechaços o estavam ferindo. Ela não podia saber que o orgulho ferido de um homem era uma besta perigosa.

Toby baixou a voz a um murmúrio sedutor.

— Se te fizesse a corte, Isabel, faria mais do que sugestões. Faria promessas. Me comprometeria a avaliar seus ideais, nunca os reprimiria ou menosprezaria. Me comprometeria a desdobrar seus talentos para que você tirasse um melhor proveito deles e te protegeria daqueles que te desejassem algum mal.

A música parou e Toby deixou de girá-la.

— Se eu te propusesse casamento — disse, — eu me ajoelharia a seus pés. Te prometeria a minha eterna devoção, uma parte de minhas posses mundanas e o amparo de meu corpo. Prometeria te amar todos os dias de sua vida e fazer da sua felicidade, a minha. Porque isso é o que você merece de um marido. Nada menos.

— Oh... — Ela suspirou. Seus lábios se separaram ligeiramente. Respirações entrecortadas elevavam seu peito.

Por fim. Agora a tinha totalmente enfeitiçada. Toby supunha que devia soltá-la. Tinha demonstrado seu ponto, não? Ainda sabia deslumbrar a uma garota. Mas algo o obrigou a seguir adiante.

— E se eu te propusesse casamento, — ele perguntou, — seria tão horrível?

Ele não sabia de que poço escuro de sua alma ele arrancou essa pergunta, mas sabia que não estava destinada a esta mulher. Estava destinada a Sophia, a Lucy, ou a qualquer outra jovem que o havia amado e depois se casou com outro homem.

Mas era Isabel quem devia responder por todas elas. Ela estava ali, e estava sem fôlego em seus braços, e ela possuía o poder de esmagá-lo ou redimi-lo com uma só sílaba. Sim, ainda sabia deslumbrar a uma garota... Ele praticamente tinha saído do ventre com esse dom. Mas no fundo

de sua alma... pensava se alguma vez poderia encontrar o necessário, para garantir o amor de uma mulher?

Me dê uma palavra. Uma palavra.

— Seria tão impensável assim? — Ele perguntou suavemente, com seriedade.

Antes que ela pudesse responder, alguém se interpôs entre eles e os candelabros próximos fizeram uma sombra sobre os dois.

— Desculpem a interrupção. — A voz era um barítono suave. — Mas agradeceria que você soltasse a dama.

Sem soltar a Isabel, Toby lançou um olhar para a pessoa que falava com ele. É obvio, era seu irmão. Sir Benedict Grayson, o modelo de bravura, bailarino miserável e um brutamontes desajeitado com um brilho assassino em seus olhos. Pior ainda, atrás dele estavam Jeremy, Lucy e a mulher que o havia abandonado no altar e fugido para o outro lado do mundo... Sophia.

Agora ele precisava mais do que nunca escutar a resposta de Isabel.

Toby disse:

— Perdão, mas esta é uma conversa particular.

— Não, não é. — Grayson cruzou os braços sobre o seu grande peito. — A conversa terminou. — Abaixando a voz, ele rosnou: — Tire suas mãos da minha irmã!

Os músicos começaram uma nova melodia, mas ninguém na sala estava dançando. Todos os olhares estavam postos na pequena cena.

— Em um momento — disse Toby suavemente, desfrutando da vantagem. Ele se recusava a deixar que Grayson o intimidasse. O homem poderia ser um trabalhador portuário com a roupa de um cavalheiro, mas Toby era mais alto.

— Ainda estou esperando uma resposta da senhorita Grayson. Fiz uma pergunta à ela e ela ainda não me respondeu.

Ele virou-se para a Isabel, que o olhava fixamente com seus olhos solenes e notáveis. Um estranho sentido do destino o afligiu. Em suas vísceras, Toby sabia que os acontecimentos do minuto seguinte poderiam muito bem significar o reordenamento de sua vida, de seu aspecto, ou de ambas as coisas. Ele tinha uma opção. Ele podia liberá-la, de seu abraço e de sua pergunta, entregar uma segunda mulher a este bastardo ladrão e continuar com o miserável passatempo de procurar sua extraviada autoestima, no fundo das garrafas de brandy.

Ou podia se aferrar a esta mulher formosa, inteligente e apaixonada.

Talvez para sempre.

Grayson franziu o cenho.

— Bel, de que diabos ele está falando? Você não tem que responder nada a este homem. — Ele baixou a voz até um sussurro áspero. — Quer que eu bata nele?

— Não! — Ela disse sem fôlego, seu olhar revoando ao redor da multidão reunida. — Não, nada disso. Sir Toby me acaba de pedir...

— Que se case comigo. — Toby interrompeu-a. Em voz alta e clara, com uma certeza que surpreendeu inclusive a ele.

Um murmúrio excitado se estendeu pela multidão.

Devolvendo o frio olhar ao Grayson, continuou:

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Pedi a sua irmã que se case comigo. E agora estou esperando... — Olhou por sobre seu ombro. — ... parece que todos estamos esperando... para ouvir sua resposta.

O murmúrio excitado se dissolveu no silêncio. A cara de Grayson estava com um gratificante tom cinza. E de repente, Toby estava experimentando o melhor momento de sua vida.

Tinha roubado Isabel diretamente dos braços do pilantra e não a ia entregá-la. Não sem lutar.

Soltou a cintura de Isabel e pegou a mão suave e delicada entre as suas.

— Era atenção pública o que você queria? Todos os olhares estão postos em ti, querida — ele disse, sorrindo. — E devo confessar... sempre quis fazer isto. — Ela o olhou, muda de assombro, enquanto ele se inclinou em um joelho.

— Senhorita Isabel Grayson... — Sua voz ecoou nos ladrilhos de mármore. — ... quer me fazer a honra inestimável de ser minha esposa?

CAPÍTULO 04

— Estou comprometida. — Bel se reuniu com seu irmão e sua cunhada na mesa do café da manhã, na manhã seguinte. — Podem acreditar nisso?

— Não — disse Gray laconicamente, com o rosto escondido atrás do periódico. — Não posso.

Para ser honesta, tampouco podia Bel. Ela havia dormido muito mal, agarrando a colcha de renda e repassando os acontecimentos da noite novamente em sua mente... esperando tirar uma conclusão diferente cada vez que fazia isso.

Perto do amanhecer, ela quase se convencera de que tudo fora somente um estranho e vívido sonho. Mas a julgar pelo mau humor de seu irmão esta manhã, parecia que tudo aquilo foi real.

— Estou comprometida — ela disse novamente. Talvez, se dissesse aquilo vezes suficientes, pudesse começar a acreditar naquilo.

Gray pigarreou.

— Pelo amor de Deus, Bel, você não... — Ele se interrompeu e pareceu considerar o que ia falar antes de começar novamente, mais devagar desta vez. — ... seu... compromisso... — Ele enfatizou a palavra.

— ... ainda é um assunto a discutir.

— O que o seu irmão quer dizer, é que tudo ocorreu muito rápido — disse Sophia. — Pegou a todos de surpresa.

Ninguém havia ficado mais surpresa do que a própria Bel. Ela ainda não conseguia se lembrar de seus pensamentos no momento em que seus lábios traidores haviam formado a palavra "Sim".

Obviamente ela não pensou em nada absolutamente. Só a visão do sorriso de demônio de Sir Toby, a calidez de suas mãos pegando as dela e o som de cem pares de pulmões medindo

antecipadamente cada uma de suas próximas palavras.

E, que Deus a ajudasse, foi uma emoção semelhante ao prazer. Uma loucura, isso é o que foi a sua aceitação. Um momento de pura loucura.

Não que ela pudesse permitir que alguém suspeitasse disso agora. Não, a única coisa pior do que aceitar impetuosamente um pedido de casamento em seu primeiro baile, seria rompê-lo cruelmente no dia seguinte.

Ela pareceria uma jovem inconstante, imatura, dada às selvagens vacilações da emoção. Tudo o que uma dama influente não deveria ser. A decisão foi tomada em um momento de loucura; mas, tal como Sir Toby enfatizara, um casamento com ele, poderia ainda servir aos seus objetivos. Desde que a partir deste momento, ela se comportasse com moderação e agisse como se tudo fosse parte de seu plano.

— Sim. — Bel respondeu, — realmente aconteceu muito rápido, mas estou satisfeita com ele. — Ela comeu uma torrada. — Mas por que tivemos que ir embora do baile tão cedo? As pessoas queriam nos felicitar.

— Não há nada pelo que te felicitar, não ainda. — Gray atacou um pedaço de presunto com seus talheres. — Ainda não dei o meu consentimento.

Bel o olhou fixamente.

— Não tentará negá-lo, não é? Você prometeu que eu poderia me casar com quem quisesse.

— Deveria ter pensado melhor antes de fazer promessas. — Seu irmão rosnou em torno de um pedaço de presunto. — Escolhi um ano do demônio para começar a respeitá-las.

Sophia intercedeu com uma voz tranquilizadora.

— Gray quer falar com Toby antes de dar o seu consentimento formal. Joss quererá conhecê-lo também. Ele pode não ser o seu tutor, mas é seu irmão.

— Onde Joss está esta manhã? — Bel perguntou.

— Levou uma bandeja para o quarto das crianças. Os dentes do pequeno Jacob estão saindo e ele está sentindo todos os tipos de desconforto.

— O que te disse esse homem, em nome de Deus? — Perguntou Gray, deixando seu periódico aberto. — Não consigo imaginar que vis mentiras ele deve ter dito para persuadi-la a se casar com ele.

— Tenho certeza que ele não me disse nenhuma mentira. — Replicou Bel, calmamente. — Nós simplesmente tivemos oportunidade de conversar e chegar à conclusão de que faríamos um bom casal.

— Bom casal? — Seu irmão repetiu com incredulidade. — Você diz que ele não te disse nenhuma mentira? Bom, então suponho que ele te contou sobre sua história com...

— Gray... — Murmurou Sophia, com desaprovação. Os dois intercambiaram um olhar mordaz sobre o periódico de Gray antes que ele o dobrasse e o deixasse a um lado. Qualquer conflito que tivesse existido minutos antes tinha sido evidentemente resolvido agora, como evidenciava a carícia de afeto que os dedos de Gray fizeram sobre o pulso da Sophia. Normalmente, Bel encontrava doce a forma em que conversavam com olhares e ligeiros toques em lugar de palavras.

Só era menos doce quando claramente o tema se tratava dela.

— Precisamos falar em particular. — Sophia sussurrou a Bel, despedindo-se dos lacaios com um elegante e seguro gesto de seu pulso.

Bel suspirou para si mesma. Ela amava a sua nova cunhada, mas viver com a Sophia implicava uma diária resistência à inveja. Ela era tão linda, tão cheia de graça. E apesar de que Bel estivesse feliz em ver seu irmão casado e feliz, em momentos de fraqueza, ela, tão somente um pouquinho, se ressentia querendo compartilhar sua atenção.

Mas não precisava compartilhar a atenção de Sir Toby com Sophia. Ele era o seu prometido; isso só interessava a Bel. O pensamento acendeu uma faísca dentro dela.

Sophia aproximou sua cadeira de Bel.

— Não estava segura a respeito de quanto te contar ontem à noite, mas logo depois de conversar com Gray... — Dirigiu um olhar precavido a Gray, e ele assentiu com a cabeça para dar coragem a ela.

Sophia se virou para Bel. — Há algo que devo te contar. Antes de conhecer seu irmão, estive comprometida com outro homem. Bel... Estive comprometida com Toby.

Bel se engasgou com sua torrada.

— Não...

— Sim. Íamos nos casar dezembro passado.

— O que aconteceu?

Sophia se distraiu fazendo uma ruga na toalha.

— Menti para ele, para todos os meus amigos e para minha família, e então fugi.

— Que ato tão horrível Sir Toby cometeu para te obrigar a fugir de casa?

— Não, não... — disse Sophia. — Toby foi um perfeito cavalheiro. Temo que os atos horríveis foram todos meus. Não me arrependo das escolhas que fiz e que me levaram até Gray, mas ainda me sinto envergonhada pela forma como tratei Toby.

Bel respirou lentamente, absorvendo a nova informação. Sir Toby esteve comprometido com Sophia! E lá se foi sua pretensão de reclamar a atenção de um cavalheiro para si mesma.

Gray amaldiçoou em voz baixa.

— O homem é um rato pestilento de esgoto. Está com raiva de mim porque fiquei com sua noiva, e agora tentando se vingar de mim, atrav... — Ele cortou a palavra quando Sophia lançou a ele um afiado olhar.

— Casando-se comigo... — Bel concluiu por ele. — Já vejo. Então você presume que a única razão pela qual Sir Toby me proporia casamento seria para se vingar de você.

Que não é possível que ele esteja interessado por mim. É isso o que você está insinuando?

— Bel, não... — Gray esfregou o rosto com as mãos. — É obvio que qualquer homem estaria desesperado para se casar contigo. Mas tendo em conta o que passou entre nós e a rapidez com que ele te perseguiu...

— Mas como ele poderia ter armado semelhante trama? — Perguntou Bel. — Sir Toby não sabia sequer o meu nome.

Ambos a olharam fixamente.

— Isso é verdade? — Sophia perguntou a ela. — Tem certeza?

— Sim. — Insistiu Bel. — Quando... deixamos o salão de baile juntos, ele não fazia ideia de

que eu era a irmã de Gray. Quando disse o meu nome, ele realmente ficou surpreendido, e se surpreendeu ainda mais que eu não o tivesse reconhecido. Ele estava seguro de que você o teria mencionado para mim.

— Deveria tê-lo feito — disse Sophia. — Sinto muito. Deveria ter contado isto antes.

— Não se desculpe. — Gray disse a sua esposa. — Como você poderia prever os acontecimentos de ontem à noite? Normalmente, passa algum tempo entre a apresentação e o compromisso, para se discutir estas coisas. — Ele suspirou.

— Bel, você precisa admitir que sua "proposta" ocorreu com uma suspeitada rapidez.

— Isso tampouco foi inteiramente culpa dele. Fui eu quem tirou o tema do casamento. — Bel tocou a ponte de seu nariz. — Não tenho certeza sobre o que me ocorreu — disse ela, muito aturdida para censurar seus comentários.

— Em um momento, ele era um bonito desconhecido, e no seguinte, estava conversando com ele como se o conhecesse por anos. Ele... ele me fez sentir muito confortável. E ele me fez sorrir.

E a tinha beijado... Não era como se ela pudesse se esquecer isso. Permaneceu acordada toda a noite, tentando apagar a sensação de seus lábios sobre os dela. Tentando esquecer seu sabor, tão proibido e tão doce.

— Não se preocupe — disse Gray. — Quando o rato vier hoje para uma visita, tirá-lo-ei daqui ameaçando disparar nele. Você não vai se casar com ele.

— Mas devo fazê-lo! — Protestou Bel. — O que dirão as pessoas?

— Dirão que você recuperou o juízo e seu bom julgamento.

E saberão que por alguns instantes eu os perdi. Me verão como uma moça fútil e impressionável.

Bel continuou:

— Vou me casar com Sir Toby. — Ela se virou para Sophia. — O passado é passado. Não vejo por que seu anterior compromisso poderia afetar o meu. Digam o que quiser, mas não posso imaginar que ele tenha alguma intenção maliciosa.

— Para ser sincera, eu tampouco — disse Sophia.

Enquanto Gray resmungava e fazia um espetáculo de ver-se ocupado com sua comida, Sophia empurrou seu prato para dar lugar a uma pilha de periódicos presa com uma fita.

— Você tem que ver isto — ela disse a Bel. — Sei que você não lê o Prattler. Já não sou tão assídua às páginas de escândalos como fui antes, mas Lady Kendall guardou estes e me enviou. — Ela desamarrou o laço e abriu o primeiro periódico na terceira página. — Aqui... — disse, assinalando uma ilustração com a ponta de seu dedo. — Isso apareceu em fevereiro, um mês antes de que chegássemos a Londres e meu casamento com Gray fosse anunciado.

Bel pegou o periódico das mãos de sua cunhada para examiná-lo mais de perto. A imagem era definitivamente parecida com Sir Toby, apesar de que suas harmoniosas feições haviam sido alteradas pelo caricaturista.

Seu rosto era muito largo; sua mandíbula forçadamente quadrada. Apesar disso, continuava tirando o fôlego de tão bonito, ainda sob as pouco amáveis pinceladas.

Bel leu o pé da ilustração em voz alta. "O Libertino Renascido". Logo, abaixo disso, uma linha

em letras menores dizia: "O famoso libertino de Londres sobrevive a outro dia de farra". No fundo da ilustração, um grupo de damas luziam em desesperadas posturas, com as mãos na cabeça e os ombros relaxados. Globos de diálogos flutuavam das bocas das damas. "É a beleza de seu cabelo dourado", suspirava uma.

"Não, é sua língua doce", discutia outra. A terceira se abanava e dizia: "Como ele me faz sentir calor! Devemos nos recuperar junto ao mar". Ao pé, a caricatura estava assinada pelo H.M.Hollyhurst.

Perplexa, Bel ergueu seu olhar

— Recuperar-se junto ao mar? Não entendi.

— Quando desapareci, meus pais soltaram uma história de que eu havia ficado doente e tinha sido enviada para o mar, para minha convalescença. E, ao invés das pessoas focarem no escândalo do meu desaparecimento, os fofoqueiros, e este senhor Hollyhurst, tomaram um grande interesse em Toby. Etiquetaram-no como o "Libertino Renascido", insinuando que ele se regozijava com a minha enfermidade e aproveitava a oportunidade para prolongar sua libertina vida de solteiro.

Bel olhou novamente a ilustração, envergonhada. Ela suspeitava que ele era um libertino, mas ver a evidência impressa... Sir Toby rodeado de belezas de formosos cabelos, esbeltas, adornadas com plumas e joias.

Uma dúzia de Sophias.

Ela deixou de lado sua torrada.

— Agora entendo por que Sir Toby disse estar farto das fofocas.

— Deve estar... — disse Sophia, folheando os periódicos, — ... porque ele esteve todos os dias no Prattler durante meses. Se não, em uma das caricaturas do senhor Hollyhurst, em notícia na coluna social.

Catalogaram sua ida a cada baile, partida de boxe, ópera e casa de jogo. O periódico chegou ao ponto de contar quantas amantes teve, desde que se livrou do casamento.

A quantidade de suas amantes? Bel quase perguntou a Sophia por um número estimado, mas conseguiu frear a si mesma.

— Certamente você não acredita em nada disto? Sir Toby mesmo me disse que não deveria acreditar em tudo o que dizem os periódicos. Você acredita nesta conduta por parte dele?

— Não — disse Sophia. — Ao menos, não até este ponto. Mas estou assombrada de que ele tenha tolerado ser tratado dessa forma. — Ela baixou a voz. — Você se dá conta de que ele poderia ter feito um grande escândalo quando fugi, ou até mesmo processar o meu pai por quebrar o nosso contrato de casamento? Ainda assim, ele não disse nada, ao menos não publicamente. Ele permitiu que a ilusão de minha enfermidade se mantivesse em pé e aceitou a surra dos periódicos, sozinho.

Uma infeliz realidade apareceu para Bel.

— Ele devia estar muito apaixonado por você.

Gray tossiu violentamente.

Sophia franziu os lábios.

— Não realmente. Não acredito que estivesse. Mas seu orgulho deve ter recebido profundas

feridas, ainda quando seu coração permanecesse intacto. Deve ter sido difícil para ele suportar tudo isto, — ela assinalou os periódicos, — tão tranquilamente. Não sei por que o fez, depois do que fiz com ele. Mas ele levou a pior parte da especulação pública por nosso compromisso quebrado; e se ele não tivesse feito isso, eu estaria arruinada. Não teríamos sido bem recebidos na sociedade. Suas próprias expectativas de casamento provavelmente estariam destruídas.

— Devemos muito a ele, então.

— Sim. Com certeza. — Sophia deu a ela um olhar significativo. — Devemos a ele a oportunidade de encontrar a felicidade. Eu não o amava como uma noiva deveria amar o seu prometido, mas me importo com ele, importa-me muito para vê-lo preso em um amável casamento para a sociedade.

— Preso? — A xícara de Bel caiu no pires com um grande estrondo. — Está dizendo que Sir Toby não deveria casar-se comigo? Que não sou suficientemente boa para ele?

— Não, não quis dizer isso, de forma alguma. — Respondeu Sophia.

— Bel, ele é que não é suficientemente bom para você — disse Gray.

— Tampouco quis dizer isso. — Sophia respirou fundo antes de continuar. — Bel, Toby será um bom marido para qualquer dama. E você é tudo o que ele poderia sonhar em uma esposa.

Juntos, me atreveria dizer, que poderiam ser verdadeiramente felizes se amassem um ao outro.

— Ela não está apaixonada por esse homem. — A faca de Gray golpeou contra o prato. — Só o conheceu ontem à noite. — Ele murmurou um xingamento.

Bel se encolheu. Amor. Parecia ser que ultimamente não havia como escapar dessa palavra. Seus irmãos, Sophia... todos a encorajavam a se casar por amor. Como se dizendo isto, concedessem à ela uma grande indulgência, um presente que qualquer jovem dama estaria encantada de receber. Mas para a Bel, esta insistência em um casamento por amor, apresentava um inconveniente indesejável.

— Não quero me casar por amor. Não por amor romântico, em qualquer caso.

— Por que não? — Perguntou Sophia.

Ela fugiu da resposta. Parecia pouco amável, e mais que nada pouco efetivo, menosprezar o amor romântico ante duas pessoas tão imersas nele. Seus pais se casaram por amor, assim como um de seus dois irmãos.

Dos três casais, dois acabaram em desconsolo e o terceiro, tão bem-sucedido como parecia até agora, só durava uns meses. Ela fugia do amor pela mesma razão que evitava as bebidas alcoólicas: ela havia presenciado, de primeira mão, os estragos que ambos faziam.

— Tenho muitos planos, muito trabalho a fazer... — disse Bel. Esforçando-se para alcançar um tom diplomático e acrescentou. — E notei que o amor encontra um jeito de alterar as prioridades das pessoas.

— Tal como deveria, se as coisas estivessem sendo feitas da forma correta — disse Gray.

Sophia tocou seu pulso.

— É obvio que ela não pode ter se apaixonado por Toby tão rápido. Mas no fundo de seu coração, se buscar, encontrará alguma inclinação afetuosa. Que poderia se converter em amor, com o tempo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Espero que não. Bel se afastou da mesa e ficou de pé.

— Sophia, por favor, compreenda. Estou encantada que você e meu irmão encontraram um ao outro. Sei que pretende ser amável. Mas não desejo me casar por amor; e te peço que considere que talvez Sir Toby sinta o mesmo.

Caso contrário, por que se declarou a você?

Sophia estremeceu ligeiramente com o comentário de Bel. Aquelas foram as palavras menos caridosas que ela havia dito a sua cunhada em todo este tempo. Na verdade, talvez foram as menos caridosas que alguma vez tivesse dito a alguém. Mas aqui estava ela, tentando encarar este compromisso com otimismo e Sophia estava determinada estragar tudo, primeiro com suas revelações, logo depois com sua coleção de periódicos com páginas escandalosas, e agora este questionamento.

— Por favor... — disse Bel, afundando-se em sua cadeira, — sei que você tem boas intenções, mas, Dolly... — Ela se virou para o seu irmão, sabendo que ele não podia negar algo quando ela empregava aquele tom suave com o apelido de sua juventude. — ... Dolly, você prometeu que eu poderia me casar com quem escolhesse. Escolhi me casar com Sir Toby.

— Pelo amor de Deus, por quê?

— Por... várias razões.

Não porque ela o desejasse, ou porque permitiu que ele a beijasse no terraço.

De verdade, não era por isso. Não era.

— Quero um casamento que me coloque entre as notícias públicas e me converta em uma dama influente. — Assinalou para a pilha de cópias do Prattler. — Sir Toby é perfeito. Todos em Londres têm interesse em suas façanhas, logo, ele se integrará à Câmara dos Comuns, e pelo que disse Sophia, ele é um bom homem.

— Toby te disse que se integrará ao Parlamento? — Perguntou Sophia.

— Sim. Alguma vez ele mencionou isso para você?

— Não. — Ela estava aturdida.

Gray estudou Bel por um momento, então colocou uma de suas mãos em seu rosto.

— Bel, não é que eu...

O som de sinos os interrompeu.

— Deve ser ele. — Bel ficou de pé novamente. O sangue subiu à sua cabeça. Meu Deus, ela levantou e sentou tantas vezes, que bem poderia ter estado em uma igreja. — Eu pareço bem? — Passou as mãos pelas saias de seu melhor vestido de dia, um traje de musselina azul pálido com laços em cor marfim.

— Bel, você está linda, como sempre. Roubará o fôlego dele. — Ignorando os resmungos de Gray, Sophia mordeu uma parte de sua torrada e logo a deixou de lado. — Devo ir com você saudá-lo?

— Não — disse Gray em um tom severo. — Bel, poderia fazer a gentileza de ir ao quarto das crianças e pedir a Joss que se reúna comigo em meu escritório?

Se Sir Toby Aldridge quiser jogar uma olhada em alguma das deslumbrantes belezas desta casa, terá que passar por cima de mim.

— Sir Benedict. — Uma vez que entrou no escritório de Gray, Toby fez uma cortês

reverência.

Seu gesto não foi devolvido. O grosseirão estreitou os olhos para ele.

— Não percamos tempo fingindo gostar um do outro.

Toby se endireitou e apertou sua mandíbula.

— Por mim tudo bem.

— E me chame de Gray. — Gray indicou a ele uma cadeira, enquanto rodeava a mesa no seu escritório para sentar-se também. — Todos me chamam assim, inclusive os meus inimigos.

Toby sorriu, enquanto alisava suas calças e se sentava.

— Isabel não o faz. Ela te chama Dolly.

Instantaneamente, a tensão no escritório cresceu até um novo nível. Os olhos estreitados de Gray se transformaram em frestas. Logo, ele se recostou para trás na cadeira e dirigiu um frio sorriso a Toby.

— Tinha curiosidade em te conhecer, Sir Toby Aldridge.

— E eu a ti, Gray.

— É uma posição interessante, esta a qual me encontro. — Gray deslizou os dedos por seu caderno de anotações. — Me pergunto se você acha o mesmo. Aqui, em frente a mim, está o homem que permitiu que uma notável e linda mulher escorresse por entre seus dedos em dezembro passado. Condeno-te por semelhante absurdo; e ainda assim, devo te agradecer por isso. Seu erro foi minha boa sorte.

— Minha discrição foi sua boa sorte.

Seus olhares se travaram.

— Sim — disse Gray finalmente. — Estou ciente disso. Mas justamente quando estou determinado a deixar de lado a minha aversão extrema por um asno desprezível, caso contrário seria inútil tentar expressar certa gratidão...

— Repentinamente ele ficou de pé e foi até a janela, — ... o asno desprezível consegue seduzir a minha irmã caçula.

— Bem, agora veja... — disse Toby friamente. — Você pode sentir desprezo por mim o quanto quiser, mas há apenas um sedutor aqui nesta sala. Você é o descarado que fugiu com a minha noiva.

Pelo menos estou aqui me oferecendo para Isabel apropriadamente. Honradamente. Você realmente espera que eu me humilhe e implore pelo duvidoso prazer de me converter em seu irmão?

Gray se virou da janela.

— Eu já tenho um irmão. Não necessito de outro.

— Bom, então eu me pergunto por que você está apresentando sua irmã a sociedade. Seria muito difícil casar Isabel sem conseguir um irmão. — Toby passou uma das mãos por seus cabelos. — Pode um homem conseguir uma bebida nesta casa?

— Uma bebida? Antes do meio-dia? — Gray cruzou até o bar e abriu uma garrafa. — Bem, há um ponto a seu favor. — Ele estendeu a Toby uma taça de brandy e começou a servir uma para ele mesmo.

— Os periódicos têm muito o que dizer a respeito de ti.

— Têm muito a dizer a respeito de ti também — disse Toby, pensando nos exaltados louvores que o mais novo cavalheiro da Inglaterra havia desfrutado nas últimas semanas. — Sei fazer algo melhor de que acreditar nisso sobre você ser um herói, Gray.

Diga-me, enquanto estava lutando contra o fogo, tormentas, tubarões e contrabandistas para resgatar esse barco cheio de gatinhos indefesos e estudantes... foi com uma serpente do mar de duas cabeças com que batalhou? Ou tinha três?

— Quatro — disse Gray friamente. — Bom, então, vamos ao cerne da questão, certo? Posso presumir que você conhece a forma com que reconstruí a fortuna da família e que dei um generoso dote para a pessoa com a qual você dançou ontem à noite?

— Sendo um corsário, entendo.

— Sim, sendo um corsário. Acusado de pirataria. Sou um respeitável comerciante naval agora, mas tive anos de trapaças, roubo e derramamento de sangue em meu passado. Eu não gosto da violência, mas a utilizo se não houver outro remédio. Afundei navios e cuspi sobre o sangue de homens, tudo para que meu irmão pudesse ter uma profissão e Bel pudesse casar-se bem. Podemos ter diferentes mães, mas somos todos Graysons, todos uma família. — Gray bebeu seu brandy e deixou o copo se chocar contra a mesa do escritório. Então, cruzou seus braços sobre seu peito e imobilizou Toby com um intenso olhar.

— A família é tudo para mim. Se magoar a minha irmã, te matarei alegremente.

Toby ficou parado. Ele não tinha dúvida em sua mente de que Gray dizia a sério aquela ameaça. Não só falava seriamente como também a levaria a cabo, mesmo que isso o enviasse à forca e eles acabassem compartilhando um faetón para o inferno.

— Felizmente para o meu pescoço e o seu, não tenho nenhuma intenção de magoar Isabel — ele disse calmamente. — Vou me casar com ela.

Gray sacudiu sua cabeça.

— Você está somente comprometido com ela. Os compromissos podem se romper.

Oh, não, ele não faria isso. Não outra vez. Toby estaria maldito se permitisse que este homem rompesse um segundo compromisso dele.

— Escute, o que passou, passou. Você queria fazer uma cena pública na Mansão Kendall na noite passada e obteve seu desejo. Agora, sua irmã e eu estamos publicamente comprometidos. Não há forma de desfazer isso sem manchar a reputação dela. Sem mencionar, destruir suas esperanças.

Gray o observou mais de perto.

— Você tem certeza? Você me parece ser bastante apegado à sua posição de solteiro, é o que penso. Você não estaria interessado em umas agradáveis e prolongadas férias no Continente ao invés de um compromisso?

Mil libras podem comprar um tipo mais quente de hospitalidade.

Toby o olhou fixamente.

— Você está tentando me subornar? Com um punhado de ouro e umas cortesãs parisienses como incentivo? Pelo amor de Deus, homem, tenho uma vasta propriedade em Surrey e uma renda de mais de seis mil ao ano. Sua "oferta" me insulta. Sabe sua irmã o quão tão barato é o preço que você quer pagar pela sua felicidade?

— Não há preço que eu não pagaria pela felicidade de Bel. Vê-la feliz é o trabalho da minha vida.

— Bem, pois agora eu me encarregarei desse trabalho. — Toby sorriu e relaxou em sua cadeira. Estava desfrutando vendo Gray suar. Ele era somente um jovem quando suas irmãs mais velhas se casaram, mas ele já era o homem da família, e recordava bem a impotente ira que suportava ao entregar uma irmã a um estranho. Gray tinha sua simpatia, mas não sua piedade. — Claramente seu trabalho não estava à altura.

Se sua irmã estivesse feliz com sua atual situação, por que saltaria para se casar com o primeiro cavalheiro que deu a ela um pouco de atenção? Ela se sentia miserável no baile de ontem à noite, até que eu coloquei um sorriso em seu rosto. Sei como manter feliz uma dama.

— Sinceramente? — disse Gray com uma risadinha. — Não acredito que minha esposa esteja de acordo.

Oh, agora aquele foi um golpe baixo. E um golpe perigoso. O orgulho de Toby já havia sofrido uma forte pancada. E a incessante especulação ainda o perseguia. Ele tratou Sophia amavelmente, pacientemente, e é obvio, com muito encanto. O que fez para afastá-la, e a jogar nos braços deste arrogante? Ela nem sequer o recebera hoje, em sua própria casa.

Gray continuou.

— Bel não é como as outras jovens damas.

— Sim, bem. Eu já havia notado isso. — Todo pensamento sobre a Sophia se desvaneceu em um instante. Em troca, pensou na exótica beleza de Isabel, em seu melódico sotaque e na audaz inocência de seu beijo.

O beijo que fez seu sangue ferver, mesmo agora...

— Não é isso o que quero dizer. — Gray o cravou com o olhar, como se tivesse lido os pensamentos de Toby. — Bel cresceu resguardada da sociedade, foi testemunha de misérias que nenhuma dama jamais deveria ter visto.

Nosso pai sucumbiu à bebida e sua mãe à loucura, enquanto...

— Espera um momento. Sua mãe se tornou louca? — Se quisesse uma desculpa para escapar deste compromisso, Toby havia acabado de encontrar uma. Poucos cavalheiros procuravam uma noiva com um histórico familiar de loucura.

— Não da forma em que você está pensando. Quando Bel era uma menina, sua mãe foi atacada por uma febre tropical. Ela sobreviveu, por pouco, mas sua mente jamais foi a mesma. Bel cresceu basicamente só, uma vez que meu irmão e eu construímos nossa vida no mar. Sua fé a sustentou. Ela é forte de espírito, mas está repleta de esperanças inocentes, frágeis... e com expectativas muito altas.

— As quais você não acredita que eu as possa alcançar.

— Você está malditamente certo, não acredito. — Gray voltou para o seu assento. — Entretanto, para dar este gosto a minha irmã e preservar a sua reputação, decidi deixá-lo tentar. Mas esteja avisado, se em algum momento durante o noivado, Bel parecer estar menos do que encantada com a perspectiva de se casar contigo, cancelarei o casamento imediatamente.

Suas palavras deram a Toby o que pensar, enquanto se recordava o quão longe ele tinha ido para provocar esses poucos sorrisos. Agora, ou ele teria uma noiva "encantada" ou não teria

nenhuma noiva?

Ele não estava seguro de gostar desse desafio. Isabel Grayson não parecia ser uma dama dada aos arroubos românticos; ela só havia cedido casar com ele pela sua influência.

— Se você tem uma opinião tão baixa de mim, por que está dando o seu consentimento?

— Não se engane, eu acho que você é um asno, e me corrói as vísceras só de imaginar ter que te chamar de "irmão". Mas não me daria nenhum prazer vê-lo falhar novamente com um compromisso. — Gray franziu o cenho.

Era a expressão de um homem lutando por sua própria humildade. — Bel está decepcionada com Londres, apesar de todos nossos esforços por entretê-la. Nada a diverte. E ela é muitíssimo calma e séria. Vi-a franzir o cenho silenciosamente em uma dúzia de festas e saraus. Mas quando dançava contigo, e Deus, mata-me dizer isto, ela parecia feliz. E então, esta manhã, disse palavras irritadas para Sophia em sua defesa.

— Gray sacudiu a cabeça. — Jamais a escutei responder a alguém com raiva. Palavras de reprovação, sim. Palavras de decepção, mais frequentemente do que gostaria recordar. Mas nunca palavras com raiva.

Toby quase não podia seguir a linha de seu argumento. Ela estava feliz ontem à noite, zangada esta manhã...

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que acredito que minha irmã construiu uma fortaleza ao redor de suas emoções. Ela chamaria isso de moralidade; eu estou inclinado a chamar de temor. Mas o que quer que sejam estas paredes, por alguma incompreensível razão, você pareceu ser capaz de abrir uma brecha nelas. Estou dizendo que ontem à noite, você conseguiu colocar um sorriso em seu rosto. — Ele dirigiu a Toby um olhar ameaçador.

— Portanto, mantenha-o ali.

— Farei isso. — Toby respondeu resolutamente. Em realidade, jamais em sua vida esteve tão determinado em ter êxito em um negócio. Era o que fazia melhor, manter as damas sorridentes. Encontraria também uma forma de manter Isabel feliz. Não havia nada no mundo que o convenceria de recuar ao desafio que via nos olhos de Sir Benedict Grayson. Nada.

Um golpe soou na porta.

— Entre — disse Gray levantando-se. — Deve ser o meu irmão, Joss.

Toby ficou de pé, com um sorriso fresco nos lábios e se preparou para uma reverência. Talvez, o irmão mais novo de Grayson fosse mais amigável. O segundo filho, normalmente, tinha a personalidade diferente.

— Sir Toby Aldridge — disse Gray, — me permita apresentar o meu irmão e sócio na Companhia Naval Irmãos Grayson, o Capitão Josiah Grayson.

Bom, pensou Toby, ele tinha tido razão. Gray havia dito que os irmãos Grayson tinham nascido de mães diferentes, mas Toby esperava que o outro irmão fosse meio espanhol, como Isabel. Não um que fosse meio africano, como... como ninguém que havia conhecido antes, salvo os empregados. Certamente, como ninguém a quem ele tivesse feito alguma uma reverência.

Toby sentiu-se como um objeto de um escrutínio afiado enquanto olhava para o rosto de Joss, uma cópia mais escura de seu irmão. A contra gosto, concedeu um ponto silencioso a Gray. O

bastardo realmente jogou bem suas cartas. Ou, melhor dizendo, jogou bem a carta de bastardo. Não havia nenhuma maneira de que Toby pudesse expressar surpresa agora. Não quando ele havia acabado de apostar seu orgulho e respeito por si mesmo contra a felicidade de Isabel Grayson.

— Capitão Grayson. Um prazer. — Com o sorriso congelado no rosto, Toby fez uma suave reverência. Pronto. Não havia sido tão difícil.

— Sir Toby. — Joss retribuiu a reverência. — Diria que o prazer é meu, mas infelizmente possuo o mal hábito da honestidade.

Realmente lamentável. Este irmão Grayson não era mais amigável do que o primeiro. Era ainda menos. Era fácil ver que havia uma lasca do tamanho de uma prancha no ombro de Joss, balançando para ele, com o peso de seu mau humor. Um tipo bem ranzinza, se alguma vez Toby houvesse conhecido algum. Malditamente perfeito.

— Realmente você vai permitir isto? — Joss perguntou a Gray, fazendo um gesto desdenhoso em direção a Toby. — Depois de só uma noite, vai permitir que Bel se case com este asno?

— Vou permitir que Bel continue comprometida com este asno. — Gray o corrigiu. — Por enquanto. Vamos ver se ela continuará sentindo o mesmo quando chegar setembro.

— Setembro? — Repetiu Toby. — Logo será abril. Seis semanas é bastante tempo para um noivado. Casaremos em maio.

— Agosto.

— Junho.

— Julho, ou não se casarão — disse Gray. — Essa é a minha última concessão.

Veremos sobre isso.

Vendo a cara feia de Toby, Joss levantou uma sobrancelha.

— Por favor, pressione mais uma vez... "Nenhum mês absolutamente" é a minha preferência.

Toby manteve sua resposta indignada para si mesmo. Que família! Um se comportava com homem polido e elegante brincando de patriarca, apoiado por seu desagradável irmão bastardo. Mas isso não importava.

Sua antipatia mútua só fazia mais doce o triunfo de Toby. Para ganhar Isabel, ele endureceria seu estômago.

E é obvio, enquanto ele armava este pensamento, surgiu algo pior.

— Papai, papai!

Um diabinho de pele morena, com o cabelo curto, entrou em disparada no recinto, dirigindo-se na direção dos irmãos, mas chocando-se, contra a perna de Toby. O menino ficou caído sobre o tapete, primeiro raspando o brilho das botas de Toby, em seguida, iniciou um ataque ofensivo em retaliação, ao ponto de afundar seus dentes no couro refinado.

— Oh! — Toby lutou para manter o equilíbrio, tentando sacudir o pequeno demônio da sua perna. Seus esforços só conseguiram incentivar a criança a se travar com mais força, envolvendo suas pernas e braços ao redor do tornozelo de Toby, tanto que parecia ser um acessório permanente da bota, tal como os cadarços. O pequeno diabo teve ainda a coragem de rir.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Só Deus sabia a indiscrição de qual irmão, representava este menino. Nenhum dos homens se apressou a reivindicá-lo, provavelmente achando a situação de Toby muito engraçada para tentar ajudar.

— Jacob, não! — Isabel entrou voando no escritório, terminando agachada aos pés de Toby em uma nuvem de musselina azul pálido e renda. — Oh... sinto muito — ela disse, tentando desenredar o menino da perna de Toby.

— Eu disse à babá que o levaria ao jardim, mas ele fugiu de mim e correu para cá e não pude...

— Está tudo bem — disse Toby, tocando ligeiramente o seu ombro. — Tenho dez sobrinhas e sobrinhos pequenos. Realmente, está tudo bem. — Ela parou de lutar com o menino e elevou o olhar para ele.

E o terrível menino, os insolentes irmãos e o mundo ao redor deles, simplesmente deixaram de existir.

Toby percebeu de que a luz da lua não tinha feito justiça a sua beleza. Isabel Grayson foi feita para o sol da manhã. A luz suave e quente que não tinha nenhuma pressa, que tinha o dia inteiro pela frente, que trabalhava pacientemente para iluminar cada fio de seu cabelo brilhante, cada contorno dourado de suas feições, seus lábios suaves como a textura de uma pétala.

E quando se unia ao brilho que emanava de dentro dela... Não havia uma palavra para descrever isso.

Ela resplandecia.

— Sir Toby... — disse ela com expressão aflita. — ... meu sobrinho... Peço perdão por isso.

— Por favor, não se preocupe. — Ele enganchou uma das mãos sob o seu cotovelo para ajudá-la a ficar de pé. Ela realmente precisava se acalmar. Uma vez que ele terminou a avaliação de sua beleza por cima de seu pescoço, foi muito fácil permitir que seu olhar descendesse onde seu decote com cós de renda se abria, proporcionando uma visão de uns seios exuberantes e fartos, e o convidativo vale entre eles.

Toby deixou de ver suas feições e começou a ver... possibilidades.

Sim, ela realmente precisava se acalmar.

— Jacob. — A profunda ordem de Joss teve o efeito instantâneo de afrouxar o agarre do menino. Um momento mais tarde, a circulação voltou ao pé de Toby.

— Seu filho? — Toby perguntou a Joss.

Joss balançou a cabeça em confirmação.

— Uma criança encantadora. E sua mãe? Viajou contigo à Londres?

— Não, minha esposa permanece em Tortola — disse Joss. — No cemitério.

Correto. Um viúvo sombrio e ilegítimo. O mau humor do homem começava a fazer sentido.

— Vem com a tia Bel, querido. — Resgatando a todos da estranheza do momento, Isabel pegou o menino em seus braços, girando o quadril para colocá-lo sobre ele, fazendo cócegas ao escorregadio pacote de diabruras.

Ela tinha a aparência de uma Madonna do início do Renascimento, morena, radiante, cheia de curvas e suave, com a serenidade no rosto perante a um choro infantil e formosa até um grau sobrenatural.

Uma estranha compulsão se apoderou de Toby. Como dentes afundando nele. Ante ele, estava este quadro vivo de uma cena doméstica divina, e em algum canto profundo de seu ser, ele ansiava ser parte disso.

Ele jamais havia experimentado uma necessidade tão repentina, tão visceral, tão forte. Nem sequer conseguia nomear esta sensação. Não era desejo, luxúria, paixão, atração... certamente não era amor.

Mas ainda assim, extraia dele estas três simples palavras.

Eu quero isso.

Uma esposa. Um filho. Todas as atividades prazerosas que um homem desfrutava com uma esposa, para ter um filho. Os meses de antecipação a chegada desse menino, perguntando-se se a cor de seu cabelo seria negro como o de sua mãe ou marrom claro como o de Toby, ou de alguma tonalidade intermediária entre eles. Novas botas fabricadas em couro refinado, resistentes as mordidas de dentes de leite. Casamento.

Família. Uma sorridente Isabel.

Eu quero isso.

E terei isso.

Isabel se ruborizou.

— Lamento a intromissão. Deixarei vocês continuarem sua conversa — disse, inclinando-se em uma pequena reverência.

— Não. — Se apressou a dizer Toby, golpeando a si mesmo por seu devaneio. — Quero dizer, não vá. Afinal, foi a ti a quem vim ver. Pensei que talvez gostaria de dar um passeio. — Quando ela se mostrou pensativa, ele continuou.

— É algo que fazem os casais comprometidos.

— Oh. — Ela dirigiu à ele um tímido sorriso. — Então eu gostaria de ir.

Toby olhou a Gray e a Joss.

— Acredito que terminamos nosso assunto aqui, cavalheiros? — Eles concordaram a contra gosto. — Oh... — Continuou Toby, falando agora com Isabel. — Há uma coisa mais. Estávamos discutindo sobre a data do nosso casamento. Eu sugeri julho. Não se preocupe pelo insuportável calor de julho. A única razão para não nos casarmos em junho, é por causar um revoo público e ter toda a sociedade nos olhando.

Em julho, muitas das melhores famílias estarão preparando-se para partir para o campo e a lista de convidados será menor. Seu irmão não precisará incorrer em muitos gastos. Esse é meu raciocínio... mas naturalmente, Isabel, sua preferência é de suma importância.

— Bom, se a decisão for minha, eu acredito que preferiria me casar em junho. — Permitindo que o pequeno Jacob deslizasse para o chão, ela se virou para o seu irmão. — Tenho certeza que Dolly não está preocupado com a despesa.

Toby dirigiu a Gray um frio sorriso.

— Bom, Dolly, você não está preocupado com a despesa?

— Não, claro que não. Mas...

Toby capturou a mão de Isabel e a enlaçou em seu braço.

— Então, ficarei encantado em fazer esta concessão. Será em junho.

CAPÍTULO 05

Uma hora mais tarde, Bel temia não terminar o dia, e muito menos sobreviver para ver o mês de junho.

— Bom, então — Sir Toby se aconchegou mais perto no assento do faetón[5]. — Esta é uma bela manhã.

Bel conseguiu inclinar levemente a cabeça concordando. Era todo o movimento que se atrevia a fazer. Com uma das mãos agarrada ao assento de metal, a outra agarrando o seu chapéu, e ambos os pés escorados contra o apoio de pés, não tinha um membro livre para fazer algum gesto. E quanto a conversar... conversar estava fora de questão. Ela mantinha o maxilar apertado, para que seus dentes não soltassem de sua boca de tanto bater, quando Sir Toby incitou os cavalos a irem mais rápido pelos paralelepípedos. Quando dobraram uma curva com uma inclinação perigosa, ela conseguiu emitir um pequeno som.

Infelizmente, foi menos uma palavra e mais um grito.

— O que está acontecendo? — Girando para encará-la, ele pegou as rédeas com uma das mãos e esticou o outro braço para segurar o assento atrás dela. — Você está bem?

O faetón ricocheteou em um pequeno buraco, desequilibrando Bel. Antes que ela pudesse se equilibrar, ela caiu para o lado de Sir Toby. Seu braço envolveu seus ombros, atraindo-a com força contra o seu peito.

Assobiando entre dentes, ele diminuiu a velocidade dos cavalos e parou o faetón na rua.

— Isabel, querida, você está doente?

— N... não... — Bel lutou para recuperar o fôlego. O faetón havia parado, mas seu mundo ainda seguia em movimento. Ela estava enjoada, não só pela condução terrível, mas agora também pela sensação do corpo dele envolvendo o seu com força e protetoramente. — Não estou doente, eu só... Não estou acostumada a uma condução deste tipo, isso é tudo. Não temos faetóns tão rápidos e cavalos de pura raça em Tortola.

É uma ilha pequena. — Ela se equilibrou um pouco e colocou a mão entre eles no assento como uma proteção.

— Que idiota eu sou. Deveria ter percebido. E veja só, você está completamente pálida. — Ele tirou o chapéu e começou a abaná-la com ele. — Você quer que eu te leve de volta para casa?

— Não. Não, por favor não faça isso. Realmente, estou bem agora. — Bel reajustou seu chapéu.

— Você tem certeza?

— Sim, tenho certeza. — Ela gostou de ver preocupação naqueles olhos pontilhados de âmbar de Toby. Sophia tinha razão. Ele seria um marido solícito e amável. — Não estou me queixando. É um faetón encantador.

— Ela passou a mão pela pele com desenhos, suave como a manteiga.

[5] *Faetón: Pequena carruagem.*

Ante uma ordem suave por parte dele, os cavalos retomaram um passo tranquilo.

— Não temos que continuar nesta condução — ele disse. — Por que não deixamos o faetón com um rapaz e damos uma caminhada pelas lojas?

— Pelas lojas? Suponho que podemos, mas não tenho necessidade de nada. E você?

Ele pôs-se a rir.

— Esse é o momento de visitar as lojas, quando não se necessita nada. Mas para falar a verdade, estive pensando em comprar uma nova bengala. Vi uma bonita com o cabo de marfim no Brauchts.

— Uma bengala? Tem alguma lesão, então? — Discretamente, Bel observou suas pernas. Para ela, pareciam bastante perfeitas, aquelas coxas bem formadas e as panturrilhas forradas em lã. Ela se ruborizou e rapidamente desviou o olhar. Sim, suas pernas pareciam estar muito bem. — Ou talvez sofre de gota?

— Gota? — Ele riu de novo, desta vez mais forte. — Não, não tive uma vida tão desmedida para sofrer de gota com a idade de vinte e nove anos. Tampouco tenho alguma lesão, salvo uma pequena em meu orgulho neste momento.

— Oh. Então, por que necessita uma bengala se não está doente?

— Bem, por nenhuma razão em particular. São de utilidade de vez em quando para assinalar lugares de interesse, tamborilar as portas, para indicar ao condutor... — Ele deu de ombros. — Elas me parecem bonitas. E estão na moda.

— Já vejo — disse, franzindo o cenho. — Então esta é a forma que você deseja passar nossa manhã? Comprando esta... esta bengala adornada, que um cavalheiro em perfeito estado de saúde leva consigo, sem nenhum propósito real que não seja para indicar sua riqueza?

A expressão dele se tornou séria.

— Bem, para isso e para indicar ao condutor — ele disse lentamente. — Não se esqueça para assinalar lugares de interesse. E tamborilar as portas. Para isso, também.

Bel não tinha resposta. Na verdade, ela gostaria de responder para ele que os braços e as mãos em geral, funcionavam muito bem para ela nesses aspectos, mas não quis incomodá-lo mais.

— Bem, bem. — Ele dirigiu a ela um sorriso forçado. — Vamos às compras outro dia, então. Você gosta de arte? Gostaria de ir a uma exposição?

Bel se animou. Sua avaliação pela arte tinha aumentado sob a influência da Sophia, já que sua cunhada era uma pintora consumada.

— Obrigada, isso eu gostaria muito.

— Excelente. — Ele se inclinou para mais perto e sussurrou: — Organizarei algo verdadeiramente especial para ti. Tenho um amigo que pode nos dar uma exposição particular dos mármores do Parthenon.

— As esculturas que Lorde Elgin trouxe da Grécia?

— Sim, estas mesmas.

— As que o Parlamento acabou de comprar em nome do Governo Inglês?

— Bem... sim — Ele a olhou com cautela, obviamente confundido pelo tom frágil de sua observação.

Mas Bel não podia se controlar. As bengalas inúteis eram uma coisa, mas nada poderia

conter sua língua sobre este assunto.

— Sir Toby, não se dá conta que Lorde Elgin roubou as estátuas de seus legítimos proprietários, os gregos? E agora o Parlamento esbanjou milhões de libras para comprá-las, enquanto os agricultores ingleses não têm milho para semear seus campos e crianças órfãs passam fome nas ruas. É uma farsa!

Ele deteve os cavalos.

— Bem... — Ele franziu os lábios ao redor da sílaba estendida. — Não quer vê-las então?

Ela não podia acreditar que ele sequer tivesse perguntado!

— Não.

Passou um minuto incômodo. Envergonhada por seu arrebatamento, mas incapaz de desculpar-se por isso, Bel olhou para a frente e aparentou estar ocupada endireitando suas luvas. Podia sentir os olhos de Toby nela todo o tempo. Finalmente, o faetón iniciou a marcha de novo.

Oh, ele devia estar achando que ela era imperdoavelmente grosseira. Ele havia sugerido dois diferentes entretenimentos e ela se negou a ambos. E nada menos que com repreensões desmedidas. Bel tomou uma decisão:

Receberia sua seguinte sugestão com cortês entusiasmo, qualquer que fosse a sugestão.

— Lá, mais adiante, está Berkeley Square. Posso te oferecer um refresco?

Bel juntou as mãos e forçou um tom brilhante.

— Sim, obrigado. Isso seria maravilhoso — Seu café da manhã tinha sido interrompido, depois de tudo. Uma taça de chá seria muito bem-vinda.

Ele manobrou o faetón na grama do centro da praça, parando os cavalos à sombra de uma grande árvore. Desembarcando do faetón, jogou as rédeas e uma moeda a um rapaz ansioso, e logo fez gestos a um criado do estabelecimento do outro lado da rua. Os dois homens dialogaram brevemente, e logo o criado voltou para a loja de chá.

Com um sorriso renovado, Toby foi para o lado de Bel no faetón.

— Pronto. Dê a ele um momento e ele trará algo encantador para ti.

— Não deveríamos entrar?

— Oh, não. — Ele jogou seu chapéu no assento do faetón. — Não é bem visto. Todas as damas bebem seu refresco aqui, na praça, onde podem ver e ser vistas.

Bel cruzou as mãos. Sabia que seria impossível chegar a ser uma dama de influência sem chamar a atenção pública, e as pessoas não atraem a atenção pública sem uma certa quantidade de espetáculo, nem que este espetáculo envolva beber chá em um chamativo faetón ou escolher um libertino notório por marido. Sempre que se recordasse, que tudo isso tinha um propósito, poderia justificar esta indulgência.

Ou ao menos isso pensava.

O criado apareceu com um prato de cristal em uma bandeja. No prato havia algo que parecia a bolinha de criança, de cor amarela pálida e brilhante como o sol da manhã.

— Que bonito — disse ela, aceitando o prato e uma colher de prata. Ela olhou a Toby. — O que é?

— Ora, é sorvete, é claro. Gunter"s é famoso por eles. Isso é uma amostra de seu novo sabor, limão e lavanda.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Um sorvete... — ela disse com admiração. O frio do prato de vidro transpassava seus dedos enluvados. — Nunca vi um. Nada se congela nas Índias Ocidentais, sabe. Até chegar a Londres, nunca tinha visto um sorvete de nenhuma classe, muito menos com sabor a limão e lavanda. — Ela atravessou a delícia com a colher, rompendo uma fina camada granular e descobrindo uma textura mais suave e cremosa por debaixo.

— Será melhor que o coma rapidamente. Ou não será um sorvete por muito mais tempo, a não ser só um xarope.

Bel levantou a vista.

— E como se adoça? Com açúcar?

— Bom, sim. É doce, frio e... — Ele dirigiu a ela um sorriso zombador. — Mas poderia descobrir por si mesma, se simplesmente o experimentasse.

Sua colher pairava sobre a bola de cor amarela pálida. Gotas se formavam sobre a superfície do sorvete e rodavam até juntar-se na superfície do prato de cristal. Bel ficou com água na boca, mas empurrou o prato para ele.

— Sinto muito. Não posso.

— Não pode?

Ela negou com a cabeça, sentindo-se indescritivelmente mal educada por recusar outro de seus gestos. Mas de todas as coisas que ele podia sugerir, por que tinha que ser isto?

— Por que não? — Ele olhou-a de cima abaixo. — Por favor não me diga que está preocupada com o seu corpo.

Com o rosto ardendo, ela baixou os olhos. Sem dúvida, ele teria notado seu amplo corpo. Ela tinha aprendido faz uns anos que seu corpo atraía a atenção dos homens, quer ela desejasse ou não. E ela não desejava.

Bel sempre se sentiu muito tímida pelas curvas voluptuosas que herdou de sua mãe, seios muito grandes e quadris largos.

Apesar de não ter nenhum desejo de ver aumentar suas curvas, não era essa a razão pela qual rechaçava o sorvete.

— Eu não como açúcar. — Ela explicou. — Não, a menos que seja importado pela companhia de meus irmãos.

— Por que não?

— Porque o açúcar que meus irmãos importam é cultivado e colhido por homens livres. — Ela lançou um afiado olhar ao sorvete. — Isso provavelmente é o produto do trabalho de um escravo.

Toby estudou o atoleiro crescente de limão.

— Querida, esse boicote de açúcar passou de moda com a geração de minha avó. O comércio de escravos foi abolido há mais de uma década.

— O comércio de escravos foi abolido, sim. Mas a escravidão em si segue sendo legal e se segue praticando em quase todos os países produtores de açúcar. — Bel agarrou o assento de metal com uma das mãos, tentando manter um controle sobre suas emoções. — Você me ofereceu isso como refrescante? Me diga, o que tem de refrescante na escravidão humana?

— Não sei. Suponho... quer dizer... — Ele se encolheu e deu de ombros. — É só um sorvete.

Olharam-se um ao outro então, em um silêncio estranhamente doloroso. Bel começou a se perguntar se havia cometido um erro grave. Claro, todo o compromisso tinha sido um erro, mas ela não esperava que fosse irremediável.

A infame reputação de Toby seria benéfica em sua missão de conscientizar às pessoas. Mas a libertinagem era uma coisa, e a opressão, outra.

É só um sorvete.

É obvio, recordou-se, para ele, era só um sorvete. Ele o olhava e como ela, não via a miséria de milhares de almas servida em um frio prato de cristal. Ele não conhecia nenhuma das milhares de almas por seu nome, como ela.

Toby levantou uma sobrancelha.

— Vai derreter se você não o comer. Vai se desperdiçar.

Bel suspirou. Tinha razão, não havia maneira de desfazer a injustiça cometida na criação do sorvete. Entretanto, ela negou com a cabeça.

— Não posso.

— Então não o faça. — Toby entregou o prato ao rapaz que atendia aos cavalos. — Moço. Tome.

— De verdade, senhor? Quer dizer, quer que eu o coma? — Uma mão manchada de terra se fechou ao redor do prato.

— Sim, de ver... — Antes que Toby pudesse sequer terminar a frase, o rapaz já tinha devorado a metade do conteúdo do prato. Pegando a colher como uma pá de jardim, comeu com avidez, como se o bocado pudesse desaparecer se não o comesse com rapidez. O entusiasmo do rapaz era contagioso e Bel não pôde reprimir uma risadinha.

De repente percebeu que Toby a estava observando atentamente.

— Agora está sorrindo. Graças a Deus. Estava-me se desesperando um pouco.

— Sinto muito. Sei que tinha a intenção de ser amável, mas realmente não poderia ter desfrutado do sorvete.

— Entretanto, pode desfrutar do gosto do rapaz com ele.

— Sim — disse lentamente, embora não sabia como explicar isso. Enquanto crescia, ela esteve plenamente consciente de que, cada prazer ou comodidade que desfrutava, uma regata limpa, um banho quente, uma bebida fria, produzia-se as custas da dignidade de outra pessoa. Mas ao ver o prazer de alguém mais, se sentia diferente. Mais segura. Ontem à noite, ela gostou de ver os bailarinos muito mais do que havia gostado de dançar. Hoje, ela não pôde desfrutar de comer o sorvete, mas pôde apreciar da expressão de prazer inocente do rapaz.

Bel tentava encontrar sentido a isto, mas a lógica estava presa em sua mente.

Mordendo o lábio, ela perguntou:

— Isso me faz uma hipócrita terrível?

— Não, absolutamente. — Gentilmente, ele desenganchou seus dedos do assento de metal. Ela nem sequer percebeu que continuava se aferrando ao corrimão de metal. Seus olhos se suavizaram enquanto ele beijava seus dedos enluvados. — Te faz um anjo desinteressado, generoso. E isso me faz pensar como posso te merecer.

Oh... E agora uma emoção doce e viscosa se reuniu em seu ventre. Tão rica, tão indulgente,

que a fez sentir um pouco mal.

— Você me deu uma ideia — disse ele.

— Eu?

— Sim. Uma inspiração, mas bem... — Ele soltou sua mão, e em seguida, chamou o garçom do salão de chá com um gesto sutil. Bel viu como os dois homens conversaram em voz baixa. Então Toby retornou a seu lado no faetón e subiu de um salto ao assento. — Tenho em mente uma diversão que tenho certeza que desfrutará muito. Entretanto, obriga-nos a conduzir rápido. Pode suportar?

Meu Deus. A antecipação brilhava nos olhos dele e Bel não se atreveu a apagá-la. Ela fez um gesto valente e uma vez mais travou seus dedos sobre o assento de metal.

— Não, não — ele disse olhando o seu agarre com as duas mãos quando recolheu as rédeas. — Você não se sentirá mais estável dessa maneira. É melhor se agarrar ao meu braço.

Ofereceu-lhe o cotovelo, e Bel o olhou.

— Se insiste...

— Insisto.

Ela enlaçou um braço através do dele, unindo as mãos ao redor de seu braço. O criado saiu da loja de chá carregando uma grande cesta. Toby ordenou que ele a prendesse atrás do assento do faetón.

Em seguida, com uma breve palavra de seu amo, os cavalos começaram a se mover. Bel agarrou o braço de Toby, quando voltaram para a rua. Seus músculos se flexionaram sob seus dedos e um estremecimento a percorreu.

— Você está bem? — Ele gritou ele, insistindo aos cavalos a ir mais rápido.

— Sim. — Ela conseguiu dizer com uma voz débil. Quando a colisão com uma charrete que se aproximava pareceu iminente, Bel reprimiu um grito de alarme e fechou os olhos com força.

Oh, isto era muito melhor na escuridão.

Ele estava no certo. As sacudidas do faetón pareciam menos pronunciadas agora que agarrava seu braço ao invés da estrutura metálica. Apoiada nele, esforçou-se para fazer seu corpo flexível, sem peso.

Logo aprendeu como uma pequena flexão do braço sob seus dedos ou a mudança em seu peso precedia a qualquer alteração no caminho. O fácil manejo que ele demonstrava aliviou sua preocupação, assim como o aroma familiar e sofisticado de sua colônia. Que também a agitavam, de algum jeito, profunda e indubitavelmente sua feminilidade. Quanto mais ela era consciente de sua força, mais abrandava seu próprio corpo em resposta.

Ela deslizou junto com os movimentos de balanço do faetón, o medo no ventre substituído por uma nova sensação... uma fome incompreensível e doce que estava aumentando a cada momento.

— Chegamos. — Ele anunciou, detendo os cavalos.

Certamente não, pensou Bel, sentindo uma profunda sensação de interrupção. Aonde quer que esta onda de sensações a estava levando, ela não podia estar mais do que a meio caminho.

Ela abriu os olhos. Uma fachada imponente de tijolos e pedras, elevava-se diante deles.

— Que lugar é este?

— A Clínica do Dr. David para meninos. — Ele jogou as rédeas para um jovem e se deslizou descendo do assento. — Rápido — ele disse, apressando-a para ajudá-la a descer.

Desconcertada, ela o viu fazer gestos a um lacaio na entrada da Clínica. Juntos, os homens trabalharam para soltar a cesta da parte posterior do faetón.

Toby a agarrou pelo pulso, puxando-a pela entrada.

— Rápido. Não queremos que se derreta.

Bel o seguiu, muda de confusão, enquanto entravam em um vestíbulo fresco, com ladrilhos de cerâmica e virava bruscamente à esquerda. Atrás deles, o lacaio corria para manter o passo, carregando a cesta.

— Por aqui, então. — Toby os guiou até umas das escadas em caracol e desceram por um corredor estreito. Uma variedade de aromas desagradáveis lutava por impor-se: enfermidades, láudano, vinagre.

Por último, chegaram a uma sala estreita cheia de camas pequenas, uma de cada lado. Em cada cama havia um menino abandonado de rosto pálido, com os olhos muito abertos, congelados, em uma atitude pouco natural de inocência.

Tinham as expressões de suficiência de meninos interrompidos em meio de um jogo ilícito e bastante satisfeitos de seu êxito em ocultá-lo.

Sob a direção de Toby, o lacaio começou a abrir a cesta. Toby se dirigiu para o centro da sala, dando uma palmada.

— Muito bem, meninos. Hora do remédio!

Um coro de gemidos se elevou das camas. Uma voz débil protestou:

— Já tomamos o nosso remédio!

— Ah, sim. Mas isto se trata de um medicamento diferente. Especialmente indicado por sua nova enfermeira, a senhorita Grayson. — Ele se virou para Bel e dirigiu à ela uma carranca que ela reconheceu imediatamente como um reflexo exagerado de sua própria expressão. — Não se preocupem, sei que ela parece severa. Mas prometo à vocês que por dentro ela é suave como um gatinho. — Ele foi para a cesta e jogou para um lado uma capa de palha, em seguida, tirou uma folha de pergaminho encerado. No interior, uma fileira de sorvetes brilhava como joias. Toby tirou dois pratos de vidro esmerilhados e os estendeu para Bel.

— Agora... — Sussurrou ele. — Desfrute.

Homem impossível. Sem dúvida, estes meninos tinham outras necessidades mais urgentes das quais ele poderia haver-se ocupado, em lugar de gastar dinheiro neste presente extravagante, poderia ter comprado ataduras, roupa de cama, mantimentos nutritivos, medicina real. Mas exatamente como os meninos, parecia muito contente com sua própria travessura. E muito bonito, além disso.

Sorrindo, ela pegou os sorvetes de suas mãos.

— Essa é minha garota — ele disse, dando à ela uma pequena piscada. Uma emoção própria de uma menina a percorreu. Ele se virou e disse a todos na sala: — Quem gosta de morango?

O clamor resultante persistiu durante uns bons quinze minutos, enquanto os sorvetes eram distribuídos e arrasados pelos meninos ansiosos. Bel se sentou ao lado da cama de um menino magricela luzindo ataduras nos braços, para dar em sua boca colheradas de sorvete com sabor de

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

damasco. A expressão de êxtase em seu rosto esquentou o seu coração.

Toby se uniu a ela, sentando-se do outro lado da cama do menino.

— E então? Está desfrutando?

— Você sabe que sim. Obrigada.

— Este pavilhão alberga meninos que estão quase preparados para receber alta. Talvez, da próxima vez, possamos visitar alguns dos verdadeiros miseráveis. Então você estará em um êxtase perfeito, posso predizer isso.

Bel voltou a olhar ao menino enfaixado. Ele dormiu com um sorriso angélico em seu rosto.

— Peter Jeffers, nove anos, sob a tutela dos limpadores de chaminés de Charlesbridge-Crewe. — Leu de uma placa presa na cabeceira da cama do menino. — Nove anos? Mas ele não parece ter mais de cinco ou seis anos!

— Desnutrido, o mais provável. Para escalar as chaminés, os meninos têm que ser magros, ou não entrariam pelos dutos.

— Dutos das chaminés? O que você quer dizer com dutos das chaminés?

— Suponho que não se queima carvão nas Índias Ocidentais?

Ela negou com a cabeça.

— Bom, estes moços sobem pelas chaminés com escovas para tirar a fuligem. Os dutos das chaminés são estreitos e se obstruem com frequência, por isso é um trabalho perigoso. Este deve ter sofrido algumas queimaduras.

Bel notou as ataduras nos antebraços do menino, e nos cotovelos por cima deles, calos nodosos com a textura do cascalho. Observando a contusão antiga e amarelada na mandíbula do menino, sussurrou:

— Não são só queimaduras, ele foi golpeado também... — Ela fechou os olhos, imaginando o horror de ter que entrar em um duto de uma chaminé obstruída com fuligem, de dois tijolos de largura.

— E quando ele sanar, será entregue de novo a seus empregadores? Só para ser ferido outra vez, mutilado ou talvez morto? Não se pode fazer nada?

— Há uma sociedade, com um nome ridiculamente grande, dedicada à substituição dos meninos escaladores por máquinas modernas. Minha irmã Augusta é membro, mas até agora acredito que tiveram pouco êxito.

Os meninos escaladores são um método tradicional de limpar os dutos das chaminés, e nós, os ingleses, nos aferramos a nossas tradições.

— Tradições... — Bel cuspiu a palavra. — Abominações, isto sim.

— Shhh. — Toby inclinou sua cabeça para o menino, que se agitou no sono. — Vai despertá-lo.

Bel apertou os lábios, soltando fumaça em silêncio.

Ele a olhou por um momento, logo se inclinou para ela na cama.

— Sabe... — Ele sussurrou. — ... que você fica extraordinariamente formosa quando está zangada?

Bel bufou. Que momento para elogios corriqueiros.

— Não estou zangada.

— Ah, mas admite ser formosa. Muito bem.

— Isso não foi o que quis dizer! — Morta de vergonha, ela baixou a voz. — Tampouco admito ser formosa. — Possuidora de uma figura provocante, talvez. Mas não formosa.

— Vamos. Se não admitir sua beleza, terei que te acusar de desonestidade.

— Eu não sou... — Ela franziu o cenho e entreabriu os olhos para ele. — Você está zombando de mim?

— Sim.

— Por quê?

— Porquê você ficou muito séria novamente. É como se a miséria do mundo se assentasse em seus ombros. Se eu não brincar contigo, terei que te dar um beijo. — Ele esboçou um sorriso malicioso. — E não queremos escandalizar os meninos.

O pulso de Bel se acelerou. Era terrível, que ele pudesse pensar em beijá-la em um lugar como aquele. Pior ainda, agora ela estava pensando nisso também. Em como os lábios dele se prenderam aos dela na noite anterior, no sabor do brandy em seu beijo. Que sabor ele teria se a beijasse esta manhã? Não a brandy, sem dúvida.

Com que homem tinha a intenção de casar... Às vezes insuportavelmente vaidoso e terrivelmente superficial, mas tão encantador em meio a tudo isso. E tão atraente... Ela se decepcionou com a sua vaidade mais cedo essa manhã, mas agora Bel agradecia o caráter defeituoso de Toby. Ela poderia sentir-se infestada de desejo por ele, mas ao menos não estaria em perigo de se apaixonar.

— Porque você pensou em me trazer aqui? — Ela perguntou. — Certamente a maioria dos cavalheiros não tem o hábito de visitar Clínicas de Meninos.

— Para ser perfeitamente honesto, isso não é de forma alguma um hábito em mim. Sou um dos diretores desta instalação em virtude de uma doação de dez guinéus, mas só estive aqui duas vezes e nunca assisti às reuniões.

Em realidade é minha...

— O que está acontecendo aqui?

As portas duplas do pavilhão se abriram de repente. Um silêncio cobriu o recinto. Em algum lugar, uma colher caiu ao chão.

Bel levantou a vista para ver a silhueta de uma matrona elegante na porta. Umas maçãs proeminentes ressaltavam em um rosto enrugado por décadas de sorrisos, e suas sobrancelhas eram umas pinceladas finas e elegantes.

Seu vestido verde musgo era requintadamente desenhado, embora de estilo singelo e coberto por uma capa de cor cinza escura e um manto de extrema serenidade. Até mesmo o farfalhar de suas roupas sugeriam confiança à medida que avançava até situar-se aos pés da cama.

— Sir Tobias Aldridge. — Ela se dirigiu a ele com um ar de severidade. — Se importaria de se explicar?

— É obvio — ele disse suavemente, ficando de pé. Bel fez o mesmo, sacudindo sua saia quando ficou de pé. — Mas primeiro, me permita fazer as apresentações. Posso te apresentar à senhorita Isabel Grayson? Isabel, esta é Lídia, Lady Aldridge. Minha mãe.

Entorpecida pela surpresa, Bel fez uma reverência pouco elegante. Sua mãe! Bem, é obvio,

ela supunha que logo teria que conhecer sua família, mas esperava estar preparada para a ocasião.

Lady Aldridge teria alguma ideia de seu compromisso? Parecia que não, a julgar pelo olhar breve e indiferente que dirigiu a Bel.

— Minha mãe compensa a minha falta de atenção como diretor. — Explicou Toby. — Ela vem aqui todas as quintas-feiras, quando está na cidade.

Bel olhou da mãe para o filho. Teria ele planejado esta reunião ao levá-la até ali?

— Estou encantada em conhecê-la, Lady Aldridge.

Toby se inclinou sobre a cama e agarrou sua mão.

— Mãe, Isabel e eu estamos comprometidos. Vamos nos casar em junho.

Em torno deles, os meninos explodiram em assobios e aplausos. Bel olhou para Lady Aldridge, preparando-se para enfrentar uma onda de desagrado.

Lady Aldridge deu ao seu filho um olhar de reprovação simulada.

— Toby. Você é simplesmente impossível. — Ela se virou para Bel, olhando o prato vazio em sua mão e o menino satisfeito dormindo na cama. — Muito bem, aprovo-a. — Ela andou para a beirada da cama e agarrou Bel ligeiramente pelos ombros antes de dar um beijo em sua bochecha. — Leve-a lá em casa para o jantar de domingo, querido — ela disse a Toby por cima de seu ombro.

— Ela poderá conhecer Augusta e Reginald se vier no domingo. É obvio, teremos que organizar uma ocasião mais esplêndida que frango assado para atrair a Margaret à cidade.

— É obvio. — Respondeu Toby. — Você acha que Fanny e Edgar virão para o casamento?

— Em junho? — Lady Aldridge franziu os lábios. — É claro que sim. O bebê terá seis meses até lá.

Bel assistiu o intercâmbio entre mãe e filho com assombro. A forma em que a tinham esquecido quase que imediatamente, passando a discutir assuntos de família, como se ela não estivesse ainda ali, isso era notável.

Seu olhar caiu no garoto maltratado na cama, em seguida voltou a subir para o encanto de Toby e seu sorriso fácil...

E de repente, compreendeu.

Ele simplesmente não podia saber. Toby podia ver este menino abandonado e miserável, sentir uma pontada pequena, incômoda de simpatia, e então continuar falando sobre beijos e casamento, como se não tivesse acontecido nada, porque nada disso havia acontecido a ele. Bastava observar a réplica fácil e amorosa entre Toby e sua mãe para ver isso. Ele não podia saber como era ser um menino solitário, sem amigos.

Nunca entenderia o que era receber golpes das mãos de um adulto que confiava, o que era temer à mesma pessoa que mais queria no mundo.

Não, o mundo de Toby era de jantares aos domingos com Augusta e Reginald, recém-nascidos com seus dois pais vivos, e uma mãe eficiente, amável, que cheirava a lavanda e oferecia quentes beijos, e não golpes.

E nem ele ou sua mãe poderiam entender o pequeno milagre que acabava de ocorrer, quando convidaram Bel para unir-se a eles. Ir à casa deles no domingo e comer frango assado, servido em pratos era mais exótico e tentador do que qualquer sorvete; isso era carinho,

estabilidade, normalidade.

Pela primeira vez, Bel percebeu de que o casamento significava mais que a simples escolha de um marido. Significava a aquisição de uma família.

Que inesperado. Que... maravilhoso.

A mão de Toby apertou a sua.

— Está tudo bem, querida?

— Sim, é obvio. — Ela forçou um sorriso. — Só estou... um pouco surpreendida.

Lady Aldridge deu uns tapinhas em sua bochecha, como se soubesse o muito que Bel desejava um toque maternal.

— Oh, sei que pode ser esmagador a princípio. Mas logo se acostumará a isso.

— Tenho certeza que o farei. — Bel pigarreou. — Estou muito feliz em ver o bom trabalho que vocês fazem aqui, na Clínica. Será que eu poderia acompanhá-la em suas visitas semanais?

— Isabel se dedica à caridade — Toby disse.

— Bom, é obvio que sim! — Lady Aldridge dirigiu ao seu filho um sorriso significativo. — Ela se casará contigo.

CAPÍTULO 06

— Quer mais frango, Isabel?

Toby dirigiu ao lacaio mais próximo um olhar significativo. Imediatamente, o lacaio esticou um braço com uma travessa tampada.

Isabel o rechaçou com um ligeiro movimento de cabeça.

— Obrigada, não. Estou completamente satisfeita.

— Tem certeza? — Perguntou Lady Aldridge. — Você esteve jantando conosco por semanas, e parece estar um pouco mais magra cada domingo. — Ela se virou para Toby.

— Você deve se assegurar de que ela esteja comendo apropriadamente. Não será útil tê-la caindo morta no meio da cerimônia de casamento.

— Não, claro que não. — Sua irmã Augusta sorriu. — Imagine o que dirão os periódicos.

Seu marido riu do outro lado da mesa.

— Sim, nosso senhor Hollyhurst terá com o que se entreter com isso, depois do que passou da última vez... um compromisso com Toby será declarado um problema de saúde pública, como a varíola.

— Cuidado com o que diz, Reginald — disse Toby, dirigindo ao seu cunhado um olhar de limitada tolerância.

— Talvez aceite um pouco mais. — Isabel estendeu o seu prato, e o lacaio serviu-a com outra porção. — Obrigada, Jamison.

Enquanto Bel comia, Toby estudava a sua futura esposa em busca de algum indício de vergonha. Não achou nenhum. Era surpreendente como ela havia rapidamente se encaixado no modelo de vida familiar.

A maioria das damas se sentiriam mortificadas de que sua saúde ou seus hábitos alimentícios fossem discutidos diante dos outros, mas à Isabel nunca parecia incomodar as suposições maternais de Lady Aldridge ou o descarado humor de Reginald. Ela só parecia ansiosa em converter-se em parte daquela loucura familiar, com brincadeiras e tudo. Até conhecia o lacaio pelo seu nome.

Não, não notava nenhum rubor de humilhação ou desagrado. Mas sua mãe estava certa, Isabel parecia um tanto pálida. Ela era tão linda que fazia seu coração palpitar, como sempre. Mas estava realmente pálida.

— Talvez você esteja esgotada — ele disse, se aproveitando desta desculpa para acariciar o interior de seu pulso. Sua pele era muito suave ali.

— Entre os preparativos do casamento e suas visitas semanais a Clínica, e também estes encontros com a Sociedade de Augusta com este nome ridiculamente longo...

— Não é tão longo. — Protestou sua irmã mais velha. — É uma Sociedade para Evitar a Necessidade dos Meninos Escaladores.

— Ora vamos, este não é nem sequer o nome completo. — Reginald levou uma batata à boca com o garfo. — Toby tem razão, o nome é interminável. É uma maravilha que vocês consigam concretizar algum assunto nessas reuniões.

Uma vez que o nome seja dito em voz alta para o registro, já deve ser tempo de terminar a sessão. É a Sociedade para evitar a necessidade de meninos escaladores, incentivando um novo método de limpar chaminés e para melhorar a condição dos meninos, e segue, segue e segue infinitamente...

Augusta lançou um olhar furioso ao seu marido.

— Me recuso a ser repreendida por um advogado prolixo.

— Qualquer que seja o nome — interrompeu Toby, — talvez Isabel deva deixar de assistir às reuniões e ir à Clínica, ao menos até depois do casamento e da lua de mel.

— Oh, não! — O garfo de Isabel caiu contra o prato. — Não poderia fazer isso de maneira nenhuma. Esses pobres meninos, Toby... você não entende.

— Sim... entendo. Entendo que você é um anjo desinteressado e generoso que poria a mais desventurada saúde por sobre a sua. Mas se você não cuidar de si mesma, me verei forçado a te cuidar eu. Insistirei nisso.

— Forçar? Insistir? — Augusta lançou para ele um olhar divertido. — Isso é meio bárbaro, não acha?

— Onde está precisamente o "bárbaro" em expressar preocupação pela saúde da minha futura esposa? — Toby apoiou sua taça de vinho com um pouco mais de força do que pretendia.

Os olhos de todos foram para a mesa. Ao uníssono, cada pessoa levantou sua taça e bebeu. Lentamente.

— Toby só está brincando — disse Isabel. — Ele sabe o quanto são importantes para mim minhas obras de caridade.

Sim, suspirou Toby. Ele sabia. Essas condenadas causas eram tudo para ela. Há semanas, Isabel declinava qualquer divertimento típico, só encontrando prazer em visitar os órfãos e recolher assinaturas para caridade.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele suspeitava que até os planos para o casamento eram uma tarefa que ela tolerava. Ela provavelmente pensava em leprosos enquanto olhava amostras de renda.

— Como estão as coisas em Surrey, mãe? — Ele perguntou, desesperado para trocar de tema.

— Bem, como sempre. — Lady Aldridge fez gestos ao lacaio para que limpasse a mesa. — Exceto por uma pequena irritação.

Reginald riu com satisfação.

— Necessita que adivinhemos o nome desta pequena irritação?

Toby perguntou:

— O que o senhor Yorke fez desta vez?

— Oh... São os planos para o canal de irrigação. Ele concordou com o lugar de instalação meses atrás. Agora que os papéis foram redigidos, ele se recusa a assiná-los, homem impossível.

Sei que só faz isso para me incomodar. Toby, você terá que falar com ele.

— Certamente, farei isso.

— Ele sempre gostou de você. Embora nunca entendi por que.

Com um sorriso modesto, Toby apoiou seu garfo.

— Isto vindo de minha própria mãe...

— Você sabe que não quis dizer nesse sentido, querido — ela disse. — É só que... a este homem, ninguém cai bem.

Archibald Yorke possuía as terras que faziam fronteira com a propriedade em Surrey. Ele fazia parte do Condado, conhecido por seu humor seco e seus perspicazes acordos, e como o outro proprietário principal do Condado, estava bastante orgulhoso da sua posição como arqui-inimigo da família Aldridge.

Como Toby assumiu sua posição de Baronete na infância, por muitos anos, a tarefa de lidar com o senhor Yorke tinha recaído sobre sua mãe. Agora suas brigas eram simplesmente uma questão de hábito ou esporte, que nenhuma das partes parecia inclinada a abandonar. Apesar da história de rancor entre eles dois... ou devido a ela... para Toby o homem sempre tinha caído muito bem. Em sua juventude, ele sempre havia se sentido atraído pelo suscetível velho solteirão. Tinham passado muitas tardes nos estábulos do Yorke ou junto ao lago pescando. Tendo como a meta de sua vida, frustrar Lady Aldridge,

Yorke havia oferecido à Toby um santuário e um ombro amigo cada vez que ele havia escapado de um castigo ou simplesmente havia se irritado com as rédeas condutoras de sua mãe.

— Quem é o senhor Yorke? — Perguntou Isabel.

— Um amigo. — Respondeu Toby.

Ao mesmo tempo, Augusta respondeu:

— O inimigo da minha mãe.

— É só um vizinho. — Respondeu sua mãe. — E não vale a pena continuar falando sobre isso. Vamos falar de coisas mais agradáveis.

— Oh, Augusta — disse Isabel, brilhando. Como sempre, a caridade absorveu completamente sua atenção. — Tenho uma ideia para os panfletos da Sociedade. Minha cunhada, Soph... — Sua voz se foi apagando. Os talheres cambalearam no ar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sophia. — A mãe de Toby terminou suavemente. — Conhecemos a Sophia, querida.

— Sim, claro que sim. — Murmurou Isabel lançando um olhar culpado a Toby.

Ele forçou um sorriso e agitou a mão despreocupadamente.

— Continue, querida — ele disse, embora desejava que ela não o fizesse.

— Sophia concordou desenhar um retrato do pequeno Peter Jeffers, para ilustrar o panfleto. Devemos pôr um rosto humano à miséria dos meninos escaladores, para comover os corações dos potenciais doadores. Augusta, você está de acordo?

— Penso que é uma ideia esplêndida! — Respondeu Augusta. — Sua cunhada pode nos dar uma amostra antes da próxima reunião?

E a conversa continuou com o passar da sobremesa, o qual, é obvio, Isabel não comeu. Toby atacou sua porção de doce de marmelo. Não é que ele lamentasse as boas obras de Isabel, ele só desejava que ela se animasse um pouco mais com ele. Depois de quase seis semanas, ainda seguia pendurado ao seu compromisso pelos dentes e uma lista, do comprimento de um braço, de absurdas promessas.

Por seu próprio acordo com Gray, ele tinha que manter a Isabel sorridente. E nenhum de seus métodos usuais: elogios, brincadeiras, cuidados, lisonjas, pequenos presentes, ganhavam sequer um ligeiro puxão de seus lábios.

Não, não havia nada que fizesse Isabel Grayson sorrir, como um impetuoso ato de abnegação:

Sim, é obvio, eu doarei fundos para o novo prédio da Clínica.

Como se eu pudesse pagar...

É obvio, farei uma campanha para inscrever os cavalheiros do meu clube.

O dia em que acabar a minha associação.

É claro que deixarei que os imundos meninos abandonados passeiem sobre os meus ombros.

Não posso simplesmente conseguir um pônei para eles?

Não, não notei que os meninos têm pulgas.

Coceira, coceira, coceira.

A caridade era uma coisa boa, mas a versão de Isabel sobre ela, era extrema. Se ele chegasse ao seu casamento sem empobrecer totalmente ou degradar a si mesmo, seria um milagre. Claro que Toby prometeria a Isabel praticamente qualquer coisa neste momento. Uma vez que estivessem certamente casados, ele poderia negociar termos diferentes. Mas o esmagava que, ainda depois de semanas, nenhuma de suas insinuações românticas a influenciassem minimamente. Por que por ironia do destino ele se declarou à única mulher da terra que permanecia imune a todas suas práticas de encantar?

Bom, se ele fosse honesto consigo mesmo, precisava admitir que, aparentemente existiam duas mulheres na terra que eram imunes a seus encantos. E a primeira já o havia abandonado.

Isabel disse:

— Desejo o dia em que possamos dissolver a sociedade totalmente.

Agora, essa observação tinha picado a atenção de Toby. Era uma sensação de que ele estava completamente aderido a isso.

— Sim. — Concordou Augusta. — Se simplesmente o Parlamento aprovasse restrições significativas ao trabalho dos meninos, nenhum destes esforços seria necessário.

— Oh, querida. — A interrompeu Reginald. — Cheiro uma nova empresa de caridade à vista. A Sociedade para Evitar a Necessidade de uma Sociedade para Evitar a Necessidade dos Meninos Escaladores...

Isabel lançou uma suave risadinha.

— Não, não. Não há necessidade de outra Sociedade. Assim que Toby assumir seu posto no Parlamento, ele fará cargo dessa causa.

— Toby? — Repetiu Reginald. — No Parlamento?

— Sim, é obvio.

Com um arranque de risada impróprio de uma dama, Augusta se virou para ele.

— O senhor Yorke sabe disso? Toby, ela não pode estar falando sério.

— Augusta... — Toby respirou profundamente. — ... Isabel sempre fala sério.

É obvio, a ideia dele servindo no Parlamento era evidentemente absurda, mas ele não podia admitir isso abertamente. Não quando Isabel o olhava com a expectativa presente nesses olhos escuros e solenes.

Prometa qualquer coisa à ela. Mantenha-a feliz. Faça-a sorrir.

— E por conselho de Isabel, — ele disse, — estive emprestando uma séria consideração ao assunto.

Isabel não sorriu. Brilhou, e Toby vislumbrou sua expressão com profunda gratidão e um toque de alarme. Deus, o que ele não prometeria à ela para ganhar sua aprovação? Era uma boa coisa que faltasse menos de um mês para que um homem do clero os declarasse marido e mulher, ou ela o faria renunciar a todas suas posses terrestres e o obrigaria a obedecer suas ordens.

— Toby no Parlamento... — disse Lady Aldridge em um tom de falsa inocência. — Mas que ideia...

Ele dirigiu um olhar de advertência por cima de sua taça de vinho. Ela o esteve cravando para que desafiasse seu assento com o senhor Yorke na Câmara dos Comuns durante toda uma vida. E ele esteve rechaçando a ideia durante toda uma vida e meia. Satisfazer a mesquinha vingança de sua mãe era ainda uma razão pior para ocupar um assento do que apaziguar a sua inocente noiva.

Agora sua mãe o imobilizava com seu mais desconcertante olhar, acompanhado de um sereno sorriso. Típico de uma mãe, sentir um deleite pouco natural ao ver seu corpo se retorcer.

— Mãe... — ele disse em um tom conciliatório, — a senhora tem dez netos, três deles estão destruindo ao quarto das crianças enquanto conversamos. Posso sugerir que dê uma olhada neles?

— Isabel... — disse sua mãe finalmente, dirigindo ainda seu sorriso para Toby. — ... será que já te dissemos o quanto estamos felizes em recebê-la na família?

— Que demônios...

Josiah Grayson deteve a cadeia de maldições que se enroscavam em sua mente. Semelhante linguagem não era apropriada para os ouvidos de uma criança. Mas também, tampouco se

supunha que as crianças subissem em cima da mesa do escritório de seus pais e esvaziassem os tinteiros em cima de correspondências importantes.

Joss se lançou atrás de seu filho, tirando-o debaixo da mesa de cerejeira lustrada, agora estragada com marcas de seus dedinhos cheios de tinta. Ele tentava tirar os ansiosos dedinhos gorduchos de

Jacob do tinteiro, sustentando ao moleque inquieto a distância de um braço, para não arruinar seu novo casaco.

Maldito Gray. Isto era tudo sua culpa por ter ido embora de Londres tão rapidamente. Ele tinha ido ao Southampton fiscalizar os progressos de dois navios em construção, levando Sophia com ele.

Fazia dois dias que partiu, e quase tudo foi-se aos infernos. Não seria o demônio arrogante o responsável por isso também?

Primeiro, a babá do Jacob havia abandonado o seu posto, então surgiram os problemas com os contratos do seguro, Bel adoecendo...

— Jacob, dê isso para o Papai. Eu disse para você dar isso para o Papai! Jacob, pelo amor de...

Repentinamente, o menino soltou o tinteiro. Desprovido da resistência, o braço de Joss se dobrou no cotovelo. A tinta o salpicou da gravata até as calças.

— Maldição, droga, merda, inferno. — Não havia forma de deter a lição de vocabulário inapropriado que Jacob estava recebendo. Mara estaria furiosa com ele por usar essa linguagem na frente do seu filho.

— Senhora Prewitt! — Joss gritou para a governanta do corredor e colocou um Jacob relutante em seu braço. — Limpe-o e envie-o para a cozinheira dar um biscoito a ele.

Com seu filho temporariamente ocupado, Joss voltou sua atenção aos contratos cheios de tinta que cobriam a mesa do escritório. Deus, que desastre! Como sócio da Companhia Naval Irmãos Grayson, Joss tinha o poder absoluto para assinar os contratos e negociar os assuntos na ausência de Gray. Mas o irritava não entender verdadeiramente a essência da questão, não fazia ideia se assinava um contrato bom ou ruim.

Ele só contava com o conselho de seu assessor, e Joss não confiava no dissimulado adulador nem com dois peniques[6].

Não é que Gray soubesse dirigir a situação de forma muito melhor. Seu irmão tampouco tinha preparação para termos legais. E era por isso que Joss estava decidido a estudar as Leis.

Não podiam construir um bem-sucedido negócio familiar a menos que um deles pudesse olhar as pilhas de documentos legais e encontrar algum sentido nisso.

O mordomo apareceu na entrada.

— Uma visita, senhor.

— Não estou em casa.

— É Sir Toby Aldridge, senhor.

— Demônios... — Murmurou Joss, arrumando um montão de pergaminhos. Justo o que necessitava, a tarefa de entreter a esse insuportável asno, além de todos os outros. — Ele não

[6] *Penique: Moeda inglesa equivalente a centésima parte de uma libra esterlina.*

recebeu a mensagem de que Bel estava doente?

— Sim, recebi. — Respondeu uma voz do corredor. O muito insuportável asno rodeou a porta e entrou em seu escritório. — Mais uma razão para que eu venha visitá-la.

Joss despediu o mordomo com um olhar.

— Terá que voltar outro dia — disse a Toby, sentando-se em sua cadeira. — Ela está muito mal para visitas sociais, e eu tampouco estou com disposição para elas.

Toby se deixou cair na outra cadeira.

— Não me trate como se eu fosse algum estranho de rua. Vou me casar com a Isabel em menos de um mês, pelo amor de Deus. Agora, qual é a natureza de sua enfermidade? Você chamou algum médico? Posso vê-la?

— É só uma dor de garganta — disse Joss. — Ela não quer um médico. E não, você não pode vê-la.

O mordomo apareceu na entrada novamente.

— A Condessa de Kendall e uma tal senhorita Osborne, vieram visitar a senhorita Grayson.

— Diga à elas que estarei ali em um momento. As conduzirei ao quarto da senhorita Grayson eu mesmo.

— Agora veja isto! — Toby se levantou de sua cadeira. — Acaba de dizer que ela não está recebendo visitas. Por que Lucy e sua amiga podem subir e eu não?

— Porque Bel pediu para vê-las. Ela não pediu para ver você. — Joss passou roçando Toby e saiu pelo corredor para a porta de entrada. Os passos de Toby o seguiram até o vestíbulo, onde Lucy aguardava.

Joss fez primeiro uma reverência à condessa. — Por favor, desculpe minha aparência — ele disse, assinalando seu vestuário arruinado. — Mas temo que isso seja trabalho do meu filho.

Lucy sorriu.

— Sim, escutei que o pequeno Jacob dá muito trabalho. — Seu olhar passou por cima do ombro do Joss. — Toby, que agradável surpresa. Não pensei que você estivesse aqui.

— Por que deveria ser uma surpresa? Não pode um homem visitar sua noiva doente?

Ignorando a queixa de Toby, Lucy continuou.

— Senhorita Osborne, este é o irmão da senhorita Grayson, o Capitão Josiah Grayson; e seu noivo, Sir Toby Aldridge. Cavalheiros, permitam-me apresentar a minha amiga, a senhorita Hetta Osborne.

— Senhorita Osborne, seja bem-vinda. — Joss fez uma reverência a recém chegada, uma jovem dama uns anos mais velha que Bel, vestida em um simples traje de musselina e um casaco cor açafrão.

Ele ficou rígido ao encontrá-la observando-o com uma curiosidade intensa, fixamente. Joss reprimiu a urgência de fazer uma cara feia e chamar a atenção sobre sua grosseria.

— A senhorita Osborne veio para ficar comigo durante a minha gravidez. Seu pai é médico em Corbinsdale. Quando Bel pediu para avisar que estava doente, imediatamente pensei em trazer Hetta comigo.

— Lucy apoiou uma mão enluvada no braço de sua amiga. — A senhorita Osborne é praticamente uma médica por direito próprio.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Uma médica? — Agora Joss desfrutou da sua vez de olhá-la fixamente. A senhorita Osborne era um tipo de mulher compacta, eficientemente bem feita. Em maneiras e porte, tinha o ar de uma matrona, mas juvenis sardas polvilhavam sua pele branca leitosa. Na verdade, ela o olhava fixamente com a curiosidade imutável de uma criança, mas com uma inteligência aguda em seus olhos, olhos que eram de uma quente cor avelã.

Fizeram-no deter-se para recuperar o fôlego.

Tinha passado um tempo muito longo desde que Joss havia notado a cor dos olhos de uma mulher. Ultimamente, um superficial olhar era tudo o que dedicava a alguma nova conhecida, antes de atribuir à pessoa a uma, de duas categorias: "Tolerar" ou "Rechaçar". Mas ainda não estava seguro de como catalogar esta mulher. Ele precisava olhá-la mais de perto. Portanto, encontrou-se estudando sua aparência com excessiva concentração.

Encontrou-se reparando que seus olhos eram de uma cor de avelã mais do que atraente, salpicados com verde.

De trás dele, Toby fez um som de escárnio.

— Praticamente uma médica? Se Isabel estiver doente, será vista por um verdadeiro médico. Enviarei o meu médico pessoal.

A senhorita Osborne levantou o queixo.

— A única razão pela qual não posso reclamar um título de "médica" é por causa do meu sexo. Recebi a mesma educação e experiência que qualquer um de meus colegas do sexo masculino.

— Como qualquer charlatão, você deve estar querendo dizer. — Toby se virou para Joss. — Você realmente não pode pretender confiar a saúde de sua irmã a esta... esta moça.

Lucy agarrou o braço de sua amiga.

— Hetta, não se ofenda. Toby não sabe o que diz. Só esta alterado pela enfermidade da Bel.

— Sim, compreendo. — A senhorita Osborne imobilizou Toby com um olhar fulminante. — Estou bem familiarizada com as condutas irracionais que os cavalheiros exibem quando suas damas estão doentes.

— Condutas irracionais? — disse Joss. — É irracional que um homem demonstre preocupação?

Agora a senhorita Osborne estava se convertendo verdadeiramente em um problema. Ela estava fazendo com que ele ficasse do lado de Toby. Tanto quanto sentia raiva por ter consideração por Toby,

Joss entendia muito bem a agonia de ver, ou pelo menos ouvir, o sofrimento de uma mulher. — Imaginei que você teria um pouco de compaixão... — disse ele.

Ela deu de ombros.

— A compaixão implicaria em compreensão, e eu nunca compreendi por que as mulheres são etiquetadas como o sexo frágil. Segundo minhas observações, os homens sofrem a condição de impotência, com muito menos coragem do que as mulheres sofrem sua dor. — Ela agarrou mais forte a sua pequena maleta negra. — E quanto a mim, eu não sofro de ignorância. Vim aqui para atender à senhorita Grayson. Asseguro-lhes, tenho o treinamento e a experiência para prover à ela um excelente cuidado, apesar dos esforços de alguns... — Ela lançou um olhar a Toby, —

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

tentarem me limitar, simplesmente pelas características físicas que me foram dadas ao nascer. — Seus olhos cintilaram quando se voltaram para Joss. — Alguém poderia pensar em ter um pouco de compaixão.

— Bem...

Joss respirou lentamente, refletindo. Ou esta senhorita Osborne era uma tola ou um exemplo de inteligência. Uma médica, era assim que ela se denominava? Em apenas um minuto, ela havia acertado no alvo em suas feridas dilaceradas e abertas. Em seu persistente luto pela morte de Mara e sua frustração pelas restrições que acompanhavam sua linhagem mestiça e sua ilegitimidade. Para alguém que afirmava ser uma curadora, ela causava uma verdadeira dor.

Agora ela teve a audácia de sugerir que ele deveria recompensar sua ácida natureza, aprovando suas habilidades tão somente porque eles compartilhavam este leve vínculo de estar no degrau mais baixo das convenções sociais. Como se isso os convertesse em aliados. Ele não podia negar o acesso a Bel, insistia o olhar da senhorita Osborne, sem manchar sua própria inteligência.

Sua alternativa, claro, era negar suas habilidades como médica e mandá-la embora, ficando desse modo do lado de Toby. Joss reprimiu um grunhido de irritação. Era um pacto com o demônio, de qualquer maneira.

A senhorita Osborne também sabia disso. Enquanto olhavam o um ao outro, suas finas sobrancelhas se arquearam em antecipação. Oh, ela era inteligente. A mulher não era nenhuma tola.

— Muito bem. — Joss fez um gesto displicente. — A senhora Prewitt mostrará à você a antecâmara de minha irmã. — Maldito seja se ele faria isso.

— Obrigada. — Lucy sorriu em um óbvio esforço para aliviar a tensão. Olhando à senhorita Osborne subir as escadas, ela murmurou: — Por favor, não se preocupem com Hetta. Ela gosta de chocar os outros.

— Compreendo, Lady Kendall. — Enquanto Lucy seguia a amiga escada acima, Joss voltou para o seu escritório. A senhorita Osborne não conhecia sua boa sorte, por saber escolher o momento em que apresentou sua ofensiva.

As pessoas consideravam Joss estranho rotineiramente, tanto se o encantava, como se não.

A voz calma de Toby o fez parar na metade do corredor.

— Não posso acreditar que você tenha permitido isto.

Joss suspirou. Será que este homem não iria embora nunca?

Toby continuou:

— E eu aqui pensando que você era o irmão inteligente...

— E eu aqui pensando que você era delicado com as damas. Não vi você usando nada deste seu renomado charme com a senhorita Osborne. Depois da forma em que você a insultou, não tive chance de mandá-la embora.

Graças ao seu comportamento, Aldridge.

— Oh, faça-me o favor... — Toby abaixou a voz enquanto cortava a distância entre eles. — Se uma esposa morta dá à você o direito de se converter em um idiota em tempo integral, penso que uma noiva doente me permite um momento de incivilidade. Se a condição de Isabel não

melhorar, e Deus não o permita, piorar, enviarei meu médico imediatamente, e você pagará um inferno por isso.

Joss o olhou fixamente. Nunca tinha escutado esse tom do homem que estava na frente dele. Que dia! Contratos arruinados, salpicados de tinta, mulheres médicas... e agora este insuportável asno começando a exigir respeito. Pior, Joss se sentia impulsionado a conceder isso a ele.

— De acordo.

— Bom. Agora mostre-se de acordo com que eu a veja.

— Permitiria que você a visse se... — Toby já tinha subido três degraus antes de parar na metade de um degrau. — ... ela desejasse isso. Mas ela não deseja.

— O que você quer dizer com, "ela não deseja que eu a veja"? Serei seu marido em três semanas.

— Ela não é sua esposa ainda. Por agora, ela é só minha irmã. E minha irmã não quer vê-lo.

CAPÍTULO 07

— Aí está... Enfim.

Bel levantou a vista de sua leitura. Toby estava parado na entrada de seu salão privado, com um pacote sob o braço e apagando todos os pensamentos de sua mente.

Ali estava ele. Finalmente.

Desejou poder ir ao seu encontro, mas sua cabeça dava voltas. Ao longo de sua enfermidade tinha sofrido momentos de tontura. Ver sua alegre figura na porta só piorava as coisas.

Talvez não deveria ter concordado vê-lo tão logo, mas estava adiando sua visita há mais de uma semana.

Deixou de lado o periódico, forçando seus lábios a se curvar em um sorriso tenso. Oh, quanto desejava que ele olhasse para outro lado, assim poderia beliscar suas bochechas para dar a elas um pouco de cor.

Talvez conseguisse uma aparência de uma melhor saúde, embora não tivesse a força correspondente.

Mas sabia que Toby estava em completo desacordo.

— Como você está pálida — ele disse, colocando seu pacote sobre a mesa e afundando-se no sofá junto a ela. Fez um movimento impetuoso, como se fosse abraçá-la, mas depois pareceu pensar melhor.

Bel não sabia se estava agradecida ou decepcionada. Ele perguntou: — Sabe que estive doente de preocupação? Vim todos os dias aqui... Por que você não me deixou vê-la?

Uns olhos marrons quentes estudaram sua aparência. Bel sentiu seu olhar notando os círculos escuros sob os olhos, o tom pálido de suas bochechas, a textura opaca de seu cabelo.

Ela devia estar horrível, e é obvio, ele se via arrumado e bonito como sempre.

— Como poderia permitir isso? Não seria correto. — Ela brincou com o lenço no colo,

enrolando a borda de renda. Não era completamente uma mentira, só uma verdade incompleta. Não podia simplesmente dizer à ele honestamente: Eu não podia deixar que você me visse até que eu me sentisse completamente segura da minha prudência. Ela havia passado dias flutuando, entrando e saindo de sonhos febris, aterrorizada que, como sua mãe, nunca conseguiria voltar a ser sã. Inclusive uma vez que a febre desapareceu, ela havia permanecido acordada na cama toda a noite, vasculhando os cantos mais escuros de sua mente em busca de qualquer sinal de loucura.

— Se tivesse me visitado, só teria causado sofrimento a você — ela disse fracamente. — Inclusive agora, sinto-me muito mal. — Ela colocou uma das mãos em sua têmpora, escondendo seu rosto.

Ele se agachou, olhando de baixo para ela.

— Isabel, me escute. Vamos nos casar em duas semanas. Vou estar de pé perante a todos de Londres, perante a Santíssima Trindade, e inclusive perante a estes seus dois irmãos rudes, e prometerei à você a minha fidelidade e proteção eterna. Na saúde e na doença. — Ele afastou sua mão do rosto, cruzando os dedos ao redor dos dela.

E com Deus como minha testemunha, prometo-te neste momento, que você é o espetáculo mais lindo que vi em dez dias.

Ela não podia decidir se estava brincando com ela ou a enganando. Mas claro, ela não queria saber.

— Senti sua falta — ela disse em voz baixa.

— Me alegro por isso. — Ele sorriu. — A senhorita Osborne me disse que você está quase totalmente recuperada.

— Sim, minha febre desapareceu completamente. Só estou um pouco fraca ainda.

— Mas ela disse também que você não está comendo o suficiente.

— É... que ainda me dói para comer — ela disse. — Minha garganta... — Fingiu um pouco de tosse, ao invés de completar a frase.

— Isabel, você deve fazer um esforço para recuperar sua força. Acabo de falar com seu irmão. Ele sugeriu que posterguemos o casamento.

— Oh, não devemos! Não deixarei que faça isso. — Bel agarrou a sua mão. — Já me sinto muito melhor... — Isto, também, era verdade. Talvez tivesse se equivocado ao mantê-lo afastado tanto tempo.

Havia algo na forma em que a olhava, com essa sombra de sorriso em seus olhos, que a fazia se sentir recuperada. Suas brincadeiras às vezes a enfureciam, mas estava começando a entendê-lo como uma estranha espécie de elogio a seu caráter.

Enquanto que os valentões zombavam para menosprezar e ferir, as brincadeiras amáveis de Toby tinham o efeito contrário. Ele brincava não por malícia, mas sim porque acreditava que ela era o suficientemente forte para suportá-las.

E até agora, sempre teve razão.

Ela deu um pequeno apertão em seus dedos.

— O casamento deve continuar como estava previsto.

O alívio dele foi evidente em seu relaxar de ombros. Acrescentou a mão livre aos seus dedos enredados, rodeando os dela com seu toque forte e quente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Bem. Para isso, trouxe um pouco de remédio para você. — Soltando-a, ele foi pegar o pacote que havia trazido.

— Remédio? Mas a senhorita Osborne já me deu uma dose de...

— Trata-se de uma classe diferente de remédio. Uma que te asseguro vais desfrutar. — Um brilho ardiloso apareceu em seus olhos quando ele abriu o pacote e tirou um frio prato de cristal com um montículo de sorvete cor avelã.

— O sabor é de chocolate. Misturado com avelã e, conforme me disseram, com um toque de canela.

— Toby, de verdade...

— Insisto. — Ele pressionou uma colher na mão dela. — Se te dói comer mantimentos sólidos, deve comer o que puder. O sorvete é o remédio perfeito para uma dor de garganta. A frescura é um bálsamo, a doçura é um restaurador. — Ele deu a ela um sorriso malicioso. — E todo mundo sabe que o chocolate é revigorante.

Bel já podia sentir que sua resistência se derretia. O sorvete brilhante se via tão fresco, tão tentador. Sua garganta se moveu quando se imaginou tomando só uma colherada do doce frio e suave.

— Eu... eu não poderia.

— É o açúcar que te preocupa?

Ela concordou com a cabeça, esperando que ele tivesse piedade da sua consciência e rapidamente guardasse o pacote.

Ele a pressionou mais, tomando a colher da mão dela e recolhendo um bocado de sorvete.

— Isabel, não se preocupe. Pedi que este sorvete fosse feito especialmente para ti. Está adoçado com mel.

— Mel?

— Sim, puro mel inglês, obtido de abelhas muito contentes. Eu mesmo entrevistei o apicultor e ele me assegurou que as bichinhas foram tratadas de maneira mais justa, que pagou a elas um salário honesto e ganharam um dia de repouso para descansar. E agora que elas fizeram o serviço, preparei que a colmeia inteira se aposente em um pequeno e encantador bosque em Shropshire, ao lado de uma abundante pradaria de trevos.

Então, como você pode ver — disse, levando a colher a sua boca, — você pode desfrutar deste sorvete com a consciência tranquila.

Bel soltou uma gargalhada. Pelo amor de Deus, ela nunca dava risadas. Com estes argumentos suaves e esse sorriso persuasivo, ele estava destinado a ser um êxito incrível no Parlamento.

— Você está zombando de mim. Descaradamente.

— Sim. E você está se divertindo. — Inclinando-se mais perto, ele levou a colher à sua boca. — De verdade, Isabel. Você precisa comer. Precisa ficar bem, porque se formos nos casar como está previsto, eu... — Sua voz adquiriu uma repentina intensidade emocionante. — ... eu não quero que nada nos atrase...

Ela fechou os olhos. Se estivesse realmente com todas suas forças, encontrar-se-ia capaz de afastar a tentação. Mas estava doente e débil, embora soubesse em sua consciência que ela não

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

devia ceder...

Mas ela cedeu.

Seus lábios se fecharam ao redor da colher fria, e a percorreu com uma ligeira sucção, atraindo o doce gelado em sua boca.

Ah.

Oh... É o paraíso.

No princípio, o frio queimou seus lábios e língua, e os cristais do sorvete pareciam pequenas lascas de vidro. Mas então as agudas lascas se derreteram em um creme, e aliviou cada pequena escoriação com uma frieza deliciosa e um sabor delicioso, agridoce.

Engolindo, ela abriu os olhos para encontrá-lo oferecendo a ela uma segunda colherada. Este bocado ela aceitou com os olhos bem abertos, olhando extasiada ao seu olhar cálido e salpicado de âmbar quando a oscilação de uma dor aguda e de um intenso prazer incitavam novamente seus sentidos.

— Você gostou? — Ele perguntou, retirando lentamente a colher de entre seus lábios franzidos.

Se ela gostou?

Bel lambeu os lábios, decidindo. Ela não podia descrever a sensação como totalmente agradável, mas sabia de uma coisa.

— Quero mais.

Ele soltou uma risada rouca, um som mais gutural e áspero que sua risada habitual. Quando ele levou outro bocado à sua boca, Bel viu suas escuras pupilas dilatar de antecipação, seus lábios cheios se entreabrindo junto aos dela. Parecia que ele experimentava a mesma doce tortura que ela, enquanto o frio queimava e adoçava sua boca. Uma vez mais, retirou a colher de seus lábios.

E por alguma razão desconhecida, malvada, Bel se encontrou franzindo-os com mais força, desafiante. Para provocá-lo.

Ela lambeu os lábios outra vez, lentamente, desfrutando da forma em que o olhar dele se fixou em sua boca. Sim, ela se sentia forte quando suportava suas brincadeiras, mas quando o provocava... isto era poder.

E esta sensação subiu à sua cabeça, como o frio.

Quando ele falou, sua voz estava rouca.

— Posso provar?

— Sim — disse ela. Que falta de consideração dela, não oferecer à ele antes que tivesse que pedir. — Sim, é claro.

No entanto, ao invés de mergulhar a colher no sorvete novamente, Toby colocou o prato a um lado. E antes que Bel sequer soubesse o que estava acontecendo, sentiu suas mãos emoldurando sua mandíbula, e seu rosto se inclinando para o seu. E logo seu corpo estava alinhado ao dela, seus lábios cobrindo os seus, e sua língua... sua língua estava dentro de sua boca, incitando a dela. Saboreando-a.

Impressionada, Bel fechou os olhos. Isto era tão bom, que devia ser um engano. Ela precisava se afastar desta tentação. Ela não devia ceder.

Mas o fez.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

E descobriu que seu futuro marido era mais saboroso do que o chocolate.

Sua boca se movia com segurança sobre a dela enquanto sua língua se deslizava entre seus lábios, dentro e fora. O efeito era vertiginoso. Sua respiração se apressou em um pequeno soluço.

As mãos de Toby relaxaram onde estreitavam seu rosto e seus lábios se detiveram contra os dela em um beijo aparentemente inocente.

Ele estava oferecendo a ela a oportunidade de resistir. Uma oportunidade para se afastar. Mas como aconteceu com o sorvete, não estava satisfeita com uma só provada. Talvez a febre tivesse feito algo a ela.

Ela sabia que aquilo era um engano, mas queria mais.

Suas mãos se esticaram para rodear o seu pescoço, as entrelaçando com as mechas de seu cabelo, onde se encontravam com a sua gravata. Quando ele reatou o beijo, ela permitiu que seus dedos o explorassem.

Fazia tanto tempo que desejava tocá-lo desta forma! Seu cabelo era sedoso como parecia, e os músculos de seu pescoço eram deliciosamente sólidos. E sua pele... Quando ela deslizou um dedo debaixo de sua gravata engomada, descobriu que sua pele era suave e quente e um pouco úmida pelo suor. Uma nova emoção a atravessou, saber que debaixo de sua exterior confiança, ele era simplesmente um homem, bruto e elementar. E ela o fazia suar.

— Isabel...

Ele murmurou seu nome contra sua boca, deslizando as mãos até sua cintura e atraindo-a mais para ele. Quando seus seios encontraram seu torso, um pequeno gemido escapou dos dois. Mas desta vez, Toby não ofereceu nenhuma doçura, nenhuma possibilidade de retirada. Não, ele havia se convertido em um verdadeiro homem decidido, atraindo-a com mais força ainda, e tomando sua boca com uma ânsia possessiva.

Seu beijo era provocante e desesperado, o que era sem lugar a dúvidas adulador, o muito que ele parecia desejá-la. Sem importar o muito que ela oferecia a ele, ainda assim ele tomava mais, e mais.

Sua boca se movia uma e outra vez sobre a dela, empurrando a língua dentro e fora enquanto agarrava sua cintura com ambas as mãos.

E então...

Ah, e então.

Ele começou a deslizar uma das mãos para cima. Muito lentamente, muito sigilosamente. Seu polegar demorava em cada costela. Com cada centímetro seu toque deslizava mais para cima, e Bel se sentia cada vez mais segura de que ele logo pararia. Ele devia parar.

Mas ele não parou, e esta insidiosa e tentadora carícia viajou mais e mais acima. E dentro dela, alguma sensação proibida, alguma necessidade, começou a crescer também. Era como se toda sua consciência convergisse em seu ventre, seguindo o ondulante calor de seu toque. Sua respiração se tornou superficial, e seus dedos se apertaram em torno de seu pescoço. Em algum lugar de sua mente, uma voz estridente clamava pela sua virtude, mas não podia obedecer. A insuportável necessidade crescia de dentro para fora, seu toque, esta sensação, crescia, crescia... e crescia.

Seu polegar roçou a parte inferior de seu seio.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Oh. Oh, por favor.

Bel não fazia a menor ideia do que estava pedindo. Mas estava devolvendo o beijo à ele, arqueando seu corpo e derramando esta súplica sem palavras nos ligeiros movimentos de seus lábios e no hesitante roçar de sua língua.

Ele grunhiu no fundo de sua garganta e recompensou seu atrevimento com outra carícia gentil ao lado do seu seio.

Ela agarrou o seu pescoço mais apertado, e beijou-o com mais força. Dizendo à ele o que ela nunca poderia, nunca se atreveria, a dizer em palavras.

Oh, por favor, não pare. Por favor, faça isso novamente.

Seus seios doíam. Eles estavam pesados. Eles a incomodavam, essas cargas inúteis apertadas pelo espartilho, que usava desde os quatorze anos. E agora, por fim, eles pareceram despertar para algum propósito.

Seus mamilos se franziram em nós endurecidos, esticando-se contra seu sutiã. Endurecendo para ele. E doíam.

Ele poderia fazer algo melhor. Ela sabia que podia.

Oh, por favor. Oh, por favor. Oh por favor. Oh por favor.

A mão dele segurou seu peito. E ela esteve a ponto de gritar de alívio. Seu polegar encontrou seu mamilo, e o prazer cantou em suas veias e se aconchegou entre suas coxas. Tão intenso, que ela pensou que desmaiaria.

Com dedos hábeis, ele os acariciou e apertou, e Bel o beijou com cada grama de gratidão que possuía. Eles estavam pesados, muito pesados, mas agora ele tinha tomado esse peso com sua mão forte, suportando-o por ela. Aliviando sua dor.

Tudo aquilo era um erro. Mas era tudo o que necessitava. Ela o necessitava, e ele havia chegado, armado de chocolate, de beijos e com esse sorriso diabólico e provocante.

Ele era a tentação encarnada, e ela estava cedendo.

Finalmente.

Finalmente.

Com seu polegar, Toby novamente brincou com o seu mamilo endurecido, gemendo em sua boca. Há quanto tempo estava sofrendo por tocar estes magníficos seios? Desde a noite que se conheceram, há semanas, meses.

Uma eternidade. Meu Deus, quão maravilhosamente ela enchia sua mão, sua pele cálida e suave transbordava seus dedos. O desejo bombeava em seu sangue. Ele queria empurrá-la para trás no estofado, arrancar aquele sutiã de fina musselina e fechar seus lábios ao redor do casulo tenso de seu mamilo. Seu sabor seria maravilhoso. Esses gemidos eróticos que fazia agora contra sua boca... Ela os faria em voz alta.

Só pensar nisso o colocava frenético.

Se conteve, mais do que esperava. E agora a necessidade se apoderava dele, precisava se unir à ela, criar um lar para si mesmo e toda essa feminilidade exuberante e generosa, e nunca... nunca abandoná-la. E embora alguns fragmentos de razão de seu derretido cérebro insistissem que não havia nenhuma maldita maneira que pudesse desflorar Isabel ali, naquele momento, no

sofá de sua sala de estar... uma parte sua, claramente a mais básica, queria desesperadamente tentar.

Ela era dele, afinal. Eles se casariam em questão de dias, sem importar o que dissesse seus irmãos. O casamento deveria ser como estava previsto. Aquelas tinham sido suas palavras. A onda de orgulho triunfal só alimentava ainda mais o seu desejo. Ele amassava seu seio com avidez, desfrutando da forma em que ela se arqueava com seu toque, sem negar nada à ele. Finalmente, ela estava respondendo a ele, e não à sua tolerância com os mendigos ou a sua generosidade filantrópica. Por fim, ali estava a paixão que ele havia vislumbrado em seu primeiro encontro, toda aquela emoção contida que ela enterrava sobre as obras de caridade desinteressadas. Ela podia se esconder do mundo, inclusive dela mesma. Mas não podia se esconder dele. Ele a tinha ganho. Ela era dele.

E ela seria sua esposa.

E... ele seria maldito se roubasse sua inocência agora como um ladrão. Não quando logo pertenceria à ele por direito.

Com grande relutância, Toby se encheu de força de vontade e liberou o seu seio. Emoldurando seu rosto com suas mãos, ele se afastou suavemente. Sua respiração ofegante combinava com a dele.

Apoiando a testa contra a dela, ele sussurrou:

— Querida... Sinto muito. Em realidade, deveríamos parar.

Ele viu um rubor de culpa se espalhar por seu rosto.

— Eu sei... sei disso — ela disse. — É um engano. Eu sei, mas... — Ela mordeu o lábio. — Você me faz desejar coisas que sei que não deveria.

Com uma risada suave, ele deu um beijo suave em seus lábios.

— É curioso, não? E você faz com que eu queira fazer coisas que sempre soube que deveria fazer.

— Adequamo-nos um ao outro, não acredita?

— Magnificamente. — E ele dizia a sério. Os últimos minutos haviam banido qualquer preocupação a respeito de sua compatibilidade. Durante esse beijo, completaram-se absolutamente. Ele não pôde resistir a roubar mais um. E logo outro. Acariciando seu ouvido, murmurou: — É uma sorte que vamos nos casar logo.

— Oh, sim. — Ela se ergueu e se afastou, pondo distância entre eles. A paixão havia sido deixada de lado, e seu plácido comportamento habitual havia retornado. — Não podemos esperar mais.

Só desejaria que pudéssemos nos casar hoje. Espero que a data do casamento não interfira em sua campanha.

Toby piscou.

— Mi... minha campanha...

— Que pena, vamos ter que adiar a lua de mel. Mas espero que Lake District seja igualmente bonito em agosto, assim como seria em julho.

— Adiar a lua de mel? De que diabos você está falando? — Ele passou um dedo pela ponta de seu nariz, brincou: — Isabel, talvez a febre tenha te afetado mais seriamente do que

pensávamos.

Ela ficou rígida instantaneamente.

— O que você está sugerindo?

— Nada. — Ele a tranquilizou. — Nada absolutamente. — Ele deslizou a ponta dos dedos por sua mandíbula. — Mas Santo Céu, você fica tão linda quando se ofende... Eu simplesmente estou confuso, querida.

Não pense que estou conseguindo te acompanhar. Tenha piedade de um louco obcecado e me explique isso novamente, um pouco mais devagar.

Sorrindo de novo, ela pegou o periódico da mesa ao seu lado e o estendeu para ele.

— Você não ouviu nada sobre isso? Espera-se que amanhã o Príncipe Regente dissolva o Parlamento. Está em todos os periódicos. A votação se iniciará em poucas semanas.

Toby olhou o periódico que ela o entregou, tentando em vão formar uma resposta. Ela não podia estar falando sério. Isabel colocou uma das mãos em seu braço e seu olhar correu para se encontrar com o dela.

— Não é perfeito? — disse ela, um sorriso em seu rosto. — O nosso grande casamento seguido tão de perto por sua candidatura? Certamente seremos a fofoca não só de Londres, mas também de toda a Inglaterra.

E no final, você terá o seu lugar na Câmara dos Comuns, e eu serei... — Ela se ruborizou e baixou os olhos. — ... serei sua esposa. Serei Lady Aldridge.

Bom Deus. Ela estava falando sério. Ela esperava que adiassem a lua de mel para que ele se candidatasse ao Parlamento em umas semanas. Toby, por outro lado, não tinha nenhum desejo de se candidatar ao Parlamento em algumas semanas. Nem em alguns anos, neste caso. Não quando havia investido uma década, e com sucesso, em evitar essa mesma tarefa.

— Querida, não há necessidade de se apressar. Os governos vão e vêm. Nosso casamento só ocorrerá uma vez. Vamos desfrutar da nossa lua de mel, e então me candidatarei ao Parlamento na próxima vez que houver uma eleição.

— Mas para isso você terá que esperar anos...

Sim, precisamente.

— Além disso. — Ele continuou, — você esteve doente. Precisa de descanso e não a tensão de uma Campanha Política.

— Mas a perspectiva da campanha foi o que me fez sentir melhor! Assim que vi o periódico, estive decidida a recuperar minha força. Você precisa de mim para estar ao seu lado e trabalhar contigo.

Oh, Toby... — disse, com seus olhos negros brilhantes. — Pense em todas as coisas boas que faremos juntos.

Ele engoliu em seco e olhou novamente o periódico. Então havia sido aquilo que a fez ter esta rápida recuperação, sua determinação de recuperar a saúde e casar-se com ele como estava previsto...

A perspectiva de uma eleição. Não a perspectiva de estar com ele. Um sabor amargo encheu sua boca.

— Sinto muito, Isabel, mas não acredito que este seja o momento...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

O olhar dela se endureceu.

— O que você quer dizer? Pensei que você havia entendido quando nos comprometemos, que eu procurava um marido com influência política e social. Você me disse que poderia ser parte da Câmara dos Comuns.

— Sei, mas...

Ela imitou sua voz de barítono.

— "Inclusive eu poderia ter um banco na Câmara dos Comuns, mesmo sendo o humilde Sir que sou". Essas foram suas palavras.

— Sim, eu sei, mas...

— Mas, o quê? — Ela parecia estar à beira do pranto.

Ele tocou sua bochecha.

— Mas pensei que... havia algo entre nós. Algo real e inegável, e mais forte do que qualquer palavra pronunciada por descuido em um terraço. — Ele se inclinou para beijá-la.

Ela se afastou.

— Como desejo, você quer dizer?

Desejo? Toby conteve sua expressão, tentando não parecer ferido. Certamente, havia desejo... de seu lado, havia uma quantidade prodigiosa de desejo.

Entretanto, durante esse beijo... ele chegou a acreditar que havia uma emoção mais profunda debaixo desse desejo.

Evidentemente, as fantasias eram somente dele.

Ela negou com a cabeça, abaixando o olhar para o seu colo.

— Outras pessoas podem se casar por desejo, mas eu não. Por acaso não deixei claro para você desde o nosso primeiro encontro que eu quero me casar pela influência e a oportunidade de fazer o bem?

Se você não me oferecer isso, então talvez...

— Espere... — Ele colocou um dedo em seus lábios, silenciando-a. Querido Senhor, a garota estava muito perto de chorar. O desespero encheu suas vísceras. Isto não poderia acontecer novamente.

Primeiro Sophia o deixou plantado, e agora Isabel ameaçava fazer o mesmo. Não havia nenhuma dama da Inglaterra que pudesse arrumar para realmente se casar com ele como havia prometido?

Toby apelou para o orgulho que restava. Talvez ele pudesse dissuadi-la desta loucura.

— O que eu quero dizer é que não vai funcionar. A menos que você queira que eu compre um Condado decadente...

— Oh, não! — Ela abriu muito os olhos, horrorizada ante a sugestão de corrupção. Tal como ele imaginou que ela faria.

— Então eu deveria me candidatar contra o senhor Yorke. Alguém que ajudou ao nosso Condado fielmente durante anos, e além do mais, é um velho amigo. E também é muito popular.

— Popular? Mas sua mãe o odeia!

— Minha mãe é um caso especial.

— Não posso acreditar que alguém possa ser mais popular do que você. Você é o cavalheiro

mais popular da cidade.

— Da cidade, talvez. Mas os votos não virão das matronas da sociedade, Isabel, virão dos agricultores. E o senhor Yorke entende as suas necessidades.

— Assim como você, uma vez que tenha a oportunidade de escutá-los.

A querida e tola moça o olhava com grande expectativa nos olhos.

Ele se afastou, assustado. Não, isto era mais do que expectativa. Seus olhos possuíam um brilho de fé. Totalmente imerecida e completamente mau aplicada, mas era fé. Por algum milagre, ela acreditava nele.

Um novo sentimento. Que o fez sentir-se embebedado dele rapidamente.

— Você ganhará a lealdade deles — ela disse. — Tenho certeza de que não conheço nenhum cavalheiro mais persuasivo. Pelo amor de Deus, você acabou de me convencer a comer um sorvete.

Por não falar de... — Suas bochechas pálidas se avermelharam de vergonha. — Em qualquer caso, você é muito persuasivo.

Ela sorriu para ele com tanta doçura, que ele quase quis acreditar nela. Como se os agricultores respondessem ao seu encanto como as debutantes. Eles ficariam furiosos se tivessem que votar em Toby em detrimento a Yorke, embora Toby pudesse pagar altos subornos, o que Isabel nunca permitiria que ele fizesse. Esta ideia idiota de ganhar as eleições seria um fracasso.

Mas talvez isso fosse perfeito.

Mesmo que estivesse de acordo em se candidatar, ele perderia com toda a segurança. Isabel teria que dar crédito à ele por ter tentado, como a doce jovem que era, e Toby nunca teria que ser membro da Câmara dos Comuns.

Quando chegassem as próximas eleições, ela estaria ocupada com suas obras de caridade e, se Deus quiser, com um filho ou dois, e se esqueceria de tudo a respeito desta loucura do Parlamento.

Ele só precisava primeiro chegar com ela ao altar.

Prometa qualquer coisa para ela. A mantenha feliz. Faça-a sorrir.

— Muito bem, então. Farei isso.

O rosto dela se iluminou. Oh, aquele olhar valia qualquer sacrifício.

— Então você... — Ela perguntou. — ... se candidatará ao Parlamento?

— Sim. Vou me candidatar — ele disse, se deleitando com a sua emoção evidente. — Só não posso garantir que vou ganhar.

— É obvio que sim. Tenho total confiança em você.

Sim, Isabel. Mas por quanto tempo?

Toby inclinou a cabeça para roubar um último beijo dela e se encontrou sendo saqueado. Em questão de segundos, Isabel estava na metade de seu colo, explorando tentativamente sua boca com a língua.

Talvez não houvesse nada detrás de seu beijo, salvo um indício de desejo e uma fé equivocada, mas Toby não se atreveu a se queixar. Naquele momento, aquilo parecia ser mais do que suficiente.

E embora faltassem quase duas semanas para o casamento, ele fez uma promessa para si

mesmo, ali, naquele momento. Custe o que custar: fundos, má gestão, fraude pura e simples, ele encontraria uma maneira de fazer seu casamento durar.

Para sempre.

CAPÍTULO 08

— Pode esperar alguns minutos mais? — Perguntou Toby, enquanto o último acorde que a orquestra tocava chegava ao seu fim. — Esperava que pudéssemos ir falar com seus irmãos.

— Não posso, é a minha... — Isabel deu a ele um olhar de causar pena, então ficou nas pontas dos pés para sussurrar em seu ouvido. A delicada calidez de sua respiração fez o calor se agitar em suas veias.

— É minha bainha. Tropecei nela durante a quadrilha.

Toby sorriu. Era adorável como se envergonhava por algo tão sem importância como a bainha de um vestido.

Mas ele ficou enternecido por ela superar sua aflição e dizer a verdade à ele. Ele já havia escutado diversas desculpas femininas, inclusive indigestões enigmáticas, e mentiras era algo que ele não esperava de sua esposa.

E na verdade, ultimamente ele achava tudo nela adorável. Toby se sentia bem e estava totalmente perdido por sua futura esposa. E como poderia não estar? Tinha recebido olhares de admiração, de adoração, e pôde contar meia dúzia de donzelas sozinhas no salão de baile que o haviam observado com idolatria em seus olhos. Mas nenhuma daquelas jovens possuía os princípios e nem o critério de Isabel e nenhuma delas o havia olhado com tanta fé.

— Não se preocupe — ele disse. — Se sua bainha está solta não dá para perceber.

— Mas todos estão me olhando.

— É obvio que sim. Porque este baile foi organizado em sua honra.

— Nossa honra.

— Muito bem, nossa honra, mas você cometeu o imperdoável pecado de ser a mulher mais bela neste salão. — Ele colocou a mão na parte inferior de suas costas.

— Apenas três minutos com seus irmãos e te escoltarei até o salão de descanso das damas.

— Por que não vou agora para o salão de descanso, enquanto você conversa com eles? Tenho certeza que você não precisa da minha presença se quer discutir algo com eles.

— Ah, tenho certeza que você irá se surpreender. — E com aquele persuasivo sorriso, característico dele, ele a guiou para o canto do salão de baile onde nesse momento se encontravam os dois musculosos Graysons.

Na verdade, ele realmente não necessitava que ela fosse com ele. Mas aquela foi uma complicada manobra que ele planejou durante semanas e tudo aquilo era para o benefício de Isabel.

Não havia maneira de que ele permitisse que ela perdesse aquele momento triunfal.

— Reginald. — Ele chamou, dirigindo-se para Gray e Joss. — Gostaria de pedir sua

companhia por um momento?

— Sim, é obvio. — Com uma reverência amável para a Isabel, o cunhado de Toby se uniu ao grupo. — O que houve, Toby?

— Você lembra que eu te contei que o irmão de Isabel estava interessado em estudar direito, já que isso afeta o seu negócio de transporte?

— Sim, é claro.

— E você lembra da sua promessa para mim que o levaria ao seu escritório como um aluno?

— Certamente.

Toby dirigiu seu olhar para o canto.

— Pois permita-me apresentá-lo, então.

— Mas já conheço Gray. — Murmurou Reginald, enquanto caminhavam naquela direção. — O conheci na outra semana, no almoço de Lorde Fairleigh.

O sorriso de Toby se alargou.

— Boa noite. — Toby disse com um grande sorriso quando chegaram até os Graysons. — Gray, sei que já te apresentaram ao meu cunhado, o senhor Reginald Tolliver.

Os homens se saudaram mecanicamente, assentindo com a cabeça.

— Reginald. — Continuou Toby. — Permita-me te apresentar ao outro irmão de Isabel, o Capitão Josiah Grayson. Joss, este é o meu cunhado, um dos melhores advogados da Inglaterra. Ele concordou em supervisionar seus estudos jurídicos.

Reginald se recusou a demonstrar sua leve surpresa ao ver que seu novo aluno era em parte africano. Afinal de contas, não teria chegado a ser um advogado tão bem-sucedido se tivesse a característica de se perturbar facilmente.

No entanto, ele dirigiu um olhar ao Toby, insinuando que sabia que havia sido manipulado e não apreciava isso. E que seria a vez de Augusta e ele passar o verão na cabana Brighton por dois anos seguidos.

— É um prazer conhecê-lo, Capitão Grayson — disse Reginald. — Escutei muito a seu respeito.

Toby se moveu para o lado, dando espaço para que Reginald e Joss discutissem seus assuntos. Este movimento permitiu que ele se aproximasse de Gray, o que não foi inteiramente por acaso.

— Obrigado. — Murmurou Gray em um tom que indicava a Toby que não esperasse mais nenhum comentário a este respeito. Na verdade, aquela palavra era mais do que o suficiente. Se todas as observações do mundo fossem postas em uma lista de acordo com o prazer que dava à Gray dizer à Toby, ele suspeitava que esta lista seria encabeçada por:

"Eu gostaria de poder matar você pelo menos duas vezes", e a lista terminaria com algo assim: "me beije outra vez". E com certeza, apenas uma ou duas observações acima desta, estaria este "Obrigado".

— Por nada. — Replicou Toby em um tom magnânimo quando Gray quase já havia ido embora. Seu peito se inchou pela vitória até que ele desapareceu. Um puxão a sua manga o trouxe de volta à terra.

— Toby? — A voz de Isabel ressoou emocionada.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sim, querida? — Ele se virou para ela, preparado para receber uma enxurrada de gratidão e afeto.

— Posso ir agora reparar minha bainha?

Toby a olhou, e simplesmente sorriu. Acabava de assegurar ao mais insólito aspirante a advogado inglês à tutela do mais bem-sucedido advogado inglês, e a opinião de Isabel sobre ele não havia mudado nem um pouco.

Não estava impressionada, ou sequer agradecida minimamente. Porque ela não estava surpresa. Ela simplesmente esperava dele atos heroicos. Toby não conseguia decidir se essa resposta dela era levemente decepcionante, ou de alguma profunda maneira, extremamente satisfatória. Uma coisa era certa. Era intimidante. Para não dizer perturbador, a distância que ele se sentia preparado para percorrer, para ganhar o favor daquela dama. Ele quase desejava que um dragão lança chamas caísse do teto, só para ter o prazer de matá-lo para ela.

— Vá, então — ele disse, beijando sua mão. — Mas não demore.

— Não sei quanto tempo levará para arrumar — ela disse aflita. — Por que você não procura outra companheira para a próxima dança?

— Em um baile organizado em honra a nosso compromisso? Não. Não. Até que você retorne, não haverá outra dama para mim.

— Mas, minha querida senhorita Grayson, você certamente não está esperando que Toby seja fiel. — Reclinando-se cuidadosamente, Lady Violet tirou suas sandálias e apoiou seus pés descalços no braço do sofá.

Hetta Osborne desviou o olhar em uma tentativa de esconder seu desagrado. Entre o ofensivo comentário da Lady Violet e seu feio joanete no dedão de seu pé, os dedos da Hetta ansiaram por um bisturi.

Do canto da sala, Isabel bufou com raiva. Lady Violet balançou seus pés enquanto se abanava com seu leque dourado.

Um bisturi cego, se corrigiu Hetta.

— Vamos, somos todas damas aqui — disse a matrona mostrando seus dentes em um sorriso predatório. — É obvio que não falaríamos tão francamente no salão, mas a sala de descanso é o nosso santuário feminino.

Aqui devemos ser honestas entre nós. E honestamente, todas sabemos que Toby é incorrigível e adora flertar. — Ela olhou as damas reunidas. — Há aqui alguma dama que possa dizer que nunca caiu sob o seu encanto?

Impedida de se mover enquanto a costureira arrumava a sua bainha, Isabel esticou o pescoço, olhando de dama em dama. Sophia, Lucy e cada uma das mulheres da sala, encontraram um repentino interesse no tapete felpudo azul.

Bom, Lucy estava presumivelmente estudando o tapete, se é que ela conseguia espiar algo ao redor de sua enorme barriga de grávida.

— Eu não — disse Hetta de forma clara e honesta. De uma fria perspectiva, pude observar que Sir Toby possui feições perfeitas e um ar de boa saúde. Entretanto, nunca senti nenhum indício de atração por ele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Não por ele, pelo menos.

Lady Violet riu de uma maneira gutural e massageou seu dolorido joanete com uma das mãos.

— É obvio que você não sentiu. Você não conta. Sir Toby pode ser um playboy, mas tenho certeza que ele não é da classe dos que perdem tempo com criadas domésticas.

Antes de que Hetta pudesse despejar a indignação de sua mente para criar sua própria réplica, Lucy saltou em sua defesa. Tanto quanto uma enorme mulher grávida poderia saltar.

— A senhorita Osborne não é uma criada doméstica. Ela é minha amiga e está aqui na cidade como convidada do Conde de Kendall. E neste baile, é convidada de Lady Grace, a Duquesa do Aldonbury.

Lady Violet voltou a se abanar com desprezo com o seu leque.

— Se acalme, querida.

— Não me diga para me acal... — Começou Lucy.

— Realmente, Lucy, está tudo bem — disse Hetta, decidindo dedicar sua reserva de paciência em benefício de Lady Violet. Conhecia bem o temperamento explosivo de Lucy e sua gravidez avançada havia encurtado o seu pavio.

Não queria que aquilo virasse uma cena. — Tenho certeza de que Lady Violet não pretendia me menosprezar, a não ser elogiar à Sir Toby, de algum jeito estranho e retorcido.

— Exatamente isso. — Continuou Lady Violet. — Toby não se rebaixaria a procurar as sobras de uma criada.

Um bisturi cego e enferrujado.

— Apesar dele ter um bom apetite... Todos os homens têm.

— Isso é absurdo — disse Lucy. — Além de todos os argumentos sobre a honra e a fidelidade, não há razão para que um homem não possa sentir-se completamente satisfeito dentro dos limites de seu casamento.

Se ele e sua esposa se sentem atraídos, é obvio. — Sorriu timidamente a Lady Violet. — Nós, as damas, temos apetites, também.

Gargalhadas deslizaram pela sala.

Em um óbvio intento por escapar da conversa, Sophia se levantou de sua cadeira e se dirigiu para a mesa de refresco.

— O que acontece, Lady Grayson? Seus apetites a levaram a se afastar? — disse Lady Violet. — Pensei que seu robusto marido não tivesse problemas para satisfazê-la.

Pegando uma torta, Sophia dirigiu à mulher um pequeno sorriso.

— É obvio que ele não os tem. É por isso que estou tão faminta.

Os olhos de Lucy se iluminaram e ela aplaudiu.

— Sophia... Que pícara. Por que não nos disse algo antes?

A testa de Isabel se franziu em sinal de confusão.

— Não tenho certeza de saber sobre o que vocês estão falando.

— Tenho certeza de que não — disse Lucy. — Realmente, Sophia, você deveria dar "O Livro" à ela.

— Que livro?

— Nenhum. Nenhum livro. Não sei nada de livro nenhum.

Sophia dirigiu a Lucy um olhar desesperado, murmurando:

— Gray me mataria...

— Não, não o faria. É a melhor coisa na nossa condição. Uma completa imunidade para o desespero do marido.

— Que condição? Que desespero? Que livro? — Isabel bateu com o pé no chão. — Alguém poderia me explicar o que está acontecendo?

Hetta teve piedade dela.

— Sua cunhada está esperando um bebê.

— Oh, Sophia! — Exclamou Isabel. Começando a ir na direção da cunhada, mas a costureira a puxou fazendo-a parar. — Que maravilha! Mas o que tem a ver isso com um livro?

— Nada. — Replicou Sophia.

— Tudo — disse Lucy com ar de suficiência.

Agora Hetta estava começando a se sentir excluída.

— Por que nunca vi esse livro?

— Oh, porque o dei a Sophia antes dela chegar a Corbinsdale — disse Lucy. — E agora parece que ela o está monopolizando.

— Não há nenhum livro. — Insistiu Sophia, assinalando com o queixo a Isabel.

Isabel gemeu.

— Estou muito confusa. — A donzela liberou sua bainha e em um salto ela se uniu ao grupo. — Mas em um ponto tenho certeza, Lady Violet... Não importa qual seja a reputação de Toby, sei que ele é um homem decente e generoso. Porque inclusive hoje, ele fez acertos para que o meu irmão estude direito sob a tutela do marido de sua irmã, o senhor Tolliver.

— Gray quer estudar direito? — Perguntou Lucy.

— Não, não Gray. Joss.

O nome fez Hetta estremecer e tossir sua limonada.

— De verdade? — Perguntou Sophia. — E Toby conseguiu isso? Bom, isso é realmente algo. Gray esteve fazendo averiguações há semanas, sem êxito. Os esforços de Toby são uma adulação para você, Bel.

Não há rancor entre ele e seus irmãos.

— Sim, sim. — Se surpreendeu Lady Violet. — Ele está dedicado a assegurar o favor dela. Mas os homens se comportam bastante diferentes quando são pretendentes e mudam quando são maridos.

— Não os meus irmãos. — Protestou Isabel. — Ambos foram grandes favoritos entre as damas em sua juventude, mas agora Gray está dedicado a Sophia e Joss ainda está...

Hetta se levantou de seu assento e sacudiu suas saias.

— Senhorita Grayson, talvez deveríamos escutar a advertência bem intencionada de Lady Violet em relação à inconstância dos homens. Tenho certeza de que ela fala por sua própria experiência.

Dizendo isso, ela abandonou a sala. Não suportaria permanecer nem mais um momento ali. Talvez tivesse aversão às fofocas, ou simplesmente não queria escutar a verdade. Estava

familiarizada com o caráter sofrido dos viúvos, mais ainda, o de seu pai. Não estava com disposição para escutar Isabel exaltar a profunda devoção de Joss Grayson por sua esposa morta.

Mas agora que tinha escapado, para onde iria?

Mesmo vestida com um dos trajes de Lucy, Hetta se destacava na reunião como se fosse uma chaleira de estanho entre a porcelana. Muito antes dos comentários de Lady Violet, ela esteve muito consciente que por suas peculiaridades, seu acento e seu porte, era uma intrusa. Não teria vindo à festa se Lucy não tivesse insistido. Recusar, teria sido um gesto muito rude. E ela havia sido impulsionada por sua curiosidade também.

Era muito provável que aquela fosse uma oportunidade única de assistir um baile da sociedade.

Hetta suspirou, irritada com sua própria decepção. O que importava suas maneiras ou a alta sociedade?

Só havia um único e verdadeiro motivo para ela ter vindo.

— Está se escondendo, senhorita Osborne?

Hetta se assustou, quase colidindo com um vaso de barro.

— Não, é obvio que não. Não estou... — Sua voz foi se apagando à medida que girava para o homem que estava atrás dela. É obvio, que ela deveria saber que era ele. Reconheceu o profundo timbre de sua voz imediatamente, mas de algum modo não acreditou que ele estivesse ali até que girou e ficou com o nariz na altura do botão de seu colete. Elevando o queixo, ergueu seu olhar até os irônicos olhos de cor marrom escuro.

— Não estou me escondendo, Capitão Grayson.

— Sinceramente? — Replicou ele. — Só perguntei porque este me parece um lugar privilegiado para olhar para o salão, através desta barreira de folhagem. Dificilmente é um lugar para uma jovem dama caso ela deseje ser convidada para dançar.

Que cara de pau deste homem! Como se ela fosse receber algum convite para dançar. Mesmo assim, ela não poderia permitir que ele a pusesse nervosa. Hetta não era do tipo das mulheres que ficavam nervosas.

Mas então, tampouco era do tipo de mulher que se escondia atrás das plantas. Diabos!

— Não estava me escondendo. — Repetiu ela sem alterar a voz, disposta a dar tanto como recebia. — E você, está?

— De forma alguma.

— Então, parece um lugar estranho para que um homem, aqui detrás dos arbustos, encontre uma companheira para dançar.

— Por que você diz isso? — Ele fez uma careta. Não era um sorriso. — Encontrei uma, não é?

O coração da Hetta palpitou em seu peito.

— Você não quer dizer...?

— O que é que não quero dizer?

Maldito seja. Ele sabia. Sabia que ela se sentia envergonhada, que estava apaixonada por ele e agora estava zombando dela, justamente ali, na frente de todos. Ou melhor, ali atrás das plantas.

E agora ele sabia que ela ia se ruborizar, afinal de contas, sua pele era branca e cheia de

sardas, o que seria ainda pior. Oh, Senhor. Ela já estava escondida na folhagem. Para onde correria e se esconderia agora?

As mãos dele capturaram as dela. Nenhum dos dois levava luvas. A pele dele era suave e cálida, o que imediatamente a fez consciente de que a sua deveria estar fria.

— Dance comigo, senhorita Osborne.

— Mas não podemos...

Ele levantou as sobrancelhas.

— Por que não?

Porque ela estava fora de seu lugar. Porque ela não sabia o que fazer. Porque era irritantemente difícil respirar na presença dele. Por centenas de razões diferentes, tanto que sentia um formigamento em seu estômago, como vespas, as quais não se atrevia deixar escapar.

— Porque penso que não é uma boa ideia, só isso.

Ele ficou parado na pista de baile.

— Mmm.

Que tipo de observação era aquela? Estava de acordo com ela? Discutindo com ela? Deixando-a ir? Hetta esperou por alguma outra resposta menos enigmática. Mas não houve.

— Não estou com disposição para dançar esta noite — ela disse casualmente, tentando soar como se recusasse ofertas como aquela todos os dias. Isso devia dar por terminada a conversa.

Ainda assim, ele não respondeu. Entretanto, a mão da Hetta ainda permanecia na dele. Estava quente, começava a sentir-se confortável ali.

— Está bem — ele disse finalmente. — Não vou pedir que você desfrute disso.

Ele a puxou para o salão de baile e em alguns segundos a tinha apanhada em um abraço. Não havia forma de escapar sem fazer uma cena. E antes que Hetta percebesse, estava dançando. Ela, Hetta Osborne, cheia de sardas, filha de um simples médico, com pouca inclinação romântica e ainda menos graça, estava circulando pelo salão de baile nos braços de um cavalheiro alto e sensual. Ele a guiava tão agilmente que ela se esqueceu que mal conhecia os passos da dança. Quase esqueceu que tinha pés. Flutuava em seus braços e sua inteligência havia caído no chão encerado. Hetta não podia respirar.

Era uma pena, então, que seu parceiro desejasse conversar.

— Em breve vou começar meus estudos jurídicos — disse ele. — Com o cunhado do Sir Toby, o senhor Reginald Tolliver. Decidiu-se esta mesma noite.

— Sim, eu ouvi sobre isso.

— Sim? — Ele a olhou com o cenho franzido, em seguida fez um áspero som de irritação. — Deveria saber. Nada surpreende a imperturbável senhorita Osborne.

— Você queria que eu me surpreendesse?

— Suponho que não. — Passaram alguns compassos antes de que ele continuasse dizendo. — Não tem nada a dizer?

Que reação ela deveria ter? Se ele o dissesse, ela se veria tentada a responder. Se ele colocasse mais distância entre eles, ela poderia ser capaz de inventar alguma resposta.

— Eu não sei. — Sob a mão dela, seu ombro se esticou. Uma leve flexão de seu músculo provocou nela um perigoso estremecimento.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Eu pensei que talvez você se interessasse. Você está determinada a estudar medicina, apesar que a prática esteja restringida para você. Eu, decidi estudar direito, embora a prática dele também esteja restringida à mim. Temos algo em comum.

— Ah, sim? — Hetta tropeçou levemente enquanto giravam ao redor da orquestra. Desesperadamente, ela tentou não dar um significado profundo ao seu comentário. Ela lutava contra qualquer indício de esperança. Mas fracassou.

— E você deseja explorar nossos interesses em comum? — Aquilo foi o mais próximo a um flerte.

— Esta é a maneira mais simples de começar uma conversa, não é? Ressaltar os interesses em comum.

É obvio. Ele não quis dizer nada com aquilo. Tampouco queria impressioná-la. Ele não se importava com o que ela pensasse.

Parecia não se importar com o que qualquer um pudesse pensar sobre ele e isso era o que o fazia tão atraente. Durante a enfermidade de Isabel, Hetta havia falado diariamente com ele e o havia observado em companhia das outras pessoas. Diferente de seu despreocupado irmão mais velho, Joss Grayson não fez nenhum esforço para encantá-la e apenas fez algumas tentativas passáveis de cortesia.

Não dissimulava seu desdém geral de como contemplava o mundo, nem ocultava a constante dor em seus olhos. Ela nunca tinha conhecido alguém como ele. Esse homem era um gigante zangado, com uma ferida aberta e que não se importava que os outros a visse. Era um tipo de ferida que para a maioria das pessoas, era difícil olhar. Muita gente se afastaria daquela visão e o Capitão Grayson sabia disso.

Mas Hetta não era como as outras pessoas. Ela era uma médica e estava acostumada a ver o sangue e as marcas que deixavam o sofrimento humano. Não era difícil para ela olhá-lo. Pelo contrário, obrigava-se a desviar o olhar. Ele não era simplesmente atraente, era tremendamente desafiador. Sua mandíbula permanentemente rígida, os dentes apertados em uma imaginária correia de couro, como se procurasse força para realizar uma incisão. E seus olhos a fascinavam. Eram de um tom marrom brilhante mogno, e duplamente intenso.

Diabos. Ela estava olhando para ele de novo.

Ele esperava que ela falasse algo? Ela pigarreou.

— Então, você me convidou para dançar para poder conversar?

— Não. Se tivesse querido somente conversar, teria inventado uma dúzia de desculpas diferentes. Mas dançar, me oferece uma desculpa para tocá-la.

Seus dedos se abriram como um leque em suas pequenas costas, atraindo-a para mais perto. Hetta ofegou.

Ele notou.

— Vê? Um pequeno som como esse é mais do que gratificante. Agora, minha intenção é fazê-la tremer.

O pulso da Hetta trovejou em seus ouvidos. Ele não podia ter a intenção de cortejá-la, disse a si mesma com severidade, ou mesmo seduzi-la. Certamente havia algum mal-entendido, alguma outra explicação.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Mas, novamente, uma irracional e leve esperança não pôde ser reprimida. Flutuou alegremente em seu peito, evadindo todas as suas tentativas para esmagá-la.

Uma estranha expressão cruzou pelo rosto dele. Uma que nunca havia visto antes. Era um sorriso. Não só um sorriso, mas também um atraente e devastador sorriso. Esse sorriso poderia causar estragos em uma reunião de mulheres. Era uma sorte que ele o reservasse para algumas ocasiões.

— Por que está sorrindo? — disse ela de repente. Porque estava morrendo de vontade por saber e perguntar parecia a forma mais eficiente para descobrir.

— Desfruto de seu estado de choque.

Não era essa a resposta que estava esperando. Não era a resposta que queria escutar.

Pare com isso! Já basta de ter esperanças.

— Não estou chocada. — Mentiu.

E agora ele riu. Ele riu! Foi uma tensa risadinha enferrujada, pela falta de uso.

— Oh sim, está chocada. Chocada, ruborizada... e diria que talvez, mortificada? E isso é muito satisfatório de se observar depois de ver por semanas, sua fria competência. A insensível senhorita

Osborne prova ser humana depois de tudo. — Ele a fez dar uma volta em um giro e baixou sua voz. Com a respiração em sua orelha a incitou. — Me permita te dar um conselho. É perigoso para uma mulher cultivar esse ar de autossuficiência. Provoca insegurança nos homens. Desejamos vê-las ficar nervosas, indefesas, desmoralizadas. Dá-nos um perverso prazer incitá-las a esses estados.

— Então, você pretende me deixar nervosa?

— Sim.

— E se diverte com isso?

— Sim.

— Já vejo. — Para a sua desgraça, não pôde impedir que sua voz saísse cheia de calor. Que tola havia sido. Na verdade tinha acreditado que compartilhavam algo em comum. Até aquele momento, pelo menos, ele era alguém que poderia intuir a razão de seu comportamento frio. Alguém que poderia entender que Hetta devia trabalhar dez vezes mais duro que qualquer outro médico para ganhar pouco a pouco o respeito e não se atrevia a pôr em jogo sua reputação por algo tão depreciativo e feminino como era a demonstração de emoções.

Assim como Hetta podia ver através do duro e amargo exterior de Joss sem estremecer... Ela havia imaginado que ele poderia ver através dela também e descobrir seu coração.

Mas não. Ele não viu nada. Chamou-a de fria e insensível. Bom, para um coração de pedra, frio e insensível, o dela estava dando uma inacreditável impressão de se quebrar.

Oh, Hetta. Isto é sua culpa. É uma mulher inteligente. Deveria saber que aquilo não era mais que um sonho.

— Você... — Ela engoliu em seco. — Então você me despreza?

Ele se afastou e olhou para ela com aqueles duros e escuros olhos.

— Um pouco. Ou talvez simplesmente a invejo e me desprezo por isso.

— Me solte por favor. — Ela se retorceu em seu abraço. — Não desejo dançar mais.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Joss apertou seu braço ao redor da cintura dela, impedindo-a se de soltar dele.

— Vamos, senhorita Osborne. Estamos desfrutando de um momento agradável, aliás, você não desfruta deste comportamento escandaloso?

— O que você quer dizer?

— Você não notou? Todos estão nos olhando.

Ela não havia notado. Esteve completamente centrada nele. Mas agora que Hetta olhou disfarçadamente o salão, percebeu que muitos olhos seguiam seu progresso pelo salão de baile.

— Devemos formar um casal marcante — ele disse friamente.

Hetta considerou golpeá-lo.

— Mas certamente... — Ele acrescentou suavemente, — ... estou acostumado a ser objeto de curiosidade. As pessoas me olham muitíssimo.

Ele olhou para ela, enquanto a conduzia para um canto vazio do salão de baile.

— Você também me olha muitíssimo, senhorita Osborne, porquê? Sou um objeto de curiosidade para você?

Oh, por que os piores cinco minutos de seu ano tinham que acontecer todos em série? Hetta se plantou. Ele não a faria dançar um só passo mais.

— Por que está fazendo isto comigo? O que fiz a você?

— Você me inquieta — disse ele, agarrando forte seu pulso que chegou a doer. — Então pensei em te devolver o favor. Então, me diga, você gosta de ser um espetáculo público?

O que sente ao saber que será a fofoca no salão de descanso das damas: "A senhorita inglesa branca de bochechas rosadas dançando nos braços de um bastardo mestiço"?

O quê? Como se a uma mulher como Lady Violet importasse que classe de homem dançaria com Hetta. Como se Hetta se importasse com o que Lady Violet se dignasse a falar.

— Sim, estou me sentindo desconfortável — disse Hetta sussurrando com veemência, arrancando seu braço do dele. — E isso não tem nada que ver com a censura de outros, e tudo a ver com o meu próprio e triste erro de julgamento.

Não sou "uma senhorita branca de bochechas rosadas", capitão Grayson. Sou uma mulher, com um nome, uma educação e uma profissão e mesmo depois desta noite humilhante, afirmo que ainda tenho um pingo de dignidade.

E no que diz respeito a você... pensei que fosse um cavalheiro.

Uma estranha emoção cintilou em seus olhos.

Hetta não ficou tempo o suficiente para decifrar esta estranha emoção. Ela recuou, desesperada para escapar. As plantas já não eram uma opção, mas certamente em algum lugar deveria haver algum buraco escondido ou uma varanda cheia de insetos onde ela pudesse, em privado, cair em pedaços.

— Obrigada — ela disse a Joss, tropeçando. — Por me mostrar quão verdadeiramente bastardo você é.

CAPÍTULO 09

Isabel não tinha a intenção de ir em busca do tal livro.

Sinceramente não tinha. Encontrou-o praticamente por acidente.

Sophia e Gray estavam naquela noite assistindo a outro baile. Bel havia ficado em casa, presumivelmente para descansar, mas se encontrou incapaz de dormir. Quanto mais perto estava o dia de seu casamento, mais crescia sua sensação de excitação nervosa. Ridículo, realmente. O casamento estava destinado a ser solene, um acontecimento tranquilo entre um homem, sua noiva e Deus. A pompa e a ostentação extravagante que acompanhavam à cerimônia eram para atrair a atenção pública, não para aumentar a vaidade própria de Bel.

Entretanto, quando apoiou a cabeça sobre o travesseiro à noite e fechou os olhos, não pôde evitar que sua imaginação repassasse as pérolas de seu vestido, no bordado de renda belga de suas sapatilhas de seda e nas flores de estufa que levaria... Quatorze flores de laranjeira!

Não, ela não podia dormir absolutamente.

Relutante a despertar à criada a essa hora tardia, Bel se levantou de sua cama e se dirigiu até o dormitório de Sophia. Ela sabia que sua cunhada teve problemas similares para encontrar o sono nestes primeiros meses de sua gravidez e a senhorita Osborne havia dado alguma beberagem para ela dormir. Embora a insônia de Sophia fosse pelas sequelas do casamento e não a antecipação do mesmo,

Bel raciocinou que a beberagem também poderia ajudá-la.

À luz de uma única vela, com cautela procurou nas gavetas da penteadeira de Sophia. Não encontrando nada, salvo pendentes e escovas para o cabelo, moveu-se para a pequena mesinha de cabeceira.

A gaveta se abriu sem ruído, revelando a garrafa azul tampada com uma cortiça, que continha a beberagem para dormir e...

Um livro.

O Livro.

Aquele deveria ser o livro, que Lucy falou insistentemente e de uma maneira igualmente insistente, Sophia negou existir.

Inclinando a encadernação de couro até que as letras em relevo captaram a luz da vela, leu o título em um sussurro. "As Memórias de uma Leiteira Licenciosa".

Oh, Meu deus.

Bel reconheceu que aquele momento era uma daquelas pequenas provas que a vida apresentava de vez em quando. Ela estava sustentando o livro na mão, e agora devia decidir o que fazer com ele.

O correto, suspeitava, seria colocá-lo de novo na gaveta, pegar a beberagem para dormir e retornar ao seu dormitório imediatamente.

Mas então, ali estava uma daquelas pequenas ironias que a vida apresentava, de vez em quando. Saber o que precisava fazer era muito mais simples à luz do dia, com as pessoas olhando e qualquer potencial arrependimento totalmente iluminado. Quando estava sozinha a meia-noite em um dormitório a luz das velas, e todo o futuro mais à frente do momento presente, tudo era vago como as sombras... discernir o curso correto, ou, melhor dizendo, segui-lo, era

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

consideravelmente mais difícil.

Uma parte dela, muito grande e muito curiosa queria abrir o livro. E foi isso o que fez.

Começou inocentemente. Havia um texto impresso, e depois havia ilustrações feitas a pluma e tinta, que pareciam ter sido inseridas depois da impressão. Ao mesmo tempo, as palavras e as imagens contavam a história de um cortejo entre uma leiteira e seu empregador cavalheiro. A leiteira possuía uma roliça figura arredondada, que imediatamente agradou a Bel. E talvez imaginava, mas o pretendente cavalheiro tinha uma ligeira semelhança com o Toby: magro, arrumado, classicamente bonito.

Sentindo-se segura, Bel fixou sua vela em um candelabro e se acomodou na beirada da cama para continuar lendo.

Os primeiros encontros dos amantes eram quase doces, pensou, apesar de sua falta de inclinação geral para o romance. Um beijo na mão aqui, uma palavra carinhosa... Ela se atrasou em mais de uma representação do casal em uma encantadora cena pastoral, a campina de fundo e acima, umas nuvens diáfanas. Aqueles traços hábeis, ligeiros, a atenção aos detalhes... era uma sensação estranha, mas Bel sentia que aquele estilo de ilustração era familiar.

Sentindo-se segura de que haveria uma iminente proposta de casamento, Bel ansiosamente virou outra página... e quase deixou cair o livro.

O romance doce e tortuoso da leiteira havia dado um giro brusco, muito carnal, diretamente para a ruína. Ali estava ela na leiteria, recostada contra o balcão de ladrilho, com as saias subidas até os joelhos, enquanto o cavalheiro tocava um peito nu. Bel rapidamente procurou nas páginas anteriores. Não, não havia nenhuma proposta de casamento. Sentia-se mais do que um pouco decepcionada com o caráter moral da leiteira, com quem chegou a se identificar. Mas claro, tendo em conta a palavra "licenciosa" no título, talvez deveria ter se preparado para isso. Inclusive o cavalheiro, agora, parecia diferente nesta ilustração, menos refinado, mais sombrio e mestiço.

Apesar disso, virou outra página com grande curiosidade. Não era uma curiosidade de caráter lascivo, é obvio. Isto era um interesse puramente acadêmico.

A mão do cavalheiro no seio da dama... bem... isto Bel já havia experimentado. Mas ela ia se casar em menos de uma semana, e tudo o que enchia as páginas seguintes poderia ser de muito valiosa educação.

Os comentários da Lady Violet ainda a atormentavam. Toby tinha uma reputação de libertino. Certamente era um perito no que Deus concebeu como um ato conjugal, apesar de não ter se casado.

Tinha muito medo de decepcioná-lo com sua ignorância e falta de aptidão. Ela tinha ainda mais medo de ser traída, o adultério era um pecado ainda maior do que a fornicação, caso os seus esforços não o satisfizessem.

Isso era tudo. Ela estava lendo o resto do livro pelo bem da alma de Toby. Certamente, não para saciar sua própria curiosidade depravada.

Com dedos desajeitados, folheou as seguintes páginas impressas, apenas tocando o texto. Um sussurro estranho fez com que se sobressaltasse, até que percebeu de que era seu próprio fôlego rouco. Finalmente chegou a seguinte ilustração.

Que educação. Havia toda a classe de partes do corpo desenhadas, masculinas, femininas,

mas ficaram como afortunados borrões na visão periférica de Bel quando seu olhar estudou o rosto do cavalheiro.

Ela percebeu que, pela primeira vez em vários capítulos, que a ilustração mostrava uma vista completa do rosto do herói. Um rosto diferente do que havia nas primeiras páginas do livro.

Esta figura se parecia muito com seu irmão.

Oh, céus! Era ele. Era o rosto de Gray. E estas ilustrações eram da mão artística de Sophia... por isso o estilo havia parecido muito familiar a Bel.

Com um grito de horror, ela fechou o livro de repente e o jogou na gaveta. Levantou-se da cama, esfregando-as mãos com força por seus braços. Sem se importar com a hora, tomaria um longo banho, Bel se sentia suja.

E bem, na verdade deveria, por espiar por entre os objetos pessoais de sua cunhada. Deveria saber que aquilo era incorreto.

Não era de se admirar que Sophia tivesse resistido a todas as referências de Lucy para dar o livro à ela. Como podia, depois de tê-lo enchido com ilustrações de uma natureza tão... tão privada?

Bem, se Bel havia procurado uma educação, certamente tinha aprendido a lição. Ela tomou uma decisão naquele momento. Que toda instrução adicional sobre as relações conjugais viria de seu marido, e só de seu marido.

Ela não necessitava desse livro, nem de nada parecido.

— Espantoso! — Murmurou, referindo-se ao seu próprio comportamento. Com um firme empurrão, fechou a gaveta da mesinha.

Um momento depois, abriu-a novamente.

Poderia não necessitar desse livro, mas uma coisa estava clara. Agora tinha uma necessidade desesperada da bendita beberagem para dormir.

Quinze minutos antes que começasse seu casamento, Toby estava parado na dependência de St. George de Hannover, vestido com um fraque de grande qualidade e um amplo sorriso idiota.

Centenas de convidados que representavam a nata da sociedade inglesa abarrotavam os bancos da igreja, todos estavam esperando ver o solteiro libertino finalmente se casar. E ele não iria decepcioná-los.

Estavam convidados a um espetáculo de flores, rendas e pérolas como nunca se viu em Londres e a um café da manhã de casamento tão ricamente enfeitado que estariam saboreando-o durante semanas.

E no centro de tudo, ia brilhar uma legendária beleza sem igual: Isabel.

Sua Isabel.

Toby alisou a manga de seu fraque. Estava decidido a apresentar um exterior tranquilo, mas por dentro cantarolava em antecipação. Esta manhã, ele reivindicava uma vitória pública. E esta noite, em privado, reclamaria seu prêmio.

A menos que houvesse uma crise de última hora, aquele seria um dia bom.

Quando Gray entrou na dependência e lançou um olhar de irritação para ele, o sorriso de

Toby só aumentou. A presença de Gray significava que Isabel havia chegado à igreja, a raiva em seus olhos significava que o casamento aconteceria.

Sim. Aquele seria um dia muito bom.

— Não posso acreditar que farei isto... — disse Gray, andando pelo pequeno local. — Ainda não consigo acreditar que vou entregar minha irmã à você.

Toby o observou com satisfação.

— Pensei que era o dever do noivo passear de lá para cá inquieto. Vamos lá, Gray. Não é tão ruim assim. Você faz parecer como se eu estivesse levando-a para a guilhotina.

— É sua cabeça que eu gostaria de ter em uma bandeja. — Gray deixou de andar e o perfurou com um olhar ameaçador — disse à você a alguns meses... que a mantivesse feliz ou não haveria casamento.

Toby sentiu como se seu estômago tivesse caído aos seus pés.

— Isabel não está feliz?

— Não. Ela não está feliz. Ela está em um maldito estado de êxtase! E eu te odeio por isso.

Toby cobriu seu suspiro de alívio com um sorriso.

Gray continuou:

— Depois de hoje, não tenho nenhuma ameaça para lançar sobre a sua cabeça. Bem, suponho que sempre poderia te matar — disse isto com um gesto insultante e indiferente de sua mão que sugeria que despachar

Toby custaria tanto esforço quanto esmagar um mosquito. — Mas não estou disposto a fazer da minha irmã uma viúva aos vinte anos de idade.

— Eh... Obrigado? Eu acho.

— Maldito seja, estou falando sério. Depois de hoje, não posso te ordenar que a mantenha feliz. — Gray se aproximou dele. — Então, já que não posso te ameaçar mais... porra, eu te imploro isso.

Ela é a minha irmãzinha. Minha única irmã. E esta manhã, ela estava mais feliz do que eu nunca vi em sua vida. — Ele cravou um dedo no peito de Toby. — Não foda com isso.

— Meu Deus, homem. Acho que você está quase chorando.

Gray ficou desconcertado.

— Não, não estou.

— De verdade, juro. Seus olhos estão brilhantes — Toby levou seu dedo à um canto de seu olho. — Olhe, aqui... uma pequena lágrima prestes a cair...

— Vá para o inferno! — Gray girou sobre seus calcanhares, fazendo um gesto de passar a mão pelo cabelo antes de deslizá-la disfarçadamente sobre seus olhos.

Toby sentiu uma pontada de compaixão pelo homem. Talvez aquela tenha sido uma forma ruim de tripudiar dele quando já havia ganho a batalha.

— Escute... — ele disse. — Você não tem nada com o que se preocupar. Ninguém quer ver mais Isabel feliz do que eu.

Gray deu a ele um olhar de total descrença.

— Não. Estou dizendo isso a sério. — Toby disse lentamente, tão surpreso quanto ele, por perceber que estava dizendo a verdade. — Sei que você não consegue acreditar nisso.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ela foi sua irmãzinha por toda a vida, enquanto foi minha noiva só por alguns meses. Não espero que você acredite em mim, mas te digo honestamente, não há nada mais importante para mim do que ver Isabel feliz. Nada.

Gray fez um som de zombaria.

Pelo bem de ambos, Toby decidiu aliviar o ambiente.

— Veja desta maneira. Você não está perdendo uma irmã, está ganhando um irmão.

— Deus. Agora sim eu vou chorar. — Recompondo-se, Gray dirigiu a Toby um sorriso de superioridade. — Bem, é melhor eu voltar para perto de Sophia. Você sabe, a minha esposa.

— Oh, não. Isso já não funciona mais. Não tenho inveja de você. Como poderia ter, tendo em vista de como resultou tudo isso? — Pela segunda vez, no espaço de um minuto, a honestidade impulsiva de Toby chegou como uma revelação.

Era verdade. Quaisquer que fossem os sentimentos contraditórios que Gray causava à ele, o ciúme já não era uma parte deles. — Mas, ainda acho que Sophia é boa demais para você.

— É obvio que ela é. Não sou um tolo.

— E eu sei que podemos concordar que Isabel é simplesmente boa demais para este mundo. — Sorriu Toby. — Não há mais alternativa, Gray. Acredito que teremos que nos dar bem.

Gray encolheu os ombros como se a ideia enviasse calafrios por suas costas.

— Vamos. — Insistiu Toby desfrutando muito daquele momento. — Sou um tipo amável. Sou amigo de todos. — Ele abriu os braços e inclinou a cabeça para um lado. — Um abraço fraternal?

— Oh, por amor a Cristo. Eu preferiria cortar minhas bolas. — Gray foi para a saída, deixando os braços de Toby suspensos no ar. Parou na porta pelo tempo suficiente para repetir aquelas palavras de encorajamento:

— Não foda com isso!

Não foda com isso, sinceramente... Que conversa esclarecedora. Durante todo este tempo, Toby havia se focado em acertar as contas com Gray... só para descobrir que tinham emergido como aliados.

Em algum momento de seu compromisso, em algum lugar em meio a implorar, encantar, persuadir e mentir para ganhar a aprovação de Isabel, ela foi se arrastando diretamente para o seu peito e fez um lar ali.

Para ser honesto, também poderia ter tido algo a ver com o momento em que seus dedos se meteram em seu sutiã...

Em qualquer caso, o jogo tinha mudado. Já não queria ajustar contas com Gray ou mitigar seu próprio orgulho ferido. Acostumou-se aos encantadores sorrisos de Isabel e a suas expressões de bondosa alegria.

Chegou a alimentar-se de sua doce fé, da perfeita confiança em seus olhos quando ela o olhava. Agora não podia imaginar sobreviver sem ela, mais do que podia imaginar sobreviver sem ar ou sem comida.

Não importava se seu irmão acreditava ou não, Toby realmente queria, mais do que nada, fazer feliz a sua esposa.

O que significava cumprir suas promessas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Meu Deus.

Todas elas. Cada maldita promessa.

A porta se abriu novamente. Toby olhou, esperando ver Jeremy, preparado para assumir seu papel de padrinho. Em troca, entrou um amigo muito mais antigo, em mais de um sentido.

— Senhor Yorke. — O saudou Toby. — Que surpresa agradável. Veio me dar conselhos de última hora?

— Que tal este conselho? Fuja. Está cometendo um terrível engano. O casamento é para as virgens e os tolos.

— Então foi por isso que você se manteve solteiro por todos estes anos. — Toby começou a rir. — Incrível.

O velho soltou um profundo suspiro.

— Não achava que seria capaz de te dissuadir. Mas pensei que valia a pena tentar, só para presenciar o ataque que teria uma tal mulher quando visse que o casamento de seu filho não aconteceria pela segunda vez.

— O senhor Yorke tirou um pequeno frasco de couro de seu bolso. — Então já que está decidido a seguir adiante com isto, talvez necessite de um certo estímulo de forma líquida?

Toby agarrou o frasco com gratidão.

— Em realidade, acredito que sim — Ele se apoiou no batente da janela de pedra e fez um gesto ao Sr. Yorke para que se unisse a ele. — Percebe que já se passaram uns bons quinze anos desde que ela me repreendeu por beber?

Espero que não esteja esperando irritá-la com isto. — E bebeu um gole de brandy.

— Bem que eu queria... Falando dessa mulher...

— Você sabe que, "essa mulher" é a minha mãe. Sem mencionar, uma dama.

— Essa mulher acabou de me contar outra de suas perniciosas mentiras. Disse-me que você vai se candidatar contra mim nas eleições. Que tem a intenção de competir por meu banco no Parlamento.

Isso foi o que ela disse! Sei que deve ser uma mentira.

— Bem... — Hesitou Toby. Ali estava uma daquelas promessas, voltando para assombrá-lo. — É verdade, havia planejado...

— Quer saber como sei que isso é uma mentira? Além do fato de que você não tem nenhuma esperança de ganhar, é obvio. — Yorke pegou novamente seu frasco e bebeu um gole. — Essa mulher me disse que você se candidataria como um Whig[7].

— Bom, temo que essa mulher esteja dizendo a verdade. Mas posso explicar. Veja você...

— Argh! — Yorke bebeu todo o brandy e atirou bruscamente o frasco no chão. — Honestamente. Como um Whig, Toby? — Ele falou isso de uma forma que parecia: Até tu, Brutos[8]? — Não te ensinei nada?

Seria diferente se você quisesse começar na política no lado correto. Eu te aceitaria sob o meu amparo e encontraria um Condado para você. Infernos, eu mesmo teria nomeado você. Mas depois de todos estes anos, de todas as vezes que deixei você curar sua ressaca em meu celeiro, te

[7] *Whig: Membro de um grupo político britânico que originou o Partido Liberal a partir de 1868*

[8] *"Até tu Brutus?": Expressão de espanto direcionada a um amigo fiel que foi descoberto como traidor.*

permiti a caça furtiva de perdizes em minha floresta, assim é como você me paga? Se transformando em um Whig?

— Eu sei, eu sei. É uma tragédia. Terei que começar a frequentar o Brooks[9]. — Toby colocou uma das mãos sobre o ombro de Yorke, fazendo uma avaliação rápida dele e de sua amizade de toda uma vida.

O velho tinha razão, Toby devia a ele algo melhor do que isto. Devia muito à ele. Recordou mais de uma formosa tarde pescando trutas no arroio entre suas terras, e recordou várias ocasiões quando seu vizinho o tirou de alguma confusão.

O que ele não recordava, era precisamente quando Yorke havia se tornado tão velho. O cabelo branco do homem tinha diminuído consideravelmente nos últimos anos, e as linhas de sorriso, sempre sutis, agora tinham se aprofundado em sulcos permanentes.

— Dê-me um momento para explicar... — disse Toby. — Não foi ideia da minha mãe, e sim da minha linda noiva. Ela é uma garota de muitos princípios e eu não a mereço absolutamente.

Deseja de todo o coração que eu me candidate ao Parlamento, sabe-se Deus porquê. E prometi à ela que me candidataria em um momento de debilidade... De grave debilidade.

— Ah... — disse Yorke de forma significativa. — Enquanto seu juízo ia para o sul de férias?

— Algo assim — disse Toby. Seu juízo começou a empacotar seus baús para uma nova visita, apenas com esta lembrança. — É obvio, expliquei a minha noiva sobre sua longa história de serviço e sua popularidade sem precedentes com os eleitores. Informei-a que não tenho nenhuma esperança de ganhar, mas temo que ela esteja decidida que eu pelo menos tente. E como o tolo cativado que sou, decidi agradá-la.

— E criar problemas para mim.

Toby levantou as mãos em um gesto exagerado.

— O que posso dizer? Ela é linda.

Yorke deu uma gargalhada.

— Ela é uma beleza rara, é o que ela é.

— Entendeu a minha posição? E vou me casar com ela em questão de minutos. Não posso simplesmente arruinar isso na primeira semana, sequestrando-a para Lake District ao invés de cumprir minha promessa de me apresentar em Surrey.

— Não será uma boa lua de mel, não é? Não entendo isso.

— Sei que não entende. Mas não se preocupe, eu não vou apresentar qualquer oposição real. Depois de apresentar minha candidatura, ficarei completamente longe da tribuna. Tão logo Isabel entenda o quão bem você representa ao Condado e a fé que os eleitores têm em você, ela se recuperará da decepção. Enquanto isso, farei o meu melhor para encontrar outros métodos para mantê-la ocupada.

Yorke dirigiu à ele um olhar alegre.

— Sem dúvida.

— Está vendo? Não há nenhuma necessidade de se preocupar.

— Quem está preocupado? — Pigarreou o velho. — Não é como se eu tenha concorrido sem nenhuma oposição todos estes anos, você sabe. Sei algo sobre superar candidatos inoportunos.

[9] *Brooks: Clube de Cavalheiros frequentado por Wighs da mais alta posição social.*

— O louco Montague não conta. Não me jogue isso na cara.

— E... — Continuou Yorke sem se alterar, — ... isso me dá uma oportunidade a mais para frustrar as maquinações daquela mulher. Ela ficará muito decepcionada quando você perder.

Toby sorriu.

— Sem dúvida. Você não vê? Cumprirei minha promessa de me candidatar ao Parlamento, e você manterá seu lugar. Farei feliz a minha noiva e você continuará fazendo miserável a minha mãe. É a solução perfeita, para todas as partes.

— Enquanto as mulheres não perceberem, não é?

Toby deu um tímido puxão em sua orelha. Talvez não seja um começo promissor para um casamento conspirar para enganar a sua futura esposa, alguns minutos antes da cerimônia. Mas, assim que se casassem, ele possuía a firme intenção de se empenhar para merecer a boa opinião de Isabel sobre ele. Em seus próprios termos, com algum esforço de sua própria escolha. Sem dúvida, ele poderia encontrar alguma forma de ser útil, uma que não envolvesse meninos abandonados sujos de fuligem ou sessões que o obrigassem dormir no Parlamento. Um método que não o obrigasse a derrotar em público a um respeitado velho amigo.

Rindo, Yorke estendeu a mão para ele.

— Eu gosto de sua forma de pensar. Muito bem, então. Em maio, que ganhe o melhor.

— Exatamente — disse Toby, sacudindo-a.

— Na verdade — disse Jeremy, de pé, impaciente na porta, — o melhor homem está aqui. E está cansado de se defender dos olhares ansiosos do sacerdote, dos irmãos da noiva e da mãe do noivo.

Podemos colocar esta coisa em movimento? — Lembrando as boas maneiras, acrescentou uma desculpa mecânica para o homem de mais idade. — Se nos desculpar, senhor Yorke.

Toby ficou parado, puxando para baixo a parte da frente de seu colete.

— Esta é a sua última oportunidade para mudar de ideia — disse Yorke. — Tem certeza que você quer fazer isto?

— Sim. — Respondeu Toby, para todas as perguntas implícitas. — Sim, tenho certeza.

CAPÍTULO 10

Ante o golpe na porta que ligava os quartos, Bel quase saltou de dentro de sua pele. Era um absurdo, ser surpreendida por um evento o qual estava parada, esperando. Seu coração martelou em suas costelas e seus olhos percorreram o quarto descontroladamente. Deveria esperá-lo na porta? Deitada na cama? Correr para o seu armário e se esconder?

E ela que havia pensado que a cerimônia de casamento seria exaustiva para seus nervos. Desfilar pelo corredor da Igreja de St. George sob o escrutínio de centenas de pessoas? Isso não era nada, comparado a esperar que seu marido fosse à ela em sua noite de núpcias. Ao menos na igreja ela sabia em que direção caminhar.

No final, fez o que sempre fazia quando o choque a deixava imobilizada. Ficou quieta.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

A porta se abriu completamente e Toby adotou uma pose casual, apoiando um ombro contra o marco da porta.

— Boa noite, Lady Aldridge.

Ele ainda estava vestido com a mesma calça listrada que havia usado na cerimônia, embora seu paletó, colete e gravata haviam desaparecido. Bel desviou o olhar do colarinho aberto de sua camisa, para enfocá-lo na única parte estável de sua aparência: Aquele encantador sorriso juvenil.

Ela tentou sorrir para ele enquanto instintivamente envolvia os braços ao redor de seus seios e segurava as bordas de seu robe de renda. Como invejava sua segurança natural em qualquer situação.

Através da cerimônia, no café da manhã de comemoração do casamento, sua chegada ali em Aldridge House, e inclusive em seu primeiro jantar como marido e mulher, ele havia sido o epítome do equilíbrio.

Bel havia permanecido perto, ao seu lado durante todo o dia, rogando para que um pouco de sua segurança pudesse se prender à ela. Talvez, pensou, esta mesma estratégia pudesse servir bem esta noite.

Talvez, ela soubesse em que direção devia caminhar. Na verdade, bastava fazer o mesmo que fez na igreja.

Caminhou para ele.

O sorriso dele aumentou enquanto ela se aproximava. Bel sentiu aumentar o seu próprio sorriso também.

— Boa noite, Sir Toby — ela disse, parando a centímetros dele.

O braço de Toby envolveu sua cintura e a empurrou fortemente para ele para um beijo. Foi o mais breve e casto dos beijos, mas de algum jeito, mais íntimo que qualquer beijo que tivessem compartilhado antes.

Este não era o beijo de um noivo, e sim o beijo de um marido. Confortável, autoritário... e em algum estado de nudez.

Antes que Bel tivesse oportunidade de recuperar o fôlego, ele soltou sua cintura e passou por ela caminhando para o quarto. Agora, foi ela que precisou ficar apoiada contra o marco da porta para se sustentar.

— Já te disse... — Ele perguntou pegando o atiçador e avivando o fogo, — ... o quão imensamente orgulhoso você me deixou hoje?

— Sim. Já disse. — Ela respondeu sorrindo para si mesma. — Várias vezes. — No faetón, depois da cerimônia. Depois novamente, sussurrando em meu ouvido durante o café da manhã em comemoração ao casamento.

E uma vez mais, no jantar. — E começo a acreditar em você.

— Bem, me assegurarei de dizer isso à você várias vezes mais, para que não haja nenhum mal entendido. — Ele deixou o atiçador em seu lugar, e se encontrou com ela no centro do quarto, segurando suas mãos nas dele.

— Sinceramente, Isabel. Sou o cara mais afortunado da Inglaterra. Enquanto viva, jamais esquecerei quão encantadora você estava esta manhã.

Uma vez mais, Isabel desejou ter a sua facilidade de palavras. Ela também queria adulá-lo,

dizer que ele havia sido o mais elegante dos noivos imagináveis. Que havia roubado o seu fôlego com sua radiante beleza masculina.

Que esteve desejando seus beijos todo o dia, e que com este ligeiro roce de seus lábios contra os dela, fez seu corpo inteiro zumbir de desejo.

— Toby, eu... — Oh, como amaldiçoava sua torpe língua! — Também me sinto afortunada. — O olhou fixamente, esperando que seus olhos expressassem a admiração que suas palavras não podiam.

As pontas dos dedos de Toby roçaram sua testa entre suas sobrancelhas.

— Sempre tão séria... — Brincou ele. Sorrindo, pegou uma pequena caixa. — Tenho um presente de casamento para você.

Bel pegou a caixa e a abriu. Repousando em uma almofada de veludo azul, havia uma magnífica corrente com um pingente com uma opala iridescente, tão grande como sua unha e rodeada de brilhantes diamantes.

— Oh, Toby. Não devia.

— É obvio que devia. Sei que você não é do tipo que gosta das joias extravagantes. E pouco as necessita de tão linda que é. Mas agora é Lady Aldridge, e se quer ser uma dama influente, deve parecer uma.

— Ele tirou o pendente da caixa e enlaçou a corrente entre seus dedos. Entre eles, o pendente girava, brilhando à luz do fogo. — Há outras peças valiosas na família, é obvio, e essas também serão tuas. Escolhi bem?

O pendente balançou um pouco enquanto ele o fazia oscilar, e Bel captou um brilho de ansiedade em seus olhos. Homem doce. Estava genuinamente preocupado que ela pudesse não gostar. Seu coração se espremeu.

Esse pingo de incerteza o fazia mais querido do que qualquer presente que ele pudesse dar à ela. Isso, mais que nada, demonstrava que ele se importava com ela.

— Escolheu perfeitamente. Adorei, obrigada.

— Posso colocar em você?

— Agora?

— Sim, claro. — Ele a rodeou, abrindo o fecho de sua corrente com dedos seguros. — Te direi um segredo. Esta é a verdadeira razão pela qual um cavalheiro dá de presente a sua dama um pendente.

Pelo prazer de ajustá-lo ao redor de seu pescoço.

— Sério? — Bel estremeceu quando seus dedos roçaram a sensível pele ao redor de seu pescoço.

— Sim. E sorte minha que você está com o seu cabelo preso.

— Devia ter feito com que a donzela desmanchasse o penteado... — Bel se encolheu. Sua donzela havia perguntado e ela não soube o que dizer à ela. Seu cabelo... havia tanto dele. Tinha o hábito de estar sempre preso.

— Não, não. Será um prazer para mim fazer isso mais tarde. Por agora, faz-me muito fácil levar isto adiante... — O peso do pendente se apoiou entre seus seios enquanto ele o fechava.

— E isto... Sua boca aberta pressionou sobre sua nuca, cálida e úmida, seu fôlego agitado

sobre a carne sensibilizada de Bel.

— Oh... — Seus joelhos se dobraram, e ela se encostou contra seu peito. E ele estava ali para sustentá-la, tão alto e forte.

Ligeiros beijos deslizaram para baixo pela coluna de sua nuca, cada um enviando uma corrente de prazer diretamente para as solas de seus pés. E então sua língua... Oh, sua língua subiu em uma trilha direto para sua orelha e o desejo gritou através dela. Ao menos, Bel pensou que poderia gritar, desmaiar, implorar ou fazer qualquer coisa igualmente mortificante, como se derreter em uma poça aos seus pés.

Ela já parecia estar se derretendo na união de suas coxas.

Ele colocou o lóbulo de sua orelha em sua boca e o chupou suavemente. Oh. Oh. Sim, algo certamente líquido estava ocorrendo ali abaixo. Ohhh... Deus. Bel esticou cada músculo de seu corpo, tentando solidificar sua vontade e sua pessoa.

Ele parou instantaneamente.

— Está bem?

— Sim. — Ela respondeu rapidamente. Rápido demais para ser crível.

— Me desculpe. Estou indo rápido demais. Temos toda a noite pela frente. Talvez você queira descansar?

— Não. Não, eu acredito que prefiro...

— Terminar com isso? — Sua risada suave fez cócegas em sua orelha.

— Sim. Quero dizer... — O rosto de Bel se ruborizou quando percebeu a pouca graça que mostrou. — Isto é, a menos que você não deseje.

A voz de Toby se tornou rouca.

— Oh, sim. Desejo. Desejo muito. — Suas mãos deslizaram para os quadris de Bel, e pela primeira vez, Bel notou algo duro e quente pressionando contra a parte baixa de suas costas.

Ela sabia que devia ser a sua virilidade. — Te desejei desde o primeiro momento em que te vi.

Bel prendeu a respiração. Contra seus braços cruzados, seus mamilos se endureceram e doeram. E qual seria a resposta gentil para esta semelhante admissão? Obrigada? Senhor, você me lisonjeia? Por favor, seja gentil e se possível, rápido?

O cerne da questão, era que Bel não estava segura sobre o que responder, simplesmente porque não estava segura de como se sentia sobre este assunto. Seu pulso estava acelerado, sua respiração agitada, intensificando a consciência de todos os seus sentidos, seu corpo estava se preparando para algo. Só que não sabia para que. Excitação e terror se mesclavam em suas veias, e não sabia dizer se os seus instintos estavam mandando-a correr para o seu marido ou simplesmente correr do quarto.

É obvio que o segundo não era uma opção absolutamente. Estava casada e as relações conjugais eram agora o seu dever de esposa. Aquele pensamento a acalmou. Bel poderia não saber o que fazer com esta rebelde sensação, mas entendia os seus deveres. E ela queria fazer Toby feliz, sim. Fechando os olhos, decidiu enfocar-se nele, nos quentes, sólidos planos de seu peito que sustentavam seu corpo, suas mãos fortes segurando os seus ombros, o calor de seu fôlego contra sua orelha. Ele era seu marido e ela não podia negar nada à ele.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

E justo quando ela havia decidido se virar e enfrentá-lo, se oferecer descaradamente para o seu prazer, ele deu um passo para atrás. Repentinamente fria, ela abraçou forte a si mesma e tremeu.

— Levaremos as coisas tranquilamente — disse ele, enroscando um dedo em um fio solto de cabelo em seu rosto. — Posso soltar o seu cabelo?

Ela assentiu. Depois de pegar uma escova na penteadeira, ele a levou para se sentar na beirada da cama e se ajoelhou atrás dela. Isto fez Bel ficar cada vez mais ansiosa, o tempo que ele estava passando atrás dela.

Ela não podia se reconfortar enfocando em seus quentes olhos ou em seu sorriso fácil. Ele era todo toque sedutor e suaves sussurros e calor masculino. Ela não podia vê-lo; tão somente podia senti-lo. Ouvi-lo.

Respirar os últimos traços de sua cara colônia enquanto se evaporavam no quente almíscar de sua pele.

— Toma. — Ele pegou um prendedor salpicado de pérolas e o aproximou sobre seu ombro esquerdo. Bel levantou sua palma aberta para pegá-lo. Logo, outro prendedor se uniu ao primeiro, outro e outro, até que seu cabelo estava livre sobre suas costas, as pontas acariciando a colcha. Ela curvou seus dedos sobre o molho de prendedores, insegura sobre o que fazer com eles.

— Magnífico. — Murmurou ele, levantando seu cabelo e deixando que se esparramasse sobre seus ombros e ao redor de seus seios. — Como uma seda negra. — Ele passou a escova pelos cabelos compridos em lentos movimentos, deixando uma onda de delicioso prazer desde seu couro cabeludo até a base de sua coluna.

Atrás dela, Toby fez um som estranho com sua garganta.

— É como passar uma escova pela água. Sabe que sonhei fazendo isto?

Tinha-o feito realmente? Sonhar com isto? Bel tinha experimentado alguns sonhos íntimos próprios nas últimas semanas. Não, seus próprios sonhos tinham sido inquietos, vagos, sombrios e nunca totalmente completos.

Com muito cuidado, ele trabalhou através de cada mecha de seu cabelo. Uma frouxidão prazenteira caiu sobre Bel enquanto ele escovava seus cabelos e o nó de tensão em seu ventre começou a diluir-se.

Ela fechou seus olhos, apoiando o peso sobre sua mão direita e sustentando ainda o molho de prendedores na esquerda.

— Isabel?

— Mmm.

— Você compreende, verdade? O que ocorre entre marido e mulher?

— Sim, eu... — Fez uma careta de dor quando a escova se enganchou em um nó escondido. — Eu compreendo. — Ao menos, compreendia a ideia básica.

Mesmo que não tivesse lido O Livro, viveu uma vida muito rural para crescer completamente inocente em relação ao emparelhamento.

— Sua cunhada... — Toby pigarreou, e logo continuou em um tom de falsa despreocupação. — Sua cunhada falou contigo, disse à você o que esperar?

— Não, não. Sophia se ofereceu... — A mão de Toby tremeu ligeiramente quando ela

pronunciou aquele nome. Oh, que indescritivelmente embaraçoso era aquilo!

— ... mas eu disse à ela que já sabia o conceito geral, e disse... disse que preferiria aprender o resto contigo.

Ele deixou a escova de lado.

— Você disse isso à ela?

— Sim, é obvio. — Ela virou o pescoço, precisando ver sua expressão. Fizera o correto? Para seu alívio, ele parecia satisfeito. — Confio que você me explicará qualquer coisa que deseje que eu saiba.

E se houver coisas que você não quer que eu saiba, bem então, é melhor que permaneçam sem explicação.

Um sorriso perplexo apareceu no rosto de Toby.

— Obrigado. Acredito. — Ele colocou uma grossa mecha de cabelo atrás de sua orelha. Seus olhares se encontraram e ela captou um brilho peculiar nos olhos dele. — Sua confiança me faz sentir humilde.

— Bom, eu mesma me sinto um pouco assim por minha ignorância, então, talvez façamos bom casal a esse respeito.

Ele se moveu para sentar-se ao lado dela na borda da cama, pegando a mão de Bel na sua.

— Eu acredito que fazemos bom casal, em vários sentidos.

Ela se ruborizou e olhou fixamente seus dedos entrelaçados. O polegar de Toby acariciava ociosamente para frente e para trás o dorso de sua mão. Tão gentil, tão suave, apesar de que sua respiração irregular traía sua crescente paixão. Verdadeiramente, ela tinha o melhor e o mais paciente dos maridos. Como não entregaria a ele sua confiança?

— Além disso — disse ela hesitante, — está claro que você tem considerável experiência... — Ela lançou um agudo olhar por sobre seu ombro, para a vasta extensão do colchão, — ... nisto. Como poderia duvidar de sua habilidade para me guiar?

— Considerável experiência? — Ele riu. — Novamente, obrigado. Acredito. Mas querida... minha experiência, embora nada desdenhável, é provavelmente menor do que você imagina.

— Mas... — Bel fez uma pausa, pensando nos periódicos e seus escândalos, falando de suas amantes.

— Mas o quê? Não me diga que esteve lendo o Prattler?

Ela dirigiu seu olhar ao chão.

— Não de propósito.

— Já havia dito isso à você, não acredite em tudo o que lê nos periódicos. — Ele apertou sua mão. — Isabel, não sou um monge. Mas apesar de ter flertado com cada debutante que tenha girado em minha direção, quando se refere a... — Seus olhos voaram para a cama, — ... isso, não houve tantas como os periódicos dão a entender. Não houve nenhuma, em realidade, em muito tempo. Acredita no que estou te dizendo?

— Que você é seletivo e tem princípios?

Ele riu.

— Sempre me dá muito crédito. Na verdade estou dizendo que estou totalmente desesperado por ti. — Ele soltou sua mão e acariciou sua bochecha. Depois seu lábio inferior. O

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

suave encanto em sua voz, desatou uma crua necessidade e a distância entre eles se estreitou. — Estive esperando por você, por um tempo muito longo.

Seus lábios tomaram os dela em um beijo apaixonado. Os dedos de Bel se fecharam em punhos. Os prendedores se cravaram em sua mão. Que absurdo que ainda estivesse sustentando-os, mas que outra coisa podia fazer?

Deveria romper o beijo para dizer: Querido, doce marido, sei que você esteve esperando por mim durante muito tempo, mas posso te rogar que espere um momento mais enquanto guardo estes prendedores?

Não, claro que não. Não pediria que ele esperasse, nem um momento mais. Permitiria que ele a beijasse, tão profundamente como desejasse. E devolveria o beijo à ele, acariciando sua língua com a dela, porque ele soltava um pequeno grunhido de aprovação quando ela fazia isso, e Bel ansiava sua aprovação ainda mais do que ansiava seu beijo. Ele havia dito que estava orgulhoso dela. E mesmo que houvesse dito isso várias vezes, ela não podia ouvi-lo ou senti-lo o suficiente.

As mãos de Toby se moveram para a frente de seu robe, desenredando o singelo laço, separando os dois lados. Com dedos hábeis, assumiu o comando da fileira de diminutos botões que abriam sua camisola.

Um, dois, três, quatro... Bel perdeu a conta quando sua boca se separou da dela para traçar urgentes beijos ao longo de sua mandíbula e por sua garganta. Os dedos de Toby roçaram sua clavícula enquanto soltava os botões, um após o outro, e uma insuportável e pesada dor inchou seus seios.

Bel fechou fortemente os olhos quando ele abriu sua camisola, expondo seus seios. Podia senti-lo olhando fixamente para seus seios e seus mamilos se endureceram sob seu olhar. Mas ela perdoaria alegremente uma vida de olhares excitantes, se ao menos ele os tocasse.

E, oh. Oh, finalmente. Ele o fez.

Alguém deixou escapar um ofego áspero. Bel não estava segura se havia originado em seu peito ou no dele. Abriu seus olhos para ver suas fortes e esculpidas mãos pegando seus seios, elevando-os, pegando o pesado volume de sua forma. Oh, céus. Era como banhar-se no mar, flutuando, sem peso. Seus escuros e inchados mamilos se sobressaíam para chamar sua atenção, e ele roçou os polegares sobre suas duras pontas.

Vários disparos de prazer correram em direção ao seu centro.

— Tão linda... — Murmurou ele.

Bel resistiu à tentação de mostrar desacordo. Ela sempre achou seus seios grotescamente grandes e indecentes para ela, mas em suas mãos pareciam... não exatamente formosos... mas eles se encaixavam.

Como se fossem feitos para suas mãos. Os globos pesados eram do tamanho perfeito para que seus dedos os sujeitassem, elevassem e dessem forma. Suas grandes e escuras auréolas pareciam expressamente feitas para caber no espaço entre seu polegar e seu indicador, enquanto ele gentilmente as espremia.

Bel ofegou quando ele inclinou sua cabeça e pegou seu duro e quente mamilo em sua boca. Ele também se encaixava perfeitamente ali. Uma sensação selvagem formou redemoinhos através

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

dela enquanto ele lambia e chupava.

Aí estava ela, derretendo-se novamente. O calor úmido surgiu entre suas coxas e ela as travou, fechando-as. Toby passou seus cuidados para o outro seio, trabalhando sua sensual e perigosa magia com seus lábios e língua. Todo o tempo, sua mão tateava a bainha de sua camisola. Com movimentos rudes, ele levantou o tecido até os seus joelhos e colocou sua mão em sua coxa nua.

O ar no quarto tornou-se fraco. Independentemente quanto trabalhavam seus pulmões, Bel não podia ter o suficiente dele.

— Isabel... — A testa de Toby descansou sobre o seu seio. — Me deixe te tocar lá...

Como ela poderia recusar? Não parecia possível alcançar o que ela sabia que eles deviam alcançar, sem que alguma parte dele a tocasse ali. Mas seu pânico cresceu enquanto sua mão subiu lentamente para cima, pelo lado sensível do interior de sua coxa, sabendo que ele provavelmente descobriria...

Ele grunhiu quando seus dedos encontraram sua fenda.

— Está tão molhada...

Para surpresa de Bel, ele não soou horrorizado, e sim satisfeito. Aprovando. Seus dedos se esfregaram contra ela, e Bel soltou um agudo grito. Não pôde evitar. A sensação era muito intensa.

Os prendedores se cravaram em sua palma enquanto lutava por controle.

Ele a beijou, sufocando seu seguinte grito involuntário.

— Sabia que seria assim... — disse ele entre beijos, seus dedos esfregando-a mais firmemente. Mais rapidamente. — É tão séria, querida. Sempre tão séria. Mas não aqui, não comigo. Aqui, eu sabia que seria totalmente apaixonada. Livre.

Não, não, ela queria protestar. Sou uma mulher de fé e princípios. Nego-me a ser regida pela paixão. Dessa forma ficarei louca.

E então, com um único dedo, ele abriu suas dobras e o deslizou dentro dela. Dentro dela. A sensação foi... chocante. Gloriosa. Incompatível com nenhum pensamento, muito menos com uma conversa.

Uma quente e inquietante ansiedade cresceu enquanto ele a acariciava implacavelmente, dentro e fora. A sensação não era completamente estranha. Às vezes, à noite, Bel despertava com esta mesma dor entre as pernas.

E havia aprendido, anos atrás, que se virasse e apertasse os quadris contra a cama, no início ficava um pouco pior, mas depois, ficava um pouco melhor, até que explodia em pedaços e se dissolvia.

Mas jamais foi como aquilo. Nunca tão ruim. Nunca tão bom...

Sem deixar a doce tortura, Toby se afundou no chão e se ajoelhou em frente a ela, abrindo suas pernas. Parecia perverso, de tantas formas: ele ajoelhado em frente a ela, suas coxas abertas em uma postura lasciva, a maneira que suas partes mais íntimas se revelavam ao seu olhar, ao seu toque...

A sua boca.

Oh. Oh. Oh.

Nunca tão ruim... Nunca tão bom... Era muito, muito...

— Toby... — Ela se retorceu contra ele, mas sua mão a segurou pela coxa. — Toby, por favor. Não quer ter o seu prazer agora?

— O seu prazer é o meu prazer. — Ele lambeu-a uma e outra vez, muito ligeiramente. E a sensação detonava nela cada vez mais, destruindo sua presença de espírito. Compreendeu por que sua mãe se tornou louca de paixão.

Com cada suave carícia, ele a empurrava mais perto de algum limite da prudência. Ela se faria pedacinhos. Jamais voltaria a estar completa.

— Toby, por favor... — Ela forçou as palavras. — Deve... deve parar.

— Devo parar de fazer o quê? — Ele perguntou com sua voz brincalhona. — Isto? — Lambeu-a. — Isto? — Acariciou-a. — Ou isto? — Franziu seus lábios e fez algo terrivelmente perverso.

Outro pequeno grito escapou dela.

— Está me provocando?

— Sim, estou. Porque sei quanto você ama isso.

E ela amava. Realmente amava que ele fizesse isso. Neste insano momento, ela quase acreditou que o amava por isso. Porque confiava nele muito completamente.

Sabia que quando ele brincava, significava que ela era o bastante forte para suportar.

Provando o seu ponto, ele teve pena de seu desconforto, beijando uma trilha até o seu umbigo. Suas mãos tornaram a acariciá-la, dentro e fora, enquanto ele levava seus lábios ao redor de seu mamilo.

O prazer cresceu, correndo através de seu corpo, fazendo-a estremecer e tremer descontroladamente. Bel se esticou novamente. Não gostava de se sentir descontrolada. Tudo isto estava muito errado.

Estava completamente preparada para que Toby tomasse o seu prazer dela, mas não conseguia lidar com o fato de que ela o tirasse dele.

— Vamos... — Murmurou ele, beijando a trilha de um seio até o outro. — Não lute contra isso. Você fará o melhor para mim, se tão somente se deixar ir.

Deixa ir. Fará o melhor para mim. Suas palavras a liberaram. Ela podia fazer isto, inclusive isto, por ele. Com um áspero ofego, sacudiu-se contra sua mão.

— Sim. — Suspirou ele, acariciando-a mais rápido. — Isso...

Ela agarrou o ombro dele com sua mão direita e a esquerda se abriu. Os prendedores caíram no chão em uma cascata de som metálico. As mãos e os lábios de Toby fizeram sons de úmida sucção enquanto trabalhavam sua carne umedecida. Mas o estrepitoso rugir de seu pulso ultrapassou tudo, o prazer ultrapassou tudo.

E ela se deixou ir.

CAPÍTULO 11

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toby a abraçou com força.

Em toda sua vida, jamais ouviu um som mais excitante do que o grito rouco de paixão de Isabel. Quando seu clímax diminuiu, ela caiu contra ele, esgotada e sem fôlego. Seus músculos íntimos continuaram apertando seu dedo dentro dela, mas a contenção de Toby havia chegado ao seu limite.

— Me perdoe — ele disse, retirando sua mão e elevando-a à cama. — Mas preciso ter você. E tem que ser agora.

Ela fez um gesto atordoado e murmurou:

— Sim.

Toby se apressou em desabotoar sua braguilha antes que sua ereção explodisse através de suas calças. Deus... Ainda estava quase totalmente vestido. Mas então, ela estava também e ele não tinha nenhuma intenção de frear-se, nem sequer pelos poucos segundos que necessitaria para corrigir esta situação. Na verdade, ele a queria desta maneira. O contraste de seu cabelo negro brilhante e sua pele de oliva contra a renda branca virginal, levava-o da excitação a um frenesi de desejo.

Ele abaixou suas calças até os quadris e se posicionou em sua entrada, reunindo somente o controle suficiente para murmurar uma última desculpa:

— Sinto muito. A dor só durará um momento, querida.

Ele se introduziu dentro dela, um pouco. E então, um pouco mais.

Ela fez uma careta. Ele ficou quieto, oferecendo ao seu corpo um tempo para se adaptar apesar de que cada célula de seu próprio corpo insistisse a que ele afundasse totalmente nela.

— Melhor? — Ele fez a pergunta com a voz tensa.

Ela fez um pequeno assentimento com a cabeça e ele avançou de novo, desta vez com um longo e escorregadio impulso, que pareceu interminável de todas as melhores e piores maneiras. Quando finalmente esteve situado totalmente dentro dela, esticou seu corpo sobre o dela, protegendo-a entre seus braços.

— Isabel... — Sussurrou, fechando os olhos e desfrutando da sensação de êxtase de seu corpo quente e úmido, agarrando-o, abraçando-o.

O corpo dela parecia um lar para o dele, suas pernas estendendo-se um pouco mais para embalar seus quadris, seus seios suaves, eram como uma almofada para o seu tronco. Quando a sentiu relaxar e cada músculo de seu próprio corpo ficar tenso, ele começou a investir. Lentamente, a princípio. Tão suavemente como podia. E então, apoiando-se nos cotovelos, conduziu-se um pouco mais forte, um pouco mais rápido.

Isso foi um engano, porque enquanto se conduzia mais e mais rápido, ela começou a fazer pequenos ruídos sensuais com cada investida. E seus seios magníficos começaram a balançar em seu ritmo.

O que o excitou ainda mais e o fez investir mais e mais rápido, até que ele pensou que estava golpeando em um ritmo muito desconsiderado para um cavalheiro que se está deitando com sua linda esposa, virgem e inocente.

Mas maldita seja se ela não dava a ele tudo o que ele pedia e muito mais. Seu corpo ansiava pelo dele, movia-se de uma forma que colocava sua mente em branco. Ela era deliciosa. Ele estava

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

a ponto de abandonar a doçura em favor da brevidade e ir em uma busca desesperada para atingir seu clímax, quando olhou para baixo e encontrou aqueles olhos escuros e solenes observando-o.

— O que devo fazer? — Ela perguntou. — Me diga o que fazer...

E foi então quando Toby mudou de opinião. Por este motivo, ele resolveu que a levaria em seu tempo.

— Me diga o que fazer... — Ela repetiu. — Eu... eu quero te agradar.

Somente estas palavras fizeram disparar uma emoção por suas costas. Ele apertou a mandíbula.

— Você pode me tocar.

Os olhos dela percorreram seu corpo.

— Onde?

— Onde você quiser.

Ela franziu a testa e ficou quieta.

— Meu peito — disse ele com uma voz rouca, tomando a decisão por ela. — Me ajude a tirar a minha camisa.

Ela pegou a bainha de sua camisa e a puxou até seus ombros, e juntos, se moveram para liberar seus braços antes que ela a passasse por sua cabeça. Logo, lentamente, ela estendeu ambas as mãos apoiando as pontas dos dedos sobre seu peito.

— Você gosta disto?

— Sim. Deus, sim.

Seu toque, suave como uma pluma, moveu-se para seus largos ombros, de forma tentativa e dolorosamente doce. Ele se permitiu mover-se novamente, só o mais leve dos golpes dentro de sua íntima bainha.

Então os polegares dela roçaram seus mamilos e ele teve que se congelar outra vez para não derramar sua semente nesse instante. Teria sido uma tragédia, porque isto era muito bom para se apressar.

Utilizando só as pontas de seus dedos, ela, com cautela, percorreu todos os contornos de seu peito, seus ombros, seus antebraços. Carícias muito suaves e devastadoras em sua ternura. Cada nervo dele, cada pelo, pressionava à superfície de sua pele, desejoso para encontrar esses dedos curiosos. Sentia-se vivo, de uma forma que nunca antes havia sentido.

Esses dedos seguiram seu suave percurso até o seu pescoço, parando sobre seu pulso palpitante.

— Me beije aí — disse ele, dando-se conta muito tarde que seu tom foi um pouco brusco. Ordenar a sua esposa, em sua noite de núpcias, sem nem sequer um "por favor"...Justamente ele, que sempre se gabou de ser um amante atencioso e paciente. Mas Toby estava vários centímetros afundado no paraíso, suas mãos estavam cheias das generosas curvas de Isabel e o encanto simplesmente não estava disponível.

Ela não pareceu se importar. Sem nem sequer pestanejar, esticou o pescoço e pressionou os lábios contra seu pulso uma vez, e então outra. Seu gemido de prazer fez com que ela fizesse uma terceira vez.

— Você gosta disso? — Perguntou ela com seu fôlego fazendo cócegas em sua garganta.

— Sim. Mais...

Ela fez um caminho de ligeiros beijos sobre o seu pescoço e seu peito, e a tortura desses lábios suaves de veludo, foi ainda mais deliciosa do que a dos dedos. Impaciente pela necessidade, os quadris dele se moveram por sua própria vontade. Sobressaltada, Isabel voltou a cair sobre o travesseiro, seus lábios inchados se separaram em um convite.

E Toby nunca foi do tipo que rechaçava um convite.

Beijou-a com avidez quando começou a empurrar dentro dela novamente, desfrutando da sensação de pressionar-se à ela em duas formas ao mesmo tempo. Seu aroma encantador, fresco, causava o familiar estrago em seus sentidos, e este aroma de verbena se mesclava com o aroma embriagador da sua excitação, da dele. Dos dois.

Oh, isto era bom. Muito bom. Melhor do que podia ter sonhado.

E ainda queria mais.

— Isabel...

— Sim.

— Ponha suas pernas ao redor de minha cintura. — Ela obedeceu. Outra ordem concisa, outra resposta complacente. Deixava-o selvagem saber que ela cumpria todos os seus desejos, de boa vontade. Inclusive com impaciência.

Parecia que quanto mais ríspido ele falava com ela, mais excitada ela ficava. Esses olhos sérios estavam agora com as pálpebras pesadas, drogados de desejo e seu fôlego era uma ligeira corrente em seu peito que ia e voltava, elevando seus seios no processo.

Ele rosnou:

— Agora se agarre forte a mim.

Sim, ela gostava disso. Esfregou-se contra ele, seu crescente desejo evidente enquanto entrelaçava seus dedos atrás de seu pescoço.

O que mais ela faria por ele, caso ele pedisse? Um milhão de eróticas possibilidades transbordaram em sua mente, forçando toda a sua consciência até a sua virilha. Todas elas teriam que esperar.

Seu corpo clamava pela liberação... agora. Ele tomou-a forte e rápido, levantando-se e se apoiando em seus braços para fazer um melhor efeito de alavanca, e ela se agarrou a ele com força. Tal como ele havia mandado.

Reequilibrando seu peso, ele moveu uma de suas mãos entre eles. Ele encontrou seu botão pequeno e sensível na parte mais alta de seu sexo e o cobriu com seu dedo polegar, circulando-o levemente.

Os olhos dela se abriram de repente. Seu pescoço se moveu de um lado para outro, como se estivesse negando com a cabeça.

— Sim. — Insistiu ele com os dentes apertados. — Sim. Goze para mim outra vez.

E ela assim o fez. Tal como ele havia dito à ela. Gritando e convulsionando em torno dele em ondas quentes e suaves, devorando-o mais profundamente. Atraindo-o para mais dentro dela.

Toby apertou a mandíbula, silenciando sua própria paixão. As únicas palavras que vinham a sua mente agora eram indescritíveis, grosseiras e profanas. E então, não houve mais nenhuma palavra, apenas um rosnado áspero e primitivo de liberação quando o prazer o percorreu

rasgando-o por dentro.

Nunca havia sido assim. Jamais.

Ele se derrubou sobre ela, ofegando em seu cabelo sedoso. Sentia-se espremido e esgotado. Sentia-se feliz e abençoado. Sentia que podia começar novamente e fazer tudo outra vez. E outra vez.

Mas acima de tudo, sentia-se muito afortunado em sua escolha de esposa. Ou mais precisamente, que a escolha de sua esposa tivesse sido ele.

— Isabel, minha querida... — A beijou sua testa úmida de suor. — Obrigado.

Ela deu um grito abafado em resposta e Toby percebeu que seu peso a estava esmagando contra o colchão. Deus, ele era um cafajeste.

Rapidamente ele se retirou de seu corpo e rolou ao seu lado, alisando o cabelo de seu rosto e murmurando desculpas.

— Por favor, não se aflija — disse ela, em um tom formal e tenso. — Tenho certeza de que não há nenhuma necessidade de pedido de desculpas ou gratidão.

Nenhuma necessidade de gratidão?

— Isabel...

— Não, por favor não me agradeça. — Ela se levantou sobre um cotovelo, baixando a camisola sobre suas pernas. — Nem sequer te dei seu presente de casamento ainda.

E ela já estava fora da cama, antes que Toby pudesse argumentar que ela já dera à ele o maior presente que pudesse imaginar. Enquanto ela desaparecia no quarto ao lado, ele aproveitou a oportunidade para arrumar suas calças e passar as mãos pelos cabelos.

Estava sentado na beirada da cama quando ela voltou com o seu robe agora bem envolto ao redor de seu corpo. Tinha as mãos atrás das costas e seus olhos olhavam em direção ao chão.

— Realmente não é nada... — Começou. — Não fazia ideia do que te dar de presente. Foi... foi muito difícil comprar algo para você.

Toby sorriu. Sua ansiedade era adorável. E combinada com o seu cabelo revolto e a pele avermelhada, o efeito era totalmente encantador. Ela poderia tirar um pedaço de carvão de trás de suas costas, que ele o entesouraria.

Mas não foi um pedaço de carvão o que ela tirou. Era uma bengala, esculpida em marfim com filetes de ouro.

— É do estilo que você queria? — Ela perguntou estendendo-a para ele.

— Sim, exatamente. — Ele a pegou de sua mão e a pôs horizontalmente sobre a palma da sua mão, comprovando o seu equilíbrio. — Eu não acredito que você lembrou. Pensei que tinha as bengalas no mais baixo conceito.

— Ele levantou uma sobrancelha para ela. — Uma bengala adornada, que um cavalheiro em perfeito estado de saúde leva por nenhum outro propósito senão indicar sua riqueza...?

Ela lançou para ele um sorriso malicioso.

— Bem, não se esqueça que também para fazer gestos. E bater nas portas. Para falar a verdade, ainda não entendo a ideia... mas foi a única coisa a qual pude pensar em comprar. E devo admitir, combina com você.

— Ela lançou para ele um olhar avaliador e ele adotou uma pose atrevida, com o torso nu,

que a fez ruborizar-se de uma forma muito satisfatória. Ela perguntou: — Você gostou?

— Adorei. — Ele estendeu a ponta para ela, para que a pegasse. No entanto, quando ela agarrou a madeira polida, ele deu um puxão rápido, atraindo-a para ele. — Mas adoro muito mais a ti.

Ele queria que fosse um beijo suave. Um beijo de agradecimento e reconhecimento. Um beijo que não fizesse nenhuma exigência. Entretanto, ao saboreá-la, seu corpo teve intenções muito diferentes.

Em questão de segundos, estava duro como um bastão. Muito mais duro.

— Isabel... — Ele mordiscou sua orelha. — Quero-te outra vez. Você pode suportar isso, tão cedo?

— É claro. — Ela recuou e o estudou, viu uma confiança sem limites brilhando em seus olhos. — Você não me perguntaria isso se eu não pudesse.

E nesse momento, Toby soube. Soube que estava condenado.

Ele poderia candidatar-se ao Parlamento. Poderia ganhar. Poderia chegar a ser um maldito Primeiro-Ministro e o assessor mais próximo do Príncipe Regente. Poderia viajar ao Ceilão[10] e voltar só para trazer para ela uma xícara de chá, convertendo um milhão de pagãos no caminho... E mesmo assim nunca estaria à altura desse olhar em seus olhos. Nenhum homem poderia. Algum dia, de algum jeito, ele iria magoá-la e isso significaria o final de tudo. Oh, ela o perdoaria como a alma generosa que era. Eles ainda compartilhariam um afeto cordial.

Mas ela nunca o olharia assim outra vez, como se... como se ele merecesse sua fé nele. Um dia, eles dois saberiam que não a merecia.

Mas por agora... E durante o tempo que pudesse mantê-la assim... Este continuaria sendo o segredo dele.

Ele deslizou as mãos ao redor de sua cintura.

— Querida menina. Vamos voltar para a cama.

CAPÍTULO 12

— Apenas uns quilômetros mais... — Toby espiou pela janela do faetón, vendo passar a paisagem familiar. Ele mudou a atenção para sua esposa obviamente desconfortável, cuja a pele clara, cor de mel, parecia estar meio esverdeada.

— Se sente miserável, não é? Está balançando muito?

— Estou desfrutando da encantadora paisagem. Mas devo admitir que não estou acostumada a longos passeios em um faetón. — Novamente, retorceu os quadris para encontrar uma posição ligeiramente diferente no assento acolchoado.

Ele estremeceu. Ela devia estar dolorida. Não, ela não estava acostumada a longos passeios em um faetón, nem a longas noites nas quais foi montada como um cavalo de um faetón. Não foi a primeira vez, desde seu casamento, que ele sentiu uma pontada de culpa. Sabia que esteve

[10] *Ceilão: Nome anterior do Sri-Lanka, ilha no Oceano Índico*

usando sua esposa como se fosse um marinheiro de folga... mas maldição se ele podia evitar isso. Desejava-a, o tempo todo.

E ela estava disposta, cada vez que ele pedia.

Ainda agora, a visão de seus luxuriosos seios balançando ao ritmo dos cascos dos cavalos...

Ele disse casualmente:

— Talvez você sentiria menos as sacudidas se viesse aqui e se sentasse em meu colo.

Ela dirigiu para ele um olhar típico dela, sério e inquisidor. Ele praticamente podia ver os pensamentos flutuando em sua mente. Podia seu marido ser tão perverso, perguntava-se ela, para estar sugerindo o que sua imaginação recentemente expandida sugeria?

Não, ela decidiu em silêncio, e incorretamente, com uma pequena sacudida de cabeça.

— É uma oferta muito amável, tenho certeza, mas não quero amarrotar sua roupa.

Típico dela, dar mais crédito à ele do que merecia. Se Toby fizesse o que estava pensando, seu traje azul claro se encontraria muito pior que amarrotado.

Ela tinha muita fé nele; só esperava que algum pingo dela sobrevivesse ao seu fracasso eleitoral.

— Haverá uma grande multidão lá na campanha eleitoral? — Perguntou Isabel.

— Oh, sem dúvida. Centenas, provavelmente.

— Mas entendi que o número de eleitores era bastante pequeno. Composto somente por homens livres que possuem terras, isso me disse sua mãe.

— Sim, mas é quase uma festa. É o espetáculo que arrasta pessoas de todas as partes, se eles podem votar. Um pouco de excitação para um entorpecido Condado como o nosso. Qualquer desculpa para passar um dia olhando e levantando canecas de cerveja. E isto é somente o anúncio da candidatura... Espere até que as eleições se tornem sérias. Aí é quando começa a verdadeira libertinagem.

— E quanto tempo durará até as eleições?

— Até que haja um claro vencedor... Pode durar quinze dias, sem contar com os finais de semana. — Toby achava que não duraria nem cinco, pensou consigo mesmo.

Pelo seu raciocínio, Yorke lideraria desde o começo e terminaria com tudo aquilo rapidamente.

— Até quinze dias de ébria libertinagem? — Isabel levantou a sobrancelha. — Não é de se admirar que as pessoas aguardem as eleições.

— Poderia ser pior. O nosso é um tranquilo canto da Inglaterra. Poderíamos estar em um desses Condados do norte, onde a votação sempre termina em motins.

Ou algo pior; — Acrescentou ele assinalando com sua cabeça para a janela, — como lá, em Garret.

— O que acontece em Garret?

— Eles têm uma espécie de eleições para o Parlamento. Gente de todos os lugares aparecem. — Vestidos em fantasias bizarras, com um humor grosseiro, barris e barris de cerveja. Lá um homem não precisa possuir terras para votar.

— Não?

— Não. — Ele lançou para ela um olhar zombador. — Só há uma condição para votar em

Garret. Um homem deve ter desfrutado de uma mulher ao ar livre, em algum lugar dentro do Condado.

O tom verde de sua pele ficou rosado.

— Está brincando.

— De jeito nenhum. — Incapaz de resistir, Toby se levantou do assento em frente ao dela e diminuiu a distância, se sentando ao seu lado. — Na verdade... — Ele continuou, inclinando-se para ela e dirigindo seu olhar através da janela, — acredito que talvez estejamos passando agora por este Condado. Você fez uma observação a respeito da encantadora campina... E eu acredito que um pouco de ar fresco pode ser o remédio para o seu mal-estar. Vamos nos aventurar a encontrar um adorável monte de feno para desfrutar, hein?

Ela se ruborizou mais violentamente.

— É um escandaloso provocador.

— Não estou provocando absolutamente. Eu teria muito mais chances de ganhar em Garret do que em meu próprio Condado. Preciso apenas resolver esta pequena questão para me eleger. — Passou um braço ao redor da sua cintura e pegou seu luxurioso e arredondado quadril em sua palma. Com sua outra mão, pegou sua bengala. — Deterei o faetón agora mesmo, se você desejar. — Esticou o braço estendendo a bengala de cabo de marfim para o lado do condutor, como se fosse golpear para dar o sinal ao cocheiro.

— Você não faria isso! — Retorcendo seu corpo, esticou uma das mãos para deter seu braço.

— Oh, sim, faria — disse ele se esticando.

— Toby! — Ela exclamou, pegando o seu braço com ambas as mãos e retorcendo-se sobre seu colo. Exatamente onde ele desejava que ela estivesse.

Ele disse suavemente:

— Faria... — Ele fez uma pausa, esperando que seu formoso rosto se virasse para ele. — Faria, mas só se você me pedisse.

A carranca de Isabel se derreteu em um convite.

— Oh...

Abaixando seu braço, ele deixou de lado a sua bengala. Necessitava das suas duas mãos em seu delicioso corpo, uma só simplesmente não era o suficiente.

— Bem, então, não é melhor ficar sentada aqui?

Ela assentiu sem fôlego, seus olhos nunca abandonando os dele.

— Não se sente mais desconfortável?

Ela fez uma imperceptível negação com a cabeça.

— Muito bom... — Sussurrou ele, abaixando sua boca para a dela.

E quando seus lábios se encontraram, o mundo parou. Deus, ele adorava beijá-la, quase tanto como adorava deitar-se com ela. Toby nunca tinha pensado em si mesmo como um tipo especialmente fantasioso, mas maldição se não havia algo mágico no roce da boca de Isabel contra a sua. Não no sentido de um pó mágico em um conto de fadas ou de caldeirões fervendo com poções supersticiosas. Mas uma magia do tipo antigo, primitivo. A que desencadeava uma força da natureza. Quando se beijavam, era como se um vasto reino de paixão se abrisse entre eles, selvagem e inexplorado. E eles o exploravam juntos, sentindo o seu caminho através da

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

escuridão com lábios inquisidores, línguas audazes, toques de mãos.

Ele poderia sustentar sua esposa em seu colo e poderia beijá-la por todo o caminho até Devonshire. Mas a sorte, e a geografia, fez com que chegassem ao seu Condado em Surrey.

— Toby.

— Mmm?

— Este é o Condado?

Preocupado por saborear cada polegada de seu delicado pescoço, dedicou apenas um breve olhar pela janela.

— Provavelmente.

Com um delicado uivo, ela se contorceu saindo de seu colo e sentou-se ao assento contrário.

Ele a seguiu.

— Temos uns minutos ainda.

— Toby, não! — Ela fugiu de seu agarre, voltando para o seu assento original.

Desta vez, ele a deixou escapar.

— Está tudo bem, querida. Ninguém pode ver aqui dentro. A menos que estejam tentando.

— É obvio que estarão tentando! E olhe para nós, estamos completamente desordenados e amassados. — Suas mãos voaram por seu traje e lançou a Toby um olhar de causar pena. — Toby, por favor, fique apresentável.

— O quê? Minha gravata está torta?

— Não, não. Não é sua gravata que está torta, é sua... — Ela dirigiu um olhar sobre o seu colo.

Toby olhou para baixo e então riu.

— Bem, minha esposa, a menos que você pretenda vir aqui e aliviar a minha condição...

Os olhos de Bel se estreitaram.

— Certo. Então, o outro único remédio seria o tempo.

— Você sabia que... — Ela perguntou em um tom de "já que estamos aqui esperando", — ... uma escova mecânica pode limpar uma chaminé em um terço do tempo em que o faz um menino que tem que escalá-la e com duas vezes mais eficiência? Você deveria mencionar isso em seu discurso de hoje.

Tempo... ou falar de limpadores de chaminés.

— Isabel... — disse ele, fazendo discretos ajustes em sua calça para arrumar sua ereção, — eles são aldeões do Condado. Eles não contratam limpadores de chaminés.

— Mas são humanos e cristãos, e portanto devem responder ante a situação lastimável dessas crianças. Uma injustiça perpetrada contra as mais submissas almas é uma injustiça contra todos nós.

Toby conteve sua língua. Estava-se convertendo em um costume, notou ele. Isabel era espontânea, inclusive entusiasta, companheira na hora de fazer o amor. Mas no momento em que concluía o prazer físico, seu ardor caridoso retornava com o dobro de força. Na noite passada, enquanto ele lutava por ar logo depois de um emparelhamento explosivo, Isabel tinha saltado da cama, pegado o acendedor e a vela da gaveta de sua mesa de escrever. Seu motivo? Era imperativo, às duas da manhã, escrever uma nota a Augusta respeito de alguma alteração no texto

do panfleto da sociedade.

Por sua parte, Toby havia ido dormir.

Bom, supunha ele, mulheres diferentes tinham diferentes reações após o ato sexual. Algumas ficavam lânguidas e sonolentas, enquanto outras experimentavam uma explosão de energia. E não importava que tarefa fizesse Isabel se levantar da cama, a seu tempo ela sempre voltava. Toby podia compreender o hábito, em um nível racional, e dificilmente sabia como objetá-lo. Mas ainda assim, sentia um pequeno ressentimento cada vez que se estirava ociosamente para abraçar a sua esposa, agarrando nada mais do que ar.

O faetón parou na praça da cidade.

— Aqui estamos, então — disse Toby, inclinando-se em seu assento, pegou a mão de sua esposa. — Devo pedir ao cocheiro para te levar à Winterhall? Nossos baús já devem ter chegado e o pessoal da casa já deve estar te esperando.

— O que você quer dizer? Não quero ir para casa, não sozinha. Quero estar aqui contigo e observar os procedimentos.

— Isabel, é apenas a nomeação dos candidatos... uma insignificante questão de procedimentos e uma desculpa para esvaziar alguns barris de cerveja. Não um plebiscito a respeito da condição humana.

Além disso, a campanha pode tornar-se desordenada. Este não é cenário para uma dama.

Ela espiou através da janela do faetón.

— Mas há várias damas na multidão. Por favor, deixe que eu fique. Se você quiser, ficarei sentada dentro do faetón e espiarei daqui.

Quero presenciar o nascimento de sua carreira política. — Com um pequeno sorriso, adicionou. — E estou muito ansiosa para ouvir o seu discurso.

— Sério? — Perguntou Toby, repentinamente desejando ter preparado algum.

Isabel pediu ao cocheiro que retraísse a parte superior do faetón para que pudesse desfrutar de um pouco de ar fresco. Daquele ponto privilegiado no centro da praça, viu a multidão se agitar com antecipação.

Os taberneiros que bordeavam a grama estavam fazendo um bom negócio, e também os vendedores de produtos secos. Os vendedores ambulantes de laranjas apregoavam suas mercadorias com coloridas canções.

Por sobre tudo, alguns banners resplandecentes vibravam com a brisa. Bel nunca havia presenciado uma feira campestre, mas em sua imaginação, pareciam-se muito a isto.

Um homem que levava um casaco passado de moda de cor amarela, em cima de um palanque chamava a multidão. Sua voz era tão chamativa quanto o seu casaco.

Bel pôde adivinhar que por seu orgulhoso porte, ele levava seus deveres muito a sério.

— Muito bem, então — disse ele. — Todos sabemos como isso funciona. Como seu representante oficial, autorizado pelo xerife para fiscalizar esta eleição, tenho algo a ler em voz alta. — Tirou um maço dobrado de pergaminho de seu bolso.

— Não podemos pular essa parte? — Queixou-se uma voz na multidão.

— Não, não podemos pular essa parte. — Respondeu o homem vestido de amarelo,

imitando seu tom. Sacudiu seu maço de papéis e aumentou o seu tom de voz. — É o procedimento, seu idiota. É o governo.

É este papel que nos separa dos pagãos.

Outro espectador gritou.

— É esse papel que te faz um asno pomposo!

— Não, não é! — disse um terceiro grito. — É esse maldito casaco.

— Me acreditem cavalheiros, não é. — Isto veio de uma mulher de bochechas arredondadas debruçada em um parapeito de uma janela no segundo andar. — É um asno pomposo, mesmo que não esteja vestindo nada.

A multidão explodiu em risadas e o rosto do homem vestido de amarelo ficou com uma violenta cor vermelha.

— Eu só queria que ele lesse para mim esse papel alguma noite... — Continuou ela. — Não poderia haver nada mais aborrecido que seu...

Bel não pôde ouvir o resto de sua observação. Uma nova tormenta de risadas a abafou. Ainda assim, ruborizou-se quando sua mente completou o restante.

— Basta! — O homem do casaco amarelo censurou à multidão. — Bebam suas cervejas, idiotas incivilizados. E você, mulher... — Ele moveu um dedo para a gargalhante figura da janela. — Deixarei seu traseiro em seis tons de vermelho esta noite por sua intromissão.

— Oh, Colin. — Cantarolou ela, batendo as pestanas. — Promete?

Quando a multidão finalmente se acalmou, vários minutos depois, o homem do casaco amarelo começou a ler. Bel entendeu por que a multidão tinha protestado ante a ideia. Primeiro vinha a ordem judicial para o novo Parlamento, e depois, o ato contra a corrupção. Depois outro homem foi para frente, para administrar o juramento oficial contra o suborno. E enquanto as engrenagens do governo rangiam, o sol avançou mais alto no céu, aquecendo o lugar com um sopro de calor. Logo os cavalos começaram a relinchar com impaciência. A cabeça do cocheiro caiu para o lado e inclusive Bel estava sufocando um bocejo.

Finalmente, o oficial de amarelo voltou para anunciar as candidaturas.

— Montague! — A multidão rugiu ao uníssono. Eles repetiram o nome até que se converteu em um cântico de três silabas: Mon-ta-gue! Mon-ta-gue!

Montague? Quem era Montague e por que Bel jamais havia ouvido falar dele se ele possuía tão leais seguidores? Tinha pensado que o senhor Yorke era o único opositor de Toby.

Um curvado, decrépito homem, subiu à tribuna, ajudado nas escadas por um homem da metade de sua idade e duas vezes o seu tamanho. Levava um descolorido casaco do exército com botões descoloridos e punhos gastos nas bordas. O cântico da multidão cresceu em volume até que ele alcançou o centro do cenário e fez uma saudação militar.

Como o homem, os eleitores reunidos ficaram eretos e devolveram à ele a saudação.

— Todos salvem ao Louco Montague! — Gritou um homem da multidão.

O enorme homem ao lado do candidato fez um ameaçador gesto com seu punho.

— Não seja desrespeitoso com o coronel!

— Ora, vamos. Não é como se ele pudesse me ouvir.

O homem do casaco amarelo recuperou o controle do cenário.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— O Coronel Geoffrey Montague é declarado candidato para o cargo de membro do Parlamento.

Uma ovação geral se elevou novamente. O homem mais alto saudou ainda com mais vigor, sacudindo as franjas do uniforme em seu ombro.

Agora Bel entendia. A multidão se divertia muito às custas deste velho homem. Ele devia se apresentar como candidato em todas as eleições, com nenhuma séria esperança de ganhar, e as pessoas do Condado encaravam isso de forma divertida. Em realidade, era patético. Coitado.

— Os outros? — Chamou o homem do casaco amarelo.

— Eu indico o nosso estimado titular, latifundiário e amigo, o senhor Archibald Yorke. — Era a voz de Toby. Não era um pouco estranho, pensou Bel, que um homem indicasse o seu próprio oponente?

Mas talvez fosse uma amostra de boa competitividade pela parte de Toby.

O senhor Yorke subiu à tribuna, aceitando os generosos aplausos da multidão com um gracioso gesto da cabeça. Ele olhou para Bel em seu faetón e tirou o chapéu, seu cabelo prateado brilhando sob o sol.

Uma pontada de consciência a aguilhoou, ao pensar que Toby usurparia não só o assento deste grande homem no Parlamento, mas também a medida do respeito público que o acompanhava. Que triste para o senhor Yorke.

Mas logo recordou o desgosto que Lady Aldridge sentia pelo homem. Bel confiava no julgamento de sua sogra. Além disso, o senhor Yorke era um Tory[11] — o que significava que estaria em oposição a quase cada causa que ela tentasse defender.

O Senhor Yorke já teve seu momento. Agora é a vez de Toby.

— Muito bem, então é isso — disse o oficial. — Algum outro? — Perguntou em tom que dizia que não esperava ninguém mais.

O senhor Yorke tocou o homem de amarelo no ombro.

— Eu tenho uma indicação a fazer.

A multidão ficou calada, parecendo tão confusa como Bel por sua declaração como um membro titular do Parlamento.

— Mas você já está indicado. — Replicou o oficial.

— Sei disso, mas gostaria de nomear alguém mais.

— Alguém mais? Bem, não sei se pode... — O oficial rebuscou entre seu maço de papéis. — Sendo que você já é um candidato...

— Sou um latifundiário neste Condado, não? — Perguntou o senhor Yorke asperamente. — Bom então, quero nomear a um candidato.

— Err... está bem.

— Eu nomeio ao senhor Tobias Aldridge.

A multidão reagiu com o silêncio. Os homens se olharam uns aos outros, parecendo inseguros, sobre rir ou aplaudir.

Bel decidiu ter piedade de sua indecisão. Quando Toby subiu à tribuna, ela aplaudiu de coração e logo uma onda de amáveis aplausos cresceu, chegando até o cenário. Toby tirou o

[11] *Tory: Relativo ao grupo político monarquista britânico do século XVIII e começo do século XIX.*

chapéu e fez uma ágil reverência.

O nível de interesse das damas dispersadas pela reunião cresceu apreciavelmente. Elas não só o olhavam, como estavam embevecidas.

E quem poderia culpá-las? Oh, ele se via tão bonito. Os dourados reflexos de seus cabelos captavam a luz do sol e se refletiam com um efeito deslumbrante. O brilho de seus dentes brancos em seu encantador e juvenil sorriso era visível mesmo dali, no meio da praça. Se não estivesse vestido em roupas tão elegantes e se visse tão animado em sua juventude e vitalidade, alguém poderia tê-lo confundido com uma escultura grega roubada. Uma possessiva sensação de orgulho inflamou seu coração, ao pensar que esta alta e elegante figura de homem impondo-se sobre a admiração de centenas de pessoas, pertencia a ela.

— Bem, isto é interessante — disse o homem do casaco amarelo, esfregando a nuca. — Parece que este ano precisaremos realmente contar os votos. Não temos feito isso por gerações.

— Discurso! — Gritou alguém da multidão.

O pedido foi rapidamente apoiado e logo a assembleia inteira clamava pelos oradores.

— Discurso! Discurso!

— Está bem, está bem. — O homem de amarelo indicou o senhor Yorke. — Ouviremos o discurso do titular, se ele quiser falar.

Bel não tinha ouvido muitos discursos políticos em sua vida. De fato, este contaria como o primeiro. Entretanto, o que o senhor Yorke falou pela sua campanha pareceu a ela muito estranho.

Por um lado, foi curto, durou somente escassos minutos. Pelo outro, não falou sobre nenhum tema de importância legislativa. Ele simplesmente recordou os eleitores sobre os seus anos de serviço na Casa dos Comuns, acrescentando umas poucas frases sobre o seu serviço e progresso, e prontamente cedeu o espaço para o próximo.

Bel quase se sentiu ofendida em nome de Toby. O senhor Yorke achava que a candidatura de Toby era uma ameaça tão pequena à sua candidatura que, primeiro o indicou, e em seguida fez somente uma pequena tentativa de atrair ao eleitorado? Enquanto a multidão recompensava ao senhor Yorke com uns apagados e amáveis aplausos, ela bufou e se ocupou em arrumar as dobras de sua saia sobre o assento do faetón.

Bom, talvez devesse estar agradecida pelo excesso de confiança do senhor Yorke em subestimar o seu marido. Assim que Toby subisse à tribuna, ele encantaria os eleitores e tiraria os votos do homem mais velho.

Um rugido de excitação cresceu na multidão. Bel levantou o olhar para ver o ancião Coronel Montague chegar ao centro do palco. Deus misericordioso, por que tinham que expor o ancião a tal humilhação, só por um pouco de entretenimento?

Não haveria nada mais interessante neste Condado?

A multidão silenciou enquanto Montague dirigia outra saudação à eles com sua palma aberta.

— Dever! — A palavra saiu como um chiado da garganta do ancião.

— Dever! — Repetiu a assembleia, com o volume ampliado mil vezes.

— Honra! — Gritou Montague.

— Honra! — Ouviu-se em um rugido uníssono. Os punhos elevados ao ar.

O Coronel ancião levantou os braços tão alto como pôde. O que terminou sendo tão só até o nível do ombro.

— Vigilância!

— Vigilância! — Respondeu a multidão, sobrepondo-se ao grito do Coronel. Estava claro que esta era uma litania familiar para todos os presentes.

Para todos, menos para a Bel, claro. Ela olhou ao redor da praça. Não havia dito Toby que este era um Condado tranquilo, não propenso a distúrbios? Sobre os braços agitados da multidão, ela conseguiu cruzar o olhar com o de seu marido. Ele dirigiu à ela um descuidado encolhimento de ombros e uma piscadela, aparentemente despreocupado com tudo aquilo. Ela não podia dizer o mesmo a respeito dos cavalos, que chutavam e relinchavam a cada grito vibrante.

— Meus amigos e vizinhos... — Montague se dirigiu à multidão, — nosso nobre Condado enfrenta uma ameaça. Um inimigo mais pernicioso do que qualquer mouro infiel ou bárbaro invasor.

A quem ele estava se referindo? Certamente não era a Napoleão. A Batalha de Waterloo tinha ocorrido fazia três anos.

— Não, nosso inimigo não ataca de fora. — Continuou o ancião, — e sim daqui de dentro. — Sua voz tremeu, enquanto elevava seu punho. — Sim, falo de traidores! Esses vis traidores que levantariam suas armas contra seu próprio rei!

Agora Bel estava completamente confusa. No momento, a Inglaterra sequer estava sob o comando de um rei. Entretanto, ninguém na multidão pareceu especialmente preocupado a respeito de infiéis ou traidores.

O ânimo geral seguia sendo de diversão.

— Devemos sossegar a rebelião! — Continuou Montague. — É o dever moral de cada inglês esmagar a revolta, procurar os bandidos traidores e levá-los a justiça. Assegurar as leis inglesas e o domínio de Deus, antes que os traidores venham por vocês! — Levantou um esquelético dedo à assembleia e o moveu em um arco, girando para olhar individualmente os membros da multidão.

Por um momento, seu dedo elevado e seu olhar selvagem descansaram em Bel, e ela se revolveu nervosamente no assento do faetón. Começava a entender a grande influência destas nomeações.

Isto na verdade era um grande drama. Como o cocheiro podia continuar dormindo enquanto isso acontecia, estava além de seu entendimento.

— O ataque é iminente... — Advertiu o ancião, sua voz quebrando-se como se sentisse dor. — O perigo é real! — Com uma mão trêmula, tirou uma antiga pistola de seu casaco e a moveu no mesmo arco que seu dedo tinha esboçado. O humor geral dos observadores passou da diversão à preocupação. Aparentemente, isto não era parte do evento. Um nervoso murmúrio se elevou na praça e os cavalos relincharam inquietos.

— Eu convoco a cada homem capaz para que se una a nós. Para tomar as armas com a tropa Montague. Para assegurar nosso Condado respondendo ao chamado de: Dever! Honra! Vigilância!

Montague apontou sua arma ao céu e gritou.

— Preparem-se!

Por detrás dela, ouviu-se um coro de fortes clicks. Bel girou em seu assento para ver meia dúzia de homens parados no centro da praça. Um deles, era do tipo corpulento que tinha ajudado ao Coronel

Montague a subir à tribuna. Em uníssono, os homens levantaram os mosquetes para seus ombros apontando os canos ao alto, no ar, por sobre a assembleia. Ao mesmo tempo, as pessoas na assembleia se jogaram no chão.

Em algum lugar, uma mulher gritou. Bel não estava segura, mas poderia ter sido ela.

— Apontar! — Ordenou o coronel, apertando seu esquelético dedo sobre o gatilho de sua pistola. — Fogo!

Uma salva de disparos rompeu o silêncio e o pânico se derramou sobre os tiros. Ensurdecida pelo som dos disparos e asfixiada pela fumaça acre, Bel mal pôde distinguir suas botas de seu chapéu.

Ao redor dela, as pessoas enlouquecidas gritavam. A junta de cavalos do faetón retrocedia e relinchava, e o faetón dançou sobre suas rodas antes de sacudir-se para a multidão.

E naquele momento, não houve dúvida a respeito disto. Bel realmente gritou.

O cocheiro, finalmente acordado, segurou as rédeas.

— Ho! Quietos! Ho!

Mas ele não conseguiu acalmar o pânico dos cavalos. Eles foram para frente, arrastando o faetón em um curso selvagem e sinuoso através da praça. Frente a eles, as pessoas saltavam e, confundidos, jogavam-se do caminho. Bel se segurou no ferro da porta e rezou, esperando que a qualquer momento a roda do faetón batesse em um obstáculo humano e deixasse algum corpo mutilado ou sem vida pelo caminho.

Em troca, a roda do faetón bateu contra um objeto inanimado, uma pedra na borda do caminho, e durante um momento seu coração ficou paralisado, o faetón cambaleou sobre suas rodas esquerdas e Bel foi jogada contra o lado da cabine, e o cocheiro...

Oh, Deus! O cocheiro foi jogado para fora. O faetón se endireitou com uma sacudida saltitante, e Bel se esticou para ver o assento do cocheiro vazio e as rédeas penduradas. Então as rédeas também escaparam de sua visão.

Com elas, foram-se os últimos restos de esperanças. Não havia maneira de que ela pudesse parar o faetón. Ainda se pudesse saltar até o assento do cocheiro; ainda se ela de algum modo pudesse recuperar as rédeas, se um experiente cocheiro não conseguiu sossegar os cavalos, Bel não tinha esperanças de conseguir fazer isso. Em seu pânico, os cavalos a arrastariam até que um deles tropeçasse ou o faetón tombasse.

De qualquer forma, ia morrer. Era só questão de quantas vidas humanas e cavalos levaria com ela.

Seu impulso foi simplesmente de se agachar no faetón e fechar os olhos até que tudo tivesse terminado. Mas nem sequer pôde se obrigar a fazer isso. Em troca, permaneceu congelada, se agarrando no assento e no ferro da porta, com os nódulos brancos pelo esforço enquanto os cavalos continuavam sua frenética carreira pela praça.

Entre a ameaça dos disparos dos mosquetes e o faetón fora de controle, a maioria da multidão já havia se dispersado, entrando cada casa ou porta disponível. Os observadores

restantes se amontoaram ao redor da tribuna... sobre ela, abaixo dela, pendurando-se em suas vigas.

E depois do faetón ter se extraviado a toda velocidade pelas laterais e alterado seu curso, agora os cavalos se dirigiam diretamente para eles.

Não.

Não, não, não. Não contra todas essas pessoas.

— Corram! — Gritou ela. E as pessoas obedeceram, escapando da falsa segurança da tribuna de madeira para o centro da praça. Espalharam-se em diferentes direções, mas almas sábias que eles eram, correram em todas direções.

Exceto um. Um homem estava correndo diretamente para ela.

Toby.

CAPÍTULO 13

O coração de Bel palpitava no ritmo do galope.

Meu Deus, não! — Rogou ela. — Não Toby.

Enquanto todos no lugar tinham passados os últimos trinta segundos temendo por sua vida, aparentemente Toby utilizara esse tempo para desfazer-se de seu casaco.

Seus braços eram borrões de tecido branco quando saltou da tribuna da campanha e se lançou ao encontro do faetón com os cavalos em movimento.

— Toby, não! — Ela gritou. — *Muévete*[12]!

Madre de Dios[13]. Ela precisava advertir ao seu marido em inglês para que ele se afastasse, e de repente sua língua só podia funcionar em espanhol. Ele ia morrer e seria culpa dela.

Inclusive agora, os cavalos estavam ganhando velocidade em direção à ele. A qualquer momento, ele seria pisoteado e arrastado pelo faetón. Só rogava a Deus que tivesse misericórdia o suficiente para levá-la com ele.

Como se tivesse recuperado o bom senso, Toby parou de repente. Exatamente no lugar perfeito para que os cavalos o roçassem ao passar e as rodas do faetón o triturassem.

Mas isso nunca aconteceu.

Quando um cavalo ficou paralelo à ele, Toby mudou de rumo, agora correndo ao lado da besta aterrorizada. Ele agarrou sua crina com ambas as mãos e deu um salto para o lombo do cavalo. Bel olhou com incredulidade como Toby agarrava as rédeas, perto do freio, e as puxava com uma das mãos, desviando a cabeça do cavalo para um lado. Os cavalos e o faetón continuaram correndo, girando em uma fechada espiral.

Jogada contra a parede da cabine uma vez mais, Bel murmurou orações e imprecações incoerentes no idioma de sua mãe. Ao mesmo tempo, Toby tranquilizava aos cavalos, e a ela, com sua voz de barítono profunda, firme.

[12] *Muévete: Mova-se*

[13] *Madre de Dios: Mãe de Deus*

— Ho! Calma! — Ele dizia a eles. — Quietos meninos...

Sujeitando as rédeas com firmeza, manteve os cavalos girando em círculo, murmurando ordens breves e palavras serenas. Gradualmente, os cavalos acalmaram seu trote. E o pulsar retumbante do coração de Bel se acalmou também.

Toby foi relaxando pouco a pouco seu agarre sobre ao freio, dirigindo o faetón para fora da grama e para uma rua lateral. Perambularam por vários minutos deste modo: Toby falando e falando em um hipnótico monólogo, sustentando firmemente as rédeas, nunca desviando a atenção dos cavalos. À medida que se afastavam do centro da cidade, as casas ficavam menores e mais isoladas. Os paralelepípedos que pavimentavam o caminho deram lugar a sujeira, amortecendo o ruído dos cascos dos cavalos. O mundo parecia muito tranquilo.

Finalmente, Toby puxou as rédeas parando o faetón onde uma placa de madeira marcava o limite entre a estrada da cidade e o caminho rural. Ele deslizou do lombo do cavalo, dando elogios verbais e tapinhas nos cavalos enquanto enrolava as rédeas em torno da placa de madeira.

Então, por fim, virou-se para Bel.

— Em voz baixa agora ele disse, aproximando-se da porta do faetón e abrindo-a com um clique suave. — Não queremos assustá-los outra vez. — Ele estendeu a mão para ela.

Bel a olhou. Ela esteve aferrando-se à superfície do faetón com as duas mãos durante tanto tempo, que não podia reunir coragem para soltá-las.

— Tudo está bem agora — ele disse, no mesmo tom profundo e relaxante com o qual falou com os cavalos. — Me dê a sua mão.

Esse tom funcionou com ela também. Ela deu a ele sua mão trêmula e ele a ajudou a descer do faetón, devagar, com cautela, sustentando-a com um braço em sua cintura. Não havia pessoas passeando pela casa de campo próxima; provavelmente seus ocupantes se reuniram na praça. Sem dizer uma palavra, conduziu-a até um pequeno muro de pedra, além das terras de cultivo que se estendiam como uma colcha enrugada.

Elevando-a sem esforço, deixou-a sobre o muro e retrocedeu um passo. Seus olhos a estudaram dos pés à cabeça como que se tivesse avaliando a sua condição.

— Você está bem? — Perguntou, franzindo o cenho com preocupação. Com dedos firmes, desamarrou seu chapéu e o pôs a um lado. Levantou um de seus braços, depois o outro, passando a mão ao longo de cada um para comprovar a solidez de seus ossos e as articulações. — Não está ferida? Vi você dar um golpe no lado do faetón na curva, estou preocupado por suas costelas. — Ele colocou suas mãos contra o seu tronco, emoldurando sua caixa torácica.

— Toby... — disse suavemente.

Ele não levantou a cabeça.

— Está ferida? Alguma dificuldade para respirar? Sente alguma dor quando eu...?

— Toby... — Bel levou uma de suas mãos aos seus lábios, detendo o fluxo de suas palavras ansiosas. Depois deslizou a mão ao longo de sua mandíbula suave e barbeada.

Exalando lentamente, Toby fechou os olhos.

— Estou bem — ela disse. — Não me aconteceu nada, graças a ti.

As mãos dele se deslizaram por sua cintura e a atraíram para ele com força. Com suficiente força que, mesmo se tivesse com uma costela quebrada, não poderia havê-lo negado.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Meu Deus... — ele disse, suspirando em seu cabelo e suavemente balançando-a em seus braços. — Meu Deus...

Bel afundou o rosto no tecido de sua camisa, agora suavizada com o calor e os aromas de homem e cavalo. E então começou a chorar.

— Sim, querida. — Ele murmurou, acariciando suas costas. — Vá em frente, chore. O perigo já passou e você está bem, por isso pode chorar tanto tempo quanto desejar. Derrame suficientes lágrimas por nós dois, se isso te faz se sentir melhor.

— Oh, Toby... — Depois de um tempo, ela fungou contra o seu colete. — Nunca estive tão assustada em toda minha vida.

— Então somos dois.

— Sim? — Ela levantou o rosto para o dele.

— Não — ele disse e seus olhos castanhos se tornaram reflexivos. — Já somos um, não?

Bel concordou com a cabeça enquanto ele baixava seus lábios aos dela. Sim, ela entendia perfeitamente. Fazia quase uma semana que eles se casaram. Perdera a conta das vezes que praticaram o ato conjugal após isso.

Mas só agora, neste momento, sentia-se realmente casada com ele. Como se compartilhassem um futuro, uma vida. Para bem ou para o mal, na segurança e no perigo.

Arriscou sua vida para salvar a dela, e agora já não havia mais "a vida dele" ou "a vida dela". Isto era agora a vida de ambos.

E a vida de ambos começou com um doce e suave beijo.

Mas o beijo não ficou doce ou suave por muito tempo.

Toby tentou se conter. Realmente tentou. Mas bastou um golpe da língua dela contra a dele e as rédeas de sua paixão se deslizaram fora de seu controle.

Então, ele encheu as mãos com Isabel.

Com crua cobiça, apertou seus quadris, seus seios, suas nádegas, suas coxas. Enredou os dedos de uma das mãos em seu cabelo e o rodeou tão forte, que ela ofegou.

— Sinto muito... — Ele murmurou contra a sua garganta. — Sinto muito. Mas Isabel... Cristo, eu preciso disto.

— Eu sei — ela disse, soltando sua gravata. — Preciso disso também.

Ele precisava senti-la. Toda ela. Cada centímetro de seu corpo vivo e ileso. Por um momento terrível, esteve perdida para ele. Ela tinha retornado com segurança, graças a Deus, mas não era suficiente simplesmente vê-la com vida e ouvi-la dizer que estava bem. Precisava senti-la. Verificar com suas mãos, os lábios, a língua que cada fio brilhante de cabelo e curva sedosa de sua carne, continuava sendo exatamente a mesma.

— Isabel... — Ele gemeu enquanto ela movia as mãos em seu pescoço e suas unhas arranhavam sua carne nua. — Tem que me parar. Deus sabe que eu não consigo me fazer parar.

— Não. Não pare.

Três palavras excitantes que nunca foram pronunciadas por ela.

Tinha tanta energia fluindo através dele... O combustível da determinação, o desespero e o medo havia congelado suas veias. E agora que não havia mais nada a temer, nenhuma crise desesperada... toda essa energia a fogo lento em seu interior, construindo-se, aumentando,

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

necessitando liberação. Ele não queria nada mais do que estar dentro dela e deixar que toda essa energia explodisse.

Aqui mesmo, neste muro de pedra, que parecia ter justamente a altura perfeita, Deus abençoe o mundo.

E que Deus abençoe a sua esposa, ela levantou sua saia para que ele pudesse se aninhar em seus quadris entre suas coxas e testar essa teoria.

Sim.

Um gemido escapou dos dois quando ele pressionou a cabeça dura de sua ereção contra o seu núcleo feminino. Exatamente a altura perfeita. Agora era só questão de eliminar essas incômodas camadas de tecido...

Ele deslizou uma de suas mãos sob suas anáguas. Suas coxas ficaram rígidas sob a palma de sua mão.

— Toby, alguém está vindo.

Ele descansou a testa no ombro dela e soltou uma maldição. Alguém está vindo[14]. Ah, por que, por que, por que, por que não podia ser ele?

— É o cocheiro — ela disse. — Oh... Me alegro que ele esteja vivo.

— Eu também — disse Toby. Dando um passo atrás, soltando sua coxa e arrumando suas saias com puxões abruptos. — Agora posso matá-lo.

E ali estava o olhar suavemente reprovador de Isabel, e o tom de paciência que o acompanhava.

— Toby...

— Não, não. Sei que você tem razão. Eu o despedirei. Sem nenhuma referência. E então depois o matarei.

— Não foi culpa dele.

Não, foi minha culpa. Toby pensou com tristeza. Nunca deveria ter permitido que ela ficasse. Deveria ter previsto o tumulto. Nunca deveria ter concordado em se candidatar a um cargo neste Condado arruinado, em primeiro lugar.

— Está bem o suficientemente para ir no faetón até a nossa casa? — Ele perguntou.

Ela empalideceu.

— Precisamos?

— Bem...

— Por favor, Toby. Não posso subir neste faetón neste momento, não com estes cavalos. Hoje não. Simplesmente não posso. — Seus olhos encheram-se de lágrimas, que ficaram presas na franja de ébano de suas pestanas.

— Não, é obvio que não. Eu entendo, querida... — Ele lançou um olhar por cima do ombro, para o campo. — Wynterhall está a aproximadamente três quilômetros, se pegarmos um atalho pelos campos. Prefere caminhar?

— Oh, sim! — Seu rosto se iluminou. — Prefiro. Na verdade, acredito que vou desfrutar disso.

[14] *Aqui a autora fez uma analogia. Usou a palavra "come" que em inglês pode ser: "vir/chegar" como também (em gíria vulgar) pode ser "atingir o orgasmo".*

Toby suspeitava que desfrutaria também. Havia vários muros de pedra fazendo fronteira entre aquele local e a sua propriedade. Montes de feno também e árvores com cascas suaves.

Sim, caminhar poderia ser uma alternativa muito mais agradável do que viajar no faetón.

Ele trocou algumas palavras com o condutor e então saltou pelo muro antes de girar Isabel e ajudá-la a descer no outro lado. Ela começou a rir.

Era um tipo de risada envolvente, de menina, que ele não recordava ter ouvido antes. E ele gostou.

Ele pegou a mão dela e juntos começaram a cruzar a propriedade pelo campo.

Por algum tempo, não falaram. Parecia muito cedo para falar sobre o que havia acontecido na praça, mas também era muito cedo para pensar em qualquer outra coisa. Dessa forma, simplesmente caminharam em silêncio.

Caminharam como crianças, deixando que suas mãos unidas balançassem entre eles enquanto davam grandes pernadas enquanto atravessavam uma plantação à altura dos joelhos. Primeiro rapidamente, depois lentamente, então rapidamente outra vez à medida que reuniram impulso descendo uma ladeira.

Quando chegaram à borda oposta do campo, Toby a ajudou a passar por uma abertura entre os pinheiros.

— Espere um momento — ele disse, assim que os dois haviam passado. — Há um pouco de folhas em seu cabelo. — Ele desenredou um raminho ofensivo e o sustentou para sua inspeção antes de jogá-lo de lado.

— Obrigada. — Ela se ruborizou, ficando nas pontas dos pés para beijá-lo.

Foi um beijo encantador. Suave como uma pétala macia e inocente. E isso disse a Toby instantaneamente que ele não podia empurrar sua esposa contra uma árvore em algum lugar, ao longo da jornada para casa.

Toda aquela urgência sensual entre eles de antes, havia se perdido em algum lugar naquele campo de cevada. Agora era o conforto o que esquentava o lugar onde seus dedos roçaram sua pulsação.

Conforto e companheirismo, e uma sensação geral de que tudo estava bem no mundo. Toby não podia honestamente dizer que era melhor que a liberação sexual. Mas tampouco podia dizer que era pior.

Era diferente. Diferente de tudo o que ele conhecera antes com uma mulher.

Ainda estava pensando nisso, minutos mais tarde, quando Isabel ofegou e parou de repente no centro de um prado.

— Meu Deus, o que foi?

— O seu discurso! — Ela levou a mão livre à boca e se virou para ele, sufocando uma gargalhada vertiginosa com sua palma. Abaixando a mão, continuou: — Oh, Toby. Você não conseguiu fazer o seu discurso.

— Não se preocupe. — Rindo ele apertou a mão dela à medida que continuavam caminhando. — Não é como se alguém fosse prestar atenção depois desse tumulto, não é?

— Mas... mas o que aconteceu? Esse Coronel Montague, seu estranho discurso, o fogo dos mosquetes... ainda não entendi...

— O Coronel Montague é nosso herói de guerra local. Ele se candidata em todas as eleições e tem feito isso durante décadas. Sempre se apresenta em um palanque para falar sobre rebelião e traição nas colônias americanas.

Isabel deu à ele um olhar de soslaio.

— Não são as colônias americanas independentes há...?

— Trinta e cinco anos? Sim. Não o chamam o Louco Montague por nada. O velho soldado está um pouco ruim da cabeça, caso você não tenha percebido.

— Eu percebi. E pensei que era horrível ver como a sua enfermidade era explorada para a diversão do público. Pobre homem.

Toby se absteve de ressaltar que hoje, aquele "pobre homem" esteve muito perto de matá-la. Só sua doce esposa, poderia recordar o horror daquela tarde e sentir nada mais que simpatia pelo bêbado decrépito.

— Não é tão miserável como você pode pensar. O velho aprecia a atenção; e a multidão desfruta de seu entusiasmo. E ele nunca consegue votos que não sejam de seus sobrinhos, mas pode-se dizer que ele alcança o seu objetivo da mesma maneira.

Ela lançou para ele um olhar cético.

— Ele reúne as pessoas da cidade. — Explicou Toby. — Por uma causa inteiramente fictícia, sem dúvida, mas a união que ele consegue é real. Não pode ser uma coisa completamente ruim que as pessoas do Condado se reúnam a cada poucos anos e respondam à chamada do dever, a honra e vigilância. — Recitou as palavras com entusiasmo e dirigiu à ela um amplo sorriso.

Ela não achou graça.

— Presumo que a saudação do mosquete geralmente não é parte desta rotina?

— Não, não. Essa parte foi uma surpresa, eu garanto. E certamente, acredito que esta será a última candidatura do Montague. Um discurso com olhos enlouquecidos é uma coisa, mas não será permitido que ele faça uma coisa como essa novamente. — Toby balançou a cabeça. — Agora não sei qual será a razão de viver do velho tolo. É um pouco trágico, realmente.

Isabel respondeu calorosamente:

— O que é trágico é que um homem seja despojado de sua dignidade. Se ele está ruim da cabeça, como você diz, você deveria se compadecer e protegê-lo. Não deixá-lo perante ao povoado todos os anos, como uma chacota.

— Seu sotaque ficou cada vez mais pronunciado enquanto falava e seus passos se tornaram recortados. — A loucura é uma condição séria, não uma brincadeira.

Toby não se recordava de tê-la visto tão agitada. Era esta uma reação má direcionada devido aos acontecimentos angustiantes do dia?

Da forma que ela defendeu tão vigorosamente ao Montague, alguém poderia pensar que ela possuía uma razão pessoal para se ofender.

Inferno sangrento. Ela realmente tinha uma razão. Toby amaldiçoou em silêncio sua falta de consideração.

— Isabel, sinto muito... — ele disse. — Eu me esqueci da enfermidade da sua mãe. — Ela deslizou os dedos de sua mão, mas Toby os apertou. Ela não ia escapar dele assim tão facilmente. — Me Perdoe, não quis dizer...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Como você soube da enfermidade da minha mãe?

— Gray me disse. Antes do nosso casamento.

— De verdade?

Ele assentiu com a cabeça.

— E isso não te incomodou absolutamente? — Ela perguntou.

— E por que deveria me incomodar que sua mãe tenha contraído uma febre tropical?

Ela lançou para ele um olhar de incredulidade, como se a resposta devesse ser óbvia.

— Porque ela ficou louca. E ninguém quer se casar com alguém cuja família tenha um histórico de loucura. — Seus olhos caíram ao tapete de ervas e flores silvestres. — Eu deveria ter te contado isso, mas temi que você...

— Temeu que eu mudaria de opinião?

Ela assentiu com a cabeça.

Toby a atraiu para si e passou um braço sobre a sua cintura. Ele não sabia como tranquilizá-la. Ele poderia dizer à ela que, de todas as coisas potencialmente censuráveis sobre sua família... sua precária posição social, suas conexões com o comércio, Joss... seu meio irmão bastardo, Gray... seu outro meio irmão, que era seu a próprio modo um bastardo... por não falar do fato de que a sua cunhada era a mulher que o havia abandonado a um ano, que a informação de que sua mãe sobrevivera por pouco a uma febre tropical, dificilmente teria inclinado a balança.

Mas ele suspeitava que aquele pequeno discurso não ajudaria.

— Querida, posso te assegurar... a condição de sua mãe nunca fez com que eu parasse por algum momento para pensar nisso. Todas as famílias têm um tipo que é um pouco louco.

Se você acha que não existe na minha... bom, simplesmente é porque ainda não ficou tempo suficiente ao lado de minha irmã Fanny.

Ela sorriu. Não era a risada de menina que esteve tentando conseguir, mas era uma melhora. E então, ficou pensativa outra vez.

— Às vezes me pergunto se minha mãe realmente estava ruim da cabeça, como você diz. Talvez estivesse simplesmente com o coração partido e com raiva. Ela amava meu pai, e ele...

Sua voz se apagou. Embora curioso para ouvir o final dessa frase, Toby suspeitava que insistir não faria com que ela a terminasse. Eles andaram um bom pedaço de terreno antes que finalmente ela continuasse.

— De qualquer forma, minha mãe não estava de acordo com os médicos. Ela não acreditava que estivesse louca. Não por causa de uma febre, de qualquer forma.

— Mas os loucos nunca acham que estão loucos. Isso é parte de sua enfermidade. Você acha que o coronel Montague acredita que está louco?

— Suponho que não. — Ela franziu a testa.

— É obvio que não. Ele não se candidataria às eleições se achasse isso. Este é o paradoxo disto... se você está ciente de que está com raiva, então você não está louco.

— Mas isso é absurdo.

— Precisamente. — Ele deu nela um abraço reconfortante. — Os sobrinhos de Montague tampouco aceitam a extensão da sua enfermidade ou não o teriam apresentado nesta nomeação hoje.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

É natural que as pessoas pensem o melhor de seus entes queridos. Seu afeto os cega para a verdade. O amor é sua própria forma de loucura.

— Sim. Minha mãe me dizia isso, também.

Ela caiu em um silêncio pesado e eles continuaram caminhando juntos, unidos pelos quadris.

— O que vai acontecer agora? — Ela perguntou quando entraram em um pequeno bosque. — Com a eleição?

— Colin Brooks. — Ele chutou uma pedra do caminho. — Ele é o representante oficial...

— O cara do horrível casaco amarelo?

— Deus, sim. — Toby pôs-se a rir. — Ele vai marcar uma data para começar a votação, provavelmente em alguns dias. Haverá discursos de campanha todos os dias e os votos acumulados serão contabilizados a tarde.

Quando um candidato tiver uma clara maioria, fecharão as urnas.

— Não quero voltar ali — ela disse estremecendo.

— Mesmo que você quisesse, eu não permitiria isso. Inclusive eu não tenho que estar lá para assistir. Alguns candidatos se mantêm afastados das tribunas completamente e deixam que seus partidários falem por eles.

— Oh, mas você deve assistir! De que outra forma persuadirá os eleitores para que votem em você? Você não teve oportunidade de discursar hoje. — Ela o olhou através de suas pestanas.

— Embora, se o seu heroísmo com os cavalos não os convenceu de sua idoneidade, não sei o que o fará. A forma como você saltou sobre o cavalo em movimento...

— Realmente, não foi nada — disse Toby, com um tom de falsa humildade que sabia que conseguiria ainda mais elogios. A admiração de Isabel era talvez um pouco mais do que merecia, mas ele não pensava rechaçá-la.

— Foi maravilhoso. E aterrador. Oh, Toby. Eu tinha tanta certeza de que você seria pisoteado...

Ela se aconchegou junto a ele, e ele deixou que sua mão passeasse pela curva de seu quadril. Realmente... um resgate ousado como aquele não deveria outorgar o direito a um homem de tomar algumas liberdades?

E aqui estava ele desejando matar um dragão por ela, e Toby supunha que dominar um faetón com cavalos enlouquecidos era o mais perto que poderia chegar disso.

— Obrigada. — Murmurou ela, apoiando a cabeça em seu ombro.

— Em realidade, o truque de tudo está em encontrar o momento correto. Então é ao senhor Yorke a quem você deveria agradecer. — Respondeu Toby, respirando o aroma delicioso de seu cabelo.

— Eu nunca teria aprendido essa manobra se não fosse por ele.

— De verdade?

— Minha mãe me proibiu praticar esse salto, você acredita? Ela dizia que eu iria quebrar meu pescoço. Então, naturalmente, Yorke me encorajou a treinar só para chateá-la. Passei a maior parte do verão do meu décimo quarto aniversário em seus prados no leste, praticando. Levei semanas e tive minha boa cota de feias quedas, mas finalmente pude dominar a forma de saltar.

— Posso entender por que sua mãe se opôs. Parece-me terrivelmente perigoso. — Ela

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

levantou a cabeça e o olhou. — Por que diabos você quis aprender isso?

— Meu desejo sempre foi me unir à cavalaria. Embora no fundo, sabia que nunca poderia. Com meu pai morto, era um risco muito grande. Se eu morresse sem um herdeiro, minha mãe e irmãs ficariam sozinhas.

Entretanto, aos quatorze anos tinha meus sonhos. Me imaginava indo à frente nos campos de batalha franceses, derramando sangue bonapartista.

Toby riu um pouco. Ah, ser jovem e passar horas fiando fantasias detalhadas e grandiosas de mudar o mundo. Isabel já não era uma menina sem dúvida, mas conservara de algum jeito o idealismo juvenil que ele há muito tempo havia superado. Ele nem sempre entendia o seu ardor, mas o admirava. Às vezes, invejava-a. Honra, Justiça, Caridade... A forma que ela pronunciava estas palavras...

Era como se ele pudesse ouvir as letras maiúsculas implícitas. Eram palavras que ela dizia frequentemente, mas nunca suavemente. E tinha o mesmo tom sério quando falava sobre ser uma Dama, com um D maiúsculo.

Toby não tinha pensado muito em ser um Sir quando era um menino, imaginava a si mesmo como o herói de uma lenda antiga do Rei Arthur: Sir Toby, o Valente. Isabel o fazia sentir que podia haver algo desta noção de nobreza, além de assumir seu lugar na multidão de aborrecidos aristocratas, homens sem nada melhor a fazer do que passar uma tarde sentados no clube bebendo brandy. Talvez ele pudesse fazer com o seu título algo mais do que só dar brilho a uma armadura velha, de séculos-de-antiguidade.

Ou talvez Isabel poderia.

— Cavalaria ou não, esse salto resultou ser um truque útil. — Ele apertou a mão dela e deu um sorriso diabólico. — E então, passei a apreciar sua outra aplicação para ele.

— E qual seria?

— Ora, impressionar às moças, é claro. — Ele roçou um leve beijo em seus lábios. — Funcionou?

Ela assentiu com a cabeça, ruborizada.

— Muito bem. Vejamos se consigo te impressionar ainda mais. — Ele colocou o braço livre debaixo de seus quadris e a levantou.

Ela gritou de surpresa.

— Toby!

— Oh, eu gosto desse som — ele disse, sustentando-a em seus braços enquanto cruzava o arroio pouco profundo. — Pode fazer isso uma vez mais? — Perguntou, abaixando-a a seus pés. — Mais tarde esta noite?

Ela descartou sua brincadeira com uma pequena onda da mão e começou a caminhar na frente.

— Isso é bastante ousado de sua parte — disse, sorrindo ante o tentador balanço de seus quadris enquanto ela caminhava. — Como sabe que não está caminhando na direção equivocada?

— Estou? — Ela perguntou, sem parar para olhar para trás.

— Não.

— Bem, então.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Viu-a caminhar uns passos mais, antes de começar a ir atrás dela. Seguindo seu caminho a um passo lento, arrancou uma longa hera de um ramo próximo e a trabalhou com as duas mãos.

— Espere... — disse ele. — Espere aí.

Ela parou, emoldurada entre duas árvores, parada na soleira entre este pequeno bosque, à sombra e o mundo iluminado pelo sol mais à frente. Uma coroa de luz dourada a rodeava, acariciando cada curva exuberante de sua figura.

— O que houve? — Ela perguntou.

Toby não conseguia sequer responder. Ele ficou ali, piscando, impressionado pela visão da beleza que tinha diante. Tragando o nó de sua garganta, pouco a pouco se aproximou de sua esposa.

Uma a uma, tirou as presilhas de seu cabelo enquanto ela o olhava, adoravelmente confundida. Finalmente, sua cabeleira escura caiu livre, e ela a dispôs sobre seus ombros com um inconsciente movimento de cabeça.

— Não, assim ficará melhor... — Sorrindo como um tolo, Toby adornou seu reluzente cabelo de cor ébano com uma coroa de hera que fizera, em seguida, emoldurou seu sorriso desconcertado entre suas mãos.

— Isabel, sei que já disse isto centenas de vezes ou mais. E agora me arrependo por não ter guardado estas palavras para este momento. Falando nisso, lamento ter dito a alguém mais, porque agora estas palavras parecem muito insignificantes, muito comuns. Completamente inadequadas. Mas eu te prometo, que eu nunca falei tão honestamente como falarei aqui, agora. Você é... Linda. De verdade, você tira o meu fôlego.

Seus olhos se arregalaram.

— Oh, Deus. Agora isso foi realmente impressionante.

— Foi?

— Sim. — Ela riu. — Agora eu fiquei sem fôlego, e não sou romântica por natureza. Não consigo imaginar o que este pequeno discurso deve ter feito as suas jovens e impressionáveis damas.

Toby sentiu que seu sorriso se desvanecia. Nunca havia falado assim a ninguém mais. A tola coroa de hera ele fez inumeráveis vezes... mas nunca com este discurso verdadeiro. Essas palavras foram só para ela.

— Será que você se dá conta de que já me casei contigo? — Perguntou ela. — E aqui está você jogando em cima de mim seus melhores truques charmosos. Por que isso?

— Não sei — ele disse com sinceridade. Que pergunta ardilosa era aquela. Por que, de fato ele estava fazendo isso? Por força do hábito? Ou simplesmente por esporte?

Não. Não era por nenhum daqueles motivos e ele sabia... ambos sabiam... Ele pode tê-la levado para longe de Gray, ter se casado e deitado com ela, e inclusive tê-la resgatado de um perigo iminente, mas ele ainda não havia ganho o seu coração. Ele, a quem jogavam os corações femininos com frequência e velocidade das bolas de críquete... Não havia ainda conseguido a adoração de sua própria esposa.

E ela era sua esposa. Apesar das razões superficiais que ele havia começado este cortejo, e pela primeira vez em sua vida, Toby estava fora de seu elemento. Isabel era uma mulher de fortes

princípios e paixões contidas. Seria preciso muito mais do que um flerte adolescente para tocar o seu coração. E seu coração era a única coisa que importava para ele. Ele precisava ganhá-lo antes que perdesse a eleição, ou nunca poderia ter uma chance novamente.

Ela olhou para a ladeira inclinada mais à frente do bosque.

— Acho que devemos estar nos aproximando da sua propriedade.

— É verdade, esse arroio é o limite da propriedade. Como soube?

— Suas maneiras mudaram — ela disse colocando as mãos sobre o seu peito. — Está se comportando como um... menino. Despreocupado. E cheio de malícia. — Ela alisou o colete dele com as palmas das mãos.

Toby sabia que ele não estava enrugado. Ela simplesmente queria tocá-lo.

E Deus... ele queria tocá-la. E de repente retornou, a febre da necessidade desesperada.

— Cheio de malícia... concordo com você. — Ele deslizou as mãos por suas costas, fazendo-a a retroceder um passo, de modo que ficou apoiada contra o tronco de uma árvore.

— Mas me comportando como um menino? — Ele esfregou seus quadris contra os dela, provocando-a. Ela deu um pequeno suspiro. — Tenho que discordar de você sobre isso.

— Toby — ela disse com a voz tensa. Suas palmas abertas apertadas contra seu peito. — Realmente deveríamos continuar caminhando.

— Oh. Muito bem.

Deixou-a em liberdade, mas ficou perto dela, sem dar espaço para que se afastasse. Com o coração pulsando pela luxúria e o cérebro confuso, ele ficou olhando o rosto corado de sua esposa.

Ela nem sequer o olhava aos olhos. Algo estava errado, mas maldito seja se ele sabia o que era. Não conseguia entender por que em um minuto ela podia ser tão apaixonada, inclusive coquete, atraindo-o cada vez mais... e no minuto seguinte ela o afastava. Como ela dissera, já estavam casados. E hoje ele usara todos seus truques mais impressionantes, e inventou alguns novos no processo.

— Um dia... — ele disse, — vou te levar para visitar Tortola.

— E por que você faria isso?

— É a sua casa. Não sente falta?

— Hoje não. — Ela tentou passar por ele, mas ele a prendeu.

— Eu gostaria de conhecer seu lar de infância. Será que eu encontraria a Isabel menina lá? Despreocupada e muito travessa?

— Não sei. — Seu tom foi ligeiro. E então falso. — Não sei se fui alguma vez muito travessa.

Nem despreocupada, ele supôs. Uma pitada de tristeza puxou o canto da boca de Isabel, e Toby se encontrou desejando poder realizar o verdadeiramente impossível: Voltar no tempo para matar aos dragões que rondavam o seu passado.

Ela brincou com a ponta da sua gravata, que pendurava solta de seu pescoço, e então olhou ao longe por um momento. Um instante mais tarde, aqueles olhos escuros, grandes, brilharam para ele de novo.

— Talvez a esteja vendo agora.

Com isso, ela arrancou a gravata de seu pescoço, a prendeu em sua mão e saiu correndo

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

costa acima, sua risada pulverizando-se com a brisa atrás dela. Toby saiu correndo em sua perseguição.

Apesar da vantagem que ela possuía, alcançou-a com rapidez. Agarrou-a na ponta da colina, onde ela parou de repente, ainda de costas para ele. A gravata revoava pendurada em sua mão.

— Apanhei-te. — Ele envolveu um braço ao redor de seu peito e agarrou a gravata com o outro. — Me dê isso sua provocadora.

Ele não encontrou nenhuma resistência quando arrancou a gravata de sua mão. Ela nem sequer o olhou. Em troca, ela simplesmente se recostou contra seu peito e ficou olhando o vale.

— Oh, Toby — ela disse em um tom de assombro sem fôlego. — O que é isso?

Sorrindo através de sua respiração entrecortada, ele a abraçou com força. Estava enganado. Ele tinha um último truque sob a manga, e este era o mais impressionante.

— Bem, isso é nosso lar.

CAPÍTULO 14

Isabel sempre teve sorte. Sempre foi consciente de que sua situação era de abundância e conforto, relativamente falando. Mas se alguma vez se sentiu privada de algo em sua juventude, era por ter crescido em uma casa que tinha muito poucos livros.

Ao menos, poucos livros de interesse para uma jovem. E ainda assim, tinha lido qualquer volume que conseguia e várias vezes. Havia um livro de contos de fadas que se ela tentasse, provavelmente poderia recitá-lo com o coração. E a capa desse livro ficou gravada em sua memória para sempre. Tinha um castelo pintado. Pequeno, mas sólido. Fortificado com uma torre e um fosso, e adornado simpaticamente com uma hera que cobria a pedra e jardins bem cuidados em sua sombra. Sendo jovem, Isabel havia ficado olhando a gravura por mais horas das que poderia contar, imaginando as terras de sua família, sonhando com tempos de séculos passados, sentindo saudades de seu irmão quando ele estava em Oxford e em algumas oportunidades só desejando estar em algum longínquo lugar.

E agora, ali estava. Seu castelo. O fosso, a torre, hera, jardins... e era uma interpretação exata do sonho de quando era jovem, banhado em uma cor brilhante. Real.

— Como é possível? — Ela perguntou.

Os braços de Toby apertaram sua cintura.

— Falei que chegaríamos aqui logo. Não foi uma longa caminhada.

— Não, quero dizer... refiro-me a este lugar. Eu vi este castelo antes... em um livro.

— Sério? — Ela sentiu que ele deu de ombros. — Não duvido. Mais de um artista pintou esta paisagem. Quando meu bisavô o construiu, estava excessivamente orgulhoso deste lugar. Convidou a quase todos na Inglaterra a visitá-lo.

— Quer dizer que ele não foi construído há séculos?

— Oh, não. Nem sequer um. Somente foi construído em estilo medieval, mas é bastante moderno por dentro. O velho homem tinha uma imaginação bastante romântica, não acredita?

Torcendo o seu pescoço, Isabel olhou para ele.

— Diria que você herdou o talento da família, de impressionar jovens damas. — Olhou novamente à paisagem de lenda dos contos de fadas. — E você vive aqui realmente?

— Nós realmente viveremos aqui. E você, minha querida, é a senhora do castelo.

Ele soltou sua cintura e parou a seu lado, beijando galantemente sua mão antes de colocá-la em seu cotovelo.

— Estou faminto. Vamos para casa?

Juntos, eles caminharam pela ladeira suave e pelos jardins. À medida que se aproximavam do castelo, Isabel se surpreendeu ao descobrir que era muito menor do que havia pensado. As proporções tinham sido cuidadosamente desenhadas para dar uma grande aparência a distância. De perto, entretanto, o castelo tinha um tamanho que o fazia mais acolhedor e impressionante. O fosso era uma piscina clara, cheia de lírios.

E Toby foi capaz de abrir a porta arqueada de madeira com uma das mãos.

— Bem-vinda ao Wynterhall — ele disse. — Espero que não ache muito extravagante para o seu gosto.

—É... é encantador. — Na verdade, não havia outra palavra. Admirada, Bel parou no grande vestíbulo que tinham entrado. Era de forma oval e uma claraboia oval, da qual se via o céu azul, era o que dava ao local uma aparência semelhante a uma safira engastada em ouro. O piso era de um padrão intrincado de mármore branco e negro.

Toby a guiou para uma estreita escada de pedra.

— Nossos dormitórios estão lá em cima.

Enquanto subiam os degraus, Bel estava consciente do eco de seus passos através do silêncio.

— Não há ninguém mais aqui? Não tem lacaios?

— Temos um exército de lacaios. — Respondeu enquanto alcançavam o final da escada. Guiou-a por um amplo vestíbulo atapetado. — Eles são liderados pela senhora Tremaine, a governanta, uma mulher de um inabalável bom humor e uma energia infinita. Tenho certeza que ela preparou um grande recebimento para ti, a comida, a decoração, música e todo o conforto que você possa imaginar. Não me surpreenderia descobrir que ela tenha ensinado às donzelas e os lacaios alguma classe de canção e a rotina de um baile em sua honra. É por isso que avisei ao cocheiro que deveriam limpar tudo para esta tarde.

Você teve um dia difícil e pensei que um pouco de descanso silencioso seria necessário. Conhecer os lacaios, e percorrer a propriedade, tudo isso pode esperar.

Bel respirou em sinal de alívio. Ele tinha razão, não se sentia bem para um grande recebimento neste momento.

— E... — Toby abriu a metade de um conjunto de portas duplas, — ordenei que trouxessem suas coisas para cá, por enquanto, para o meu dormitório. — Conduzindo-a ao interior com um sorriso despreocupado, ele acrescentou:

— Depois de tudo, não é como se fôssemos dormir separados.

— Não?

— Bem, eu... — Ele fez uma pausa. — Isto é, a menos que você deseje assim, nesse caso eu...

— Não. — Ela o interrompeu tentando se desculpar por tê-lo feito duvidar. — Não, está bem assim.- Ela desejava não ter feito esta pergunta, mas era algo que havia pensado antes.

Eles tinham dormido na mesma cama todas as noites até agora, mas Bel não estava segura se isso era um acerto durante a lua de mel ou seria um hábito.

Ela esperava que fosse o último... Gostava de tê-lo por perto. Céus, que libidinosa ela estava se tornando! Ela pensava que seu desejo por ele iria diminuir agora que a curiosidade e novidade havia passado.

Mas não. Não havia desvanecido nem um pouco. Pelo contrário, crescia a cada dia.

— Em qualquer caso — disse ela, — parece que quatro ou cinco de nós cabem aqui. Fez um gesto para a cama que era antiga e enorme, com dossel adornado com cortinas de veludo dourado e um luxuoso cobertor.

Era uma cama desenhada para um rei... e uma rainha. E um punhado de cortesãos ao lado.

— Ah, sim. A cama ancestral. — Toby caminhou ao redor da cama e se sentou ricocheteando no colchão. — Esta cama tem na verdade centenas de anos, apesar de que Wynterhall não. Acredito que meu bisavô deve ter construído a casa ao redor dela. — Ele acariciou o espaço ao lado dele e Bel aceitou seu convite para sentar. — Sim, esta cama serviu muito bem ao seu propósito. Gerações de herdeiros Aldridge foram concebidos sob este dossel.

Tomando sua mão na dele, deixou-se cair na cama e ela não teve outra alternativa a não ser fazer o mesmo. Bel pôde escutar o diabólico sorriso na voz de Toby enquanto dizia:

— Darei o melhor de mim para te engravidar nesta cama.

Bel se ruborizou enquanto olhava fixamente o dossel adornado.

— Que coisa para se dizer... — Ela se absteve de adicionar que, se durante a última semana não estava fazendo suas melhores tentativas para deixá-la grávida, então ela não estava certa do que mais esperar.

— Mas primeiro... — disse Toby soltando sua mão — devemos comer algo. Dei instruções... Ah... aqui está. Sabia que não me decepcionaria. — Ele se levantou da cama.

Bel girou sobre seu lado preparando-se para segui-lo, mas com um gesto ele fez com que ela permanecesse em seu lugar. — Não. Fique aí. Eu trarei a bandeja.

— Faremos um piquenique então? — Bel se sentou, tirou suas sapatilhas e envolveu suas pernas debaixo de suas saias. Desabotoou seu traje de viagem e o afastou, vestindo só a camisa e uma saia.

— Exatamente isso. — Toby virou, balançando a bandeja coberta com uma das mãos. Bel se embebeu da visão dele. Quando este maravilhoso castelo apareceu em sua visão, seus olhos não se fixaram em nada mais que no Wynterhall.

Mas agora, Toby havia recapturado toda a sua atenção. Com sua gravata pendurada ao redor do pescoço, o cabelo despenteado, sua pele radiante pelo sol e o esforço... ela poderia dizer a ele que pulassem o piquenique e passassem diretamente à sobremesa.

Mas isso era algo que Bel não poderia dizer. Estava um pouco aflita inclusive só em pensar nisso.

— A senhora Tremaine pedirá minha cabeça — disse ele, descobrindo a bandeja e colocando-a no centro da cama.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Ela preparou um banquete de dez pratos lá em baixo e aqui estou eu te servindo frango frio e pão como a sua primeira refeição em Wynterhall.

— Oh, é perfeito. — Bel partiu uma parte de pão e comeu agradecida. Em seguida pegou uma coxa de frango. Não havia percebido quão faminta estava até que ele colocou a comida diante dela.

— Bem... — disse ele, rindo. — Muito bem. Coma, querida. Foi por isso que pedi comida simples. Sabia que não comeria direito se estivesse acompanhada de muita pompa e exibição. — Ele cortou uma pequena rodela de queijo e ofereceu uma parte a ela. Como as mãos de Bel estavam ocupadas com pão e frango, ela aceitou o pedaço e o pegou com os dentes.

Absurdamente seus olhos se embaçaram enquanto mastigava o pequeno pedaço de queijo. Foi um gesto muito íntimo e carinhoso de seu marido. Ele tinha razão, ela nunca teria aceito comida de seus dedos se estivessem sentados numa sala de jantar opulenta. Toby simplesmente sabia como fazê-la sentir-se cômoda em sua casa. Ela simplesmente estava sentada e muito cômoda com ele.

Depois de terem comido, Toby limpou a bandeja e voltou para a cama.

— Agora... — ele disse. — Como está se sentindo? Está segura de que não está ferida depois do... depois do acidente mais cedo?

— Sim, muito segura.

— Chamo uma donzela? Talvez você gostaria de se despir, tomar um banho, dormir...?

— As três opções, eventualmente... Mas não tenho pressa.

Toby assentiu.

— Ainda está assustada? Gostaria que eu te abraçasse?

Ela sorriu.

— Já não estou mais assustada. Mas necessito que você me abrace.

— Isso é uma sorte. Porque ainda estou um pouco abalado, na verdade, e penso que necessito que me abracem. — Reclinando-se, ele apoiou a cabeça em seu colo. — Sim. Isso é muito melhor.

Ela alisou o cabelo de sua testa.

Ele fechou os olhos e suspirou.

— Sim. Muito, muito melhor.

Penteou seu cabelo castanho dourado com os dedos, massageando suas têmporas e o couro cabeludo com uma suave pressão e desfrutando do suave gemido de prazer que ele fazia. Depois de alguns minutos, sua respiração se estabilizou. Ele parecia estar prestes a dormir.

Bel não queria que ele caísse no sono.

— Talvez... — Ela sussurrou.

— Talvez o quê? — Ele murmurou em resposta.

Bel perdeu a coragem. Ao invés da sugestão amorosa que tinha a intenção de falar, uma avalanche de tolices saiu de sua boca.

— Possivelmente, deveríamos chamar à donzela para que retire a bandeja. Ainda fica muita comida aí, seria uma pena desperdiçá-la. Talvez algum lacaio queira levá-la para casa, para sua família.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele sorriu.

— Você é sempre tão boa, sempre pensando nos outros.

— Não. Sinceramente não sou.

— Sim, você é. E isso é muito revigorante. Você imagina quantas damas da sua classe pensariam em enviar o frango restante à casa de seus lacaios?

Bel sacudiu a cabeça. Se tão somente ele pudesse adivinhar a verdadeira natureza de seus pensamentos naquele momento, entenderia o quão egoísta ela era... E o quanto era tão comum quanto as damas de sua classe, que tiveram a oportunidade de observar este homem lindo. Percorreu novamente com seus dedos o cabelo dele e Toby se aninhou ainda mais em seu colo. Os batimentos de seu coração se aceleraram e sentiu uma doce e profunda dor em seu ventre. Realmente, ela estava se tornando completamente desesperada por ele.

Ele murmurou:

— Isabel, é boa demais para ser de verdade. Me diga honestamente, seus motivos são sempre tão puros? Não deseja alguma vez fazer algo que sabe que é incorreto?

Ela riu secamente.

— Oh, Toby. Só todas as vezes que olho para você.

— O quê? — Seus olhos se abriram e encararam os dela. — O que você quer dizer com isso?

— Quero dizer... — Bel sentiu que se ruborizava. Ela havia dito aquilo como uma brincadeira. Para que ele sorrisse. Mas ao invés disso, a expressão dele ficou completamente séria.

Isso a ensinaria a não fazer mais brincadeiras deste tipo. — Certamente você deve saber a que me refiro.

Ele levantou a cabeça de seu colo e a enfrentou.

— Está dizendo que me deseja?

— Vais me obrigar a dizer isso?

— Deseja-me. — Repetiu ele. — E acha que isso é errado.

Bel não sabia o que dizer. Isso era terrível. Tivera a intenção de elogiar seu marido, da mesma forma que ele sempre a adulava com louvor. E de algum jeito ela havia conseguido ofendê-lo.

Ele pegou a mão dela.

— Estamos casados, Isabel. Sou seu marido. Não há nada errado em você me desejar.

— Sim, bem. — Ela mordeu o lábio. Ela havia chegado até ali, não podia agora usar evasivas. — Para ser sincera, isso começou muito antes de nos casarmos.

— Quanto tempo antes?

— Suponho que... desde a primeira vez que te vi.

— E eu te desejei desde a primeira vez, também. Mais uma razão para termos casado. — Ele se aproximou ainda mais dela na cama. — E ainda assim, esperamos. Fizemos tudo corretamente e me acredite, sei o que estou falando, porque ter feito tudo corretamente quase me matou. Mas ainda assim, você acha que é errado. Por quê? Não é porque... — Ele baixou o tom de sua voz. — Será que você achou o ato desagradável?

— Oh, não. — Bel saltou no colchão com a força de sua negação. — Acho muito agradável. Tão agradável que sinto medo. Qualquer coisa que seja muito boa deve ser meio errada.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Olhou-a, obviamente consternado.

— Então, este é o motivo pelo qual sempre está tão ansiosa para sair da nossa cama — ele disse. — Depois de fazê-lo você se sente culpada, por ter experimentado o prazer e você se sente forçada a compensar isso com uma boa ação.

Ela deu de ombros. Em parte, Toby estava certo. Havia mais do que isso, mas Bel não sabia como explicar. Como diria a ele que nesses momentos de prazer físico, ela se esquecia de todas as preocupações, todos os outros motivos, todos os pensamentos sobre bondade e caridade e até mesmo de seu marido? Ela se perdia totalmente. Como poderia dizer à ele que cada vez que ela se deslizava nessa maravilhosa

"perda", temia que nunca encontraria o caminho de volta?

— Isabel... — ele disse. — Não tem que se sentir dessa forma por fazer o amor comigo.

Medo se apoderou do coração dela. Ele queria dizer que não fariam mais amor? Ela não queria isso. Apesar de se sentir confusa com o desejo que ele a fazia sentir, ela não tinha desejo de rejeitá-lo.

Os olhos de Toby se obscureceram. Com irritação, ela temia... ou talvez simplesmente com determinação. Com sua mão livre, retirou lentamente a gravata solta pendurada no pescoço.

— Confia em mim, não é, Isabel?

— Sim, é obvio. — Ela confirmou apertando seus dedos. — Não se trata disso absolutamente.

— E você sabe... — disse ele, deslizando sua mão até rodear o pulso dela, — depois de hoje, deve saber... que eu daria a minha vida antes de prejudicar você.

— Sim. — Ela sussurrou com a boca seca. — Sim. Eu sei. — Ela se lembrou de Toby correndo direto para aqueles cavalos em pânico, arriscando sua vida para salvá-la. Essa lembrança acelerou o seu pulso, até que ele palpitou contra a pressão das pontas dos dedos dele. E o modo em que a olhava agora... tão intensamente, tão possessivo... nunca esteve tão excitada em sua vida. Seus batimentos do coração palpitavam mais intensamente à medida que ele envolvia a gravata em seu pulso, enrolando-a apertado. O que ele pretendia fazer?

— Confio em ti. — Ela assegurou à ele rapidamente. — Com minha vida e com o meu corpo.

— Mmm. Sim, mas não com o seu coração.

Bel não teve resposta para isso. Não tinha mais palavras em sua cabeça. Olhou a longa faixa de linho enquanto ele a atava firmemente ao redor de seu pulso.

— Mas você irá — ele disse com a voz rouca. — Eu juro. Você é minha esposa e pretendo ter tudo de ti. Ganharei uma parte de cada vez se for necessário. Me dê sua outra mão.

Ela não podia negar isso a ele. Não conseguia negar nada à ele naquele momento. Seu desejo crescia enquanto ele atava seus pulsos juntos, lentamente enrolando o tecido liso sobre o seu pulso palpitante, e em seguida apertando-o para se assegurar.

— Deite-se — disse ele. — De barriga para cima.

Ela o obedeceu por vontade própria, permitindo que ele posicionasse o seu corpo na posição que desejava. Acomodou-a em forma diagonal na cama, levantou seus braços, estirando os pulsos atados em cima de sua cabeça. Ela sentiu uns fortes puxões enquanto ele a prendia na cabeceira superior do lado esquerdo da cama.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Dói-te algo? — Perguntou ele, testando o nó.

Bel balançou a cabeça.

— Eu nunca te machucaria.

— Eu sei.

Bel não podia fingir que não entendia porque seu marido estava atando seus pulsos na cabeceira da cama, nem porque seu corpo estremecia com emoção enquanto ele fazia isso.

Mas qualquer que fosse seu propósito, ela sabia que ele não a machucaria. Disso, não tinha dúvida.

Toby colocou um travesseiro debaixo da cabeça dela e ela olhou seu corpo, ainda vestido em seu traje de viagem azul celeste.

Com seus braços nessa posição, seus seios se esticavam para cima, esticando os botões de seu corpete de gola alta.

Os dedos de Toby seguiram a linha de botões trabalhados, liberando-os com uma série de ligeiros movimentos de dedos. Uma vez desabotoados, abriu o corpete para revelar seu espartilho e sua roupa íntima de verão.

Ele desfez os pequenos fechos de sua saia e puxou-a para baixo passando-a por seus quadris, joelhos e pés.

— Agora... — Murmurou ele. — Não está mais confortável?

Confortável? Estava brincando com ela novamente? Ela estava amarrada a uma cama. E qualquer alívio que normalmente sentia ao despir sua roupa era mais do que compensado pela doce tensão que sentia enrolar em sua barriga. Sua respiração retumbava em seu peito, superficial e rápida, levantando seus seios em ondas rítmicas.

Toby deslizou uma de suas mãos por sua coxa para desatar sua liga, então lentamente rolou sua meia abaixo por sua perna direita. As pontas de seus dedos acariciaram o interior de sua coxa, e a cavidade sensível de seu joelho, em seguida roçou o arco de seu pé. Ela se estremeceu com prazer, retorcendo-se na cama.

Ele apertou firmemente seu tornozelo.

— Agora, Isabel, posso confiar que você permanecerá quieta? Ou devo usar suas meias para prender suas pernas?

— Eu... — Sua voz titubeou e ela engoliu em seco. — Permanecerei quieta.

— Boa garota. Separe suas pernas um pouco mais, então. — Sua voz era sombria e brusca... um tom que chegou a conhecer bem, de seus encontros noturnos. Um tom que ela recebera com agrado, chegando inclusive a adorá-lo.

Ela adorava escutar a impaciência em sua voz. Saber que ele havia passado o limite de ser tenro e passava a ser duro, por causa do seu desejo masculino. E isso dava a ela muito prazer, obedecer suas ordens concisas.

Quando ele falava com ela desse modo, absolvia-a do peso da culpa. Não podia sentir conflito entre seus próprios desejos, não quando seu marido exigia que ela cumprisse suas ordens e estivesse disposta.

Era simplesmente sua obrigação agradá-lo e aceitar o prazer que ele oferecia à ela e estava encantada de fazer precisamente o que ele ordenava.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Só mais tarde... Só depois se envergonharia e se arrependeria angustiada nas sombras.

Ele tirou sua outra meia, torturando-a lenta e docemente à medida que se desfazia da fina seda por cima de seu pé. Deslizando suas mãos de novo até a cintura, desatou os laços de sua anágua e a tirou.

Não a olhava nos olhos já que estava concentrado em sua tarefa, enquanto colocava suas mãos ao redor de seu tórax e a girava levemente de lado.

Quando seus dedos soltaram os laços de seu espartilho, o ar penetrou em seus pulmões. Bel ficou tonta de euforia. A gravata ardia seus pulsos enquanto se retorcia para ajudá-lo a retirar o espartilho completamente.

Estava intoxicada com a deliciosa ironia...De como Toby a prendia e a liberava ao mesmo tempo.

E agora ela estava nua, exceto por sua simples chemise. A fina gaze estava úmida por sua transpiração e grudava em sua pele, fazendo o tecido ficar mais transparente. Toby reposicionou o corpo de

Bel e se colocou de joelhos entre as pernas abertas dela, exatamente alguns centímetros perto do lugar onde ela vibrava e suspirava por ele. Bel podia ver claramente o contorno do sexo de Toby, tão grande e masculino, pressionado contra as suas calças. O corpo de Bel se curvou enquanto seus quadris se arquearam para ele em um convite instintivo. Estava desesperada que ele possuísse o seu corpo, para que tomasse o seu prazer dela.

Mas isso não era o que ele tinha em mente.

— Não — disse ele rispidamente, colocando suavemente suas mãos sobre a sua cintura fazendo com que sua chemise se apertasse contra os seus seios. Seus mamilos se endureceram com essa tentadora fricção.

— Ainda não. Te prendi não para o meu prazer, mas sim pelo teu. E não vou te soltar até que você tenha alcançado o clímax.

— Toby...

— Três vezes.

Três vezes? Ele não podia estar falando sério. Lutou com suas ataduras e dobrou um joelho, apoiando o pé no colchão.

— Mas...

Ele agarrou sua coxa e empurrou gentil mas firmemente sua perna novamente para baixo.

— Pensei que você havia me prometido que permaneceria quieta. Devo recuperar suas meias?

— Não. Sim. Não — disse ela de novo, desejando que seu corpo se relaxasse. — Mas Toby, você não quer...

— Oh, eu quero... — ele disse com sua voz recuperando um pouco do seu encanto diabólico. — Acredite em mim, eu quero.

Rodeando-a com seus braços, inclinou-se para frente e aproximou o mamilo de Bel a sua boca, lambendo-o e brincando com ele através da gaze da chemise. Os quadris de Bel se sacudiram para cima enquanto o prazer a possuía e seu montículo roçava a ereção de Toby. Ele gemeu em seu mamilo, depois o mordeu suavemente.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Fique quieta. — Murmurou ele.

Bel obedeceu o melhor que podia. Ficou deitada perfeitamente e miseravelmente quieta enquanto ele chupava um de seus seios lentamente, depois o outro. Enquanto isso, uma terrível necessidade crescia entre suas pernas.

Sentia como se estivesse inchada, úmida e pronta para ele. Muito pronta.

Estava mais do que pronta e começando a se desesperar quando finalmente sua mão deslizou por seu corpo, persistentemente por seus seios, quadril, coxa e finalmente até alcançar a bainha de sua chemise.

Levantou o tecido até sua cintura e então estendeu sua mão até o interior de sua coxa. À medida que se aproximava do centro, Bel começou a ofegar de antecipação.

Muito perto. Mais perto, mais ainda assim, não tanto...

Lá.

A mão de Toby chegou ao sexo dela e Bel não pôde permanecer quieta. Sacudiu-se contra a mão de Toby, uma, duas vezes. E logo chegou uma explosão brilhante de êxtase e de alívio.

Com uma risada rouca, Toby levantou sua cabeça do seio de Bel.

— Meu Deus, isso foi rápido. Quase muito rápido. Preciso tomar cuidado ou isto terminará rapidamente.

Não foi o suficientemente rápido para a Bel. O clímax meramente havia anulado o pior de seu desejo. Ela ainda o desejava, mas agora sentia um estranho remorso... e culpa, porque ele se sacrificava por ela.

— Toby, por favor... — ela disse, levantando sua cabeça com grande esforço. — Me solte agora.

— Oh, não. — Sacudiu sua cabeça. — Não, minha querida. Sei que este é o momento o qual você deseja sair da cama e escrever folhetos de caridade, ou enrolar ataduras para o hospital. Mas não a deixarei fugir.

Não permitirei que faça penitência por algo que não é errado. O desejo entre nós... não é nada mais do que Deus planeja para um marido e uma esposa.

Sentando-se sobre seus quadris, Toby levantou ainda mais a chemise, até amontoá-la debaixo dos braços de Bel.

— Veja como você é bela — ele disse, acariciando com suas mãos o corpo nu e trêmulo de Bel. — É perfeita e bem proporcionada.

Bel olhou sua arredondada figura iluminada pela luz do sol. A lucidez perfurou a névoa de seu cérebro. Céus. Era apenas meio-dia e ele a deixava nua, presa a cabeceira da cama...

Esperava que ele tivesse falado a sério quando disse que todos os lacaios tinham permissão para ir embora pela tarde.

— Tão encantadora... — Murmurou, abrindo suavemente suas pernas.

Deus querido. Ele iria examiná-la? Ali? Ela fechou os olhos, estremecendo de prazer enquanto os dedos de Toby exploravam sua suave e sensibilizada carne. Suas mãos se fecharam em um punho.

— Toby, por favor, pare.

Sua mão ficou parada e ele a olhou.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Por quê? Estou te machucando?

— Não, mas está me deixando desconfortável.

— Te tocando?

— Me olhando.

— Por que você se sente desconfortável? Simplesmente estou admirando a minha formosa esposa. — Lançando a ela outro olhar, voltou a acariciá-la, até chegar às dobras de seu sexo.

Bel se retorceu.

— Não pode admirar outra parte de mim?

— Admiro cada parte de ti. - Ele retirou a mão de suas dobras e avançou lentamente pelo corpo de Bel, com mãos e joelhos, rodeando-a. Cobrindo-a como com uma manta. — Admiro este glorioso cabelo escuro...

— Ele a beijou no topo da cabeça. — Esta severa e séria sobrancelha... — Seus lábios roçaram o espaço entre suas sobrancelhas. — Este delicado nariz... estes lábios sedutores... e a adorável covinha em seu queixo...

— Ele se arrastou suavemente beijando seu nariz, boca e sua mandíbula.

Bel desejou poder enredar seus dedos no cabelo de Toby, atrair sua boca para a dela e dar à ele um profundo e longo beijo. Mas suas mãos continuavam presas e Toby continuou sua trajetória descendente.

— A deliciosa curva do seu pescoço...

Continuou beijando-a mais abaixo, parando para descansar o queixo no esterno dela e então logo segurou seus seios com suas mãos e sorriu com atrevimento.

— E acho que você sabe o quanto admiro a vista deste vale bonito.

Sua boca se arrastou mais para baixo.

— Seu umbigo tem sabor de damascos. — Murmurou, fazendo cócegas com sua língua.

— Não é verdade.

— Como você sabe? — Ele brincou. — E aqui... — Ele se instalou entre suas coxas e abaixou sua boca até o seu centro. — Aqui, tem sabor de paraíso.

Bel gemeu de prazer quando os lábios de Toby e sua língua acariciaram seu lugar mais íntimo. Estava se acostumando a esta forma de atenção desde a noite de núpcias. Ele a levou ao clímax desta forma quase todas as vezes que fizeram amor... E que diabo inteligente ele era, aprendera a levá-la a este ponto rapidamente.

Também aprendeu, como o inteligente diabo que era, como tomar o seu tempo.

Provocava-a sem piedade com sua boca e suas mãos, até fazê-la derreter de desejo. Ao deslizar um dedo dentro dela, Bel mordeu seu lábio até fazê-lo sangrar.

— Grite! — Ele disse. — Não resista. Vivo desses ruídos apaixonados que você faz.

— Toby.

— Ah, quase... quero se seja igual como mais cedo, você sabe... Quando te carreguei para cruzar o rio. Vamos tentar mais uma vez... — Ele pressionou outro dedo dentro dela.

— Toby! — Ela o censurou com um grito.

— Sim, sim. Como esse.

Grunhindo com frustração, ela se arqueou contra sua mão. Finalmente ele teve compaixão

dela e resolveu dar um melhor uso a sua boca provocante. Dentro de segundo, ele a tinha gritando com um prazer intenso.

O segundo clímax a deixou tremendo e débil. Todo seu corpo inteiro vibrava de alegria, mas ela ainda desejava mais. Precisava tê-lo dentro dela, precisava sentir aquele sentimento de plenitude quando seus corpos se uniam.

Toby acariciou sua coxa.

— O que quer, Isabel? Me diga. Me peça qualquer coisa que queira.

— Solte minhas mãos.

— Qualquer coisa menos isso. Soltarei seus pulsos na hora certa, mas primeiro quero que você libere sua paixão.

— Eu não...

— Sim... fará isso... você é a mulher mais apaixonada que já conheci. Você é apaixonada e tem medo disso. Não tenha medo... — Ele a acariciou suavemente entre as pernas. — Deus... você está tão molhada... tão pronta... está molhada para mim... pronta para mim. Não negue isso. Não me rechace. Diga que você me deseja.

— Eu quero...

Eu quero você dentro de mim.

Ela não podia dizer isso, não dessa forma. Não com ele olhando para ela em plena luz do dia, enquanto estava deitada presa em sua cama. Ele tinha todo o poder naquela situação, e embora isso a tivesse excitado mais cedo... agora precisava controlar a situação.

— Quero que você tire a roupa — ela disse. Se ele não a soltaria, pelo menos podia obrigá-lo a tirar suas roupas. Estariam os dois nus, pelo menos.

— Com prazer. — Com um sorriso maroto, ele desabotoou o seu colete e o jogou de lado, antes de começar a soltar os seus punhos. Em questão de instantes, pegou sua camisa e a tirou por cima de sua cabeça.

Logo, se sentou para tirar as botas, oferecendo a Bel uma esplêndida visão de seu peito bem formado. Bel admirou as linhas esculpidas e tonificadas de seus músculos, a graça masculina de seus movimentos.

A fazia lembrar que este modelo de beleza masculina era seu marido... dela.

Tirou suas botas, desabotoou as calças e sua roupa interior e as escorregou pelos quadris. E então ficou ali. Gloriosamente nu e orgulhoso.

Não havia em seu corpo nenhum tremor de insegurança e Bel invejava aquela força e confiança quase tanto quanto desejava senti-lo cobrindo-a. Dentro dela.

— E...? — Insistiu ele. — Diga-me o que mais agora.

Vem fazer amor comigo. Una-se a mim.

Mas não conseguiu dizer aquilo. Ainda não. Ainda a tinha a sua mercê e não queria implorar.

— Beije-me. — Sussurrou Bel.

— Com prazer. — Cuidadosamente ele estirou seu corpo nu em cima do dela. Com doçura, tocou seus lábios com os dele. Aqueles lábios que tinham saboreado recentemente cada centímetro de seu corpo, era como se ela estivesse beijando a si mesma. Que curioso. Na verdade tinha sabor de damascos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Beijaram-se lentamente e profundamente. Depois, com urgência.

Sua excitação pulsava contra a coxa de Bel e seu próprio corpo vibrava e suspirava por ele.

— Diga que você me deseja... — Suspirou Toby contra o pescoço de Bel. — Deus, diga-me isso logo ou juro que morrerei. Desejei-te todo o dia, cada momento. Tão intensamente que pensei que explodiria de desejo.

Diga as palavras, Isabel. Me deixe entrar.

Bel sentiu um amplo e aturdido sorriso cruzando por seu rosto. Enfim. Ele podia tê-la presa pelos pulsos e ofegante de prazer, mas ela o obrigara a se despir e ele estava desesperado e totalmente preso. E agora, todo o poder era dela.

Enganchou uma perna na dele como um convite.

— Isabel... — Ele gemeu. — Diga que me deseja.

— Você sabe o que desejo.

— Você tem que dizer isso. — Ele exigiu com a voz cortante e excitada.

Ela riu. Toby levantou a cabeça e seus olhares se cruzaram.

— Não — ela disse dando a ele um tímido sorriso.

Seus olhos salpicados de âmbar a olharam calidamente em sinal de compreensão.

— Você está me provocando. — Ele falou com um sorriso se espalhando por todo o seu rosto. E então, tomando sua boca disse: — Essa é a minha garota.

Beijou-a apaixonadamente, gemendo contra sua boca enquanto levantava o seu quadril e... Céu misericordioso... finalmente a penetrou.

Oh, como aquilo era perfeito. Muito bom.

Firmando-se profundamente dentro dela, Toby se esticou até a sua cabeça para soltar a gravata. Assim que as mãos dela ficaram livres, voaram diretamente para ele. Ele a tomou com fortes e profundos golpes enquanto ela explorava o corpo dele com seus dedos, acariciando-o em lugares que nunca antes havia se atrevido tocar: a parte de trás de sua coxa e sua firme nádega. Ela se sentia livre, livre para tomar tudo dele.

Com seus tornozelos presos em suas costas, ela alcançou tocar o lugar onde seus corpos se uniam... Seu eixo duro e grosso se deslizava dentro e fora de seu corpo.

Ele amaldiçoou.

— Eu não posso...

Ela se retorceu e Toby grunhiu.

— Eu... Deus, não consigo parar.

— Não tente... — Ela colocou ambas as mãos em seus ombros e se aferrou a ele fortemente. — Apenas continue...

Segurando os seus quadris, ele a tomou duro e rápido, levando-a de novo para o limite da felicidade.

E naquele último momento delicioso de tensão, ela soltou um grito de liberação e pensou... se ela nunca retornasse desse momento, não se importaria.

CAPÍTULO 15

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Na manhã seguinte, Bel sabia que devia ter ficado louca em algum momento durante a noite. Certamente devia estar vendo coisas.

Cordeiros.

Honestamente, cordeiros. Brancos, pelos macios, inocentes cordeiros pulando em uma grama inclinada. Eles inclusive faziam aqueles adoráveis e pequenos balidos entre eles.

Como se Wynterhall já não fora bastante idílica... Como se Bel não tivesse acabado de passar a manhã percorrendo o que era agora seu próprio castelo encantado e conhecido uma benevolente equipe de lacaios, certamente tirada das páginas de algum conto de fadas... agora Toby a tinha enviado para fora, ao terraço para ver os jardins bem cuidados.

E para saudar os cordeiros.

Sério. Inclusive para ela, aquilo era um pouco demais. Aquilo parecia incongruentemente inocente, depois da tórrida noite de paixão que tinham compartilhado. Ela mal podia olhar para Toby naquela manhã sem se ruborizar.

— Eles são animais de estimação? — Ela perguntou enquanto uma das criaturas enfiava o nariz entre suas saias. — Algum tipo de decoração pastoral, como um bosque de cordeiros?

Toby riu.

— Não, eles são um incômodo. Estamos infestados destas criaturas. Nosso mordomo incrementou o rebanho o outono passado... Com a nova fábrica de meias perto do rio, a lã é um bom investimento.

E pelo visto uma fonte particularmente rápida de procriação. Agora estamos nos afogando no meio deles.

Juntos caminharam pelo prado. A grama ainda estava úmida com o último toque de orvalho da manhã.

— Supunha-se que eles utilizariam os campos do norte para o pastoreio. — Continuou Toby. — Mas esses planos tiveram um pequeno inconveniente quando os campos do norte se alagaram no mês passado, e agora... agora, estão praticamente em todas partes. É positivamente bíblico, não? — Ele puxou bruscamente a mão dela. — Cuidado com o degrau, querida. Seus restos estão em toda parte, também.

— Oh! — Bel pulou, passando muito perto dos restos com suas sapatilhas.

Toby deu a ela um sorriso tímido.

— Temo que esta seja a vida rural.

— Não se preocupe por mim. Cresci em uma plantação. Passei minha infância jogando milho para as galinhas e recolhendo os ovos.

— De verdade? Te fizeram cuidar das galinhas?

— Oh, ninguém me obrigava. Eu gostava de fazer isso. — Bel deu a ele um pequeno sorriso. — Te direi um segredo, se você quiser saber.

— Sim. Eu quero.

— Eu costumava redistribuir os ovos, dependendo das galinhas que eu gostava. As minhas favoritas eu as registrava como boas poedeiras... sendo ou não verdade. Mas se alguma bicava os

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

meus dedos, elas viravam... — Bel deu de ombros.

— Refeição? — Ele deu a ela um olhar exagerado de recriminação. — Que manipuladora. Confesso que isso mudou toda a minha opinião a seu respeito. Nunca mais te olharei da mesma forma novamente.

Bel fingiu rir divertida, porque sabia que ele estava brincando. Sabia em sua mente, mas ainda assim, uma torção ansiosa em sua barriga sustentava o contrário.

— Que grande confissão você fez — ele disse. — Eu a farei esperar anos para ouvir as minhas, até que você esteja velha, débil e quase totalmente surda. Mesmo assim, terei que te cercar de almofadas caso você caia pela comoção.

— Bem, se é assim, acho que prefiro não saber.

— Sim, isso provavelmente é o melhor. — Tinham cruzado o prado e entraram em uma passagem estreita arborizada. Toby a guiou pelo caminho estreito, marcado por raízes.

— Este é o caminho para Yorke Manor.

— Então, por que estamos seguindo por ele? — Ela perguntou.

— Bem, para visitar o senhor Yorke.

— De verdade? Mas vocês são adversários... não seria estranho os dois se encontrarem socialmente? — Bel achava incômodo, de qualquer maneira.

— Sim, somos adversários desde ontem. Mas fomos amigos durante anos, e vizinhos desde que nasci. Nada disso se invalida pelas eleições.

— Tem razão, é claro. — Bel suspirou. Não tinha sido muito amável de sua parte protestar. Sentia-se muito nervosa com Toby naquela manhã, como se ele pudesse desaprovar qualquer comentário dela. Talvez tenha sido a pressão de estar naquela grande mansão como sua senhora.

Não, é obvio que não. Ela sabia que sua ansiedade se devia a suas relações sexuais de ontem à tarde. E ontem à noite. E muito cedo esta manhã.

Claramente, Toby estava muito satisfeito com o uso da sua cama ancestral... assim como ela... mas Bel estava preocupada que ele a olhasse de forma diferente, agora que havia sido tão ousada com ele.

Seu respeito por ela teria sobrevivido aquela noite?

— Sabe, sua pequena história sobre as galinhas me fizeram pensar.

— Sério?

— Sim, sério. Eu, pensando. — Ele lançou para ela um olhar modesto. — Difícil de acreditar, eu sei.

— Oh, não foi isso o que eu quis dizer.

— Eu sei. — Sorrindo, ele pegou a mão dela na dele. — Mas eu estava pensando, a respeito do homem afortunado que sou. Me dou bem com quase todo mundo, Isabel. Há muitas pessoas que eu gosto, muitas pessoas que chamo de amigos... mas em toda minha vida, conheci poucas pessoas que honestamente posso dizer que admiro. Sabe o que quero dizer?

— Talvez. — Ela respondeu com cuidado, preocupada com onde ela se posicionava nesta tal divisão. — Mas todos temos um pouco de bondade.

Certamente pode-se encontrar uma coisa... algum ato ou qualidade pessoal... para se admirar em qualquer pessoa.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Certamente você pode fazer isso... mas você é melhor do que eu. Não, eu posso apenas contar um pequeno número entre meus conhecidos os quais considero dignos de admiração. Você poderia adivinhar quem possa ser?

— Sua mãe? — Essa era uma hipótese fácil. Isabel admirava a sua sogra, também, por sua inteligência afiada e sua graça fácil.

— Sim, um exemplo. O senhor Yorke é outro. — Ele riu um pouco. — E se alguma vez você quiser criar uma cena interessante, reúna-os em uma mesma sala e diga isso a eles. — Com sua mão livre, pegou um ramo caído e o girou distraidamente, batendo nos arbustos e trepadeiras enquanto avançavam. — E se para mim só existem algumas poucas pessoas que eu admiro no mundo, não vê quão afortunado sou?

Nasci de uma delas e cresci a um passo da outra... — Ele levou a mão dela aos lábios e a beijou. — E agora consegui me casar com a terceira.

O coração de Bel se esquentou. Como ele fazia aquilo? Como sempre intuía exatamente o que ela precisava ouvir e pronunciava as palavras de forma tão convincente? Era mais do que charme, era... ela não sabia sequer como chamar isso.

— Toby, isso é muito...

— Romântico? Generoso? Imerecido?

— Doce.

— Doce? — Ele se apressou a dar um passo à frente e girou para ficar de frente para ela detendo o seu avanço. De repente, o tom dele já não era brincalhão... e sim rouco e suave. — Isso não tem nada que ver com doçura. Estou sendo honesto.

— De verdade?

— Sim.

— Você não está mentindo para mim?

— Mentir para você? — Fazendo uma pausa, ele lançou para ela um pequeno sorriso. — Nunca.

E como ela poderia duvidar dele, quando ele a olhava assim... com aqueles olhos salpicados de âmbar, quentes de admiração, bastante abertos para refletir todas suas esperanças e sonhos?

— Honestamente digo agora o que deveria ter dito ontem — ele disse, roçando o dedo em sua testa, passando pela ponta do seu nariz, até o seu queixo. — Admiro cada parte de ti, por dentro e por fora.

E estou... estou simplesmente muito agradecido.

— Agradecido? — Suspirou ela. — Por quê?

— Pelo fato de que você não esteja usando um gorro esta manhã. — Ele pegou seu rosto entre as mãos e a beijou.

Ela quase riu em seu beijo, porque nesse momento Bel estava agradecida, também... e por uma razão igualmente absurda. Não porque ela se casou com um homem que poderia converter em gelatina suas vísceras com um sorriso, ou porque ele a fez a senhora de seu próprio castelo encantador, infestado de cordeiros. Nem sequer porque confiava nele tão implicitamente, tão completamente que podia não só aceitar beijos, mas também o prazer e os elogios desses lábios.

Não, nesse momento estava afligida por uma espécie mais vaidosa de gratidão... pelo fato

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

de que Toby era alto. Mais alto do que ela, quando tantos homens não eram. Ela sempre teria que se aproximar para o seu beijo, estirando o pescoço, arqueando os pés, e sentir-se um pouco pequena, insegura e emocionada enquanto fazia isso. Este beijo nunca perderia sua emoção.

Uma borbulha vertiginosa de amor surgiu em seu ventre. Por pura força de vontade, esmagou-a. Podia ter perdido a luta contra o desejo, mas estava resolvida duplamente a proteger seu coração.

O desejo inevitavelmente se desvaneceria... mas o amor?

O amor tinha um jeito de alterar as prioridades. E Bel precisava manter as suas intactas.

Ela se afastou e ele grunhiu do fundo de sua garganta.

— Sim, isso é o suficiente — ele disse dando-lhe um último e firme beijo em seus lábios antes de liberá-la. — De outro modo nunca chegaremos ainda de manhã à residência do Yorke.

— Por que vamos lá?

— Apenas por uma questão de preocupação com as propriedades. E este negócio com o canal de irrigação.

— Ah, sim. — Isabel recordou a queixa de sua sogra. — O senhor Yorke mudou de ideia sobre o acordo, simplesmente para chatear a sua mãe?

— Tenho certeza de que há mais do que isso. Minha mãe tem uma forma de exagerar quando se trata do Yorke. As pessoas chegam a pensar que ele é um ogro de três olhos que fica sob a ponte, em lugar do vizinho que vive do outro lado. — Suas botas faziam um ruído oco, metálico, enquanto a guiava por sobre as tábuas cinzas, que formavam uma ponte sobre um pequeno riacho. — Espero que você não se importe com a caminhada — ele disse.

— Não achei que você estivesse pronta para usar faetón ainda.

— Não. — Bel concordou, seu pulso se acelerando com a simples menção da calamidade de ontem. Ela ficaria muito feliz se nunca mais entrasse em um faetón novamente.

— Suponho que poderia ter deixado você em casa para que pudesse descansar. — Continuou ele piscando o olho para ela. — Mas sou egoísta demais para isso. Afinal de contas, estamos em lua de mel e pretendo mantê-la perto.

Margearam um campo de trigo em silêncio, caminhando de braços dados, e Isabel inclinava o rosto para a cálida luz do sol de junho. Se Deus houvesse criado uma manhã mais formosa, Isabel ainda preferiria esta.

Ela não acreditava que seu coração pudesse suportar um dia que estivesse tão perto da perfeição. Se a brisa que agitava o grão fosse apenas um pouco mais quente, se este céu fosse apenas um leve tom mais profundo de azul... se seu marido, ainda mais bonito sob o sol, piscasse para ela uma vez mais... um verdadeiro desastre poderia ocorrer.

Ela poderia se apaixonar.

— Temos um problema.

Toby franziu a testa enquanto o senhor Yorke o puxava para mais perto dele pela cerca do jardim. Atrás deles, Isabel se maravilhava com um morangueiro florescendo, recolhendo os pequenos frutos vermelhos em uma palma.

Imagine, a querida jovem nunca tinha visto um morangueiro. Havia tantas coisas que ele

poderia mostrar à ela, tantos prazeres que ela nunca havia experimentado.

— Temos um problema sério. — Sussurrou Yorke novamente. — Este seu pequeno plano teve um péssimo começo.

— Como assim? — Perguntou Toby.

— Deixe-me te dar uma dica. Se você não quer que a população apoie a sua candidatura, não deveria sair por aí realizando atos heroicos diante da multidão. Você é a fofoca do Condado, depois de uma pequena proeza de um salto ao cavalo.

Toby fez uma careta. Imaginara que isso não ajudaria a sua causa.

— Bom, não poderia ter feito de outra maneira. Deveria simplesmente ter ficado para trás e esperado o desastre?

— Não, é obvio que não. — Yorke olhou para Isabel por cima do ombro. — Inclusive tenho que te parabenizar. Você o fez muito bem, Toby. Por um momento, tive a certeza de que você partiria o seu pescoço.

Mas você deve saber, por muito que doa ao meu orgulho admitir... Agora você pode ter que fazer um esforço real para perder.

— É só um pouco de entusiasmo e de conversa. Não se preocupe. Vou estar completamente ausente da campanha eleitoral, não vou mandar ninguém para falar em meu lugar. Você segue sendo uma aposta segura para a reeleição, tenho certeza disso.

— Talvez. Mas é um problema.

— O que é um problema? — Perguntou Isabel, surpreendendo-os com a proximidade súbita. Ela estendeu a mão para Toby. — Quer alguns morangos?

Ele recusou com uma ligeira agitação de sua cabeça. Era todo o movimento que podia dirigir com o seu coração batendo apressadamente contra suas costelas. Certamente ela não havia ouvido nada.

Não tinha o olhar de uma esposa recém casada, que acaba de descobrir que foi traída por seu marido em menos de uma semana de casamento.

Toby pigarreou.

— Estamos apenas discutindo sobre o canal de irrigação. O senhor Yorke estava a ponto de me dizer qual é o seu problema.

— Não tenho nenhum problema.

— Então por que de repente se negou a aceitar o combinado? Necessito deste canal, Yorke. Desde que construíram a fábrica rio abaixo, os campos do norte estão inundando toda primavera. Enquanto isso, nossas terras ao oeste não estão recebendo água. O canal arrumaria ambas situações.

— Ah, mas esses são seus problemas. Não meus. Por que devo permitir que cavem uma trincheira pela minha terra, e muito menos compartilhar os custos da mão de obra para escavá-la?

— Porque o canal regará seus campos do oeste, também. Por acaso o senhor não esteve se queixando da baixa produção da última colheita?

— Certo — disse Yorke. — Mas me dei conta que não é por falta de água. A terra simplesmente está sobrecarregada. Decidi deixá-la descansar esta temporada, portanto, não tirarei nenhum benefício de seu canal.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Tampouco tenho o dinheiro extra para pagar por isso. Terá que esperar até no próximo ano.

— Oh, mas os cordeiros! — disse Isabel. — Pense nos cordeiros.

— Nos cordeiros? — Repetiu Yorke.

— Sim, cordeiros. — Gemeu Toby. — Eles estão invadindo Wynterhall. Por enquanto eles são razoavelmente compactos e adoráveis, mas no próximo ano eles simplesmente serão ovelhas.

Grandes ovelhas, cheias de lã e fedorentas. Necessito esses campos do norte drenados para o pastoreio este ano.

— Então construa o canal. Em suas terras.

— Você sabe muito bem que seria o dobro do tamanho e do custo. Vamos lá, homem. Seja amigo.

— Ser amigo? — Yorke soltou uma risada. — Que tipo de negociação é essa? Se você quer seu canal, deverá terá que me demonstrar que também me convém.

Toby olhou ao velho com os olhos entrecerrados. Pela primeira vez em sua vida, estava realmente se impacientando com Yorke.

— Velha raposa. Você também quer este canal. Simplesmente está tentando se livrar de pagar por ele.

Yorke inflou o peito.

— Agora você está começando a soar como aquela mulher.

— Deixe aquela mulher... — Toby interrompeu a frase e começou de novo. — Deixe a minha mãe fora disto. Somos os proprietários das terras, e isto é entre você e eu.

Agora bem, se não podermos começar a trabalhar nesse canal imediatamente, terei que passar muito mais tempo em Surrey este verão. Terei que ir falar com os agricultores da vizinhança. Talvez inclusive realizar outra exibição de equitação.

Ele olhou fixamente para Yorke, deixando que ele captasse as implicações de suas palavras. O ancião pareceu um pouco chocado. Toby estava um pouco chocado, também, verdade seja dita.

Não fazia ideia de onde havia saído a ousadia de ameaçar a cadeira de seu amigo no Parlamento, simplesmente para ver uma trincheira escavada na terra.

Mas por muito que apreciasse a amizade de longos anos com Yorke, não permitiria que o homem tirasse vantagem disso.

— Tome cuidado, meu rapaz — disse Yorke em um tom baixo, alerta. O olhar do velho se desviou para Isabel. — Não acredito que você queira que eu o ponha em evidência.

Oh, não. Ele não ousaria. Um nó se formou nas vísceras de Toby. Certamente Yorke não trairia o seu segredo. Se Isabel se inteirasse de seu acordo de cavalheiros para arrumar a eleição, ela nunca o perdoaria.

Teria que passar o resto de sua vida dormindo com as ovelhas.

O senhor Yorke sorriu para Isabel.

— Posso, Lady Aldridge? — Ele perguntou, pegando um morango da palma de sua mão.

— Mas, é claro. — Ela respondeu, devolvendo a ele o sorriso. Tão doce, tão inocente. Tão completamente inconsciente do canalha embusteiro que tinha por marido.

— Um sábio conselho, Toby — disse Yorke, fazendo explodir o morango na boca. — Nunca jogue com algo que não está preparado para perder.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toby exalou com frustração. Sabia que foi vencido. Yorke também sabia, seu olhar mostrava isso. O velho poderia exigir arar um canal diretamente pelos jardins de Wynterhall, e agora Toby se veria obrigado a concordar.

— Certamente poderemos chegar a algum tipo de acordo. — Isabel levantou outro morango até seus lábios manchados de suco. — Tenha piedade dos cordeiros, senhor Yorke — disse ela, com os olhos brilhantes.

— Os cordeiros de Deus não merecem um lar?

— É o amor de recém casados que está falando? — Yorke dirigiu sua pergunta a Toby. — Ou ela é sempre assim?

— Oh, sou sempre assim — disse ela. — Não sou, Toby?

— Sim. — Toby sorriu apesar da situação. Só Isabel podia insultá-lo tão docemente.

Ela continuou:

— Eu não sou uma romântica, senhor Yorke. A lealdade, a justiça e a honestidade... estas são as qualidades que me agitam o coração.

— É assim? — Yorke dirigiu a Toby um olhar reprovador.

Toby deu de ombros e estudou o carvalho fazendo sentinela no alto de uma colina distante. Imaginou que via seu próprio laço pendurando lá, girando com a brisa. Sim, velho. Aí tens. Estou afundado.

— Muito bem — disse Yorke bruscamente. — Pelo interesse da justiça, procederemos com o acerto do canal como combinado, se...

— ele desprezou o agradecimento de Isabel com um gesto brusco, — ... você arrendar meus campos do oeste para o verão.

— Mas você acabou de dizer que planeja deixá-los descansar!

— Sim, mas você pode utilizá-los para...

— Para o pastoreio — disse Toby, movendo a cabeça quando o óbvio apareceu. — É obvio. E a terra ficará mais rica por isso, e pronta para o plantio no inverno. — Ele tinha que reconhecer que Yorke era um homem muito perspicaz. Não era de se admirar que ele tivesse tido tanto êxito no Parlamento todos estes anos. Que capricho louco tinha levado Toby a considerar a possibilidade de um sério desafio à ele?

— Este era o seu plano desde o início, não?

— Não — disse Yorke, batendo em suas costas. — Realmente, Toby. Você supõe que tem que ser suficientemente inteligente para pensar nisso? Foi um lance de sorte, você se casou com este — disse, assinalando Isabel com a cabeça.

— Pelo menos ela sabe que os cordeiros de Deus necessitam de um lar.

CAPÍTULO 16

Um grito primitivo deu boas-vindas à Toby e Isabel quando cruzaram a soleira da casa dos Graysons.

— Querido Deus... — Bel agarrou o braço de Toby, puxando o corpo dele. A instintiva resposta dela, deu a Toby uma intensa satisfação masculina. Sua esposa confiava nele. Para protegê-la, para dar prazer à ela.

Certamente em pouco tempo seu coração se renderia também. Quando esta absurda eleição terminasse, Isabel deixaria de lado sua decepção e Toby tinha esperanças de que sua relação continuasse se aprofundando e crescendo.

Em resumo, sua vida era boa.

Um forte rugido sacudiu as paredes.

Ou não tão boa.

Sophia correu na direção deles, com as bochechas ruborizadas e o cabelo desalinhado.

— Graças a Deus que vocês estão aqui.

— Que diabos está acontecendo? — Toby entregou ao lacaio o seu chapéu e luvas. — Estão matando gatos lá em cima?

— É Lucy — disse Sophia. — Ela entrou em trabalho de parto.

— Aqui? — Perguntou Isabel. Um gemido retumbou através do teto de gesso e Isabel inclinou sua cabeça na direção onde vinha o gemido. — Agora?

— Sim. — Sophia os conduziu para o salão, atraindo-os a um lado para falar com eles em particular antes que entrassem. Ela abaixou a voz e sussurrou: — Ela e Jeremy tiveram algum tipo de discussão e Lucy veio para cá em um arranque de ira. Conduziu até aqui no faetón e quando chegou, suas dores já haviam começado. A senhorita Osborne diz que não é seguro movê-la. Ela deve ter o seu bebê aqui.

Toby intercambiou um rápido olhar com sua esposa.

— Deveríamos ir.

Isabel assentiu.

— Sim, é obvio. — Quando outro grito abafado flutuou pelo corredor, Bel se virou para Sophia. — Voltaremos para falar sobre o folheto da Sociedade em outro momento.

— Não! — Sophia os alcançou, segurando Toby pelo braço com uma das mãos e o pulso de Isabel com a outra. — Não, rogo-lhes isso.

— Certamente a senhorita Osborne tem tudo controlado. Ou você quer que eu vá procurar outro médico? — disse Toby.

Sophia negou com sua cabeça.

— Não é Lucy quem me preocupa. Hetta diz que o trabalho de parto está progredindo bem, embora um pouco devagar. Ela diz que isso é normal com os primeiros bebês. É Jeremy quem necessita de cuidados.

— Jem? — Toby deu uma rápida olhada para o salão. — Ele já está aqui?

— Sim. Gray e Joss estão lá com ele, mas acredito que ele se sentirá bem com a companhia de um amigo. Temo que ele não esteja levando isto bem.

Um longo grito dilacerador interrompeu a conversa. Todos os olhos olharam para o teto.

— Não — disse finalmente Toby, olhando para o gesso do teto. — Posso imaginar que Jem não esteja encarando isto muito bem.

— Você disse que Joss está com eles? — Perguntou Isabel. Sophia assentiu e as mulheres

cruzaram um olhar cúmplice. — Oh, Deus. Isto deve estar sendo uma tortura para ele.

Toby pensou que quem parecia estar padecendo de uma tortura era Lucy.

Ele mesmo esteve bastante consternado vendo como suas três irmãs tinham sobrevivido a dez ruidosos partos, coletivamente, e sabia que Lucy seria mais forte do que qualquer uma delas.

Mas então... ele tomou um breve momento para imaginar que se esses gritos de dor fossem de Isabel... Imediatamente compartilhou a inquietação de Jeremy. Agora cada pequeno gemido o fazia estremecer como se fosse um coice no intestino. Quanto pior poderia ser para Joss, que havia perdido sua esposa em um parto?

Sophia apertou o seu braço.

— Por favor, fique com eles. — Implorando com seus úmidos olhos azuis, Sophia inclinou sua cabeça para o salão. — Tente convencer Jeremy que tudo ficará bem. Mantenha sua mente ocupada com outras coisas.

Somente... Toby, basta ser você mesmo. Eu sei mais do que ninguém que você tem o dom para acalmar as pessoas.

Por um momento, faltaram palavras para Toby. De todas as pessoas das que ele jamais teria esperado escutar elogios sobre o seu caráter, essa mulher, que havia fugido para não se casar com ele, estava no topo de sua lista.

No final, ele assentiu em silêncio.

Soltando seu braço, Sophia se girou para sua esposa.

— Bel, você poderia subir comigo para ajudar? Estou juntando linhos limpos e provisões.

— Sim, claro.

Toby as viu desaparecer escada acima, dando as mãos. Notável. Ele desejou que aquele fosse o momento para falar sinceramente com Sophia. Para perguntar porquê... se ele acalmava as pessoas... ela havia fugido cruzando meio mundo ao invés de falar com ele a respeito da ruptura do noivado.

Mas esse não era o momento. Nesse momento tinha um amigo que necessitava sua ajuda.

Reunindo todo o encanto despreocupado e irreverente que pôde encontrar, Toby esboçou um sorriso indolente e entrou no salão.

— Boa tarde. Gray, Joss... Jem. Não, não se levantem. — Cruzou o bar e começou a se servir um brandy. Depois de encher seu próprio copo, pegou a licoreira e encheu o copo de seu amigo, notando seu pálido rosto, marcado pela preocupação. — Bem, Jem... — disse Toby brandamente. — Entendo que a ordem do dia são as felicitações.

Jeremy olhou o seu copo.

— As preces são as ordens do dia. Isto não deveria estar acontecendo. É muito cedo. E é tudo minha culpa. Nós discutimos, e... — Ele esfregou seu rosto com uma das mãos, deixando seus olhos pesados e irritados.

— Deveria enviar uma carta urgente à Waltham Manor.

— Deixe-me fazer isso — disse Gray, sentando-se atrás da sua mesa. — Afinal, ela está em minha casa. Devo endereçar ao seu pai ou sua mãe?

— Ao seu irmão, Henry. Os pais de Lucy estão mortos. — Quando outro gemido chegou de cima, Jeremy deixou cair a cabeça entre suas mãos. — Oh, Deus. Eu não posso suportar isso.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Toby se sentou ao seu lado.

— É perfeitamente normal, Jem. Todas as minhas irmãs se portaram da mesma maneira durante o trabalho de parto, ou até pior. E os bebês chegaram no seu devido tempo, algumas semanas antes, algumas semanas depois. Tudo sairá bem.

— Exceto quando não — disse Joss levantando da sua cadeira e se aproximando da janela.

Toby olhou para ele e Joss o olhou com um olhar apagado.

— Não, Joss. — Gray lançou à seu irmão um olhar de advertência.

— Não o quê? — Perguntou Joss na defensiva. — Não prepare um homem para todas as possibilidades? Não há nenhum proveito em negar a verdade. Todos sabemos que muitas mulheres morrem nos partos. Isso acontece.

Jeremy gemeu em suas mãos.

— Sim — disse Toby em um tom casual, — isso acontece. — Ele se recusava deixar que sua irritação com Joss interferisse em seus esforços para tranquilizar Jem. — Mas não é de uma mulher qualquer que estamos falando. — Abaixando a voz, ele disse a Jeremy: — Eles não conhecem Lucy como nós, Jem. Me escute. Tenho uma mãe e três irmãs mais velhas, as quais convivem com a adversidade. Estou casado com uma dama com mais princípios de todo o mundo. Mas quando se trata de força de vontade, Lucy ganha de todas. Ela é saudável, jovem e está determinada a te dar uma linda criança. E quando Lucy decide algo, ela faz.

— Jeremy! — O grito de dor de Lucy se arrastou pelo teto. — Se estiver me escutando aí em baixo, quero que saiba... que você nunca... ficará perto de mim... outra vez.

Toby e Jeremy olharam um para o outro.

A voz dela se tornou um rosnado.

— Nunca. Nunca mais. Novamente.

— Viu? — Ressaltou Toby finalmente. — Isso é determinação.

Como Jeremy não respondeu, Toby decidiu que era hora de falar sobre outras coisas. Diversão, isso era o que este grupo necessitava.

— Como vão seus estudos jurídicos, Joss?

Joss olhava através da janela.

— Bem.

Passaram vários minutos em silêncio. Bem, ninguém estava com disposição para conversar...

— Encontrei-me com Felix no parque o outro dia. — Toby começou novamente. — Jem, realmente, um de nós precisa afastá-lo dos Tattersalls[15]. Ou então acompanhá-lo. Ele pagou um valor exorbitante por uma equipe de cavalos baios semana passada, mais do que o dobro do seu valor. Eles nem sequer estavam bem emparelhados, seu faetón puxava tão flagrantemente à esquerda que o encontrei girando em círculos no meio de Rotten Row.

— Toby riu. — Conduzir nunca foi um dos talentos de Felix. Ele realmente deveria deixar o cocheiro, ao invés de...

— Toby... — Levantando a cabeça de suas mãos, Jeremy dirigiu à ele aquele olhar autoritário e insuportável. Realmente não havia como desobedecer a esse olhar. Ele seria um pai formidável, de fato.

[15] *Tattersalls: Um famoso mercado de cavalos puro sangue em Londres, fundado no século XVIII.*

— Sim?

— Cale a boca.

Toby levantou as sobrancelhas.

— Tudo bem.

Jeremy abaixou a cabeça novamente e a tranquilidade reinou. Gray tomou um gole de sua bebida. Joss ficou olhando para fora da janela. Toby puxou a gravata do pescoço. O calor do pleno verão sufocava a sala opressiva e em silêncio.

Um grito rasgou o silêncio tenso.

Os homens se congelaram.

— Toby... — Jeremy disse com os nós de seus dedos brancos emaranhados em seu cabelo negro.

— Sim?

— Continue falando.

E assim ele o fez. Por horas. A tarde deu lugar ao início do anoitecer, o brandy diminuía na licoreira e os homens impacientes e transpirando, tiraram seus casacos e gravatas. E durante todo esse tempo, Toby continuou falando. Ele falou de caçada de raposas, de boxe e qualquer outro tópico estúpido e sem sentido que conseguia desenterrar de sua imaginação. Temas mundanos do cotidiano que ele esperava que servissem como um aviso de que depois daquele dia, após o trabalho de parto de Lucy, o cotidiano mundano continuaria.

Enquanto o sol desaparecia pintando os tapetes do salão com sombras de cor ameixa e carmesim, Toby começou com uma descrição detalhada da nova escrivaninha que havia comprado para o seu escritório.

A essa altura, ele já estava rouco e se sentindo aborrecido. Mas até que Jeremy não pedisse para ele parar, ele continuaria falando.

— Eu pedi que forrasse as gavetas com feltro azul escuro. — Ele continuou bocejando. — Os puxadores estão esculpidos em forma de...

A senhorita Osborne salvou a todos, graças à Deus, quando escancarou as portas do salão.

Jeremy ficou de pé. Toby, Gray e Joss seguiram o seu exemplo, com movimentos desajeitados.

— Ainda não há um bebê — disse a senhorita Osborne.

Quatro peitos se desinflaram em uníssono. Jeremy se afundou em sua cadeira e com um resmungo murmurou.

— Oh, Deus. Ela vai morrer.

— Ela não vai morrer — disse com firmeza a senhorita Osborne. — Não há motivo para preocupação. Tudo está progredindo como deve ser.

Os primeiros trabalhos de parto são sempre longos e Lucy está suportando bem as dores. Estimo que o bebê chegará em algumas poucas horas.

— Posso vê-la? — Perguntou Jeremy.

Ela fez uma pausa.

— Não, Milorde.

Ante as palavras "Milorde", Jeremy pareceu recuperar sua postura autoritária. Toby viu uma

decisão absoluta cruzar seu rosto, começando com a firmeza de sua mandíbula e terminando com seus olhos azul gelo e sua testa franzida flexionando o seu olhar.

— Vou vê-la — ele disse, ficando de pé novamente em sua altura máxima.

— Não, não o fará.

Toby tinha que saudar a senhorita Osborne. Não havia muitas mulheres... ou melhor, não havia muitas pessoas, que se mantinham firmes frente a Jeremy, em sua total arrogância de Conde de Kendall.

— Você não pode mantê-lo afastado dela. — Objetou Joss. — Ela é sua esposa.

Gray se uniu ao esforço de argumentar no caso de Jeremy.

— Senhorita Osborne, certamente você pode permitir que ele veja Lucy por alguns minutos.

A jovem mulher negou com a cabeça.

— Não é uma questão de conceder ou não a minha permissão, é uma questão de Lucy concedê-la. — O agudo olhar da senhorita Osborne se dirigiu a Jeremy.

— E ela não quer vê-lo, Milorde. Ela me pediu isso expressamente e cumprirei os desejos da minha paciente por sobre as demandas de um Conde.

Jeremy amaldiçoou novamente.

Quando Joss repetiu a maldição de Jeremy, a senhorita Osborne lançou à ele um estranho olhar.

— Vim informar à vocês a condição de Lucy. — Ela continuou. — Agora que já fiz isso, devo retornar lá para cima.

Ela se virou para sair, mas Jeremy disparou como uma flecha para segurar o seu braço.

— Hetta, por favor... — Sua voz se quebrou. Toby pensou que nunca tinha visto seu amigo tão vulnerável. — Sei que Lucy está zangada comigo. Não nos separamos em bons termos mais cedo.

Mas você tem que me permitir vê-la, me dê uma chance de arrumar as coisas.

— Terá sua oportunidade, Milorde. Depois de que o bebê nasça, não antes.

— Você quer me impedir de vê-la? — Jeremy pairou sobre a jovem mulher e seu rosto empalideceu ressaltando suas sardas. — Se eu decidir ver minha esposa, nem dez homens poderão me manter longe dela.

— Jem... — Toby se colocou entre eles, colocando uma das mãos no ombro do Jeremy e guiando-o de volta com um ligeiro, porém firme toque. — Eu sei que é difícil, mas você deve respeitar os desejos de Lucy.

Como diz a senhorita Osborne, você terá tempo de sobra para fazer as pazes depois.

— Ouça seu amigo, Milorde. — Com isso, a senhorita Osborne fez uma reverência mecânica e saiu da sala.

Um silêncio frustrado e impotente se instalou na sala. Jeremy começou a caminhar pelo tapete. Gray se moveu para abrir uma garrafa de licor. Com um grosseiro insulto, Joss abandonou a sala. A porta se fechou com uma portada atrás dele.

Supunha-se que Toby começasse a tagarelar novamente, para proporcionar mais distração. Mas ele realmente não sentia vontade de falar. O que gostaria de fazer era ir no andar de cima, encontrar Isabel, abraçá-la e enterrar o rosto em seu cabelo suave e sentir o seu doce aroma. Não

queria beijá-la, deitar-se com ela ou até mesmo conversar. Ele só queria estar perto dela. Desesperadamente.

A saudade bateu nele como um punho, deixando uma dor incômoda em seu peito. E com ela, veio a percepção que o deixou sem palavras.

Estava profunda e irremediavelmente apaixonado por sua esposa.

— Que diabos você pensa que está fazendo?

A senhorita Osborne ficou congelada no primeiro degrau da escadaria, com uma das mãos no corrimão. Mas não se virou.

— Se um homem quer ver sua esposa, quem é você para impedi-lo? — Demandou Joss, aproximando-se. Ele parou e ficou olhando fixamente para as finas mechas de cabelo ruivo enroladas contra o seu pálido pescoço.

Tão delicada e suave. Tão completamente distinto a ela.

— Se uma mulher não deseja ver o seu marido — disse com calma, girando seu rosto para encará-lo, — quem sou eu para obrigá-la? — A senhorita Osborne era uma mulher pequena, mas estando um degrau acima na escada, estavam quase cara a cara.

— Você sabe o que faz a um homem escutar sua esposa em tal agonia, sabendo que ele é impotente para ajudá-la? Sabendo que ela pode morrer? É a mais profunda forma de tortura que alguém possa imaginar.

Qualquer marido dedicado engoliria brasas para poupar sua esposa desse momento de sofrimento. — Ele apontou um dedo para a porta fechada do salão.

— Esse homem está doente de preocupação e seus comentários insensíveis só multiplicaram a sua angústia.

— Se Lorde Kendall estiver doente com alguma coisa, é de culpa. Ele se arrependeu de sua discussão, e bem que deveria, de acordo com o que Lucy contou. Mas suas desculpas terão que esperar.

Estou aqui para trazer um bebê, não para mimar a consciência de um homem adulto.

O tom impessoal de Hetta só adicionou combustível à raiva de Joss. Por sua afetada atitude, estava claro que o orgulho se sobressaía em seu queixo empinado.

Ela se propunha negar que a presença dele não a afetava. Mas ele sabia que não era assim.

Ele se aproximou para mais perto dela, sabendo que ela não recuaria. Embora permanecesse perfeitamente imóvel, suas pupilas se dilataram uma fração e seus cílios ruivos tremeram quando piscou.

Bom. Ele queria desequilibrá-la. Queria romper o gelo dentro dessa mulher e descobrir o coração quente que seu instinto dizia que havia debaixo do gelo.

— Senhorita Osborne... — Ele sussurrou. — Hetta... Você pode ser realmente tão fria, tão desprovida de compaixão?

— Eu não sou fria, sou competente. Sou uma médica.

— Um médico trata às pessoas, e não apenas os ferimentos ou as enfermidades. Você seria uma médica melhor se tivesse alguma consideração com os sentimentos de seus pacientes. E seria uma pessoa melhor se você se permitisse sentir.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Hetta riu com amargura.

— Você querendo me encorajar a sentir? É obvio... De acordo com você, não se pode sentir um sofrimento verdadeiro sem demonstrar a dor publicamente. Nem todos temos o privilégio de ceder as nossas emoções, Capitão Grayson. Você não sabe que Lucy é a minha amiga mais querida? Não desfruto vê-la sofrer, como tampouco o faz Lorde Kendall. Então devo me unir aos senhores?

Passar a noite amaldiçoando junto a uma taça de brandy? Talvez isso te daria provas suficientes da minha compaixão, mas isso não ajudaria Lucy a ter seu filho.

— Senhorita Osborne, você é a mulher mais educada que eu conheço. Certamente você é mais inteligente do que este argumento. — Joss inalou lentamente, tentando atenuar sua frustração. Por que esta mulher o afetava tanto? Toda vez que estava em sua presença, sentia-se obrigado a defender o seu comportamento, explicar-se de maneiras que nunca precisou se explicar a ninguém. Ele não sabia por que deveria se importar com o que ela pensasse dele, mas de alguma forma, se importava. E muito. — Você não precisa escolher entre os dois — ele disse. — Você não pode ser ao mesmo tempo, uma médica e humana?

Tanto a médica de Lady Kendall como sua amiga?

Hetta permaneceu em silêncio por um longo momento. Joss esperou que ela respondesse.

— Minha mãe... — Ela começou finalmente, — esteve doente, acamada por mais de um ano. Meu pai acompanhou pessoalmente o seu tratamento. Ele consultou especialistas, passou longas noites vasculhando revistas médicas em busca de novos tratamentos. Nem uma vez... nem sequer no final, quando ela esqueceu nossos nomes... meu pai se permitiu um momento de autocompaixão. Nenhuma só vez ele permitiu que ela visse a sua angústia. E no dia que ela morreu, você acha que ele se sentou ao seu lado na cama e chorou lágrimas inúteis só para provar que a amava? Não, ele foi atender às vítimas de uma explosão de uma mina do Condado vizinho. Porque era médico e eles precisavam da sua ajuda. — Faíscas verdes brilharam em seus olhos cor de avelã. — Todos temos feridas, Capitão Grayson. Só que alguns de nós, sangra por dentro.

De repente, Hetta levou as mãos as têmporas e fechou os olhos. Sua postura suavizou e Joss finalmente vislumbrou o que esteve esperando para ver desde o dia em que os apresentaram. Naquele momento ela não era uma médica. Ela não era eficiente, teimosa, mordaz ou fria. Ela era simplesmente uma mulher... uma mulher exausta. As longas horas do trabalho de parto pesavam em seus ombros.

Ainda com os olhos fechados, ela se balançou levemente em seus pés. Ela precisava desesperadamente de um descanso.

Mais do que isso, necessitava que a abraçassem.

Ele poderia abraçá-la. Tinha os braços fortes e sua estrutura esguia caberia perfeitamente entre seus braços. E em algum outro dia, ela poderia ser forte o suficiente para abraçá-lo de volta.

Mas isso não seria tão fácil. Nada era tão fácil assim. Havia perguntas, inimizade e fantasmas entre eles. E Joss sabia por experiência própria que tomar uma mulher em seus braços era muito mais simples do que deixá-la ir.

— Sinto muito. — Joss apoiou uma das mãos no corrimão, deslizando-a mais para cima até ficar a centímetros dela. — Percebi que hoje foi uma provação para você também. É que eu sei o

verdadeiro inferno que é estar no lugar de Lorde Kendall. De muitas maneiras, o sofrimento dele é o meu. Se você não pode se importar com os sentimentos dele, talvez possa se importar com os meus.

— Você está me pedindo para me importar... — ela disse com os olhos ainda fechados. — Me importar com você...

— Sim, maldita seja. Eu não mereço tanto? Eu não sou tão humano como Lorde Kendall, como qualquer homem?

— Senhor. Você é mais tolo do que qualquer outro homem.

Seus olhos se abriram e olharam para ele. Havia algo ali. Não o respeito que ele procurava, mas algo melhor e pior ao mesmo tempo. Emoção, crua e intensa. Ela se importava com os seus sentimentos. Muito.

Santo Deus, a jovem estava meio apaixonada por ele e diabos se ele saberia dizer por que. Durante semanas, ele esteve procurando uma debilidade nela, e a verdade esteve a sua frente no espelho todo este tempo.

Ele era a sua debilidade. E agora que ambos sabiam, ela tremeu.

— Oh... — Joss disse suavemente. — Me Perdoe. Eu não percebi.

Hetta fez um som abafado, algo mais parecido a um soluço.

Um tenro e protetor impulso brotou no coração de Joss. Inclinando-se para frente, ele deslizou sua mão ao longo do corrimão até que seu polegar descansou em seu pulso. Um pulso quente que vibrava, onde sua pele estava irritada e vermelha de lavar e esfregar frequentemente. Ele a acariciou com o polegar esperando que ela se afastasse. Mas ela não o fez.

— Poderia, Hetta? — Perguntou com calma. — Poderia você se importar comigo? — Ele não sabia, até aquele momento, o quanto esteve querendo perguntar a ela exatamente isso. Tampouco havia percebido o quanto de sua grosseria foi destinada exatamente para evitar esta resposta.

— Capitão Grayson...

— Joss. — Corrigiu ele, levantando sua outra mão para sustentar a suave e rosada bochecha. Fechando os olhos, ela se inclinou ligeiramente para a sua palma. — Meu nome é Joss.

Então, um baixo gemido soou acima deles. Hetta se afastou de seu toque. Joss deixou cair sua mão, mas manteve a outra na dela. Eles se entreolharam por uns segundos mais, e nesses olhos de cor marcante de avelã, Joss leu possibilidades, perguntas e temores. E então, ele viu o momento da sua decisão.

Ele a soltou antes que ela pudesse se afastar.

— Não posso me importar com você. — Ela sussurrou. — Tristeza, amargura... são feridas que eu não sei como curar.

— Hetta, espere. Eu não quis dizer...

— Eu tenho um trabalho a fazer. — Cruzando seus braços, virou-se para a escada. — Volte para o seu brandy e fique tranquilo. Ninguém vai morrer aqui hoje.

— Vou matá-lo!

Bel intercambiou um olhar de preocupação com Sophia. Sua cunhada estava do outro lado

da cama, abanando Lucy habilmente. Por sua parte, Bel colocava um pano úmido e fresco na testa de Lucy.

Seus esforços não estavam ajudando a esfriar o temperamento da mulher em trabalho de parto.

— Eu vou matar Jeremy por me fazer isto! — disse Lucy, ofegante entre as contrações. — Será que ele sabe o quanto isso dói?

— Você está fazendo barulho o suficiente para que ele tenha uma ideia bastante clara.

A senhorita Osborne voltou para o quarto, sustentando toalhas em uma das mãos e enxugando os olhos com a outra.

— Bom. — Rosnou Lucy enquanto se enrolava em si mesma. Seu rosto se contorceu de dor quando outro espasmo se apoderou dela.

Bel observou a palidez no rosto de Sophia. Ela provavelmente nunca tinha visto uma mulher nas piores dores do parto. Bel não era parteira, mas esteve presente em um punhado de nascimentos... mais notavelmente, e mais tragicamente, no de seu sobrinho, Jacob.

Ela sabia o suficiente para perceber que algo estava errado.

Contornando a borda da cama, Bel se aproximou de Hetta no lavabo.

— Contou ao Lorde Kendall? — Murmurou Bel, fazendo um show de dobrar e redobrar as toalhas enquanto Hetta esfregava suas mãos com uma pedra de sabão.

— Não. Do que serviria? Ele já está doente de preocupação.

— Você pretende dizer a Lucy?

— Não. Não faz sentido angustiá-la. — Hetta dirigiu um olhar por cima de seu ombro para Sophia. — E sua cunhada parece que vai desmaiar.

— Ela apenas está ansiosa por sua amiga e por ela mesma. Será a sua vez, quando chegar o inverno. Neste momento ela certamente está se imaginando suportando a mesma provação.

Talvez você possa explicar a ela, depois... e provavelmente será mais fácil para ela.

— Mas pode ser que não. — Hetta levantou as mãos e Bel ofereceu à ela uma toalha. — Nunca se sabe. Eu não posso fazer nenhuma promessa à sua cunhada. Um médico nunca faz promessas.

— Mas você já fez partos como este antes? Em que o bebê está virado?

— Sim, vários. E a maioria deles com resultados perfeitamente saudáveis, tanto para a mãe como para o bebê.

— A maioria... — O estômago de Bel se apertou. — Mas não todos...

— Não, não todos. — Hetta virou-se para ela e a olhou nos olhos. — Lucy e seu bebê ficarão bem. Fiz uma promessa e pretendo cumpri-la. Ninguém vai morrer aqui hoje.

— Acreditei ter ouvido você dizer que um médico nunca faz promessas.

— Eu sei. — De costas ao lavabo, Hetta colocou um pulso em sua testa. — Mas não foi a médica. Quem fez esta promessa foi uma mulher estúpida e sonhadora. — Ela encolheu os ombros e se vestiu com o manto de profissionalismo, acrescentando. — Mas a médica tentará cumpri-la.

Hetta voltou para o seu lugar aos pés da cama, levantando os lençóis para examinar o progresso de Lucy. Bel voltou ao lado de Lucy, substituindo o pano aquecido em sua testa por

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

outro, recém úmido.

Havia pouco o que ela pudesse fazer, salvo que Lucy se sentisse mais cômoda possível. E rezar.

Em silêncio, ela retomou a ladainha que esteve recitando durante toda a tarde. Agora ela ampliou suas petições, rezando não só ao Pai, Filho e Espírito Santo, mas também à Virgem Maria. Normalmente,

Bel evitava qualquer coisa que cheirasse a crenças romanistas. Em geral evitava seguir o exemplo de sua mãe... em geral as paixões, sagradas ou profanas. Mas às vezes a reconfortava pôr sua fé em uma mãe divina.

Aquela que encarnou toda a serenidade e graça que elas careciam naquele momento.

Deus sabia, que as mulheres que estavam neste quarto precisavam pedir emprestado um pouco de graça e serenidade.

Outro grito saiu de entre os dentes apertados de Lucy.

Sophia parecia estar doente. Normalmente Bel invejava a elegante compostura de sua cunhada. Às vezes, ela se ressentira por isso e desejara ver Sophia, apenas uma vez, pouco à vontade... mas vê-la tão desfeita como agora... não trouxe a satisfação que Bel imaginou. E encontrar a si mesmo como a dona da compostura... bem, isso deu a volta em seu mundo.

Quando a contração cedeu, Hetta subiu os lençóis até a cintura de Lucy.

— Lucy, me escute. O trabalho duro está prestes a começar.

— Começar?! — Gritou Lucy. — Que demônios quer dizer, por começar? Tenho certeza que você não acabou de me dizer que depois de eu ter trabalhado nesta cama por seis horas, que estamos prestes a começar!

— Você tem que começar a empurrar. É hora de trazer o seu bebê. Na próxima contração, quero que você segure os joelhos e empurre-o para baixo.

Seguindo as instruções de Hetta, Bel e Sophia ajudaram a levantar a Lucy até uma posição quase sentada. Todas permaneceram quietas, esperando até que os grunhidos de Lucy recomeçassem.

— Muito bem, agora. — Ordenou Hetta. — Empurre!

Lucy empurrou. E empurrou os tímpanos de Bel junto com o grito que acompanhou o seu esforço.

— Nada mais de gritos — disse Hetta quando as dores haviam passado e Lucy deixou seu corpo se afrouxar nos braços de Bel e Sophia. — Cada grito é um esforço desperdiçado. Você precisa economizar suas forças.

— Quanto tempo isso vai demorar? — Perguntou fracamente Sophia.

— Impossível saber. — Respondeu Hetta. — Horas, talvez.

— Oh, Deus... — Gemeu Lucy. — Horas? Eu não posso fazer isto por horas.

— Sim, você pode — disse Bel.

— Não, eu não posso! — disse Lucy histericamente. — Eu realmente não posso! Eu mudei de ideia. Vá dizer a Jeremy que eu mudei de ideia. Será culpa dele se este bebê não sair. No que eu estava pensando me casando com um homem enorme, bruto e teimoso? Eu deveria ter me casado com o filho do vigário. Ele teria me dado pequenos e obedientes bebês. Os bebês não

levariam horas para... — Seu discurso deu lugar a outro grito de dor.

— Empurre, Lucy! — Ordenou Hetta. — Empurre tão forte como possa!

— Um dia... — Lucy falou ofegante assim que a contração diminuiu, — será o seu trabalho de parto, Hetta, estarei ao lado da sua cama e te devolverei dez vezes esta sua tirania cruel.

— Você será bem-vinda em fazê-lo, Lucy se alguma vez este dia chegar.

Por um instante, a dor brilhou nos olhos de Hetta. Ela rapidamente a afastou, mas não antes que Bel a visse. Visse e sentisse o seu coração se apertar. Enquanto as três caíam em pedaços, esta mulher estava sustentando todas juntas... e ela estava fazendo tudo por conta própria. Sozinha. E no final desse dia, Hetta seria a única delas que não receberia um reconfortante abraço de um marido.

Bel fechou os olhos. Por trás de suas pálpebras flutuava a imagem do tranquilizador sorriso de Toby. Junto com esta tranquilidade veio também a confusão. Em algum momento na última hora, ela parou de rezar com devoção e começou a imaginar o seu marido. Onde estavam suas prioridades?

Seus olhos se abriram quando alguém apertou seu ombro.

Era Sophia. Tocando-a do outro lado da cama de Lucy. Seus olhos estavam arregalados e ela tremia. Ela sussurrou:

— Eu quero ir embora.

Bel negou com a cabeça e sussurrou para ela:

— Você não pode.

— Estou assustada. — Sussurrou Sophia.

— Eu ouvi isso — disse Lucy, entre os dentes cerrados. — Se eu tenho que ficar aqui, você ficará também.

— Lucy, você está fazendo tudo muito bem — disse Bel, alisando o cabelo úmido da testa de Lucy. — Só pense que logo estará segurando o seu bebê em seus braços. Não vai demorar muito agora. Não vai demorar.

CAPÍTULO 17

Mas demorou.

Depois de mais de uma hora de empurrar, Lucy estava pálida e encharcada de suor.

— Não posso fazer isso. — Ela gemeu com os lábios franzidos.

— Aqui, tome um pouco de chá. — Bel levantou a xícara aos lábios dela.

— Não, não. — Lucy sacudiu a cabeça. — Eu não quero chá. Quero que isto pare. Quero sair daqui. Eu não posso fazer isto, realmente não posso.

— Está bem então — disse Hetta, dando um passo para trás. — Talvez você não possa.

— O quê?! — Gritou Sophia. — Mas, como...?

— Ela não quis dizer isso. — Bel a tranquilizou. — Lucy está fazendo tudo maravilhosamente. — Enquanto isso, o pânico revoava em seu estômago. Se inclusive Hetta estivesse perdendo a

confiança, elas realmente estavam em apuros.

Todas viram como Hetta soltava o avental da cintura e ia lavar as mãos no lavabo. Em seguida ela se dirigiu à porta.

— Onde você pensa que vai?! — Exigiu saber Lucy, esticando o pescoço para ver sua amiga.

Hetta parou na porta.

— Vou lá embaixo, dizer a Lorde Kendall que você não pôde fazer isso.

— Posso ir contigo? — Perguntou Sophia, ignorando as tentativas de Bel para fazê-la calar.

— E o que vai fazer Jeremy a respeito? — Perguntou Lucy. — Não é como se ele pudesse vir aqui e fazer com que o bebê nasça...

Ahhhh! — Ela se curvou quando veio outra contração. Bel pegou os ombros de Lucy enquanto empurrava, murmurando palavras de ânimo em seu ouvido.

— Não, ele não pode fazer nada a este respeito — disse Hetta, falando por sobre os gritos de dor de Lucy. — Mas talvez ele gostaria de te dizer adeus.

— Adeus?!? — Exclamaram Bel e Sophia em uníssono. Se Lucy pudesse falar através de suas dores, Bel tinha certeza que ela teria feito do dueto, um trio.

Com os braços cruzados sobre o peito, Hetta se dirigiu de novo à cama.

— Lucy, me escute. Seu bebê está vindo de nádegas. As chances de... — Bel agarrou o braço da Hetta e disse em um sussurro:

— Não. Por favor. — Elas não podiam perder a esperança, ainda não. Ainda havia alguns poucos santos aos quais ela ainda não havia rezado.

— Sei o que estou fazendo. — Murmurou Hetta. — Conheço Lucy.

Quando passou a contração, Lucy se deixou cair sobre os travesseiros e olhou para a sua amiga com seus brilhantes olhos verdes.

— Não se atreva! Eu não tenho nenhuma intenção de me despedir de Jeremy. Ainda estou muito zangada com ele pelo que aconteceu esta manhã.

Hetta se sentou na beirada da cama e pegou a mão de Lucy.

— Então, me escute. O bebê vem de nádegas, não de cabeça como deveria vir. Essa é a razão pela qual está sendo tão difícil para você.

— Bom Deus... — Lucy retirou com um sopro uma mecha de cabelo de sua boca. — Já é um moleque incorrigível.

— Sim. E é evidente que se parece com sua mãe.

— Será que eu vou morrer? Diga-me isso com sinceridade.

— Sabe que nunca minto. Existe perigo, tanto para ti quanto para o bebê. Mas quando um pouco de perigo te impediu de fazer algo? — Hetta apertou a mão de Lucy. — Lucy, você é a mais obstinada e imprudente mulher que conheço.

Seus amigos te amam apesar disso. Seu marido te ama por isso. Lorde Kendall acredita que você pode fazer qualquer coisa. Não me faça ir lá em baixo e dizer para ele o contrário.

Não deixe que ele suspeite que você se deu por vencida, ou você sabe tão bem quanto eu, que isto nuca terminará. Se ele já é superprotetor agora...

— Você não ousaria! — Os olhos de Lucy se estreitaram. — Você é uma mulher fria, Hetta Osborne.

— Ele te porá mais restrições do que nunca. — Ameaçou Hetta. — Ele tratará você como uma peça de porcelana. Terá tanto medo de te engravidar que...

— Nunca mais me tocará? — Zombou Lucy. — Não é provável. Se ele tivesse tanta força de vontade, nunca teríamos casado, em primeiro lugar. — Ela suspirou olhando para o teto. — Mas ele pode resistir por um ano ou dois.

— Exatamente. — Respondeu Hetta. — Lucy, você pode fazer isto. Se você se concentrar, trabalhar duro e o mais difícil de tudo, seguir as instruções, você e seu bebê irão sobreviver.

Mas se for ao Lorde Kendall neste momento, seu orgulho nunca irá se recuperar.

Lucy fechou os olhos e ficou imóvel, respirando rapidamente pelo nariz. Seus lábios secos, pálidos e franzidos, se curvaram em uma careta.

— Está tudo bem, Lucy — disse Sophia. — Estamos todas aqui para te ajudar.

— Você não me pode ajudar. — Resmungou Lucy. — Ninguém pode.

Hetta soltou a mão dela.

— Muito bem, então. Vou lá embaixo.

— Por cima do meu cadáver! — Com dificuldade, Lucy se apoiou sobre os cotovelos e apertou os dentes. — Ninguém pode me ajudar, então farei isso sozinha. Empurrarei este bebê para fora mesmo que isso me mate.

As bandejas do jantar estavam intocadas. À medida que a noite avançava, os gritos de Lucy ficaram mais altos. E então mais fracos. A pobre moça devia estar esgotada, refletiu Toby. Sem dúvida ele estava, e não fez absolutamente nada além de estar nesta sala o dia todo, falando quase até a inconsciência e vendo o seu melhor amigo em agonia. Ele invejava Isabel com suas tarefas manuais.

Por que ele não podia ferver as roupas de cama?

Gray aparentemente compartilhava os seus sentimentos. Ele rondava a sala como um animal enjaulado.

— Deus. Quanto tempo mais isso pode durar? Eu não aguento mais isso.

Ainda apertando o mesmo braço da poltrona que tinha ocupado toda a tarde, Jeremy levantou a cabeça.

— Você acha que é difícil para você? Então imagine como estou me sentindo.

— Oh, ele está imaginando... — disse Toby à Jeremy. - E é exatamente por isso que ele está tão agitado. Seu turno será muito em breve. — Ele levantou a cabeça e perguntou a Gray:

— Para quando Sophia está esperando? Para o final de novembro, suponho.

— Dezembro. — Gray olhou fixamente para ele. — Como você soube? A menos que... certamente ela não te disse isso?

— Não, ela não precisou me dizer — disse Toby. — Eu tenho três irmãs mais velhas, com dez sobrinhas e sobrinhos entre eles. Só posso te desejar parabéns.

— Será que podemos falar sobre algo além de nascimentos, por favor? — Perguntou Joss, apoiando as botas sobre uma mesa lateral. Ele dirigiu um olhar a Toby.

— Certamente há algum tema que você tenha deixado intacto nesse seu léxico prodigioso. Pense nisso como uma prática para sua carreira profissional no Parlamento.

— Há um tema. Vamos ouvir sobre a campanha — disse Gray. — Como está progredindo?

— Está... progredindo — Toby mudou de posição em sua cadeira.

— Pelo que sei sobre as pesquisas, você e Yorke estão empatados.

— Estamos. Mas a maioria dos eleitores ainda não emitiu o seu voto. Estão esperando, suponho.

— Esperando o quê? — Perguntou Joss.

— Os subornos. — Gray deu uma olhada a Toby. — Eles querem ver qual o candidato pagará o preço mais alto. Estou certo?

Toby coçou o pescoço.

— Talvez. Mas esperarão em vão. É improvável que o senhor Yorke pratique algum suborno, e você sabe tão bem quanto eu como Isabel reagiria a ideia de comprar votos.

Gray e Joss riram.

— Exatamente — disse Toby.

Alguns assuntos sobre tarifas da Companhia Naval, levou os irmãos Grayson a um ramo separado da conversa.

Jeremy se levantou da sua cadeira e se aproximou da janela. Toby o seguiu. Abaixando a voz, ele disse:

— Posso te pedir um conselho sobre algo, Jem?

Jeremy soltou um grunhido de assentimento.

— Obviamente você está na Câmara dos Lordes. — Toby continuou. — Diga-me, com relação a esta eleição... qual você acha que é a forma mais segura de perder?

— Perder? Você não quer ganhar?

— Não, não especialmente. Quero dizer, Yorke serviu o nosso Condado há anos. O Parlamento é a sua vida. Não me parece correto tirar isso dele. O homem é um amigo.

— Então, por que você se candidatou em primeiro lugar?

— Porque prometi a Isabel, antes de nos casarmos. — Toby suspirou. — Ela acredita que se eu for um membro do Parlamento, ela terá mais influência na sociedade.

Jeremy deu de ombros.

— Ela provavelmente teria. E pelo que ouvi, a influência de Yorke está diminuindo. Ele está pronto para se aposentar. Parece um acordo benéfico para todos.

— Sim, para todos, menos para mim.

Jeremy lançou à ele um olhar interrogativo.

— Não posso evitar, Jem. Não quero ser um membro do Parlamento. Eu sei, isso soa repugnantemente egoísta. É só que... — Toby passou uma das mãos pelo cabelo.

— Parece que me candidatar ao Parlamento é algo que eu deveria estar fazendo por minhas próprias razões, entende? Porque quero fazer. Não porque é o que Isabel quer que eu faça.

Isto estava saindo errado. Honestamente, Toby desejava encontrar um objetivo, um propósito maior em sua vida, além de encarregar-se de um imóvel que logo precisaria de cuidados e dançar a valsa com moças nos terraços.

Ele percebeu agora, observando os princípios de Isabel em ação, que este tinha sido seu objetivo há anos. Mas de forma egoísta o suficiente, Toby queria encontrar esse fim ou objetivo

por si mesmo... E não que ele fosse entregue por outra pessoa. Nem mesmo por ela.

— Meu Deus. Você pode ouvir a si mesmo? — Os ruídos mais ímpios se filtravam lá de cima, e Jeremy estremeceu. Seus olhos rolaram em direção ao teto. — Algum dia será sua esposa lá em cima, gritando.

Atravessando o inferno apenas para trazer o seu filho ao mundo. Neste momento, não há nada... Nada, que eu não daria para Lucy, inclusive minha própria vida. E aqui está você reclamando sobre a possibilidade de se sentar em frente a um comitê, em algumas reuniões aborrecidas e assumir o seu dever que faz muito tempo que você o evita como um cavalheiro privilegiado. E você quer que eu te aconselhe como perder?

Toby se encolheu. Bem, quando ele colocava dessa maneira... Para um plano que se supunha manter todos felizes, este esquema eleitoral o estava fazendo se sentir um total e absoluto canalha.

— Eu vou te dizer como perder. — Jeremy continuou, sua voz era um sussurro. — Comece uma discussão com sua esposa grávida. Grite coisas odiosas e imperdoáveis para ela. Faça com que ela saia em disparada em um arranque de ira e graças a isso, entra em trabalho de parto um mês antes do tempo. Coloque em perigo sua saúde e a vida de seu filho por nascer. Faça com que ela esteja tão malditamente furiosa contigo que nem sequer te permite estar ao seu lado enquanto ela está sofrendo. Assim é como se perde... tudo.

Toby se condoeu por seu amigo. Sabia que Jeremy era propenso a ataques de humor negro, mas isto era um pessimismo extremo, inclusive para ele.

— Jem... — Ele se inclinou mais perto, obrigando Jeremy a encontrar seus olhos. Mantendo sua voz firme e nivelada, disse: — Lucy vai ficar bem e o bebê também. Você verá. Qualquer briga que vocês tiveram, tudo isso será perdoado quando vocês estiverem babando sobre o seu filho recém-nascido.

Jeremy sacudiu a cabeça.

— Como ela pode me perdoar? Nunca me perdoarei.

— O que aconteceu, exatamente? Não posso imaginar uma discussão tão horrível como a que está insinuando.

Jeremy deixou escapar um lento suspiro.

— Cheguei em casa cedo, ao redor do meio-dia. Suspeitava que encontraria Lucy no novo quarto do bebê. Ultimamente ela passa o dia todo lá, organizando e reorganizando as coisas. Imagine, estou quase na porta, ansioso por surpreender a minha esposa por chegar em casa para o almoço... só para encontrá-la de pé em cima de uma pequena mesa de três pernas, ajustando a renda que fica ao redor do berço.

— Ele passou a mão pelo cabelo. — É obvio que a assustei e com ela estando tão desajeitada e redonda, empoleirada naquela mesa frágil...

O coração de Toby parou.

— Ela caiu?

— Não. Graças a Deus.

— Então, o que aconteceu?

— Corri para o seu lado, a agarrei e a desci da mesa. Posso ter pronunciado algumas palavras

grosseiras e maldições no processo.

Toby lutou contra a tentação de rir, imaginando a cena.

— E como Lucy encarou isso?

— Como é que você acha? — Jeremy levantou uma sobrancelha. — É claro que ela se ofendeu e começou a me repreender por minha interferência. Mas porra, ela poderia ter caído em qualquer momento.

O que essa mulher estava pensando? Não temos escassez de lacaios para se ocupar da renda se era isso o que ela desejava. Não, Lucy precisava fazê-lo ela mesma, sem se importar com sua própria segurança, ou a do bebê.

— Todas atuam assim quando se aproxima a hora. — Toby tomou um gole de sua bebida. — No final da última gravidez de minha irmã Fanny, seu marido a encontrou engatinhando, com um grampo de cabelo limpando as ranhuras entre as pranchas do chão da cozinha.

Jeremy sacudiu a cabeça.

— Não foi o fato de que a tirei de lá, foi tudo o que veio depois. Discutimos, como não discutíamos desde as primeiras semanas do nosso casamento. Eu estava com muito medo e então fiquei malditamente furioso.

As coisas que eu disse à ela, Toby... Lucy nunca me perdoará. É por isso que ela se nega a me ver agora. Ela sabe que fui muito longe com ela, a fiz entrar em trabalho de parto antes do tempo.

Ela quer me castigar e Deus sabe que eu mereço. — Ele fez um punho com a mão e o pressionou contra o marco da janela. — Neste momento, o que menos me preocupa é o bebê, esse é o tipo de desalmado que sou.

Eu só quero que Lucy esteja bem. Não sei o que farei se a perder.

— Você não vai perdê-la... — Toby pôs uma das mãos sobre o ombro de seu amigo. — Jem, odeio colocar isso desta maneira, mas Lucy sabia muito antes desta manhã a classe de tirano autoritário que você é.

— Um bruto estúpido. — Jeremy fez uma careta. — É assim que ela me chama quando está zangada.

— Muito bem. Então ela sabe que você é um bruto estúpido. Mas também sabe que você a ama. E ela te ama. Você não é o único com impulsos de proteção. Se ela não quer que você esteja com ela, duvido que seja por algum desejo de te castigar. Se bem conheço a Lucy, ela está te protegendo. Como prova a sua pequena discussão desta manhã, você não pode suportar vê-la em perigo.

Ela sabe, e não quer que isto seja mais duro para você do que já é.

— Você está equivocado. — Jeremy esfregou as têmporas. — Mas rogo a Deus que tenha razão.

— Quando se trata de mulheres, sempre tenho razão.

Com isso, Toby perdeu seu controle sobre a conversa. Joss e Gray haviam deixado de falar há algum tempo e o salão caiu em um poço de silêncio. Um silêncio inquietante, sem vida. Nenhum grito de Lucy. Nenhum pranto infantil. Só silêncio.

— Está tranquilo lá em cima — disse Gray finalmente. — Será que vocês perceberam?

Toby amaldiçoou interiormente. É obvio que ele havia percebido. Ele estava tentando não

especular sobre o que isso significava.

Jeremy voltou para sua poltrona e se afundou nela. Com um gemido baixo, afundou o rosto entre as mãos.

— Ela está bem — disse Joss. — Ela não vai morrer, não hoje.

Jeremy fez um som de escárnio.

— De repente você é a voz de otimismo? Como você sabe que ela ficará bem?

— Eu apenas sei.

Antes de que houvesse tempo para esclarecer este pronunciamento, a senhorita Osborne entrou no salão. O avental da jovem estava enrugado e manchado, mas sua fria serenidade estava intacta.

Sua expressão plácida não revelava nenhum indício de emoção, nem tristeza, nem alegria.

— Lorde Kendall... — disse, — Lucy está perguntando por você agora.

— Oh, Deus... — Gemeu Jeremy. — Ela está morrendo, não está? Essa é a única razão pela qual ela quer me ver. Ela não pediria para me ver a menos que estivesse morrendo.

— Ela não está morrendo — disse a senhorita Osborne.

Jeremy fez uma pausa.

— O bebê?

A jovem suspirou.

— Milorde, acredito que você deveria ir lá em cima e ver por si mesmo.

Jeremy amaldiçoou baixinho.

— Isso não soa bem. Você tem certeza de que Lucy quer me ver?

— Tenho certeza. Ela pediu de forma muito clara.

Jeremy ficou em pé.

— Diga-me o que ela disse à você. Quero saber suas palavras exatas.

— Muito bem. — A senhorita Osborne cruzou os braços sobre o peito. — Acredito que foi algo como isto: "Diga ao bruto estúpido do meu marido que seu filho necessita de um nome".

Toby adicionou sua voz ao coro masculino de felicitações.

— Viu? Eu disse a você que tudo ficaria bem. Você ganhou um filho e não perdeu Lucy.

— Não a perdi? — O rosto do Jeremy se manteve impassível. — Você ouviu suas palavras. Ela não pode me perdoar.

— Vocês não me deixaram terminar, Milorde. — A mais leve insinuação de um sorriso se desenhou nos lábios da senhorita Osborne — ela disse: Diga ao bruto estúpido do meu marido que seu filho necessita um nome e...

— E?

— E sua esposa necessita de um beijo.

Toby imaginou que um raro sorriso apareceu na expressão severa de Jeremy quando ele saiu correndo para o quarto... mas ele realmente não notou a saída de seu amigo. Sua atenção estava ocupada com a chegada de Sophia.

Ela passou pela senhorita Osborne e voou diretamente para os braços de Gray, enterrando o rosto em seu peito. Enquanto chorava, Gray exalou com evidente alívio, soltando uma série de palavrões coloridos, condizentes com um marinheiro. Toby nunca teria pronunciado essas palavras

na presença de uma dama... infernos, alguns deles ele nunca havia ouvido antes... mas Sophia parecia não se importar.

Seus ombros se sacudiram com uma risada mesclada com lágrimas.

Então percebeu que Joss e a senhorita Osborne estavam intercambiando um olhar particular. Os dois se entreolhavam, sem falar... A senhorita Osborne continuava congelada na porta e Joss continuava recostado no sofá, com os braços apoiados atrás da cabeça. Toby não pôde dar nome às emoções que transmitiam seus olhares, mas ele sabia que eram de natureza particular. Nenhum cavalheiro, nem sequer um tão mal educado como Joss, recebia uma dama nessa postura a menos que existisse alguma intimidade entre eles.

Bom, este era um dia de surpresas. De todos, eles eram o casal mais pouco provável no mundo...

Sentindo-se um voyeur, Toby se virou para olhar pela janela. Um profundo sentimento de inveja alagou o seu interior. Não eram ciúmes. Já não odiava Gray por roubar Sophia dele. Claramente os dois se pertenciam, e sem isso, Toby nunca teria conhecido Isabel. Não, ele invejava Gray, Jeremy... e talvez agora Joss também, por uma razão totalmente diferente. Eles eram amados sem reservas. Incondicionalmente.

Não apenas por suas virtudes, mas também por suas debilidades. Jeremy poderia gritar e rugir para a sua esposa pela manhã e encontrar o perdão antes do anoitecer.

Sophia sentia devoção por seu marido, sendo ele um cavalheiro homenageado ou um rude capitão da marinha.

Toby sabia que Isabel sentia carinho por ele. Enquanto estivesse à altura de todos os seus ideais, sentia-se seguro de sua estima. Mas por quanto tempo seria? Só era humano, depois de tudo.

Inclusive estava tentando sair ileso deste assunto das eleições... ele sempre soube, desde o dia do seu casamento, que inevitavelmente falharia em sua estimativa. Quando Isabel o visse em seu pior momento, imaturo e egoísta, não teria nenhum indulto amoroso. Tudo acabaria.

Que tolo tinha sido. Esteve trabalhando tão duro para conquistar o coração de sua esposa, que esquecera proteger o dele próprio. E ele agora pulsava por ela, desejava-a, e os riscos eram mais altos do que nunca.

Se ele perdesse o seu respeito agora...

— Toby.

Um ligeiro toque esquentou sua mão. Isabel entrara tão silenciosamente que nem sequer a escutara. Mas ali estava ela... solene, graciosa e tão malditamente bela que seu coração doía.

Apenas as sombras que apareciam sob seus olhos traíam sua fadiga. Ele puxou-a em seus braços, colocando seu peso contra o seu peito.

— Oh, minha querida menina. Quão duro você trabalhou hoje.

— Ele é um bebê lindo. — Ela murmurou, aninhando-se contra o seu corpo.

— Claro que ele é. — Ele pressionou um beijo no topo de sua cabeça, inalando o familiar aroma de verbena de seu cabelo. Ele amava este aroma, tão fresco e reconfortante. Ele amava esta mulher.

Algum dia, ele diria isso a ela e então... Ficaria lá com o coração preso em sua garganta,

esperando para saber se ela sentia o mesmo.

Mas não hoje. Hoje ele já não tinha palavras.

CAPÍTULO 18

— Realmente, Toby. Você tem certeza que é apropriado? — Isabel franziu a testa para a dourada assinatura floreada: Madame Pamplemousse, Modista.

Um jovem casal passou empurrando-os, fazendo com que seus pés se embaralhassem na calçada da rua Bond. — Os cavalheiros realmente acompanham suas esposas a um lugar como este?

— Não — ele disse, segurando a porta aberta para ela. — Os cavalheiros normalmente acompanham suas amantes a um lugar como este.

Bel parou, com um de seus sapatos se equilibrando no limiar da porta.

— Não fique tão ansiosa. — Ele brincou, cutucando-a para dentro e para cima da escada estreita. — Eu não estava referindo a mim. Se eu tivesse trazido alguma amante a este estabelecimento, eu não traria a minha esposa, não é?

— Sir Toby! — Quando chegaram ao topo, uma voz de mulher falou do interior. Sua voz era uma mescla de seda e fumaça. — *Mon dieu*[16]. Pensamos que você nunca voltaria.

"Não"? Bel se perguntou olhando para o seu marido com suspeita quando entraram.

Uma espetacular vista os esperava dentro. Rolos de tecido em todas as cores do arco-íris, alinhando duas paredes em uma simetria perfeita. Depois de piscar algumas vezes, Bel percebeu que o tecido realmente alinhava uma parede e espelhos cobriam a outra, criando uma ilusão. Rolos de fitas e rendas enchiam qualquer lacuna disponível entre as portas e janelas, uma caixa de vidro continha uma reluzente coleção de plumas e brilhantes.

O espaço colorido lotado dava uma aparência de desordem, mas o piso abaixo dos sapatos de Bel brilhava. Os cantos eram as partes mais limpas da sala, livres de teias de aranha e poeira concentrada.

— Ouvimos dizer que você havia se casado. — A matrona de cabelos grisalhos, vestida em seda violeta apareceu para cumprimentá-los, seus largos quadris moviam o peso de suas saias para frente e para trás enquanto pegava os braços de Toby, as finas e escuras sobrancelhas da mulher se levantaram. — Não quisemos acreditar. Ficamos tão felizes quando você escapou daquela pequena coisa pálida que era aquela Sophie.

Ela possuía um olho para cores, mas eu sempre soube que ela jogava falsamente com você. — Ela se virou para Bel. — Mas vejo que seu gosto melhorou. Ela não é inglesa?

— Apenas metade — disse Bel.

— Ah, — Madame disse, olhando para Bel em seguida para baixo. — Espero que seja a metade correta.

Bel olhou para Toby boquiaberta. Ele deu a ela um sorriso malicioso.

[16] *Mon dieu: Tradução: Meu Deus*

— Isabel, permita-me apresentar Madame. Ela desenhou cada um dos trajes da minha irmã Margaret desde sua estreia na temporada. Eu era o relutante acompanhante da Margaret durante suas provas de vestuário.

— Relutante? — A mulher francesa franziu os lábios em uma colorida careta. — Isso não corresponde com a versão de Mirette.

— Mirette? — Bel mordeu o lábio. Será que ela havia dito o nome em voz alta?

Madame Pamplemousse agarrou o braço de Bel.

— A minha sobrinha e aprendiz de costureira que veio de Paris para conhecer o nosso negócio. Sir Toby a corrompeu terrivelmente.

— Eu a corrompi? — Toby riu. — Eu era um doce jovem de quinze anos. Essa sua sobrinha tinha três anos a mais do que eu e meia dúzia de admiradores atrás de suas saias. Tudo o que eu pude fazer foi surrupiar um beijo dela.

A costureira fez um típico som francês de ceticismo.

— E o que dizer de Josephine?

— Ora, por favor, não falemos de Josephine.

— Marie Claire?

— Tampouco falaremos sobre Marie Claire. — Toby pressionou uma das mãos em sua lapela e fez uma cara dramática. — Você sabia que este seu negócio fez uma almofada de alfinetes no meu coração adolescente?

Levou-me ao caminho do esbanjamento e da ruína. Esqueça as boas intenções. Digo a vocês que o caminho para o inferno está pavimentado de tecido. Mas... — Sua mão agarrou a cintura de Bel.

— Tenho aqui o meu próprio anjo, que está determinado a redimir minha alma corrompida.

Madame Pamplemousse posou seu olhar sobre Bel novamente. Seus lábios se curvaram em um sorriso felino.

— Um anjo? Eu não penso assim. Nem sequer a metade de um anjo. — Lentamente ela rodeou Bel, passando as mãos sobre os contornos de seus ombros e seus braços. Em seguida, seus quadris. Bel ficou tensa.

— Braços para o lado, *ma chèr*[17]. — Com dois golpes bem colocados em sua caixa torácica, Madame forçou os braços de Bel para fora.

Então, agarrando-a pelos quadris, a modista girou o corpo dela até que ela ficou de frente à parede de espelhos. Bel se sentia como uma marionete.

— Para ser um verdadeiro anjo — disse a costureira, deslizando as mãos pelo torso de Bel, — você deve permitir que os homens vislumbrem o céu.

Dito isso, ela pegou os seios de Bel em suas mãos e os empurrou para cima, até que sua pele oliva transbordou seus dois generosos montes pela musselina do corpete.

Mortificada, Bel tentou pigarrear. Nenhum som saiu. Muito provavelmente a mulher havia cortado o seu suprimento de ar. Felizmente, Toby estava inclinado sobre a vitrine e não estava olhando.

— Sim, muito melhor — disse Madame, esquadrinhando o reflexo de Bel. — Lady Aldridge,

[17] *Ma chèr: Minha querida.*

farei para você um espartilho apropriado. Um que terá estes... — ela sacudiu novamente os seios de Bel, — flutuando como nuvens.

A costureira tirou as mãos e os seios de Bel caíram de volta em seu espartilho quase com um som audível. Imediatamente, ela cruzou os braços sobre os seus seios para afastar qualquer outro assalto.

Ela devia estar se aproximando do seu período. Seus seios estavam pesados e doloridos hoje, e as liberdades que Madame tomou, não a ajudou em nada.

— Ela precisa de um vestido — disse Toby, voltando logo depois de estudar as plumas. — Que seja adequado para a ópera, pronto daqui a três dias.

— Ópera? — Repetiu Bel. — Mas não podemos.

— Três dias? — disse Madame com um estalo de sua língua. — Impossível.

— Claro que podemos — disse Toby, caminhando para frente e encontrando o olhar de Bel no reflexo do espelho. Virando-se para Madame, ele continuou. — E é possível. Eu já vi você fazer milagres antes.

Não me diga que esses seus hábeis dedos estão perdendo o seu toque, Maxime.

— O que você sabe sobre os meus dedos hábeis? — Ela olhou-o de forma provocante enquanto pegava uma fita métrica da gaveta. — Você não deveria ter perdido o tempo com essas jovens, *mon lapin*[18].

Eu o teria corrompido além de toda a esperança de redenção.

— Promessas, promessas — disse Toby, pegando a mão da francesa e beijando seus dedos alegremente. Em seguida ele murmurou alguma coisa em francês. Algo que soou extremamente desavergonhado, mas em francês, quase tudo soava desavergonhado.

Por trás das cortinas, no fundo da sala, chegou um coro de risadinhas femininas. Bel imaginou que coisa obscena ele deveria ter dito...

Bel suspirou. Ela se perguntava se algum dia se acostumaria a assistir Toby flertando com outras mulheres. A inveja que sentia era absurda, ela sabia. Como Madame, a maioria das companheiras de Toby neste tipo de conversa não eram especialmente jovens ou atraentes. Eram simplesmente mulheres que Toby procurava divertir ou adular, por uma razão ou por outra. Ela duvidava que ele estivesse ciente de que, este intercâmbio constante de elogios, eram como os tostões que entravam e saíam de seu bolso. Ele dava às damas o que ele era em essência, um toque de brilho: um momento fugaz de se sentir desejada pelo homem mais atraente de Londres. Em troca, elas davam a ele tudo o que ele desejava. E como Bel estava bem ciente do quão atraente era o seu marido, não podia alegar que era um intercâmbio desleal.

Pelo menos ele não a tratava da mesma forma. Ele dava a Bel mais do que momentos, ela pensou. Ele dava à ela noites inteiras de tenro carinho e não pedia nada em troca. E não era como se ela esperasse sua devoção incondicional. Não era como se ela desejasse o seu amor. Portanto, não deveria ficar com ciúmes.

Na verdade, deveria incentivar o uso de seu encanto... o mesmo encanto, ainda que empregado de forma diferente, poderia garantir o seu êxito político.

Mas ainda assim. Essas risadinhas tolas crispavam os seus nervos a um nível alarmante.

[18] *Mon lapin: Minha vida*

Ela realmente deveria estar se aproximando do seu período.

Ficando cada vez mais irritada com este pensamento ela protestou:

— Não podemos ir à ópera esta semana. Você não pode esperar que as votações terminem mais cedo novamente. — Toby a havia surpreendido naquela tarde, chegando em casa logo após o almoço, devido a algum evento inesperado.

— Qual seria a razão dessa vez? A esposa do oficial voltou a ficar doente?

Se ele ouviu a pergunta, preferiu não responder nada.

— No dia da ópera simplesmente sairei mais cedo. Umas poucas horas de ausência nos palanques não prejudicará minha campanha. Pode prejudicar os lucros do dono da taberna, mas não posso fazer nada a esse respeito.

— Por aqui, milady. — A modista acenou em direção ao fundo da loja. — Vamos tomar suas medidas.

Bel a ignorou.

— Bem, mesmo que sua programação possa se acomodar a frivolidade, a minha não pode. A Sociedade está planejando a nossa demonstração da máquina de limpeza das chaminés para sexta-feira.

Temos ainda que imprimir os folhetos e enviar os convites. Preciso falar com a cozinheira a respeito dos refrescos e...

— Isabel. — Ele colocou as mãos em seu ombro. Era um gesto autoritário e de peso que fez com que Bel tivesse plena consciência de como ela soava infantil. — É uma ópera — ele disse com calma. — Não uma orgia. Por que isso te angustia tanto?

— Eu... eu não sei. — E ela realmente não sabia. Mas isso a afligia muito. Ela não gostava de estar nesta loja, perfumada com o passado de Toby. Ela desejava que eles pudessem ir embora.

— Eu não preciso de um vestido novo. — Ela tentou novamente. — Tenho um armário cheio de vestidos em casa.

Toby rejeitou todos eles com um gesto de cabeça.

— Vestidos de debutante. Virginais, modestos, bonitos. Você é uma mulher casada, de influência e que pertence à sociedade. Você deve parecer mundana, ousada e requintada.

Bel franziu a testa. Nenhuma dessas palavras a descreviam.

Madame Pamplemousse puxou Bel novamente.

— Venha então, milady.

— Só um momento — disse Toby à modista. — Isabel, me fale a respeito da sua demonstração. Qual é o propósito?

Ela já não havia dito uma dúzia de vezes? Será que ele não a escutava. Com uma voz cortante e impaciente, ela respondeu:

— Demonstrar os avanços modernos das máquinas de limpeza. Para convencer às damas influentes da sociedade que os jovens escaladores são ineficientes e obsoletos. Para evitar que as crianças pobres sufoquem até a morte nas chaminés.

— Sim. É um objetivo digno. Mas você realmente acha que a eficiência dessa máquina será o fator persuasivo? Não, claro que não. Talvez se você convidasse as governantas, pudesse ser útil, mas as damas da sociedade pouco se importam com a funcionalidade. Elas se interessam pela

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

moda. Para persuadi-las a tomar conhecimento das escovas automáticas, deve fazer com que essas escovas sejam belas, desejáveis, e modernas.

E mais, você deve parecer bela, desejável e moderna... e, portanto, digna de ser imitada. As primeiras duas qualidades, Deus já providenciou. Confiemos à Madame a terceira.

Bel se rendeu. Parecia ridícula a ideia de que se ela comprasse um vestido opulento, de alguma forma salvaria a vida de miseráveis órfãos abandonados. Mas o argumento parecia tão confuso agora, que ela não sabia como decifrá-lo.

Toby falou com a francesa.

— Ela precisa de uma cor rica e brilhante. E um corte elegante.

— Sim, sim. — assentiu Madame, levando Bel para o quarto de tecidos.

— Quero que ela brilhe como a joia que é. — Toby voltou a falar atrás delas, como se estivesse atrás da cortina de veludo.

— Primeiro eu era um anjo. — Bel murmurou enquanto duas jovens empregadas a assediavam, abrindo ganchos e desamarrando fitas. — Agora sou uma joia?

— Milady — disse a modista em um sussurro melodioso. — Esteja feliz de que seu marido a admire tanto e queira que outros a admirem também. Tome cuidado para não levá-lo a chamá-la de nomes desagradáveis.

Tome cuidado para não empurrá-lo para outros braços.

Uma das jovens fez um comentário em francês. Bel não podia entender as palavras exatas, mas fez uma ideia geral do que implicava, os próprios braços da garota estariam abertos e disponíveis se Bel não seguisse o conselho da Madame.

Mais risadinhas tolas.

Bel grunhiu.

— A que se deve essas risadinhas? — disse Toby em tom de brincadeira. — Devo ir aí para fiscalizar?

As donzelas riram com a sugestão.

— Não. — Bel respondeu com dureza. — Tudo está bem.

Exceto por esse amargo ciúme irracional em seu coração. Ela abriu os braços para ajudar as jovens a remover suas roupas.

— Façamos isto rápido, por favor.

Madame Pamplemousse levantou sua voz.

— Sir Toby, sente-se. Há periódicos atrás do balcão, caso necessite de distração.

— Estão lá? — Os sons de seus passos e o farfalhar do jornal se filtraram pelas cortinas. Seu tom mudou com uma descoberta divertida. — Sim, de fato estão aqui. Incluindo a publicação mais divertida de todas...

O Prattler. O que estão dizendo sobre mim hoje, eu me pergunto?

Bel fez uma careta.

— Toby, não. Não se torture. Não se importe com o que eles dizem. Ninguém lê essa coisa horrível de qualquer maneira.

— Mas é claro que sim — disse Madame Pamplemousse. — Todos em Londres leem o Prattler.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não apenas todos em Londres — acrescentou Toby. — Desde que começaram as eleições, é o periódico mais vendido em Surrey, segundo Colin Brooks. Possivelmente eu devesse levar cópias quando vou lá todas as manhãs.

— Não. Você não fará isso — disse Bel.

— Não, eu não. — Ele respondeu. — Porque... De acordo com a edição de hoje, não tenho ido a Surrey.

— O quê?

— Diz aqui, que eu estive completamente ausente da campanha eleitoral. Que toda a minha candidatura é uma farsa.

— O quê? Mas isso é um absurdo!

— É mesmo? — Os passos lentos de Toby cruzaram a sala.

— Sim, claro que é. Você tem ido todos os dias lá. De manhã à noite. Onde mais você teria gasto o seu tempo?

Ele fez uma pausa.

— Você realmente deseja saber?

Bel considerou. Ela queria? Seu tom sério e grave era um mau sinal, mas no final a curiosidade venceu.

— Sim. Sim, leia para mim a escandalosa mentira que eles estão vendendo agora.

Ele deu um suspiro dramático.

— Bem, de acordo com esta publicação distinta, tenho passado os meus dias aqui em Londres, no Pérola Oculta. Há uma encantadora ilustração fornecida pelo senhor Hollyhurts. Gostaria de ver?

— Não. — Bel fechou os olhos. — Atrevo-me a imaginar a natureza desse estabelecimento, a Pérola Oculta? Eu não suponho que seja uma loja que vende joias.

— Bem... Eu não as chamaria de joias. São mais como bugigangas baratas.

— Toby! — Bel apertou os dentes. Porque ele achava isso engraçado, estava além de sua compreensão. — Mas... — Bel se movia em uma perna enquanto uma donzela retirava o vestido de musselina de seu torso.

— Mas essa é uma afirmação absurda!

— Completamente. — Toby concordou. Sua voz soava mais perto agora, apenas do outro lado da cortina. — Eu não vou ao Pérola Oculta há semanas.

Bel engasgou com indignação.

— Tudo bem, meses.

Bel puxou a cortina para o lado e esticou o pescoço em torno dela para encará-lo.

Ele sorriu para ela sobre o periódico.

— Anos?

Provocador insuportável.

— Este não é um assunto engraçado, Toby!

— Claro que é. Como você disse, é uma afirmação absurda. A única coisa que resta a fazer é rir.

— Sabemos que é um absurdo, mas e todos os outros? E se as pessoas que leem este

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

periódico acreditarem que você... que você...

— Que eu tenho uma inclinação por bugigangas? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Não me diga que está com ciúmes? Você tem tão pouca fé em mim?

Bel agarrou a cortina contra seu peito e piscou para desfazer-se das lágrimas não derramadas.

— Sinto muito. Eu não sei por que estou tão sensível hoje.

Mas ela sabia. Mulher estúpida, ela se repreendeu. Tinha sido bem advertida da reputação de Toby antes de se casar com ele. Seu marido era um infame libertino. O que ela pensava, que a especulação pública cessaria milagrosamente no dia do seu casamento? Que as mulheres de Londres deixariam de bater seus cílios em sua direção? Que o Prattler faria uma imagem de uma página como um exemplo de moralidade:

"O Libertino Reformado"?

Estúpida! Mulher estúpida!

O olhar de Toby ia e vinha entre a cara de Bel e a cortina de veludo envolvida em seus seios.

— Essa é uma cor que fica linda em você — ele disse pensativo. — Sim, essa cor te servirá muito bem.

Bel torceu o nariz.

— Vêm comigo à ópera, querida. — Jogando de lado o periódico, ele emoldurou seu rosto com suas mãos quentes e confiantes. Os olhos castanhos de Toby a faziam se sentir segura, forte.

— Permita-me vesti-la de forma elegante e você devastará a Londres com sua beleza. Eu prometo a você que nenhum periódico ousará me acusar de estar me divertindo fora de casa novamente, porque ninguém iria acreditar.

Eles saberão que nenhuma bugiganga da Pérola Oculta, poderá se comparar com a radiante e elegante mulher com a qual me casei. Bastará um olhar para nós dois juntos e eles saberão a verdade. — Seu polegar acariciou a sua bochecha.

— Que não há outra mulher para mim.

Bel apertou seus lábios. O resto dela se desarmou. Oh, como ela desejava que ele a beijasse.

Bem ali naquele provador da modista, enquanto ela permanecia envolta em sua anágua e na cortina de veludo, na frente de todas essas presunçosas coquetes francesas.

E ele o fez.

E desta vez, ela não se importou com as risadinhas tolas.

Toby prolongou o beijo tanto quanto se atreveu. Enquanto ele a beijava, seus lábios não conseguiam formar perguntas. Enquanto ele a beijava, os lábios dele não podiam mentir.

Não há outra dama para mim.

Isso era a verdade. Simples e crua verdade, e ele a despojou neste casto e doce beijo, esperando que sua esposa pudesse senti-la e acreditar nele.

Deus sabia, que ela não era muito rápida para reconhecer a verdade quando a diziam em voz alta.

O coração de Toby ainda golpeava em seu peito, depois do apuro que passou com o Prattler. Teve taquicardia simplesmente de pensar em confessar tudo. Mas uma vez mais, ela mostrou sua

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

fé completa nele, e ele simplesmente não podia destrui-la. Confessar estava fora de questão.

Não, Toby tinha um plano diferente.

— Agora, então... — Ele sussurrou quebrando o beijo. — Seja uma boa menina e deixe que tomem suas medidas. Permita-me discutir o estilo com a Madame. Terei certeza que você ficará feliz.

E ele o faria. Ele prometeu silenciosamente, dando-lhe um beijo final entre as sobrancelhas. Ele a faria feliz. Debaixo de todos esses ideais angelicais e curvas celestiais, batia um coração que era simplesmente humano.

Ela era simplesmente uma mulher. E embora ele não entendesse nada de filantropia ou política, Toby entendia de mulheres.

Toby tinha uma semana. Só Deus sabia por que razão, ele e Yorke mantinham-se próximos nas votações, mas os números certamente virariam no final. Em alguns dias a votação se encerraria e Colin Brooks o certificaria de sua derrota. De alguma forma, nesse curto espaço de tempo, teria que substituir a fé ingênua de Isabel por emoções mais profundas, as quais ele poderia suportar.

Era o momento de reforçar a sua campanha e tudo começaria com a ópera. Ela era muito receosa com as pequenas distrações da vida: sorvetes, joias, belos vestidos. O prazer a angustiava, por algum motivo incompreensível, mas ele podia ajudá-la a superar essa dificuldade. Certamente seu êxito no quarto poderia se repetir em outros ambientes. Ele podia ensiná-la a desfrutar e gostar da companhia dele.

Ele a faria se sentir perfeita e adorada. Merecedora de todos os prazeres que o mundo tinha para oferecer.

E então, ela renunciaria aos seus sonhos políticos e abraçaria um futuro de felicidade doméstica. E ele não teria que destruir sua fé nele, apenas dar a ela um novo objetivo. Amor.

Esse era o plano.

E se ele a engravidasse no processo... isso se chamava "garantia".

— Oh, Madame? — Toby chamou, segurando a borda da cortina de veludo. — *Ce couleur, s"il vous plait*[19].

— *Bon choix, monsieur*[20].

Ele deu à modista instruções em francês para que Isabel não pudesse entender, e desta forma, não pudesse protestar. Além do vestido para terça-feira, Toby ordenou mais três vestidos de noite e cinco vestidos para o dia, bem como um conjunto completo de anáguas e afins. Sua esposa teria protestado por este gasto com cada palavra em seu vocabulário bilíngue, mas Toby sabia que ela valia cada centavo e muito mais.

Uma hora depois eles saíram da loja.

— Você gostaria de dar um passeio pelo parque? — Ele perguntou.

Isabel sacudiu sua cabeça violentamente.

— Oh, não. — Toby amaldiçoou intimamente. Esta foi uma sugestão estúpida. Desde o incidente em Surrey, Bel sentia pelos passeios de faetón o mesmo prazer que um gatinho sentia

[19] *Ce couleur, s"il vous plait: Tradução: Esta cor, por favor.*

[20] *Bon choix, monsieur: Tradução: Boa escolha, senhor.*

recebendo um banho.

— Há algo mais que precise comprar? — Ele colocou a mão de Bel em seu braço. — Ou procuramos uma casa de chá e tomamos um refresco?

— Eu não estou com fome, obrigada. Mas se houver alguma loja de tecidos perto, os meninos da Clínica necessitam de novas roupas de cama.

— Muito bem. — Ele girou à esquerda e desceram lentamente a rua. — Enquanto estivermos lá, escolheremos também algumas roupas de cama para nós.

— Oh, não podemos.

— Por que não podemos? Não merecemos lençóis novos, como os doentes desamparados?

— Não é isso — disse Bel sussurrando, em um tom que indicava o desejo de que ele abaixasse o tom de voz. — Não é apropriado que um marido e sua esposa comprem roupas de cama juntos.

— Por que não? Parece a coisa mais apropriada do mundo para mim. Mas se quisermos realmente chamar a atenção, por que comprar lençóis de linho? Vamos comprar cinco jogos de cetim na cor berinjela.

Ela nem sequer respondeu a isso, embora se ruborizasse.

Toby murmurou em seu ouvido:

— Você alguma vez já experimentou essa sensação, Isabel? A sensação do cetim contra a pele nua? Por toda a sua pele nua?

Ela se retorceu.

— Toby, pare.

— Não? É como deslizar na água, querida. Fresca e suave no início. E então o calor de sua pele o torna quente e escorregadio, como...

— Toby... — Ela resmungou, pondo um fim na conversa. — Você tem que parar com isso. Agora.

— Como óleo. — Ele completou, inclinando-se para sussurrar em seu ouvido. — Óleo, perfumado com o aroma do almíscar da sua pele e...

A voz brilhante de Bel o interrompeu.

— Boa tarde, senhor Yorke.

Toby congelou, seus lábios a menos de um centímetro da orelha de sua esposa. Felizmente, ele não havia seguido o seu impulso de lambê-la. Como se sentisse o perigo, a orelha de Isabel saiu do seu alcance.

Certo. Ela estava fazendo uma reverência.

Seguindo o exemplo de sua esposa, Toby cumprimentou seu amigo de cabelos grisalhos com uma reverência educada.

— Yorke. Eu não esperava encontrá-lo na cidade. — Em outras palavras, por que diabos você não está na campanha eleitoral, em Surrey?

O velho o olhou com uma expressão confusa.

— Tampouco eu esperava encontrar você aqui também.

Isabel disse:

— Sim, muito desafortunado, não é? A esposa do oficial de recontagem adoeceu.

Yorke olhou para Toby.

— A senhora Brooks ficou doente?

Maldição.

— Certamente você deve ter ouvido sobre isso, não? — Perguntou Isabel. — Você não estava lá quando fecharam as urnas mais cedo? — Ela olhou para Toby. — Talvez eu tenha entendido mal.

Toby fulminou Yorke com o olhar até que este se sobressaltou, dando-se conta do seu engano.

— Oh, sim — disse Yorke apressadamente. — Sim, é claro. Ela ficou doente. Qual foi mesmo a sua doença...? — Ele estalou os dedos. — Reumatismo.

Esta teria sido uma resposta perfeitamente aceitável se Toby não tivesse escolhido aquele exato momento para dizer:

— Gripe.

A testa de Isabel se franziu enquanto olhava de um para o outro repetidamente.

— Bom, ela está dolorida. E geralmente indisposta. Um pouco de febre e dor no corpo. É um mistério médico, realmente. Ela está deixando o médico bastante desconcertado. — As palavras saíam da boca de Toby a uma velocidade máxima. Se ele falava rápido e de forma incoerente o suficiente, ele poderia sair daquela confusão. Assim esperava. — Mas da última vez que ouvi, soube que está se recuperando.

Tenho certeza que as eleições abrirão novamente na segunda-feira.

— Correto — disse Yorke. — Suponho que te verei na segunda-feira então?

— Oh, sim. Segunda-feira — disse Toby, absorvendo o estranho olhar do senhor Yorke. Um olhar que dizia que o ardiloso homem não estaria em nenhum lugar perto de Surrey na segunda-feira.

— Se você estiver hospedado na cidade, talvez nos encontremos na igreja amanhã — disse Isabel.

— Possivelmente, Lady Aldridge. — Com um sorriso e com um gesto segurando a ponta de seu chapéu, o senhor Yorke seguiu seu caminho.

Toby o seguiu com o olhar. Que diabos estava acontecendo? Toby não esteve em Surrey hoje, mas aparentemente tampouco Yorke esteve. Era possível que o velho não estivesse fazendo campanha eleitoral?

Isso poderia explicar por que a votação estava quase empatada entre os dois e o número de eleitores tão baixo.

Encontrou-se querendo perseguir Yorke, levá-lo ao clube para tomar um licor de qualidade e ter uma discussão honesta com ele. O homem estava escondendo algo, assim como Toby. E não sabia onde aquela situação os deixava, só sabia que estavam muitíssimo mais separados do que haviam estado antes. E isso era uma maldita lástima.

Os cenários davam volta em sua cabeça. Não havia maneira de explicar, exceto assumir que Yorke não estava fazendo muito esforço para a reeleição. E se esse fosse o caso, o impensável poderia acontecer.

Toby poderia realmente ganhar.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Toby? — Isabel puxou o seu braço. — E os lençóis?

— Certo — ele disse, pondo em ordem seus pensamentos, sorrindo despreocupadamente. — Cetim de cor berinjela.

O que ele estava pensando? Ele não tinha nenhuma chance de ganhar. Yorke sabia disso também, e era por isso que não estava se incomodando em se esforçar. E sinceramente, de que forma Toby deveria ocupar o seu tempo?

Percorrer as terras de cultivo de Surrey em busca de votos ou fazendo uma campanha sensual de persuasão para conquistar o coração de sua bela esposa?

Não havia nenhuma competição.

Ganhar a eleição seria uma mera vitória temporária... a suspensão de uma execução até que Isabel o colocasse em uma próxima prova. Não, para garantir a felicidade duradoura, ele precisava conquistá-la.

E ele o faria. Ele possuía uma nova arma em seu arsenal agora: Amor. Ele a amava e isso devia contar para alguma coisa.

Ele só esperava que contasse o suficiente.

CAPÍTULO 19

— Toby, é indecente.

— É apenas uma peça de seda bem cortada e finamente costurada, sem código moral de que se possa falar. E você, minha querida esposa, está arrebatadora.

Isabel puxou o corpete de seu vestido, tentando subi-lo. Virou-se ligeiramente observando o efeito no reflexo do espelho. Talvez ela pudesse colocar um xale no pescoço? Oh, do que serviria?

A quantidade mortificante de decote ainda estaria em exibição. Seria como enfeitar um pernil de carneiro com babados de papel e esperar que isso desencorajasse o apetite.

— Confie em mim — disse Toby com sua imagem refletida aproximando-se silenciosamente por trás dela. — O estilo não é tão descarado como você pensa. É praticamente pudico para os padrões franceses.

— Mas não estamos na França. — E nunca viajariam para lá, se Bel pudesse ter alguma opinião sobre isso. Não foi só o decote do vestido o que a chocou. O profundo tom de vinho avermelhado era em si a cor do pecado, e os cristais costurados no corpete brilhavam como pequenos faróis projetados para atrair a lasciva atenção. Mas Toby havia encomendado o vestido, e a julgar por sua expressão no espelho,

Bel supôs que ele estava bastante satisfeito com o resultado. — Eu me sinto muito exposta. Mas se isso te agrada...

— Sim, me agrada muito, e é exatamente por isso. Porque você está exposta. Disso se trata a ópera... Ver e ser visto.

— Eu pensei que a ópera era sobre Dom Juan.

Rindo, Toby colocou as mãos em seus ombros quase nus. Traçando círculos preguiçosos com

os polegares ele se inclinou para roçar um beijo abaixo da sua orelha.

— Adoro o seu cabelo desta maneira, preso no alto da cabeça. — Seus lábios percorreram o seu pescoço e ao longo de sua nuca. — Muito bem enrolado e habilmente amarrado. — As palavras dele provocaram ondas de excitação por sua espinha. — Me faz pensar na alegria deliciosa que terei ao soltá-lo mais tarde esta noite. — Sua língua revoou contra sua orelha.

À medida que as pontas de seus dedos deslizavam pela pele sensível de seus braços, os joelhos de Bel amoleciam. A este ritmo, eles nunca sairiam de casa. E ela não podia dizer que se importaria com isso.

Sua planejada excursão a fazia se sentir incômoda, de várias maneiras.

— Você está formosa. — Ele sussurrou, apoiando o queixo em seu ombro e envolvendo os braços ao redor dela. Juntos, olharam para seus reflexos entrelaçados. — Somos formosos juntos.

Ela precisava admitir que eles formavam um casal muito bonito. As pessoas comentavam isso tão frequentemente, que estava se acostumando a ouvir isso.

— Acho que vou fazer amor com você assim... — Ele sussurrou. — ... bem aqui, em frente ao espelho.

Comentários como esse, por outra parte, ela não havia se acostumado a ouvir. Absolutamente. Não que fosse desagradável escutá-los. Ela adorava ouvir quão desesperadamente ele a desejava... adorava sentir a evidência disso pulsando em suas costas. Suas bochechas ficaram vermelhas em frente ao espelho.

— Você gostaria disso? — Ele perguntou, sua voz era um estrondo insidioso contra sua nuca. — Você gostaria que eu te despisse e te beijasse por toda parte até que você se visse gritando de êxtase?

Apenas a sugestão a havia posto úmida e dolorida entre as pernas. Ela engoliu em seco. Sua voz saiu como um chiado.

— Agora?

Seus sorridentes olhos castanhos capturaram os dela no espelho.

— Não. Agora não. Mais tarde. Por agora, é o suficiente saber que você me deseja. — Sua voz se tornou áspera e suas mãos se moveram para baixo, percorrendo seus quadris cobertos de seda.

— Isabel. Quero que você me deseje da mesma forma que eu te desejo. Durante todo o tempo. Sempre. Esta noite sua beleza pode estar em exibição para que todos de Londres vejam, mas por debaixo deste vestido, você pertence a mim.

Toda a noite, em seus mais escuros e mais secretos lugares, quero você quente, úmida e ansiando por mim. E quando chegarmos em casa, tenho a intenção de reivindicar o que é meu. Entende?

Ela concordou com a cabeça, fascinada com o desejo autoritário de seus olhos que a excitava além de toda razão. Seus mamilos se endureceram e ela se virou em seus braços, esfregando seus seios contra o seu peito forte e sólido para aliviar a dor. Se ele ao menos fizesse amor com ela agora... a tirasse deste indecente vestido e a fizesse tremer de prazer...

Ela pressionou os lábios contra a sua garganta.

— Toby.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Não. Ainda não. É muito cedo. — Agarrando-a pelos cotovelos, ele se afastou. Seus olhos se cravaram nela. — Isabel. Quero que você me deseje da mesma forma que eu te desejo.

E isso não é um trabalho de uns poucos minutos. Não. Para fazer você compreender isso realmente, vou requerer horas, querida. Horas.

Horas? Ele queria fazê-la esperar durante horas?

— Quantas...? — Ela sabia que ele riria no momento em que perguntasse isso. Mas não podia evitar perguntar. — Quantas horas?

Para seu crédito, ele não riu muito alto. Colocou o braço dela no dele e a conduziu para a porta.

— Bom, a peça em si dura quase quatro horas. E então temos as viagens no faetón, ida e volta, temos também o intervalo... — Sua mão livre apertou o seu traseiro enquanto a guiava pelo corredor.

Quase colidiram com um lacaio e Bel ofegou. Toby rapidamente colocou seu sorriso habitual no rosto: aquela expressão encantadora de inocência e diabrura em partes iguais.

— Eu diria que um pouco mais de cinco horas, Lady Aldridge. Por que pergunta?

Cinco horas. Quantas já haviam passado? Nem sequer uma, pela estimativa de Bel. E ali estava ela, parecia praticamente uma poça de cera no piso de seu camarote. Como sobreviveria esta noite?

Era um camarote privado, é claro. Perfeitamente escolhido para esta guerra de sedução que seu marido parecia empenhado a travar. Sedução não era sequer a palavra correta... isso significaria a sua rendição.

Não. Tratava-se de uma campanha sutil, uma provocação sensual sem um final à vista. Não era uma batalha, mas uma tortura.

Era deliciosa.

No faetón, ele havia olhado fixamente para fora da pequena janela em uma atitude de perfeita de indiferença. Ao mesmo tempo, seus dedos enluvados se moviam em um caminho ascendente, por debaixo de suas volumosas saias, acariciando sua panturrilha, o joelho e coxa.

Quando se juntaram a multidão que assistiria a ópera, ele atraiu-a ao seu lado, guiando-a através da multidão com um toque de autoridade. Com um sorriso despreocupado colado em seu rosto, manteve um fluxo constante de comentários sugestivos sussurrados em seu ouvido. Para um observador casual, provavelmente parecia que ele estava comentando sobre as últimas intrigas, ou talvez falando sobre o clima.

Mas a única umidade que ela prestava atenção era no suor que se juntava entre seus seios, sem falar na verdadeira tormenta de excitação que se acumulava no ápice de suas coxas.

E agora eles estavam sentados em seu camarote, rodeados por uma cortina majestosa, ornamentada de dourado com cascatas de veludo azul, escutando o zumbido discordante da orquestra afinando seus instrumentos.

Toby colocou uma taça de champanhe em sua mão.

Bel olhou para ela, encantada pelas pequenas borbulhas subindo à superfície de cor âmbar cristalino.

— Oh, eu não deveria. Você sabe que eu não...

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Esta noite, você deve sim. Esta é a ópera, minha querida. Trata-se de excesso, espetáculo, sensações e opulência. Trata-se de prazer. Estivemos trabalhando muito duro, entre as instituições de caridade e a campanha.

Você ganhou o direito de se divertir esta noite. Acaso não posso ter o direito de mimá-la?

Ela sorriu. Ele tinha razão, ambos haviam trabalhado incansavelmente durante a semana passada. Todos os dias, Toby viajava para Surrey por causa da campanha eleitoral, enquanto Bel visitava suas obras de caridade.

À noite, eles se reuniam apenas a tempo para o jantar e ir para cama, onde tinham uma sessão de amor, às vezes suave, às vezes selvagem e depois dormiam esgotados. Não havia nenhuma dúvida na mente de Bel, que seu marido esteve trabalhando incansavelmente para satisfazê-la, em todos os sentidos. Como podia negar à ele esta noite de diversão?

Tomou um pequeno gole de champanhe. O sabor acre-doce explodiu em sua língua, chiando através de todo o seu corpo.

— Você gostou? — Ele perguntou.

— É muito estranho... — Ela tomou outro gole, segurando o líquido forte na boca. As borbulhas explodiram em seu nariz e ela engoliu, rindo. — Mas é delicioso.

Bebeu de novo e fechou os olhos. Quando os abriu, o mundo ficou escuro. Levou um momento para perceber que tinham diminuído as lamparinas para indicar o começo da sessão. Seu cérebro parecia nebuloso.

O ar parecia ser de algodão ao redor dela, quente e suave ao tato.

— Posso provar? — Perguntou Toby.

— Sim, é claro. — Ela ofereceu a taça à ele, mas não era isso o que ele queria. Ela percebeu seu engano um instante antes de sua boca capturar a dela. Quando seus lábios se encontraram, algum pingo de sua consciência cheia de champanhe vibrou em alarme. Estavam se beijando em público. À vista de todos.

E foi maravilhoso.

Ela se inclinou para o beijo, acariciando a língua dele com a dela, mordendo levemente o lábio inferior de Toby. Ela não conseguia obter o suficiente dele e queria que todos em Londres vissem.

Talvez tenha sido o champanhe, ou o arredor luxuoso, ou mesmo a excitação que ele esteve tão habilmente alimentando toda a noite. Mas, naquele momento, Bel queria que o mundo soubesse o quanto o seu marido a desejava e o muito que ela o desejava. Como eles eram bonitos juntos, jovens e vivos.

Então, a orquestra tocou um acorde e ela pulou em seu assento. O beijo se rompeu. O champanhe respingou na parte superior exposta de seus seios e no seu corpete indecente de seu extravagante vestido...

E ela não se importou. Porque a música estava começando, e a música... era tudo.

A orquestra executou a abertura e Bel tinha certeza que o poder da música levantaria o teto do teatro. Ela a sentia reverberando em seus ossos. Ela respirou profundamente. Havia cores e sabores...

E foi quando Bel percebeu que devia estar um pouco bêbada para acreditar que poderia

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

saborear uma peça de música. Mas ela tomou um novo gole de champanhe, querendo fica bêbada para sempre. Querendo se afogar nesse mar glorioso de som.

Em seguida, a cortina se abriu para revelar um fantástico jardim e artistas fantasiados que logo começaram a cantar. Com vozes certamente roubadas dos anjos, eles cantavam. E todo mundo desapareceu.

Bel se esqueceu inclusive de Toby. O champanhe estava esquecido em sua taça.

Ela foi arrastada para a grandeza de Dom Giovanni, e se não soubesse que era impossível, teria jurado que não respirou ou piscou nem uma vez durante todo o primeiro ato.

Quando a cortina se fechou para o intervalo, a mão de Toby cobriu a dela.

— Você está se divertindo?

Ela apertou a sua mão.

— Oh, Toby... É maravilhoso. Nunca sonhei... — O nevoeiro âmbar das lamparinas pouco a pouco se esfumaram, e ela olhou para o seu rosto bonito. — Obrigada.

— Não me agradeça ainda. — Ele sorriu. — O melhor ainda está por vir.

Oh, não. A realidade impensável a golpeou com uma potência orquestral. Um acorde sinistro.

Ela o amava.

Que tola tinha sido. Não era a música que fazia com que sentisse tudo de forma tão plena. Não foi o champanhe que devastou suas inibições. Não, era este homem que estava sentado ao lado dela, que havia causado estragos em seus sentidos e alimentado suas paixões desde o momento em que se conheceram. Era Toby, somente Toby.

E ela o amava.

Uma melodia doce e sombria tocou o seu coração e seu batimento cardíaco aumentou. De forma forte e insistente. Ela o amava... amava. Ela o amava e isso a aterrorizava.

Ele franziu a testa.

— Você está bem? Quer que eu busque outra taça de champanhe?

Ela negou com a cabeça.

— Talvez um pouco de água.

— Certamente. — Ele beijou sua mão antes de soltá-la. — Estarei de volta em um instante.

Então ele se foi, dando a Bel alguns momentos preciosos para acomodar seus pensamentos e reavaliar sua vida. Ela havia caído de amor por seu marido, e agora tudo estava arruinado. Não? Como poderia se dedicar plenamente ao serviço de caridade, com este amor forte, sinfônico banhando seu corpo, abafando todas as suas melhores intenções? Ela tentou se lembrar da sua agenda para amanhã. Ela estava certa que tinha algum compromisso, alguma visita marcada... talvez uma reunião com o pessoal da Sociedade para falar sobre a próxima demonstração da máquina de limpeza de dutos de chaminés? Mas por sua vida...

Pelo amor de Toby... Ela não conseguia se lembrar.

O efeito do champanha havia desvanecido. Bel viu claramente o que precisava fazer. Tinha que escolher. Este amor a infectara pegando-a desprevenida, mas talvez ainda houvesse uma esperança de cura.

Não era tarde demais para negar esta paixão, para empurrar seu marido para longe e se

focar em seu trabalho. Esteve na sociedade de Londres tempo suficiente para compreender os polidos arranjos sem afeto que caracterizavam à maioria dos casamentos. Ela podia insistir no mesmo.

Ou poderia amar. Livremente, profundamente... abrangendo tanto a paixão como o terror ao mesmo tempo. Ela poderia colocar sua alma sob os cuidados de um homem bem conhecido por ser um libertino charmoso e encantador.

Realmente não havia escolha.

— Aqui estamos. — Toby deslizou novamente dentro do camarote, com um copo de água na mão.

Bel o pegou. Inclinando o copo, bebeu a água, agradecida. Lentamente. Enquanto estivesse bebendo, não precisava falar. Logo as luzes se apagaram novamente, e Toby puxou sua cadeira para perto dela.

Perto o suficiente para que ela sentisse o seu calor, mesmo estando na escuridão.

— É capaz de compreender a ópera? — Ele perguntou em voz baixa. — Suponho que você não saiba italiano?

— Não. — Ela sussurrou de volta, colocando seu copo de água de lado. — Mas aprendi espanhol com minha mãe. É semelhante o suficiente para que eu possa acompanhar a história. — E que história era aquela...

Um elegante, sedutor infame e as mulheres apaixonadas que o seguiam a qualquer lugar, até mesmo ao seu túmulo. Por um amor cego e não correspondido.

Sim, ela havia aprendido a história de sua mãe em mais de um sentido. Se o seu pai teve menos amantes do que as milhares de Dom Giovanni, certamente foi porque a ilha era muito pequena.

E, no entanto, apesar de ser um mulherengo infiel, sua mãe o tinha amado com uma feroz e leal paixão... inclusive além dos limites da razão e a saúde. Os médicos disseram que a loucura de sua mãe foi um efeito persistente da febre cerebral, mas sua mãe havia acreditado no contrário.

Ela insistia que havia enlouquecido de amor. "El amor es loucura", ela havia dito. O amor é loucura. Uma paixão febril, que consome tudo, que rouba a sua mente e seus sentidos, que como um espiral envia uma alma para a escuridão e desespero.

Bel seria uma tola se seguisse esse exemplo. Suas mãos enluvadas se fecharam em punhos em seu colo. Devia resistir a este amor. Devia se libertar do vínculo que ele havia ligado de alguma forma ao redor de seu coração.

Então a mulher no palco começou a cantar, a mão de Toby cobriu as dela, e ela soube. Ela verdadeiramente não queria ser liberada.

— Viu esta ópera antes? — Ela perguntou.

— Sim.

— Como vai acabar? — Ela se virou para ele. — Preciso saber como termina. Tem um final feliz?

— Não, querida — Ele riu. — Nosso herói morre, sozinho e sem arrependimento, e o diabo leva sua alma para o inferno.

Oh, Deus a ajudasse.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Enquanto escutava a ária inquietante, os pelos da nuca de Bel se arrepiavam e um terrível peso familiar começou a se formar em seu peito. Ela queria chorar, mas as lágrimas não vinham. Até algumas semanas atrás, ela acreditava que este tipo de tensão, a mulher só poderia resolvê-la com o pranto. Agora, graças ao seu talentoso marido, sabia que havia outra cura. Seu corpo clamava pela libertação de prazer que só ele podia dar.

— Notável, não? — A pergunta sussurrada de Toby se mesclou com os aplausos que estavam diminuindo.

— Sim. — Ela sussurrou de volta. — A forma como a nota paira, inclusive depois de que ela para de cantar... Eu sei que realmente já não estou ouvindo-a, mas sinto que continua ressoando no ar.

Em mim.

Ele ficou em silêncio. As bochechas de Bel se esquentaram. Ela devia ter soado ridícula e ingênua.

— Entendo perfeitamente — ele disse finalmente. Sua voz não tinha nenhum vestígio de diversão, apenas carinho e ternura. — Acho que me sinto assim às vezes, quando estou separado de você.

Inclusive quando você não está comigo, é como... um eco de ti que se instalou em meu peito. — Ele ergueu a mão de seu colo e a levou aos lábios, depois a pressionou contra o seu peito. — Aqui. Sinto você aqui, sempre.

Às vezes me dói.

Bel engoliu em seco.

— Toby?

— Sim, amor?

— Você pode me levar para casa? Eu quero ir para casa.

— Tem certeza? — Seus olhos procuraram os dela na escuridão. — O segundo ato acaba de começar. E não se preocupe com o final. É uma comédia, você sabe.

— Eu quero ir para casa. Imediatamente. — Bel fechou os olhos para reunir suas forças, em seguida voltou a abri-los.

— Desejo... — ela disse de maneira significativa, levantando sua mão livre para acariciar sua mandíbula forte e formosa. — ... Que você me leve para casa.

Ele não disse nada. Só permaneceu imóvel na escuridão, parecendo com a imagem de uma escultura de mármore polido de um deus romano. Mas quando Bel se aproximou, ficou emocionada com a evidência de que ele estava muito vivo. Sua respiração era forte e trabalhosa, e seu pulso palpitava contra a mão dela.

Deslizando-se para mais perto, quase em seu colo, ela esticou o pescoço para beijá-lo.

— Desejo você. — Ela murmurou contra os seus lábios, beijando-o novamente para silenciar o seu próprio gemido quando ele a rodeou com força pela cintura com seu braço livre. Oh, como ela precisava sentir suas mãos sobre ela. Necessitava dele mais do que necessitava de ar. Estava louca por ele, e não se importava com o preço que teria que pagar amanhã, ou pelo resto de sua vida e além. Esta noite, ela o desejava.

— Quero que você me leve para casa. — Ela sussurrou, lambendo suavemente a sua orelha.

— Me leve para casa e faça amor comigo, Toby.

Poucos minutos depois, eles estavam no faetón.

Realmente foi uma façanha notável. Toby duvidava que Isabel pudesse apreciar a quantidade de estratégia, charme e discreto intercâmbio de moedas que se requereram para reduzir o que era normalmente um processo de vinte minutos de corrida a menos de cinco. Incrível o que um homem podia fazer quando sua mulher acendia um fogo sob ele.

Era mais como acender um fogo dentro dele.

Toby estava ardendo por ela como não tinha ardido por nenhuma outra mulher em sua vida. O ar no faetón era árido com o calor. Todos seus planos de horas de lentas e sensuais provocações... Evaporados.

Ele a queria assim que pudesse tê-la.

E aparentemente... milagrosamente... ela sentia o mesmo.

Ela agarrou o seu braço, apertando seu corpo contra o dele quando o faetón fez uma curva com um movimento rápido. O suave roçar de seus seios contra os seus bíceps era uma pura e doce tortura.

— Quanto tempo levará para chegarmos em casa? — O tom rouco de sua voz foi direto para a sua virilha.

Toby pigarreou.

— Dez minutos... talvez quinze.

Ela ficou em silêncio, ainda segurando o seu braço. Ele apertou as mãos aos flancos para evitar esmagá-la. Ela havia pedido que ele a levasse a casa, depois de tudo. Levá-la para casa e fazer amor com ela adequadamente. E não ser arrastada para uma cópula crua e suarenta dentro de um faetón.

De repente, ela se jogou em seu colo, levantando suas saias vermelhas de seda, até se colocar escarranchada sobre os seus quadris. O som de tecido rasgando se registrou em seu cérebro apenas um instante antes do sussurro rouco de sua esposa:

— Eu não posso esperar tanto tempo.

Oh, graças a Deus.

Toby mal reconhecia a mulher que puxava com impaciência a sua gravata, enfiando a língua em sua boca, raspando os dentes ao longo de sua mandíbula. Esta era realmente a sua solene e santa esposa?

Ela estava frenética de paixão e desejo. Ela o desejava, tão desesperadamente como ele a desejava.

Eles estavam lutando para estar mais perto um do outro, para aprofundar seus beijos, para expor mais pele para poder pressionar contra pele quente e úmida. Deixaram de lutar só por tempo suficiente para se unir contra um inimigo comum, suas saias. Levantaram metros de seda e anáguas até a cintura, de forma que o tecido ficou ao redor deles em uma nuvem cintilante. Ele agarrou seus quadris e pressionou seu centro feminino contra a sua dolorida ereção. Um grunhido feroz surgiu de seu peito. Endireitando sua coluna, Isabel o montou com entusiasmo, balançando os quadris contra a sua dura longitude uma e outra vez.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Inclusive através das capas de sua roupa interior e de suas calças, ele a sentia quente e suave. Absolutamente incrível.

Muito... condenadamente... incrível.

Ela se inclinou para frente, agarrando o encosto do assento atrás dele para fazer alavanca. E agora seus seios foram lançados em seu rosto com cada inclinação do balanço de seus quadris. Sim, esta mulher apaixonada e luxuriosa era realmente sua esposa. Toby reconheceria estes magníficos seios em qualquer lugar. Pressionou seu rosto contra o seu decote e respirou profundamente, em seguida acariciou a parte exposta com a língua.

— Delicioso... — Ele murmurou. — Tem sabor de champanha.

— Sim. — Ela suspirou, ajeitando-se em seu colo e puxando seus seios fora do alcance de sua língua. No entanto, sua decepção foi de curta duração, porque ela agarrou o corpete com ambas as mãos e com cuidado começou a abaixa-lo, acrescentando ao processo, eróticos e sinuosos movimentos de seus ombros. — Sim, prove-os. Toque-os.

Seus seios finalmente saltaram livres, em toda sua glória abundante e bicos endurecidos, e Toby pensou que gozaria em suas calças pela primeira vez desde que havia feito quinze anos.

Agradecido, ele os acariciou, levantou-os e os sugou, e ela o montou mais rápido, esfregando seus quadris contra os dele em um ritmo frenético.

Ela soltou um pequeno grito e ele soube por seu timbre, que seu clímax estava perto. Era tentador deslizar uma das mãos entre eles e acariciá-la até levá-la ao clímax. Melhor ainda, abrir sua braguilha e deslizar-se em seu interior justamente no momento em que ela gozasse. Mas, ao invés disso ele se conteve. Desta vez, ele não queria levá-la ao prazer. Ele queria observar como ela dava prazer a si mesma.

Não havia nada mais excitante que a sensação dela montando-o, a aceleração de sua respiração contra seu ouvido.

Ele permitiu que ela estabelecesse seu próprio ritmo, aprendesse o ritmo, a pressão e o ângulo correto que a enviariam à felicidade.

Ela fez tudo por conta própria, sua amante apaixonada, sua bela esposa. Mas quando seu clímax a sacudiu, foi o seu nome que ela gritou.

E foi então quando Toby soube que era o homem mais afortunado da terra.

Isabel ainda tremia em seu colo e respirava com dificuldade contra o seu pescoço, quando o faetón parou. Ele a ajudou a arrumar o corpete e saias da melhor maneira possível, oferecendo o seu casaco para a sua modéstia à medida que desciam do faetón. Ela abaixou a cabeça quando entraram em casa, evitando o olhar curioso dos lacaios. Toby os dispensou com um olhar afiado.

— Olhe para mim. — Ela sussurrou quando chegaram ao hall de entrada, indicando a condição de seu vestido, desalinhado e com manchas. — Veja o estado que me encontro. Talvez eu devesse me limpar, antes de...

— Antes de...? — Ele provocou-a com um sorriso se espalhando por todo o rosto.

— Você sabe o que quero dizer. — Ela se ruborizou.

Toby pensou em dizer que gostava de vê-la desalinhada e suja, e que qualquer que fosse a arrumação que ela faria em sua aparência, era provável que fosse desfeita em questão de segundos... mas supôs que poderia controlar seu desejo por mais alguns poucos minutos, para

satisfazer sua sensibilidade feminina. Uns muitos poucos minutos.

Ele a puxou para perto, empurrando o cume duro de sua ereção contra o quadril dela.

— Quanto tempo? — Ele perguntou rispidamente. — Quanto tempo antes que você esteja pronta para mim?

Ela se afastou e ofereceu à ele um tímido e sedutor sorriso. Meu Deus, ele não fez nenhum favor a ele mesmo ensinando esta mulher a provocá-lo.

— Dez minutos... — ela disse, agitando seus cílios de cor azeviche. — Talvez quinze...

— Descarada. — Toby levantou-a em seus braços e a levou a mais próxima sala com uma porta, que resultou ser o salão azul. — Você sabe que eu não posso esperar tanto tempo.

Ele fechou a porta com um chute e a pressionou contra ele, usando uma das mãos para levantar sua perna e colocá-la sobre o seu quadril enquanto trabalhava seu caminho sob suas saias com a outra.

No momento em que as pontas de seus dedos encontraram a calidez escorregadia de seu sexo, não houve mais nenhuma conversa recatada... Só havia uma necessidade intensa e irracional.

Ele precisava estar dentro dela e precisava gozar. De preferência, nesta ordem.

Com dedos trêmulos, ele desabotoou sua braguilha e liberou sua ereção. Ela o ajudou, enganchando suas pernas ao redor da sua cintura e inclinando os quadris para facilitar o seu caminho. Ele se posicionou e investiu, afundando-se diretamente e sem resistência, em seu calor úmido. O corpo dele se encheu de vida com a felicidade. Levantando o seu traseiro com ambas as mãos, ele moveu os quadris com força, batendo-a contra a porta uma e outra vez. Ele investiu rápido e duro, descaradamente usando seu corpo confortável e disposto. Perseguindo sua própria liberação tão egoisticamente como ela havia perseguido a dela no faetón.

E ela estava adorando. Ela se contorcia e gemia em seus braços, incentivando-o a continuar. Tomando-o mais profundo. Atraindo-o para mais perto... perto... Exatamente lá.

Um grito rouco rasgou de sua garganta, quando ele gozou. Ele se afundou contra ela, esgotado e enfraquecido. Mas longe de estar saciado.

Descansou sua testa contra sua clavícula nua. Sua pele estava escorregadia de suor... o dele, dela. Dos dois.

— Eu não terminei com você — ele disse à ela, cavando seus dedos em seus quadris. — Você sabe disso, não sabe? Vou te levar lá para cima, te arrancar até sua última peça de roupa e ter você de todas maneiras diferentes, da forma que me agradar. De forma bruta e primitiva que a deixarão pálida pela comoção e em seguida, rosa de prazer. E amanhã, os mendigos e as crianças abandonadas de Londres terão que cuidar de si mesmas, porque minha esposa estará exausta demais para se mover. — Ele levantou a cabeça e olhou diretamente a seus olhos escuros e amendoados. — O que você tem a dizer sobre isso?

Ela sorriu.

— Quanto tempo levaremos para chegar lá em cima?

Rindo baixinho, Toby acariciou a curva de seu pescoço.

— Eu te amo. Meu Deus, como eu te amo. — Ele não podia deixar de dizer isso. Não podia se conter nem um segundo mais.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Os dedos dela se detiveram em seu cabelo.

— Oh, Toby. Eu...

— Shhh. Não fale nada, eu imploro.

Ela piscou.

O coração de Toby retumbava em seu peito. Esta noite tinha sido muito perfeita. Se ela não o amasse em troca, ele preferia não saber. Não esta noite. Podia esperar até a manhã para ter seu coração quebrado... esta noite ele abraçaria a ignorância. Se ele queria que ela o amasse da mesma forma que a amava... parecia lógico que ele fosse o primeiro a dizer e fazê-la saber o quão apaixonado estava por ela.

— Eu... — Ele acariciou sua bochecha. — Eu nunca disse essas palavras antes, a nenhuma mulher. Nunca senti isto antes, por nenhuma mulher. Você é tão cheia de amor, minha querida. Você se entrega tão livremente inclusive aos mais desventurados e indignos, e eu me incluo nesse grupo. Quando se trata de amor, eu sou um pobre mendigo ao seu lado, mas inclusive os mendigos têm seu orgulho.

Talvez eu tenha apenas esta única moeda para dar, mas eu gostaria de vê-la brilhar um pouco, antes que você a enterre junto com as notas de dez libras, como o anjo generoso que é. Assim por esta noite, apenas... apenas me ouça. Está bem?

Ela assentiu com a cabeça, mordendo o lábio.

— Isabel, meu coração. Você é minha. — Ele a beijou com ternura. — Eu te amo.

Ela entrelaçou seus dedos atrás do seu pescoço.

— Toby, me leve para a cama.

CAPÍTULO 20

No final, Bel encontrou força o suficiente para se mover no dia seguinte. Finalmente.

Muito tempo depois que Toby havia saído para a campanha eleitoral, ela se arrastou de sua cama desarrumada. Quando se esticou, seu corpo protestou com dor. Era uma dor suave, uma pequena dor que se experimentava no dia seguinte, logo depois de um esforço extenuante... os músculos presos as suas memórias de flexão e alongamento. A dor assegurava que pensaria nele e em sua paixão durante todo o dia.

Não era totalmente desagradável.

Ela se examinou no espelho, encontrando outras maneiras pelas quais ele a havia marcado. Seus dedos se atrasaram sobre uma marca clara, em cima de seu seio direito. Não haveria decotes ousados para ela hoje.

Encontrou outra pequena marca roxa logo abaixo do mamilo, e ela permaneceu lá durante vários minutos, paralisada por seu próprio reflexo.

Tinha passado um longo tempo desde que Bel esteve diante de um espelho, assim, contemplando machucados infligidos por amor. Não, desde que ela era uma criança.

Contusões, arranhões... marcas de mordidas, de vez em quando... sua mãe tinha dado à ela

tudo isso e muito mais.

El amor es loucura. O amor é loucura.

Houve tantos dias bons. Tantas lindas horas vividas naquele tranquilo quarto iluminado pelo sol... Sua mãe escovava e trançava o seu cabelo, enquanto cantarolava melodias suaves murmurando palavras de amor e elogios.

Tudo mudava em apenas alguns instantes. Não importava quão boa ela era, ou quão cuidadosamente seguia as regras. E Isabel sabia disso, porque havia tentado duramente... muito duramente... ser boa.

E em um piscar de olhos, o cuspe de uma maldição, o estalo de uma escova de prata... E a loucura tomava posse dela. A loucura se agarrava em qualquer coisa que houvesse ao alcance: roupas, cabelos, carne.

Então, ela a soltava de seu aperto com a mesma rapidez. Tão rapidamente que Bel poderia pensar que imaginou seu estado febril, o episódio de violência parecia ter sido um sonho, o qual não havia hematomas ou marcas como testemunho.

Mas não havia sido um sonho, todos esses anos de amor se entrelaçaram inexoravelmente com a dor e a mágoa. E a noite anterior não havia sido um sonho também. Havia sido uma revelação.

Toby a havia machucado, ali... ali onde seus dedos se moviam à deriva para seu outro seio... e ali. E esta manhã, ela olhou para essas marcas, sem nenhum traço de vergonha, medo ou dor. Na verdade, as achava emocionantes.

Sim, ele a havia marcado em um momento de paixão selvagem e irracional, assim como sua mãe havia feito. Mas essas marcas eram diferentes, muito diferentes. Tudo era diferente. Ele mudou sua vida, este querido, doce homem que nunca mentiria para ela, nunca a machucaria. Ele arriscaria sua vida para cuidar ela. Com Toby, finalmente se sentia segura.

Não só segura, mas também amada.

Ele a amava. Quantas vezes ele dissera isso na noite anterior? Ela parou de contar na quarta vez. Ela poderia ter, agora que pensava nisso, perdido brevemente a consciência na quarta.

De qualquer forma, ficou claro que ele estava querendo dizer isso há algum tempo, e agora podia esperar ouvi-lo dizer isso muitas vezes.

Ele a amava e ela o amava. E a vida não deveria ser maravilhosa agora?

Talvez tenha sido o primeiro sussurro da loucura falando, mas enquanto Bel se banhava e se vestia, começou a acreditar que poderia ser. Certamente seu coração era forte o suficiente, com certeza o seu amor era suficientemente profundo. Ela podia dedicar-se a ambos, à Toby e à caridade. Paixão à noite e boas ações durante o dia.

Por que não podia ter tudo?

Encontrou-se cantarolando o tema de Dom Giovanni enquanto o faetón a levava ao local de impressão, onde pegou duas pilhas de folhetos da Sociedade amarrados com barbante. Bel os observou com satisfação.

Augustas Limpeza Pesada descrevia a difícil situação dos meninos escaladores e articulava o argumento a favor da substituição do horrível trabalho infantil por homens adultos e máquinas modernas.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

E enquanto o texto de Augusta apelava para a razão do leitor, as ilustrações hábeis de Sophia apelavam ao coração. Agora cabia à ela, como uma dama em crescente influência social, converter a simpatia em ação.

Esse era o objetivo da demonstração na sexta-feira.

E a missão de Bel de hoje, como convinha a uma dama de influência, era entregar os convites pessoalmente. Era o momento de fazer uma visita à sua tia Camille. Também conhecida como Sua Graça, a Duquesa de Aldonbury.

A Duquesa de Aldonbury era uma espécie de duquesa menor. Ela não era uma Duquesa Real. Entretanto, tia Camille mantinha sua própria versão da corte. Era a anfitriã de uma reunião de mulheres que se realizava na terceira quarta-feira de cada mês, e guardava os convites com cada grama de zelo arrogante que sua categoria aristocrática permitia. Adicione a isso o talento de um renomado chefe de cozinha francês e cada terceira quarta-feira do mês as damas mais influentes da elite de Londres se reuniam na residência de Sua Graça. Para merecer um convite, era preciso levar uma bolsa repleta de moedas para apostar e vibrantes e engenhosas réplicas espirituosas para entreter. Bel não reunia nenhuma qualificação, mas era família e, portanto isso a eximia.

Quando entrou no salão de estilo romano, já havia quase duas dezenas de senhoras presentes, reunidas em grupos arrumados de quatro. Sophia estava sentada em uma mesa de jogo de cartas, perto da lareira.

Bel trocou um sorriso caloroso com sua cunhada enquanto se dirigia para cumprimentar sua tia.

— Sua Graça. — Bel fez uma reverência graciosa, em seguida deu um quente beijo em sua bochecha. — Como vai a senhora, tia Camille?

— Estou bem, menina. — Tia Camille apontou para Bel um assento e então, prontamente se esqueceu dela. Isso convinha ao seu propósito, porque Bel estava ali para falar com todas, exceto com sua tia Camille.

Armada com um pequeno punhado de folhetos, Bel se aproximou de um grupo de senhoras que estavam conversando enquanto tomavam um chá.

— Lady Violet, senhora Breckinridge. — Ela as cumprimentou alegremente. As senhoras se viraram para ela com expressões de diversão genuína em seus rostos. — Estou muito feliz em vê-las.

Vocês receberam o meu convite para o café da manhã em Aldridge House, esta sexta-feira?

— Sim, e pensei que certamente era uma brincadeira. — Respondeu Lady Violet. — Um café da manhã, às oito e meia da manhã? Ora, eu dificilmente vou para a cama antes das cinco.

— Não é somente um café da manhã — disse Bel. — A refeição será seguida de uma demonstração de uma emocionante inovação no manejo da casa. Esta é a razão por ser tão cedo.

— Oh. — Lady Violet e sua amiga intercambiaram um olhar. — Uma inovação.

— E muito emocionante — disse a senhora Breckinridge com um sorriso. — Deve ser realmente emocionante, minha querida. Você está absolutamente radiante. Eu gostaria de saber qual o seu segredo.

As senhoras riram e a confiança de Bel vacilou. Então, pensou em Toby e ergueu o queixo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Eu encontro-a fascinante — ela disse. — Há uma grave transgressão perpetrada contra as crianças indefesas de Londres e temos o poder para acabar com isso.

— Por meio de inovações no manejo do nosso lar? — Lady Violet a olhou duvidosa.

— Sim. — Bel deu a cada uma delas um de seus folhetos. — Como membro da Sociedade para evitar a necessidade dos meninos escaladores, eu...

— Que nome absurdamente longo. — Opinou a senhora Breckinridge. — Ora, inclusive é difícil escrevê-lo todo no folheto.

Bel resistiu o impulso de revirar os olhos.

— Como membro da Sociedade, convido-a a participar de nossa demonstração nesta sexta-feira. A prática de forçar os meninos pequenos a remover a fuligem das chaminés é bárbara e ineficiente.

Como poderá ver em nossa demonstração, uma limpeza apropriada das chaminés é uma tarefa que só deve ser desenvolvida satisfatoriamente por um homem adulto.

— Um homem adulto? — Os olhos de Lady Violet se arregalaram. — Escutei corretamente? Só os serviços de um homem adulto são satisfatórios?

— Sim. Bem, não qualquer homem adulto... tem que ter um equipamento apropriado, é obvio.

A senhora Breckinridge pareceu a ponto de engasgar com o gole de seu chá. Ela o engoliu com aparente dificuldade.

— Mas é obvio. Me conte Lady Aldridge, seu marido será parte desta demonstração? Acredito que todas as damas têm curiosidade em relação ao equipamento de Sir Toby. Basta olhá-la para ver que os serviços de Sir Toby são bastante satisfatórios.

Agora Lady Violet se sufocou com seu pãozinho.

Bel franziu a testa, tentando imaginar por que essas mulheres pensavam que Toby limparia suas próprias chaminés.

— Meu marido está atualmente ocupado com as eleições em Surrey. Mas caso a eleição seja concluída cedo, talvez ele possa assistir. A demonstração será realizada por um limpador de chaminés.

— Ah. — Murmurou Lady Violet para sua amiga. — Ela já recorreu à ajuda. E nada menos que a um limpador de chaminés. Pior do que um lacaio.

— Esta não é uma demonstração para cavalheiros. — Continuou Bel, ignorando o enigmático comentário. — O poder de trocar esta deplorável situação está nas mãos do sexo feminino. — Continuou falando apesar das risadinhas das demais mulheres. Por que isto parecia tão divertido para elas? — É um verdadeiro sinal de nossa era moderna, quando nós, damas de sociedade inglesa, encontramo-nos em posição de exercer influência sobre nossos maridos e efetuar uma mudança social.

Lady Violet lutou por compor sua expressão.

— E qual seria essa posição, Lady Aldridge, para exercer influência sobre nossos maridos? Estar deitada?

— Não, claro que não. Esse não é precisamente o ponto. Não devemos permitir esta injustiça.

As damas explodiram em gargalhadas. Bel quis gritar de frustração. Por que não conseguia fazer com que aquelas damas entendessem? Estavam interpretando-a mal intencionalmente?

E era sua imaginação ou todos os seus comentários tinham uma conotação sexual?

— Sim, bem... — ela resmungou. Possivelmente encontrasse uma audiência mais receptiva com a Condessa de Vinterre, do outro lado do salão. — Espero que possam assistir.

— Oh, iremos — disse Lady Violet. — Não perderíamos isso por nada neste mundo Lady Aldridge. A demonstração de sexta-feira promete ser o melhor entretenimento da temporada.

A intenção não é entretenimento, Bel desejou responder. É para a edificação de seu espírito, sua idiota negligente.

Oh, céus. Realmente esse pensamento se originou em sua mente? Sentia-se estranha, fora de si. Gostaria de culpar o seu estranho comportamento ao cansaço que sentia pela noite anterior, mas suspeitava que sua persistente paixão tinha mais a ver com isso. Inclusive olhar para a ilustração dos pobres e maltratados meninos escaladores, não estava fazendo com que conseguisse reunir seu usual entusiasmo.

Em troca, enquanto contemplava a variedade de pálidas damas decorando o suntuoso salão, tudo o que podia pensar era que queria voltar para sua casa, voltar para a cama. Voltar para Toby.

E o que era pior, parecia que todas na sala podiam sentir isso. Os comentários de Lady Violet foram somente o começo. Em cada canto da sala, as damas a observavam, sussurrando uma à outra, através da mesa de cartas e rindo sobre o chá.

— Bel... — Sophia tocou o cotovelo dela. — O ar aqui dentro está tão abafado e com o bebê... — Ela apoiou uma das mãos sobre seu abdômen em um gesto universal de gravidez incipiente. — Você daria uma volta comigo lá fora?

Bel concordou e seguiu sua cunhada para o jardim. No momento em que rodearam uma cerca viva do jardim, Sophia girou para ela.

— Você não viu?

— Viu o quê?

— A edição desta manhã do Prattler.

Bel negou com a cabeça. Evitava esse tabloide, só se incomodava em dar uma olhada quando Toby precisava que o tranquilizasse dos ataques ao seu caráter. Não entendia por que esse jornal tinha uma vingança contra seu marido.

Sophia pegou o ridículo papel do periódico enrolado de sua bolsa e o estendeu para Bel com uma das mãos, pegando a pilha de seus folhetos com a outra.

— Sinto muitíssimo ser eu quem te mostre isto. Mas depois dos comentários de Lady Violet, lá dentro... acredito realmente que você deve estar ciente. As pessoas já começaram a falar.

O estômago de Bel desabou enquanto pegava o pedaço de papel e o desenrolava com cautela. Tinham vinculado Toby com outra mulher? Agora sabia que o Prattler exagerava grosseiramente as proezas de

Toby e não acreditava que nenhum rumor de infidelidade tivesse um pingo de verdade. Mas ainda assim, a feria escutar os falatórios que sugeriam que ele já havia se desencaminhado.

E enquanto olhava a caricatura, pensou que era isso pela ilustração implícita. Representava Toby com uma prostituta em seus braços; a roupa dela entreaberta e uma manga deslizando por

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

seu ombro.

Seus seios exagerados estavam espremidos no topo do corpete, transbordando de seu vestido enquanto ela se inclinava contra o corpo de Toby. As duas figuras estavam representadas na escuridão da noite, tropeçando ao descer as escadas de um grande edifício de pedra. Bel olhou mais de perto. Mas... Aquele era o teatro!

Leu a legenda em voz alta.

— O Libertino Inveterado. Seria Sir Toby o Dom Giovanni de Londres?

— Oh, Bel... — disse Sophia. — Sinto muito.

O terror revolveu seu peito enquanto olhava novamente a perdida mulher recostada sobre a elegante forma de Toby. Pela primeira vez Bel examinou seu rosto, em vez da voluptuosa e indecente figura derrubada na página.

Cabelo negro. Grandes e escuros olhos.

— Oh, querido Deus.

Era ela. Era ela a mulher nos braços de Toby, babando sobre o seu próprio marido como uma prostituta com o olhar vidrado. Agora Bel percebia o diálogo atribuído as interpretações repugnantes dela e de Toby. Da boca de Toby saía a frase:

— Você realmente pensa em me reformar?

E dos lábios dela:

— Ah! Eu não sabia que a perdição era tão doce.

Atrás deles, nas sombras do teatro, o senhor Hollyhurst havia desenhado duas crianças desnutridas com suas mãos em atitude de mendicância. E seus apelos sendo ignorados.

— Obrigada — disse Bel entorpecida, enrolando novamente o jornal. — Obrigada por me mostrar. Isso explica muita coisa. — Não era de se admirar que as damas haviam recebido sua proposta de caridade com diversão, duvidando de suas intenções caridosas, tomando suas palavras como insinuações. Essa era a opinião que tinham dela: Uma mulher perdida, incitada à depravação pelo exemplo vicioso de seu marido libertino.

E o pior de tudo era... que Bel se preocupava que elas tivessem razão. Senhor Hollyhurst, Lady Violet e a senhora Breckinridge. Por que alguém desenharia uma imagem como essa, ou daria crédito a suas implicações se não fossem verdade? Ela tinha pensado em ir embora da Ópera na noite anterior avivada por seu desenfreado desejo... muito desesperada inclusive para esperar que chegassem em sua casa.

Santo céu, ela o havia atacado dentro de um faetón! Uma respeitável dama de influência não se comportava de tal maneira. E será que haviam realmente duas crianças famintas, agachados nas sombras, necessitando de ajuda, as quais ela havia ignorado em seu estado de cega paixão?

Podia ser verdade.

Quem procuraria uma mulher assim para uma direção moral? Como uma mulher assim poderia ser a esposa de um influente membro do Parlamento?

— Não faça grande coisa disto — disse Sophia. — Como um escândalo. Sentir desejo por seu próprio marido não é grande coisa. Não se importe com o que Lady Violet disse, ela é apenas uma velha, um dragão amargurado. Não pode evitar cuspir fogo. Logo se cansará de zombar de você, se

você não der à ela a satisfação de demonstrar sua angústia.

— Não será só Lady Violet. Todos em Londres leem o Prattler.

— Sim, e há um novo tema cada manhã. Dentro de alguns dias, as pessoas encontrarão um novo assunto para fofocar e este tema será esquecido.

— Tenho certeza que você tem razão. — Mas, em poucos dias, a eleição terá acabado, e a demonstração também. E tudo isso poderia se arruinar por causa dela. Porque permitiu que a paixão invalidasse seus princípios.

— Eu... — Bel sufocou uma onda de bílis. — Estou me sentindo doente. Acho que sairei pelo jardim e irei para casa. Por favor, dê minhas desculpas a minha tia.

— Sim, é obvio. — Sophia acariciou o braço de Bel. — Se houver algo que eu possa fazer...

— Não. — Bel forçou um pequeno sorriso. — Realmente, não é nada. Só estou cansada. Preciso descansar, isso é tudo.

Logo depois de se despedir de Sophia, Bel se dirigiu à frente da residência. Para completar seu fracasso, ordenou que seu faetón a levasse para casa. Sabia que Toby ainda estaria fora, em Surrey, fazendo campanha.

Talvez devesse completar suas visitas para distribuir os folhetos, ou levar suprimentos para a Clínica infantil. Mas não queria estar perto das damas ou órfãos nesse momento.

Queria estar perto de Toby, da maneira que pudesse. Tiraria este fino vestido francês e este chapéu cheio de fitas e colocaria uma de suas velhas anáguas de singela gaze e se meteria na cama, que possivelmente ainda teria o calor da noite de paixão, e o reconfortante aroma da fragrância de Toby. E então poderia chorar, ou caprichosamente passar todo o dia sonhando até que Toby retornasse para casa e a abraçasse e amasse.

Oh, sentia-se fraca de verdade.

Quando entrou em Aldridge House, escutou vozes masculinas. Seu coração deu um salto. Toby estava em casa? Talvez a campanha eleitoral de hoje em Surrey tenha sido um fracasso se o jornal de hoje tivesse chegado ao Condado.

Para sua surpresa, Bel não se importava, enquanto ele estivesse ali com ela.

Com passos suaves, apressou-se para o corredor. As vozes pareciam vir da biblioteca de Toby. Aproximando-se da porta, Bel reconheceu o quente timbre de voz de seu marido. Era ele. Graças a Deus.

Toby faria com que tudo ficasse melhor. Toby a amava. Nunca permitiria que ela se machucasse. Com ele, estaria segura.

Enquanto colocava a mão na maçaneta, vagamente registrou em sua mente que Toby não estava falando, e sim gritando. Rugindo realmente, como nunca antes havia escutado ele falar com ninguém.

— Tinha claras instruções! — Ele gritou. — Ela nunca deveria ser parte disto.

Uma voz de tenor suave respondeu. Bel teve que pressionar seu ouvido contra a porta para escutar as palavras.

Sentiu uma pontada em sua consciência por escutar às escondidas, mas de que outra maneira poderia discernir se era seguro interromper?

— Sim, mas não estava funcionando. — A voz mais suave respondeu. — Você me disse que

eu deveria ser mais severo, fazer o pior que eu pudesse.

— O pior a mim, não a ela! — Respondeu Toby. — Não há desculpa para...

— Mas você não disse que queria perder a qualquer custo?

— Sim, mas...

— Então precisava ser ela. Não ficava mais nada para insinuar sobre você. Foi o que raciocinei.

Um forte estalido ecoou pela porta, alarmando Bel. Seu estômago se desabou com o peso do terror. Talvez devesse chamar um lacaio.

A voz de Toby rugiu novamente:

— Maldição, Hollyhurst! Não te pago para raciocinar! Te pago para desenhar!

Hollyhurst? Estaria esse homem vil no escritório de Toby?

Bel não se lembrava de ter tomado a decisão de abrir a porta. A próxima coisa que soube, foi que estava parada no centro do escritório, sobre o brasão Aldridge estampado em dourado sobre o tapete vermelho.

Os homens a olharam. Toby estava atrás de sua mesa... poderia ser realmente o H.M.Hollyhurst, reclinado na cadeira a sua frente? Ele não era absolutamente o monstro grisalho de orelhas bicudas que havia imaginado.

Era apenas um pouco mais velho do que ela, julgou Bel, e de boa aparência.

Pálido pela interrupção, o jovem se levantou.

— Maldição... — Ele resmungou.

— Toby? — A voz de Bel estava trêmula. — O que está acontecendo?

CAPÍTULO 21

Toby sabia exatamente o que estava acontecendo. Este desgraçado dia estava chegando a seu horrível clímax. O engano sendo descoberto. Este era o momento que esteve temendo desde o dia em que se casaram.

E, entretanto, sentiu uma estranha sensação de alívio.

— Isabel, permita-me te apresentar o senhor Hiram Hollyhurst. — O imbecil anêmico se inclinou com estupidez. Toby adicionou com um agudo olhar. — Ele está indo embora.

Hollyhurst não era tão obtuso para passar por cima da indireta. Isabel ficou congelada no centro do tapete, olhando para Toby com incredulidade por muito tempo depois que a porta se fechou e ficaram sozinhos.

— Eu... — Sua mandíbula se moveu. — Toby, não estou entendendo nada.

É obvio que não, a doce moça. Ela nunca poderia entender as motivações por trás de uma conduta tão insensível. Ela simplesmente não o compreenderia.

— Quer se sentar? — Ele perguntou.

— Não, obrigada. — Ela juntou e separou as mãos, como se não estivesse segura por onde começar. — Então esse era o senhor Hollyhurst.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Não era uma pergunta. O que era uma sorte, porque Toby realmente não queria responder. O que queria fazer era abraçá-la. Depois de tudo o que havia acontecido esta manhã, a notícia que ele acabava de receber... que cruel, que ele destruísse seu casamento justamente neste dia. Um dia em que mais necessitava do consolo de sua esposa.

— Senhor Hollyhurst. — Continuou ela. — O mesmo homem que te difamou no Prattler todos estes meses desenhando aquelas caricaturas horríveis.

— Sim — ele disse finalmente. — Somos... amigos.

— Amigos?! — Ela exclamou. — Mas, como pode ser isso? Como você pode ser amigo de um homem assim?

— Ele é o filho de um ex mordomo do Y... Não importa como nos conhecemos. — Toby fez uma pausa. — Estive pagando à ele por isso, Isabel. Todas as caricaturas, os ataques a minha pessoa... foram feitos com a minha anuência.

Ela fez um ruído inarticulado na garganta. Seus olhos então se deslizaram para o teto, como se alguma explicação para seu comportamento pudesse ser encontrada nas espirais do lustre de bronze.

Um silencioso "por quê" formou-se em seus lábios franzidos, mas pareceu que faltava ar para que ela pudesse falar.

— Realmente, por favor, sente-se. — Toby se aproximou dela e pôs uma das mãos em seu braço.

Ela se sacudiu.

— Não, obrigada. — Ainda assim, ela não pôde formar uma pergunta.

Ele suspirou. Não queria obrigá-la a perguntar.

— Começou o ano passado, depois que Sophia desapareceu e seus pais difundiram a mentira de sua enfermidade. Era inverno, e as pessoas não tinham sobre o que fofocar. Temi que as más línguas descobrissem a verdade de forma inevitável. A menos que eu desse à eles algo mais para falar. Vim a Londres e procurei o Hollyhurst. Hiram e eu inventamos essa tolice do "Libertino Renascido".

Toby se dirigiu ao bar. Deus, ele precisava de uma bebida.

— No princípio, simplesmente queria desviar as suspeitas e absorver o peso do escândalo. — Ele continuou, servindo um copo de uísque. — Caso Sophia milagrosamente retornasse e ainda quisesse se casar comigo, sua reputação estaria intacta. Mais tarde, quando ficou claro que ela não retornaria... suponho que isso se converteu em uma questão de orgulho. Eu não queria que ninguém soubesse que ela realmente tinha me abandonado.

Diabos, eu não sabia por que realmente ela havia me abandonado. Então preferi deixar as pessoas acreditarem que minha dissoluta conduta a levou a se arrepender do casamento.

Finalmente Isabel encontrou sua voz.

— Mas por que continuar, inclusive depois de que nos comprometemos? E depois de nos casarmos?

Toby bebeu um gole lento de uísque, dando à ela tempo para intuir os motivos. Ele sabia que ela o faria. Era uma mulher inteligente.

Quando baixou o copo, ela tinha a testa franzida e estava olhando suas mãos. Viu? Havia

levado somente alguns segundos.

Ela disse:

— O senhor Hollyhurst mencionou um plano para você perder. Ele se referia à eleição?

— Sim.

— Você estava tentando perder?

Toby sentiu vontade de dizer à ela que na verdade estava tentando não ganhar, mas isso seria jogar com as palavras. De qualquer forma, isso não importava agora, não após os acontecimentos desta manhã.

— Sim.

— Mas a campanha... A campanha eleitoral... Você foi a Surrey todos os dias.

Toby balançou lentamente a cabeça negando.

— Meu Deus. Você não foi?

Um olhar de repulsa se formou em seu rosto, e quase o matou vê-lo. Mas ele não se permitiu afastar os olhos dela.

— Se você não estava indo à Surrey — ela inquiriu, — onde esteve todos estes dias? Não... Oh, céus. Não na Pérola Oculta?

— Não — disse com firmeza. — Nunca ali, nem em nenhum lugar como esse. Fui... a diferentes lugares. Ao parque, ao clube. Grande parte do tempo, estive simplesmente aqui em meu escritório.

Quase que esperando que um dia você me descobrisse e este ardil terminasse. Mas você estava sempre tão ocupada com seus esforços de caridade, com suas reuniões da sociedade... — Ele encolheu os ombros.

— Você nunca se deu conta que eu estava aqui.

— É obvio que não me dava conta! Por que procuraria meu marido em minha casa, quando supostamente ele dizia que ia para Surrey? Eu acreditava em ti. Confiava em ti. Pensei que queria isto, tanto quanto eu.

Inclusive antes de nosso casamento, desde a primeira noite que nos conhecemos, você...

— Vamos lá, Isabel. Seja honesta. Você sabe que realmente eu nunca quis me candidatar para ser um Membro do Parlamento.

— Sim, mas pensei que você me queria! — Ela levou uma das mãos à garganta, como se estivesse surpresa pelo volume de sua própria ira. — Inclusive se a política não era a sua inclinação, você sabia que eu procurava um marido com influência no Parlamento. E antes de nos casarmos, você prometeu se candidatar. Você me prometeu, Toby.

— Prometi à você muitas coisas, querida. As promessas saíam de mim facilmente, embora eu não tivesse a real intenção de cumpri-las. — Toby respirou profundamente e largou seu copo. Não havia como voltar atrás.

Confessar somente a metade não serviria de nada. Era o momento de expor a verdade ante ela, e permitir que fizesse com ela o que quisesse. — Quando ficamos noivos, continuou em um tom uniforme, eu teria dito à você tudo o que você quisesse ouvir: Contos, fantasias, mentiras. Eu simplesmente precisava te fazer minha, por qualquer meio.

— Mas por quê?

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Orgulho — disse em um tom sério. — E por alguma forma infantil de retribuição. Queria te afastar de Gray da mesma forma que ele havia me afastado da Sophia.

— Sophia? — Sua mão desceu de sua garganta para o seu estômago, e parecia que ela estava ficando doente. — Todo esse tempo, era tudo sobre ela? Você nunca me quis.

— Não, isso não é verdade. — Toby correu para frente, apanhando-a entre seus braços. Ela tentou se afastar, mas ele a segurou com firmeza. — Isabel, eu quis você desde o começo, antes mesmo de saber o seu nome.

E uma vez que conheci a mulher inteligente, íntegra e apaixonada que é, apaixonei-me por ti, de corpo e alma. No momento em que nos casamos, eu não queria nada mais do que te fazer feliz.

Mas até então eu já havia feito muitas promessas absurdas, e você já possuía essa impressão ingênua, idealizada do meu caráter. No princípio, eu queria ganhar essa boa opinião. Queria te merecer. Pensei que talvez, se eu apenas me esforçasse o suficiente...

— No princípio... — ela se negou a olhá-lo, e fixou seu olhar em sua lapela. — No princípio, queria ganhar minha boa opinião. Mas não mais.

— Porque não posso. — A boca de Toby ficou seca. — Eu simplesmente não a tenho. Para ser sincero, não tenho certeza se algum dia conseguiria ganhá-la. Suas expectativas são muito altas.

Eu sabia que inevitavelmente te desapontaria, se não fosse por perder esta eleição, seria por perder a próxima, ou por não obter o nível de influência que deseja... Mais cedo ou mais tarde, eu sabia que você descobriria a verdade.

Que eu não sou o homem que você deseja que eu seja.

— Mas você poderia ser esse homem. Com um pouco mais de tempo, se somente se esforçasse mais... Você tem muito potencial. Tem este calor, assim como compaixão, você tem um dom natural para...

— Pare. Somente pare. — Toby a soltou e levou as mãos à têmpora. — Não me diga o que eu poderia ser, com apenas um pouco de esforço. Não sou um de seus malditos projetos de caridade, sou seu marido.

E você tem razão, já não é o suficiente para mim ganhar sua boa opinião. Quero o seu amor, sendo merecedor ou não.

Ela sufocou um soluço.

— Você mentiu para mim. A campanha, a ópera, o senhor Hollyhurst... e agora isso. — Tateando em sua bolsa, ela abriu-a e tirou um pedaço de papel. — Olhe para isso. Basta olhar para isso.

Ela agitou a caricatura debaixo do seu nariz. Toby não tinha necessidade de olha-la... A horrível imagem estava gravada a fogo em sua memória.

Imitando sua voz, ela continuou:

— Deixe-me levá-la à ópera, você disse. Deixe-me mimá-la. Se você quer ser uma dama de influência deve parecer formosa, desejável, moderna. E olhe para mim neste horrível desenho: Depravada, repugnante, louca de luxúria.

Quem escutaria essa mulher, eu te pergunto? Que tipo de influência eu posso ter agora? —

Ela fez uma bola com o papel em sua mão e atirou-a nele. — Você fez de mim uma piada pública.

Arruinou tudo. Se me amava de verdade, como pôde fazer isto? Você... Você é um mentiroso!

— Isabel...

Com a mão espalmada, golpeou-o no ombro.

— Você me disse que nunca me faria mal. Disse que morreria antes de me machucar — Ela o golpeou de novo. — Você me fez confiar em ti, você...

Desatou-se em uma série de xingamentos em espanhol. Pelo tenor deles, Toby se alegrou de não conseguir entender o seu significado. Ela enfatizou cada insulto com um golpe em seu ombro.

— Isabel, por favor.

— Bastardo! — Ela gritou, golpeando-o outra vez.

Aquilo ele entendeu. E aceitou porque merecia.

— Mentiroso! — Ela gritou novamente, puxando o braço para trás.

Ele agarrou o seu pulso antes que ela pudesse desferir outro golpe.

— Isabel.

Respirando com dificuldade, ela olhou sua mão com incredulidade. A ira em seus olhos se esfriou de repente. Finalmente ela sussurrou:

— Eu te bati.

— Sim.

Uma lágrima rolou por sua bochecha.

— Eu nunca bati em ninguém em minha vida.

— Eu gostaria de poder te dizer que não doeu.

Afrouxando o seu agarre, pegou ambas suas mãos entre as dele e as segurou firme. Quase da mesma maneira que havia segurado quando recitaram seus votos sagrados. Juntos ficaram ali, apenas respirando.

Contendo o desastre por alguns momentos mais. O lábio inferior dela tremeu. O destruía saber que não tinha o direito de beijá-la.

— Fui à residência da minha tia entregar os convites esta manhã — ela disse em voz baixa, olhando para suas mãos. — As damas lá... estavam todas rindo de mim, sussurrando sobre mim nos cantos.

E então Sophia me mostrou esse meu desenho, enlouquecida e desalinhada. Assim como a minha pobre mãe. Ninguém a escutava, tampouco. Não pode saber quanto tempo trabalhei, o quão duro me esforcei para não ser essa mulher.

Esta mulher... — Sua voz se quebrou e o coração de Toby se quebrou junto. — Eu queria o respeito delas e todas riam de mim.

— Querida, sinto muito. Sinto muito mesmo. Mas se cada mulher da Inglaterra risse de ti, eu ainda te amaria. E com muito prazer suportaria a zombaria do mundo, se você pudesse sentir o mesmo por mim.

E isso era verdade. Toda a sua vida, Toby esteve feliz por ser amistoso com todos. Mas isso já não era mais o suficiente, ser aquele tipo que agradava a todos. Ele queria ser o homem que uma mulher amava além da razão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Isabel, este é quem eu sou. Sou imperfeito, um aristocrata egoísta de pouca importância. Desfruto da minha vida, dos meus amigos e da minha família. Eu gosto de ter um bom momento, e gosto de me cercar de coisas bonitas.

Por muito que eu admire o seu zelo pela caridade, duvido que alguma vez consiga ser igual à você. Não tenho nenhum interesse no Parlamento e consequentemente, pouco talento para a política.

Sinto muito, muitíssimo mesmo ter que te machucar, mas passarei a vida inteira fazendo o correto se você me der uma oportunidade.

Ela lutou contra seu agarre.

— Você poderia...

— Isabel, por favor — O desespero marcava a sua voz. — Dê-me um momento. Depois disso, eu te prometo, você pode me golpear, me insultar e me repreender tanto quanto desejar. Eu sei que mereço isso.

Mas só por este único momento, finja comigo que esta manhã nunca aconteceu. Finja que as mentiras nunca foram ditas. Olhe para mim.

Esperou até que ela o fizesse.

— Olhe para mim. — Ele repetiu lentamente, — só por este momento e veja o homem que realmente sou. E saiba que te amo mais do que posso expressar. Mais do que posso compreender. Isso pode ser o suficiente para ti?

— Seu coração subiu à sua garganta e ele engoliu em seco. Ele precisava perguntar. — Isabel, posso ser o suficiente para ti?

Lágrimas deslizavam pelas bochechas dela. Impossível dizer se por desespero ou por alegria. Uma explosão de enigmáticas lágrimas femininas.

Ela disse:

— Você não sabe o que está me pedindo.

Ele deslizou as mãos até seu rosto e a segurou com força.

— Sim, eu sei. Estou te pedindo que você me ame da forma em que eu te amo... — Ele beijou seus lábios, precisando saboreá-la. Mais lágrimas escaparam de suas pálpebras trêmulas. — Completamente...

— Ele disse, beijando sua bochecha, em seguida seu queixo, seu ouvido. — Sem reservas, apaixonadamente, loucamente...

O corpo de Bel ficou rígido em seus braços, ela fez um som estranho na garganta. Plantando as mãos sobre seu peito, ela se afastou.

— Eu sinto muito, Toby. Ontem de noite, eu pensei que talvez eu... mas agora você... — Ela sacudiu a cabeça e se afastou. — Sinto muito.

E ali estava. O veredicto que temia. Ela não o amava. Ao menos, não da forma que ele a amava. Talvez ela o amasse, de alguma forma obediente, altruísta, cristã.

Mas ela não vivia, respirava ou ardia por ele, da forma que ele vivia, respirava e ardia por ela.

Muito bem, então. Agora ele sabia.

E veja, o mundo ainda seguia girando.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Sinto muito. — Repetiu ela com voz débil.

— Pare de se desculpar. A culpa é totalmente minha. Entendo.

Um incômodo silêncio cobriu a sala.

— Bem, não vou retê-la — ele disse, pigarreando e recuando ao redor da mesa. Enquanto caminhava, seu passo vacilou um pouco. Sentia-se fora de equilíbrio, como se estivesse aprendendo a caminhar com uma lança transpassada em seu peito.

— Eu sei que você está ocupada. Deve ter algum tipo de reunião ou um compromisso que precisa comparecer. Mas antes de que vá, tenho algo para te dizer.

— Agarrou a mensagem urgente que havia recebido naquela manhã, já com o selo de cera quebrado. Que estranho pensar que a tinha lido faz apenas algumas horas.

— O senhor Yorke morreu ontem à noite — ele disse. — Ou talvez esta manhã. Eu não tenho certeza. De qualquer forma, ele estava aqui na cidade e não tem familiares próximos... — Toby fez um punho e o apoiou nas costas da cadeira.

— Não tinha nenhum familiar próximo. Minha mãe e eu acompanharemos o seu corpo de volta para Surrey, para o enterro.

— Oh, Toby.

Ela veio na direção dele, mas ele se virou para olhar pela janela. Era um dia asquerosamente ensolarado.

Isabel parou a alguns passos de distância.

— Toby, eu sinto muito. Eu sei o quanto você gostava dele.

— Você sabe? De verdade? — Ele olhou fixamente para o ondulado painel de vidro. — Porque acho que eu realmente nunca soube disso, até hoje. Foi somente hoje que percebi... Yorke foi a pessoa mais próxima à um pai que eu já tive.

Ela fez um ruído calmante e suave e pegou sua mão.

Ele puxou a mão, cruzando os braços sobre o peito. É obvio, que agora ela queria consolá-lo. Ela poderia banhá-lo em carinho e mostrar um generoso afeto, quando ele estava deprimido e claramente sofrendo.

Sentindo-se tão miserável como algum leproso em uma parábola[21]. Para Isabel, não faltava piedade para oferecer à ele. Era somente a paixão profunda e duradoura que negava à ele.

— Você terá tudo o que queria agora — ele disse. — Serei um membro do Parlamento. Você será Lady Aldridge, a influente esposa de um membro do Parlamento. Esta casa é sua, para acolher tantas manifestações, reuniões da Sociedade e funções sociais quanto você quiser. Para transformá-la em um lar para crianças abandonadas, se assim desejar. Eu realmente não me importo. Estarei em Surrey no futuro próximo.

— Você simplesmente vai... vai me deixar aqui?

Ela falou em um tom ferido.

Bem. Por mais mesquinho que pudesse ser, ele queria machucá-la. Para infligir apenas uma fração da dor que ela havia causado à ele.

— Você tem algum plano melhor? — Toby caminhou ao redor dela, cruzando a soleira da porta. — Perdoe-me, mas realmente preciso ir à casa do Yorke na cidade. Há uma espécie de

[21] *Parábola: Uma história simples com um propósito moral ou religioso, principalmente contada por Jesus Cristo.*

reunião e prometi a minha mãe...

— Oh, sua pobre mãe. — De repente, ela cruzou o tapete para fazê-lo parar, agarrando o seu braço. — Toby, deixe-me ir contigo.

— Para Surrey?

— Bem, referia-me à casa da cidade. — Sua testa se enrugou. — Quero dizer, tenho uma demonstração na sexta-feira. Os convites já foram entregues. Devo estar aqui na cidade para isso, não poderia cancelá-lo agora.

— Não, é obvio — ele disse com amargura. — Você não poderia. Compreendo perfeitamente, Isabel. Você não tem nenhuma obrigação de vir comigo à casa do Yorke, nem à Surrey... — Ele dirigiu à ela o que esperava ser um olhar frio e insensível. — Tenho certeza que nos veremos em breve — Ele se virou para ir.

Ela se esquivou ao seu redor, bloqueando a porta.

— Toby, por favor. Posso ver como você está sofrendo. Eu quero te ajudar. Deixe-me ir contigo.

— Não.

Ela fez uma careta.

— Mas...

— Não. — Ele repetiu com firmeza, passando junto a ela para sair da sala. — Você não é bem-vinda. Este é um assunto familiar e não um evento de caridade.

CAPÍTULO 22

Toby era ainda um menino quando seu pai morreu. Não tinha nenhuma memória do homem, nem nenhuma lembrança de sua mãe durante o ano de luto. Quando ela se referia à Sir James Aldridge, ela o fazia com respeito, com um tom desapaixonado... E sempre no tempo passado. Ao que tudo indica, a viúva Lady Aldridge mantinha uma relação cordial com a memória de seu falecido marido.

"Cordial" era uma palavra que nunca descreveria a relação dela com o senhor Yorke. Os dois tinham discutido por uma coisa ou outra... E ainda outra... Desde que Toby conseguia recordar. Eles faziam comentários irritantes um na cara do outro, e comentários muito piores pelas costas. Pareciam unidos somente em um aspecto: antipatia mútua.

E nunca, até aquele dia, Toby havia percebido o óbvio.

Eles se amavam.

Como ele não havia notado? Toby se orgulhava de compreender profundamente as mulheres, mas como era óbvio, esteve cego com respeito a sua mãe. Mas claro, ela nunca tinha sido "uma mulher" para ele, porque era sua mãe e nunca vira suas vulnerabilidades. Ele não queria vê-las. Ela era somente sua mãe, a rocha da sua família, a pessoa mais forte que ele conhecia.

Mas não hoje. Hoje, ela era uma mulher pálida, com a alma em frangalhos e olhos lacrimosos.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Mãe, por que você nunca me contou? — Toby se sentou a seu lado, sustentando uma de suas mãos enquanto ela apertava com a outra um lenço contra seus olhos. Os dois estavam escondidos em um canto na sala do senhor Yorke. A sala estava repleta de visitantes, que vieram apresentar seus respeitos antes que o corpo fosse levado à Surrey. As pessoas iam e vinham, aparentemente perdidos para quem dirigir suas condolências, considerando a falta de familiares imediatos do falecido.

Sua mãe enxugou os olhos e murmurou:

— Eu deveria falar contigo sobre o meu amante? Sinceramente, Toby, sei que somos unidos. Mas há algumas conversas que uma mãe não deseja ter com o seu filho.

Ela tinha razão.

— Quanto tempo faz que...?

— Um tempo muito longo.

— Anos, então?

— Décadas.

Décadas. Toby olhou para o tapete franzindo a testa, tentando decidir se queria saber quantas.

— Não tantas décadas — disse sua mãe, lendo seus pensamentos. — Nunca fui infiel ao seu pai.

— Eu não tenho nenhuma lembrança do meu pai — ele disse e olhou para cima, em direção ao quarto acima da escada onde jazia o corpo de Yorke. — Todas as minhas lembranças são dele.

— Ele te amava, Toby. Disse-me que deixaria sua herança para você. Sei que ele te considerava o filho que nunca teve.

— Por que não como ao filho que teve? Por que vocês não se casaram?

Sua mãe sacudiu a cabeça.

— Se tivéssemos casado, vivendo sob o mesmo teto, teríamos matado um ao outro. Não. Eu estava acostumada a minha independência e ambos éramos simplesmente teimosos demais. — Ela soltou a mão de Toby e assoou o nariz.

— Sua saúde estava falhando faz um tempo. Os médicos disseram à ele que ele devia tomar as coisas com mais calma. Por anos, implorei à ele para renunciar o seu lugar no Parlamento, mas esse homem cabeça de mula, não me escutou.

— Foi por este motivo que você insistiu para que eu competisse com ele?

Ela assentiu com a cabeça.

— Mãe, você deveria ter me dito a verdade. Se tivesse feito isso... — Toby se calou. Não havia maneira de completar a frase sem acusar a si mesmo como uma completa fraude. Eu teria cumprido as minhas promessas.

Teria aceito o meu dever que veio com o meu afortunado nascimento. Teria posto as necessidades de outras pessoas acima das minhas, para variar. Todas essas coisas que já deveria ter feito, apesar de tudo.

— Talvez eu devesse ter dito à você — disse sua mãe. — Mas repito, este era um assunto muito desconfortável. Discutir sobre o amante com seu filho. Em todo caso, ele finalmente havia reconsiderado.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele me disse semana passada que havia decidido deixá-lo ganhar. Que agora você estava preparado. Pensava que você e Isabel faziam uma boa equipe... algo a respeito de cordeiros.

Toby sentiu um aperto no peito. Então era por isso que as pesquisas se mantiveram quase empatadas, e porque Yorke estava na cidade outro dia. Toby tivera razão... O velho não estava fazendo campanha.

Neste momento, Jeremy entrou na sala, acompanhado pela senhorita Osborne. Toby se levantou para saudá-los.

— Jem, senhorita Osborne. Que bom que vocês vieram.

— Acabamos de receber a notícia — disse Jeremy. — Lucy queria se unir a nós, mas...

— Não, claro que ela não podia. — Respondeu Toby. — Não com um bebê de uma semana de vida. Como está o pequeno Thomas Henry Trescott, o quinto Visconde Warrington?

— Fazendo jus à sua linhagem aristocrática. — Respondeu a senhorita Osborne. — Ele tem toda a casa à sua inteira disposição.

— Isso não me surpreende — disse Toby com um sorriso. Indicando as cadeiras próximas e convidando-os a sentar. — Você deve se lembrar da minha mãe.

— O senhor Yorke não tinha família? — Perguntou a senhorita Osborne, procurando pela sala, presumivelmente, por braçadeiras[22] negras ou trajes de luto.

— Não. — Respondeu Toby. — Não uma família próxima, de qualquer forma. Há alguns primos, acredito, mas...

— Ele tinha a nós. Éramos sua família. — A mãe de Toby interrompeu, começando a chorar novamente. — Não faça parecer como se ele estivesse sozinho.

— Não, claro que não. — Toby pegou a mão de sua mãe novamente. Ele explicou para Jeremy e senhorita Osborne: — Nossas famílias sempre foram muito próximas. Ele e minha mãe eram... bons amigos.

— Éramos amantes — ela disse, enxugando suas lágrimas, impaciente. Quando os três simplesmente ficaram olhando para ela, ela disse à Toby: — Sou uma mulher de idade e agora ele está morto. Não importa quem saiba. Fomos amantes.

E agora Jeremy e a senhorita Osborne olhavam para qualquer lugar menos para ela.

O desabafo de sua mãe, no entanto, não conseguiu ser abafado. A barragem que ela havia construído para conter sua profunda dor, havia rachado. E uma onda de emoção começou a fluir.

— Você estava certo, Toby. Eu deveria ter me casado com ele. Ele me propôs isso. Muitas vezes, mas eu sempre me recusei. E agora... — Suas palavras foram interrompidas por um soluço. — Agora não tenho o direito de reclamá-lo.

Não tenho direito de usar luto por ele, nem direito de ser sepultada ao lado dele. Não tenho direito de ir lá em cima e ter certeza que seu lacaio pessoal o vestiu com o colete listrado de verde e não com aquele azul horrível.

— Mãe, por favor, não chore — disse Toby. — Eu... eu vou falar com o seu lacaio pessoal.

Bom Deus. Que tentativa desastrosa de conforto. Sua mãe estava caindo em pedaços diante de seus olhos e Toby não fazia a menor ideia de como sustentá-la inteira. Normalmente, esse era o seu forte, fazer as mulheres se sentirem melhor. As damas atravessavam os salões de baile, ruas

[22] *Faixa usada ao redor da parte superior do braço para identificação de luto.*

e até mesmo propriedades para trocar algumas palavras com ele, porque todas sabiam que uma mulher sempre podia contar com Sir Toby Aldridge para colocar um sorriso em seu rosto.

De repente, ele havia perdido esse dom. Porque agora ele sabia: Uma mulher não devia depender de Sir Toby Aldridge para nada. Qualquer confiança que sua esposa teve nele se desvaneceu no momento em que viu seu verdadeiro eu.

Sua própria mãe manteve este segredo dele por décadas. Ele queria acalmá-la, fazê-la sentir melhor, mas já não sabia mais como fazer isso. Era um talento construído sobre uma pedra angular da arrogância, e esse maldito dia havia golpeado todos seus alicerces.

Ele viu Reginald entrar na sala. Atrás dele, vinha Joss. Toby ficou de pé novamente, sussurrando:

— Mãe, Reginald está aqui.

— Oh, quero que ele saiba também — disse sua mãe, retorcendo o seu lenço. — Isso não importa mais. Yorke está morto e nada mais importa.

— Ela começou a chorar, olhando para ambos os lados até que sua cabeça descansou no ombro da senhorita Osborne.

Os olhos da jovem mulher se arregalaram em sinal de alarme.

— O que eu faço? — Ela perguntou à Toby, apontando discretamente para a matrona que estava molhando seu ombro com suas lágrimas.

Toby não tinha nenhum conselho para oferecer à ela, ele apenas deu de ombros impotente. Nunca havia visto sua mãe em tal estado.

Caminhando através da multidão, Reginald finalmente chegou ao lado de Toby.

— Augusta enviou uma nota para o meu escritório. Yorke morreu. Uma maldita pena. — Ele dirigiu um olhar à mãe de Toby. — Está sendo duro para ela, não?

— Aparentemente, eles eram muito unidos — disse Toby.

— Éramos amantes! — Sua mãe gritou, pressionando ainda mais o rosto contra o ombro da senhorita Osborne.

Levantando as sobrancelhas, Reginald assobiou baixinho entre dentes.

— Certo.

Essa foi a maior demonstração de choque que Toby já havia visto por parte dele.

A senhorita Osborne levantou uma das mãos para o ombro da mulher mais velha e deu-lhe um tapinha desajeitado.

— Vamos, acalme-se.

— Olá, Joss. — Toby acenou para o seu cunhado, que parou um passo atrás de Reginald parecendo tão desconfortável quanto Toby.

— Desculpe por me intrometer. — Respondeu Joss. — Eu estava no escritório do senhor Tolliver quando chegou a notícia e pensei que deveria dar minhas condolências. — Ele olhou para as mulheres amontoadas no divã.

— Eu não sabia que...

— Não se desculpe — disse Toby. — Eu entendo. Foi bom você ter vindo.

Sua mãe começou a soluçar. A senhorita Osborne ficou tensa.

— É o Montcrief que está na porta? — Perguntou Jeremy esperançoso. — Estou precisando

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

falar com ele.

— Não. — Toby disse rapidamente, cortando a retirada de seu amigo. Não podia culpar Jeremy por tentar. Ele também tentaria escapar da cena, se pudesse. Era um inferno estar ali sentado, sentindo a perda de seu amigo e sua esposa na mesma manhã, observando como o pilar que havia apoiado seu lar, sua família, sua vida, se dissolvia em uma tristeza absoluta. Saber que ele poderia ter... Deveria ter impedido... Tudo aquilo. Em toda a sua vida como um menino mimado, um jovem sem rumo, um cavalheiro em busca do prazer e do lazer... Toby nunca se sentiu tão absolutamente inútil.

— Eu nem sequer sei como ele morreu. — Choramingou sua mãe, suas palavras foram abafadas pelo tecido da manga da senhorita Osborne. Reginald ofereceu à ela um lenço limpo e ela o aceitou cegamente.

— Eles dizem que foi uma espécie de apoplexia, mas o médico não quis falar comigo sobre isso. Foi doloroso? Será que ele sofreu? Eu não posso suportar isso, o pensamento dele morrer aqui sozinho, em sua cama... — Ela chorou novamente.

— É horrível demais para contemplar.

— Se foi uma apoplexia — a senhorita Osborne disse calmamente, — e se aconteceu enquanto dormia... ele provavelmente não sofreu ou sentiu dor.

— É muito amável que você diga isso querida. E me perdoe por dizer isso, mas eu me sentiria muito mais tranquila se me dissesse isso um médico.

— Ela é médica — disse Joss.

— O que o Capitão Grayson quer dizer — explicou a senhorita Osborne, dirigindo à Joss um breve olhar, — é que recebi treinamento médico e tenho muita experiência por ser filha de um médico.

Mas o que estou dizendo agora, aprendi quando era criança. Minha mãe sofreu uma apoplexia quando eu era uma menina, uma grave. Ela sobreviveu, mas o ataque a paralisou e a prostrou na cama, ficou impossibilitada de caminhar ou de falar. Durante um ano, sofreu várias crises. — Ela engoliu em seco antes de continuar. — Eu sempre me sentava com ela, enquanto meu pai trabalhava. Fazia meus deveres de casa depois lia em voz alta para ela, dava à ela o seu chá e seu caldo com colheradas. Suas crises eram difíceis de reconhecer no princípio. Parecia quase como se estivesse dormindo, no meio de um sonho. Sua respiração ficava agitada e suas pálpebras vibravam. Depois, ela ficava débil e talvez um pouco assustada, mas sem dor. Nunca com dor.

Ninguém falou. Toby estava seguro de que era porque todos estavam pensando a mesma coisa indescritível. Graças a Deus que o senhor Yorke havia partido rapidamente e não havia sido condenado a uma vida inútil.

Que tragédia teria sido, não apenas para Yorke, mas também para sua mãe, que seria testemunha do que Yorke teria que passar. Imaginar uma menina forçada a cuidar da própria mãe...

Não, ninguém tinha muito o que dizer.

— Ela não sofreu então? — Perguntou Lady Aldridge fracamente. — Você tem certeza?

— Sim. — Respondeu a senhorita Osborne, sua voz era cálida e suave. — Eu estava com

minha mãe quando ela faleceu. Ela foi em paz.

— Estou contente por isso, pelo bem dela. E pelo seu.

— Mãe... — Uma voz, da periferia, perfurou a bolha de silêncio. — Mãe, estou aqui.

Elas levantaram suas cabeças. Augusta tinha chegado, trazendo com ela uma reserva de fresca eficiência feminina. Toby sentiu uma onda de alívio pela chegada de sua irmã.

Agradecido, moveu-se a um lado, oferecendo a sua irmã o assento ao lado de sua mãe.

— Oh, Augusta... — A mãe de Toby se deslizou do ombro da senhorita Osborne para encontrar-se com o abraço de sua filha. — Augusta, eu o amava.

Augusta a acalmou, com toques e palavras suaves. Murmurando uma desculpa, a senhorita Osborne saiu correndo da sala. Uns segundos depois, Joss a seguiu, deixando Reginald e Jeremy em uma conversa entre eles.

E Toby ficou ali, sozinho.

Hetta cambaleou para fora da sala e fez uma pausa no vestíbulo para tomar força segurando-se ao corrimão de nogueira com ambas as mãos, inclinou sua cabeça para sua manga e chorou. Silenciosamente.

Desejou ter estado mais afastada dali, antes de se quebrar e não se desfazer em lágrimas a seis passos da porta da sala. Ela desejava que a emoção que a rasgava em pedaços fosse mais por uma empatia altruísta para Lady Aldridge pelo seu luto ou pela profunda pena pelo falecimento de sua própria mãe... Mas não era por isso. Era por inveja, mesclada com temor. Inveja de quem conhecia o consolo de um último carinho.

E temor de viver toda a sua vida e chegar a ser uma mulher velha, sem ter ninguém com quem se lamentar.

Ninguém que chorasse por ela.

Mãos fortes agarraram seus ombros. Cada músculo de seu corpo ficou tenso.

— Vá embora — ela disse com a voz entrecortada, sem levantar a cabeça de sua manga. Ela não precisava olhar para cima. Sabia quem era.

— Não. — Foi a resposta previsível que ela esperava. — Não. Você necessita que a consolem. E eu vou abraçá-la.

Não houve nenhuma luta por parte dela, nenhum orgulho. Uma palavra, um abraço... Qualquer sobra de afeto que ele oferecesse, ela aceitaria com gratidão.

As fortes mãos a afastaram do corrimão e em seguida braços fortes a aconchegaram em seu peito.

Ela enterrou o rosto em seu casaco e chorou.

— Oh, Joss.

— Shhh. Está tudo bem.

Joss levou sua mão para o cabelo dela, acariciando-o e tranquilizando-a. Como ninguém a havia tranquilizado em um longo tempo, desde que sua mãe havia adoecido. Ele falou seu nome com um profundo suspiro, vindo de sua alma e todo o seu corpo relaxou, tornando-se um lugar macio para ela. Ela respirou profundamente, também, inalando o reconfortante aroma de roupa limpa e o aroma masculino.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Ele murmurou palavras de conforto enquanto ela chorava, e Hetta tentou desesperadamente conter o fluxo de lágrimas para poder ouvi-lo.

— O que você disse a Lady Aldridge... Foi muito corajoso de sua parte, Hetta. Eu sei que não foi fácil, mas você deu à ela um pouco de paz.

Ela chorou novamente e ele a abraçou com força.

— Fui um idiota — disse ele. — Eu a tratei muito mal. Você pode me perdoar? Eu sei que não mereço ser perdoado.

— Não, você estava certo — disse ela, enxugando os olhos. Ela estava muito feliz em compartilhar a culpa por suas discussões. Talvez agora eles pudessem ser amigos. — Eu sei que eu deveria ser mais sensível com os meus pacientes, com seus familiares, mas... — Ela fez um gesto de impaciência com as mãos, indicando seus vermelhos e inchados olhos. — Mas é difícil. Basta olhar para mim...

— Estou olhando para você.

Ele colocou um dedo debaixo do seu queixo e levantou o seu rosto para ele. Oh, que injusto que ele estivesse tão composto e tão bonito enquanto ela era uma desgraça lacrimosa.

— Estou olhando para você. — Ele repetiu. — E mal posso entender... Como pode esta pequena e delicada mulher possuir tanta força, inteligência e coragem? Ele levou a mão até a sua bochecha e enxugou uma lágrima.

— Tudo isto e estes lindos olhos.

Não. Certamente ele não seria tão cruel para zombar dela novamente.

Sua mão segurou o queixo dela.

— Não. Não se atreva a desviar o olhar agora. Você sabe como esses olhos tem me assombrado?

Hetta negou com a cabeça, de repente com medo de piscar.

O canto de sua boca se curvou.

— No início eles me irritavam, muito. Estavam sempre olhando para mim e me fazendo perguntas que eu não queria responder. Depois me encontrei querendo te devolver o olhar, te fazer perguntas e isso me irritava até mais.

Então Bel se recuperou e de repente você já não estava mais por perto, e eu me encontrei... — ele respirou pesadamente, — ... sentindo falta deles. Intensamente. E isso me deixou absolutamente furioso.

— Porque você se sentia desleal à ela?

— Deus, não. — Seu braço apertou ao redor de sua cintura. — Porque me sentia vivo. De repente, dolorosamente vivo, quando eu havia investido tanto tempo e esforço, para me fazer de morto para o mundo.

Porque comecei a ansiar por coisas que eu havia jurado não procurar novamente. Você não imagina como me ressenti com você por isso.

Hetta sufocou uma risada.

— Acredito que faço uma ideia.

— Tenho certeza que você faz, para minha vergonha.

— Eu nunca pensei que teria tanta curiosidade por alguém — disse Hetta, necessitando que

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

ele a entendesse. — Eu tentei não ficar te olhando, realmente tentei. Mas você é tão bonito e atraente que... eu não pude evitar.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

— Hmmm.

Hetta conteve a respiração, esperando. Então ela disse:

— Eu odeio quando você diz isso, com essa expressão presunçosa e enigmática. Eu não sei o que significa e...

— Shhh. — Seu polegar cobriu os lábios da Hetta, em seguida os roçou com uma suave carícia. — Isso significa que vou te beijar agora. Tudo bem?

— Tudo bem.

E ele o fez. Beijou-a suavemente, docemente... e então Hetta o beijou de volta, com cada grama de paixão que possuía. Sentia-se insegura, vulnerável e suspeitava que estava fazendo tudo errado...

Mas uma vez que havia atingido seus vinte e três anos sem receber o seu primeiro beijo e já que este primeiro beijo poderia muito bem, também ser o último, ela não iria se conter em nada.

Quando a mão dele agarrou a parte de trás do seu vestido e um pequeno grunhido retumbou em seu peito, ela desejou que isso significasse que fizera algo certo.

E então tudo acabou e ele a sustentou em seus braços novamente.

— Você está tremendo — ele disse.

— Sim. Estou com medo.

Ele a apertou com força.

— Não tenha medo. Eu quero me casar contigo, Hetta.

— É disso que eu tenho medo.

— Por quê? Não me diga que você está preocupada com o que as pessoas vão dizer? Sei que não será fácil, mas estamos acostumados a...

— Não. Não. Claro que não é por isso. — Empurrando-o, ela encontrou o seu olhar inquisitivo. — Você é muito gentil, Joss, mas você não precisa me oferecer isso. Não estou esperando...

— Eu não sou nem um pouco gentil. E eu sei que não preciso. Eu quero.

— Mas... — Lágrimas nublaram seus olhos novamente. — Mas você não pode querer se casar comigo. Em primeiro lugar eu não tenho dinheiro. Outra coisa, sou espinhosa e preocupada. Não vou desistir da medicina.

Eu seria uma esposa terrível. E você tem um filho... — Ela balançou a cabeça. — Eu não faço ideia do que fazer com uma criança, uma vez que eu tenha cortado o cordão. Eu seria uma mãe horrível.

Ele riu.

— Por que você só ri quando está rindo de mim?

— Não sei — disse ele. — Mas é melhor você se casar comigo, Hetta. Ou talvez nunca volte a sorrir. — Ele deu um beijo rápido em seus lábios. — Em primeiro lugar, eu não me importo que você não tenha dote.

Eu nunca te pediria que desistisse da medicina ou de qualquer coisa que signifique muito

para ti. E tenho certeza que você será uma terrível dona-de-casa e um desastre como babá. Mas eu não necessito nenhuma dessas duas coisas.

Meu filho necessita uma mãe que acredita que ele pode fazer qualquer coisa, e que não aceitará as restrições que a sociedade imporá à ele. E no que diz respeito a mim...

Eu não sei colocar em palavras o que necessito, mas sei que, o que necessito é o que estou segurando agora em meus braços. Eu não necessito apenas de uma esposa, mas de uma companheira. Uma mulher forte e inteligente, que não espere menos de mim do que eu espero de mim mesmo. Preciso rir e com frequência. E você necessita de todas essas coisas também.

Hetta olhava aturdida a sua gravata.

— Eu preciso amar — ele disse em voz baixa, puxando-a para o seu peito. Os batimentos do seu coração palpitavam contra o seu rosto. — E ser amado. Você acha que poderia me amar, Hetta?

— Eu acho que já te amo.

— Muito bem, então. — Ele apoiou seu queixo sobre sua cabeça. — E agora, vem a parte mais complicada. Você permitirá que eu te ame?

Ela fechou seus olhos.

— Acho que sim. Sim.

Ele pressionou um beijo no alto de sua cabeça e ela sentiu o seu amplo sorriso.

— E então? — Brincou ele. — Foi assim tão difícil?

— Sim. Foi assustador.

Ele a abraçou com força.

— Eu sei, minha querida. Eu sei.

CAPÍTULO 23

Era quase noite quando Toby deixou a casa do Yorke. Depois de deixar sua mãe aos cuidados de Augusta e Reginald, de interpretar o papel de anfitrião improvisado ante um desfile de pessoas de luto e falar com o lacaio pessoal de Yorke, sobre o colete entre outras coisas, ele finalmente se dirigiu ao faetón.

— Vamos para Wynterhall — disse ao condutor antes de subir. Ele não se importava se já era tarde, ou que não tivesse nenhum de seus pertences embalados. Ele enviaria alguém por eles na manhã seguinte.

Talvez ele fosse um covarde, mas não tinha coragem de voltar para casa e enfrentar Isabel novamente.

Toby se acomodou no assento do sombrio faetón e imediatamente se virou para olhar pela pequena janela. Ele não podia suportar a escuridão neste momento, e certamente não podia dormir.

Toda vez que fechava os olhos, via o seu rosto coberto de lágrimas, sua expressão pálida pela traição. Essa imagem o perseguiria para sempre... assim como o conhecimento de que ele

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

havia causado isso.

Olhando pela janela do faetón, com sua mente muito cheia de dor e arrependimento, levou alguns instantes para perceber que não estava sozinho.

Não até que as sombras na frente dele se moveram de uma maneira furtiva, sinistra, chamando sua atenção. O coração de Toby começou a bater rápido em seu peito. E ele conteve a respiração.

E então... as sombras falaram.

— Bel me enviou uma nota.

Toby saltou em seu assento.

— Jesus — disse ele, pressionando uma das mãos sobre o seu coração acelerado. Ele se inclinou para frente, piscando para distinguir a forma de seu acompanhante. — Sophia? É você?

— É claro que é — ela disse.

— Bom Deus — ele exalou em voz alta. — Por um momento, pensei que fosse Gray, que veio me matar.

Ela soltou uma risada incrédula.

— Por que Gray iria querer matá-lo?

Bem, se a resposta não era óbvia para ela...

Toby pigarreou.

— Exatamente o que dizia a nota de Bel?

— Que o senhor Yorke havia morrido, é obvio. E que você iria à Surrey. Hoje Gray está longe em uma viagem de negócios, mas eu quis vir aqui apresentar à você meus respeitos.

— Ela se inclinou para frente e colocou uma das mãos sobre seu braço. — Eu sei que ele significava muito para ti, Toby. Sinto muito que ele se foi.

— Obrigado. — Ele olhou para a mão dela em seu braço, até que ela a retirou. — Por que você não entrou?

— Não me pareceu correto — ela disse. — Eu sabia que toda a sua família estaria lá, e tendo em conta nossa história... eu não quis ser uma distração.

As rodas do faetón se sacudiram sobre os paralelepípedos ao fazer uma curva.

— Por que você fez isso?

Ele precisava perguntar. Precisava saber, não importava o quanto doeria ouvir a resposta. Saber o que evidentemente o fazia tão indesejável como marido. E ela era a única pessoa que poderia dizer isso à ele.

— Por que você fugiu?

Ela voltou para as sombras e ficou em silêncio.

— Por que me abandonou? — Ele continuou, cada vez mais agitado. — Por que você foi embora sem dizer uma palavra? Foi algo que eu fiz? Algo que eu não fiz?

A perspectiva de se casar comigo era tão repugnante que você simplesmente teve que fugir para o outro lado do mundo?

— Toby, eu...

Ele apertou a almofada do assento.

— Eu não disse nada. Quando você desapareceu sem sequer um adeus, eu não disse nada.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Quando você retornou de seu pequeno cruzeiro de lua de mel e todos em Londres parabenizaram Gray... Eu não disse nada, a ninguém.

Eu poderia ter arruinado a ambos, fazê-los o centro da especulação e do escândalo. Mas não o fiz. E ainda assim, inclusive agora que... somos praticamente da família, ainda assim, você raramente fala comigo.

Droga, você me deve algumas respostas.

— Eu sei — ela disse apressadamente. — Eu sei que te devo isso. Sei que te devo muito mais do que isso. Eu simplesmente estive muito envergonhada e muito triste pela forma que te tratei. Eu não sabia como te enfrentar novamente.

— Bom, se você está tão envergonhada pelo seu comportamento, por que em primeiro lugar, você continua se comportando dessa maneira? Será que você tem tão pouca consideração pelos meus sentimentos?

— Não, é claro que não. Eu me importava com você, Toby, muitíssimo. Eu... eu suponho que eu me importava demais para querer me casar contigo.

Ele riu amargamente.

— Que sentimento. Ele verdadeiramente aquece o meu coração.

— Eu me importava com você, mas não nos amávamos — ela disse. — E pensei que ambos merecíamos encontrar o amor.

Ele soltou um bufo. Oh, sim. Ele havia conseguido o que merecia.

Ela falou lentamente agora. Suavemente.

— Eu sei que a forma que fugi do nosso casamento foi equivocada e desconsiderada, e você não imagina o quanto fiquei triste por ter causado dor à você. Mas, será que você gostaria que eu tivesse me arrependido?

Desejaria que eu não tivesse ido embora?

Agora foi a vez de Toby fugir de uma resposta.

— Acredito que não deveria me perguntar isso hoje.

— O que aconteceu? — Ela perguntou. — Você e Bel tiveram algum tipo de desentendimento?

Ele descartou a pergunta com um movimento de sua cabeça. Não havia nenhuma maneira de explicar sobre Hollyhurst para ela. Ao invés disso, ele deu uns golpezinhos com os dedos do lado do faetón para chamar o condutor.

Precisou de vários golpes para chamar a atenção do homem e pedir que se dirigisse à residência de Grayson. Se estivesse com sua bengala, teria sido mais fácil.

— Por nenhum motivo real, então. — Ele resmungou.

— O quê? — Perguntou Sophia.

— Nada. — Ele soltou um suspiro exasperado. — Não, há algo. Eu não queria perguntar. Eu não quero ouvir a resposta. Mas eu simplesmente preciso saber...

— Sim?

Toby cruzou as pernas, então as descruzou. Não havia maneira de perguntar que não fosse diretamente.

— Por que você não pôde me amar? O que Gray tem que eu não tinha?

— Oh, Toby. Por favor, entenda... Não foi nada disso. — Ela cruzou o faetón para se sentar ao lado dele. — Isto pode não ser o que você quer ouvir, mas é a verdade. Minha fuga teve muito pouco que ver contigo e tudo a ver comigo.

— Bom Deus. Não posso acreditar que esteja me dizendo esse clichê. Você se esqueceu com quem está falando? — Adotou um tom paternalista. — "Não é você, querida, sou eu". Eu usei essa desculpa uma centena de vezes. Nunca é verdade.

— Eu sei... — Ela torceu as mãos no colo. — Mas estou tentando te explicar o melhor que posso.

— Pois tente melhor... — Toby nem sequer tentou de ocultar a amargura em sua voz. Ele estava ferido. Não, não era somente culpa dela, ou nem sequer ela possuía a maior parte de culpa, mas ela era a única que estava perto.

Mesmo que ele não tivesse nenhuma esperança de salvar seu casamento com Isabel, por alguma razão, talvez autoflagelação, ele precisava entender por que o primeiro casamento havia fracassado antes mesmo que tivesse começado.

— Toby, eu sabia que você admirava minhas boas qualidades. Minha elegância, minha beleza... meu considerável dote.

— Eu não era um pobre caçador de dotes. — Ele objetou. — Eu não tinha necessidade de me casar por dinheiro.

— Você pode me dizer honestamente que não era um incentivo?

Toby suspirou. Ele não podia. Não era tanto pelo dote, mas simplesmente pela adequação do casamento. Com sua fortuna, elegância e beleza, Sophia parecia o tipo de mulher com quem ele deveria se casar.

O tipo de mulher que deveria querer se casar com ele.

E ela continuou:

— Nunca senti como se você realmente me conhecesse. No início, seu louvor foi adulador. Você era muito charmoso, dizia todas as coisas que uma garota queria ouvir. Mas depois de um tempo, esses pequenos elogios me fizeram sentir como se fosse uma fraude. Você sempre me tratou como se eu fosse perfeita... e eu não era. Ninguém é. E eu temia ter que viver uma mentira pelo resto da minha vida, se você conhecesse a minha verdadeira natureza, qualquer respeito que tivesse por mim desapareceria... — Ela olhou para ele. — Você consegue entender isso? Várias pessoas admiravam as minhas melhores qualidades.

O que eu precisava era um homem que me entendesse e me amasse, inclusive em meus piores momentos. E Gray é esse homem.

— Eu entendo — ele disse. — Entendo perfeitamente. — De alguma forma esta conversa havia ajudado. Ela não dera nenhuma luz sobre os sentimentos de Isabel, só o fez mais plenamente consciente dos seus.

Isso era tudo o que ele queria, ser amado em seus piores momentos. E havia casado com uma mulher que não podia fazê-lo.

Merda.

O faetón parou na casa de Grayson.

— É tarde — ele disse. — Estou ansioso para chegar em Surrey. Você se ofenderá se eu não

esperar você entrar?

— Não, absolutamente. — A portinhola do faetón se abriu e Sophia agarrou a mão do lacaio.

No último momento, ela se deteve e disse:

— Eu sei que não tenho que te dizer, mas Bel tem muita bondade no coração. Se eu estava ansiosa em revelar o pior de mim a um marido, eu só posso imaginar o medo que ela sente. Tem que ser dez vezes maior do que foi o meu.

Mulher tola, falando sobre Isabel como se ela tivesse algo a temer dele. Ele amava aquela mulher de corpo e alma. Ele havia dito isso à ela, uma e outra vez. E ela o rejeitou.

— Sophia, minha esposa não tem nada com que se preocupar. Isabel não tem piores momentos. Ela é altruísta. Um perfeito anjo.

— Toby... — Os olhos azuis de Sophia piscaram para ele no crepúsculo. — Você realmente quer saber o que me levou a te abandonar?

Ele assentiu em silêncio.

— Declarações como essa.

CAPÍTULO 24

Na sexta-feira de manhã, Bel esperava por suas visitas no salão rosa.

Exceto que essa manhã não era um salão rosa. Era branco... tudo branco. Em preparação para a demonstração de limpeza da chaminé, as cortinas tinham sido removidas e os tapetes também. Os adornos tinham sido guardados em caixas e os móveis e pinturas foram envoltos em capas de musselina.

A austeridade e simplicidade do espaço recordava a Bel sua infância e as horas que havia passado no quarto de sua mãe. Um quarto que também havia sido desprovido de cortinas e adornos, para a segurança de sua mãe.

Após o horrível incidente com as cortinas do quarto... e depois, um ano ou dois mais tarde, com o tapete em frente à lareira que pegou fogo... Uma decoração simples foi o melhor.

Sim, pensou Bel, torcendo as mãos em seu colo, esta manhã, o salão rosa tinha uma surpreendente semelhança ao quarto ensolarado de Tortola. Tudo o que faltava era a mulher louca.

Ou... possivelmente não.

El amor es locura.

Dobrando-se sobre seu colo, Bel escondeu o rosto entre suas mãos. Ela não chorou. Nos dois dias que tinham passado desde a partida de Toby, ela simplesmente havia esgotado seu suprimento de lágrimas.

Ainda assim, seus ombros tremiam com o eco dos seus soluços. Muitas emoções giravam ao redor dela e cada vez mais rápido à medida que passavam as horas... Irritação, desespero, medo, solidão, desgosto.

Em alguns momentos, sentia tanta saudade de Toby que começava a empacotar tudo para ir

à Surrey; depois recordava o desenho artístico do senhor Hollyhurst e resolvia não voltar a vê-lo nunca mais.

Já não sabia o que pensar. Exceto, se estava ficando louca.

Deveria estar agradecida de que Toby houvesse ido embora. Evitou a tarefa de ir ela mesma, ou que inclusive seria o mais difícil: Criar uma falsa distância entre eles enquanto viviam sob o mesmo teto.

Porque ela teria que se distanciar pelo bem de ambos. Ainda mais depois da maneira que ela o tratou, havia amaldiçoado e o golpeado...

Não, não podia permitir que essa cena voltasse a ocorrer. Ela precisava manter-se afastada dele. Indo embora ele a poupou deste problema.

Não que eles fossem ficar separados para sempre, é obvio. Apesar de tudo, estavam casados. Eventualmente, ela e Toby teriam que se encontrar. Mas até então, a irritação que cada um sentia, teria se esfriado e a paixão entre eles, também. Com a mente clara e o coração quebrado, eles poderiam começar de novo... e ter o mesmo tipo de casamento cordial que muitos casais desfrutavam. O tipo de casamento que Bel tinha a intenção de ter.

Ela sabia que Toby não teria nenhuma dificuldade em encontrar prazer físico nos braços de outra ou outras... E Bel não negaria isso à ele. Ela queria que ele fosse feliz e com sua natureza agradável ele não deveria ficar sozinho.

Não, essa parte corresponderia a Bel. Poria suas emoções de lado. Dedicaria seu coração e sua mente à caridade. Salvaria aos miseráveis órfãos das sufocantes chaminés.

O amor e a paixão não eram para ela.

Gradualmente, o salão começou a ficar repleto de damas, todas vestidas em tons de cinza e negro, de acordo com o convite. As mulheres arrumavam suas saias escuras sobre o mobiliário coberto de musselina, até que o quadro completo começou a assemelhar-se não com um monte de neve, mas de certa forma, como pulgas em uma posição favorável na neve aguardando por um cão de caça.

E aqui vinha uma pulga.

— Lady Violet Morehouse. — Entoou o mordomo. A matrona entrou no Salão, vestida da cabeça aos pés em um vestido de tom vermelho escuro.

— Lady Aldridge, minha querida. — Fez uma reverência e mostrou um sorriso tão rígido e falso, que ameaçava deslizar de seu rosto cheio de pó para fazer-se migalhas no chão.

Bel sentiu desejo de ajudá-la.

— Desculpo-me por não me aderir aos requisitos de vestimenta — disse, indicando seu emplumado vestido vermelho escuro. — Mas enquanto sua manhã deve estar começando, a minha noite está chegando ao fim.

Não fui em casa ainda.

— Não importa — disse Bel, forçando uma generosa reverência. — Estou simplesmente encantada que a senhora pôde encontrar um tempo para unir-se a nós.

Lady Violet pigarreou e pôs uma das mãos em sua têmpora.

— Suponho que você não tenha uma taça de vinho ou um chá para me oferecer? Imagino que o vinho está fora de questão. Sinto como se estivesse desviado do caminho para chegar em

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

uma reunião de Quaker[23].

As damas riram às gargalhadas.

Bel conteve a irritação que crescia em seu peito. Caridade. Vivia para a caridade agora e Lady Violet necessitava de muita.

— Obviamente que posso oferecer chá à senhora — virou-se e começou a caminhar pela sala. — Ou então café ou chocolate. Senhoras, vamos tomar o café da manhã?

Enquanto as mulheres se dirigiam ao corredor, alguém agarrou o cotovelo de Bel.

— Sophia! Oh, estou muito feliz que você tenha chegado. — Envolveu sua cunhada em um quente abraço. — Começava a me preocupar que você não viesse. Augusta está em Surrey, é obvio, e estou sozinha esta manhã.

— Claro que eu viria. Você acha que eu te deixaria enfrentar a esses dragões sozinha? — Os olhos azuis de Sophia brilharam. — Mas antes que eu me esqueça... — Sussurrou. — Tenho um presente para ti.

— Colocou um pacote pequeno e fino nas mãos de Bel, envolto em papel marrom e enrolado com barbante. — É um livro... — Explicou em voz baixa. — Mas não o abra agora.

— Não é o livro. Aquele que Lucy esteve comentando?

— Sim. Bem, não exatamente o mesmo. Tive que enviar um lacaio para procurar uma cópia nova. — O canto de sua boca se frisou em uma careta. — O que foi uma pequena missão. De qualquer forma você realmente deve tê-lo.

Essas coisas estão destinadas a serem passadas adiante.

Com um olhar arrependido, Bel empurrou o pacote de volta para ela.

— Eu não sei como te dizer isto... mas já o vi. Sua cópia, quero dizer.

Sophia colocou a mão sobre a boca para conter uma gargalhada.

— Você o viu?

— Foi por acidente, asseguro-lhe isso. Eu estava procurando algo para dormir e... — Bel pegou o cotovelo da sua cunhada e a levou para o corredor onde podiam falar sem chamar a atenção.

— Eu quase não olhei as imagens, juro. Depois que percebi... bem... o que percebi, coloquei-o rapidamente no lugar. Mas na verdade, li o suficiente para saber que não estou interessada em ler o resto. Você pode levá-lo de volta.

— Você não o leu todo?

— Céus, não. — Bel empurrou novamente o pacote para a Sophia, mas sua cunhada não o pegava.

— Então, este presente é absolutamente necessário.

Bel negou com a cabeça.

— Não o quero. Ora... "As memórias de uma Leiteira Licenciosa"? Isso é ridículo.

— Exatamente — disse Sophia. — É um livro ridículo, cheio de escandalosas fantasias, tolas ideias e romances improváveis. Mas você deve ler o resto.

— Por quê?

Sophia sorriu.

[23] *Quaker: Membro de uma seita protestante fundada na Inglaterra no séc. XVII e muito difundida nos E.U.A.*

— Porque tem um final feliz.

Muito desanimada para continuar discutindo, Bel aceitou o livro e o colocou em uma mesa lateral. Com um débil sorriso, disse:

— Esta manhã terá um final pouco feliz se eu continuar fazendo minhas convidadas esperar por mais tempo.

Haviam bolinhos polvilhados com açúcar em pó, bolos gelados, tortas de geleia e biscoitos... tudo isso e ainda mais no aparador da sala onde estava sendo servido o café da manhã. Bel havia planejado esse menu por semanas.

Ela conteve a respiração quando a senhora Framingham pegou um damasco cristalizado da ponta de uma pirâmide artisticamente arrumada. Quando a torre de frutas se manteve equilibrada, Bel suspirou de alívio.

— Devo dizer — murmurou Sophia, mordendo um pãozinho, — nunca vi algo como isso em um encontro social. Um café da manhã para damas com o requisito de usar trajes de luto e com prováveis possibilidades de escândalo e fofocas? Admirável.

— Você acha que elas realmente estão aqui porque acreditam na possibilidade de um escândalo e fofocas?

— Com certeza não estão aqui para a demonstração da limpeza de chaminés, asseguro-lhe isso.

Bel se encolheu em sua cadeira. Com o Toby distante e de luto, pensou que certamente a última caricatura do senhor Hollyhurst se desvaneceria na memória dessa gente. Se esperavam ver uma luxuriosa

Bel enlouquecida por seu marido libertino, deviam saber que isso não aconteceria.

Isso não aconteceria. Nunca mais.

— Mas elas estão aqui — continuou Sophia, — e você verá, se sairá bem. Às vezes um pouco de escândalo é justamente o que você precisa.

— Sim, Toby me disse a mesma coisa algumas vezes.

Toby havia dito muitas coisas à ela, porém somente algumas eram verdadeiras.

— Lady Aldridge — chamou a senhora Breckinridge com a boca cheia de bolo, — você precisa me contar como este cozinheiro faz este bolo tão cremoso e perfeitamente branco. É uma receita especial?

— Oh, ele é adoçado com amor — Lady Violet disse presunçosamente. — Esse é o ingrediente secreto. Esta é uma casa de lua de mel, você sabe.

— Não — Bel deixou escapar. Ela mordeu o lábio. — Quero dizer. Não é esse o ingrediente. É a qualidade superior do açúcar. Simplesmente usamos um açúcar mais refinado, importado pela empresa de transporte dos meus irmãos.

É cultivado em Tortola, em uma cooperativa de homens livres — ela se animou com a inspiração. — Se desejarem, posso dar à vocês uma lista de comerciantes que o tem.

— Por favor, sim — murmurou a senhora Breckinridge, dando outra mordida no bolo. — Ele está divino.

Imediatamente as outras damas manifestaram interesse em receber a mesma lista.

— Está vendo? — Murmurou Sophia, dando um sorriso a Bel. — Eu disse que algo bom sairia

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

disto. E ainda não tivemos a demonstração.

— Falando da demonstração, será melhor que eu tenha certeza que o equipamento esteja preparado — Bel foi na direção do corredor, dirigindo-se para o salão rosa. Então, parou bruscamente.

Uma silhueta alta, familiar e masculina encheu o vestíbulo. O coração de Bel saltou.

— Joss! — Exclamou Bel, correndo para cumprimentá-lo. — Como é bom ver você. Estou muito feliz que esteja aqui. Preciso de uma lista de comerciantes que estocam açúcar da cooperativa. As damas estão...

Sua voz sumiu quando notou algo estranho na aparência de seu irmão. Ele estava sorrindo. Sorrindo, realmente. Quase bobamente. Ela não o havia visto com essa expressão em quase dois anos, desde antes da morte de Mara.

— Perdoe-me — ela disse. — Você obviamente tem algo a me dizer e estou aqui tagarelando. O que houve?

— Preciso pedir sua ajuda para cuidar de Jacob. Ficarei fora por um mês mais ou menos.

— Mas é obvio que cuidarei dele. Você vai para o mar?

— Não, não. Esta é uma viagem por terra — ele pegou suas mãos. — Bel, eu vou me casar.

A boca de Bel se abriu. Sua respiração se acelerou antes que seus lábios pudessem formar palavra.

— Você vai se casar? Mas com quem?

— Com a senhorita Osborne.

— Com a Hetta?

Ele assentiu com a cabeça, sorrindo ainda mais.

— Vai se casar. Com Hetta. — Bel sacudiu sua cabeça assombrada. — Eu não posso acreditar. Pensei que você...

— A desprezava?

— Algo como isso. Sim.

— Pensei que a desprezava também. Mas felizmente, Hetta é muito mais inteligente do que eu — seus olhos brilharam com orgulho. — Viajaremos para o norte, para eu conhecer seu pai e nos casarmos em sua casa.

Lorde Kendall nos ofereceu generosamente Corbinsdale para a nossa lua de mel — ele abaixou a cabeça, procurando o seu olhar. — Bel, você está bem? Você parece pálida.

Bel levou uma das mãos ao rosto.

— Sinto muito, não quero parecer tão chocada. Adoro a Hetta e estou feliz por vocês dois. É apenas uma grande surpresa. Depois da Mara, não pensei que você...

— Eu sei — ele apertou a mão dela. — Eu tampouco pensei que o faria. Mas nunca estive tão feliz de haver me equivocado.

— Mas, casar, Joss? E tão rápido? Você não está...? — Ela mordeu o lábio. — Você não está assustado com isso?

— Claro que estou — ele disse, rindo. — Estou apavorado. Por isso sei que estou apaixonado.

O tom melodioso do seu sorriso aqueceu Bel. Ela não o tinha visto assim há muito tempo.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Como a vida poderia ser cruel. Agora que ela achou que teria seu irmão por perto, o perderia novamente, tudo no espaço de uma manhã.

— Isso explica porque estou apavorada por você — ela disse. — Deve ser porque te amo muito.

Seu comportamento se tornou sério.

— Nunca esquecerei a Mara — ele disse. — Eu a amava. Sei que você também a amou. Nunca esquecerei o quão devastador foi perdê-la. Mas não posso permitir que o medo me impeça de viver, de amar.

Não mais. Sobrevivi a alguns dos piores momentos que a vida pode atirar em um homem, mas não vou permitir que isso me impeça de desfrutar do melhor.

Bel piscou uma lágrima.

— Quando você vai embora?

— Esta noite, no faetón do correio. Sophia e Gray estão com Jacob, e obvio, sua babá. Mas sei que ele desfrutaria de umas frequentes visitas de sua tia Bel.

— Então ele as terá.

— Bel? — Sophia a chamou no corredor. — Acho que as damas estão terminando o café da manhã.

— Estarei aí em seguida — disse Bel entre fôlegos. Ela lançou um sorriso de desculpa à Joss. — Eu preciso ir. Estou com convidadas.

— Eu preciso ir também — ele se inclinou para beijar sua bochecha. — Dê minhas felicitações à Toby, na próxima vez que o veja.

— Felicitações? Por quê?

— Por sua eleição, naturalmente. A votação encerra hoje. Ouvi isso de Gray esta manhã. Não que haja alguma dúvida sobre o resultado — Joss fez uma careta. — É uma vergonha.

Tenho certeza que Toby preferia ter ganho em circunstâncias diferentes.

— Sim — Bel disse simplesmente, não desejava declarar nada ao contrário senão se veria forçada a explicar. Tinha certeza que Toby preferiria não ter ganho nada. Ele havia ido muito longe para garantir a sua derrota.

A imagem daquela vergonhosa caricatura apareceu em sua mente e ela sentiu de novo a punhalada da traição de Toby. Do homem que dizia que a amava.

Bom, estava acostumada a receber gestos de amor e dor das mesmas mãos. Tinha sido uma idiota por ter baixado a guarda com Toby. E certamente, nunca deveria ter pensado em amá-lo de volta.

Bel sabia como sobreviver às feridas de amor, mas não poderia viver consigo mesma se fosse ela quem as infligia. Ele a fez se sentir segura, mas tudo havia sido uma mentira. Ninguém podia protegê-la de si mesma.

Ao ver o olhar preocupado de Joss, ela colocou um sorriso em seu rosto. Na verdade, não tinha motivos para se queixar. Toby estava certo... Agora, ela conseguiria exatamente o que queria. Um conveniente e vantajoso casamento com um homem que tinha um banco no Parlamento, os recursos e a oportunidade de trabalhar incansavelmente em obras de caridade.

Este era o seu final feliz.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Por favor, dê meus melhores votos para Hetta também — disse alegremente. — Ela ganhou o melhor dos maridos. Aqui... — Bel pegou o livro embrulhado em um papel, na mesa lateral, onde o deixou mais cedo.

Apertando-o nas mãos de Joss, ela disse: — Um presente de noivado para a sua noiva.

Depois de se despedir de seu irmão, Bel voltou para a sala do café da manhã e convidou às damas a unir-se no salão para a sua demonstração.

— Agora — disse Lady Violet, acomodando-se na cadeira mais próxima. — Onde está esse robusto limpador de chaminés com seu equipamento maravilhosamente eficiente?

Uma cascata de risadas se produziu entre as damas reunidas.

— O equipamento está aqui — disse Bel, acenando com a mão em direção a uma fina haste articulada coberta com um arranjo de escovas de arame duro. — Mas não há um limpador de chaminés. Nenhum homem, de qualquer forma.

Serei eu quem fará a demonstração da máquina.

As damas a olharam escandalizadas, mas Bel as ignorou enquanto enfiava seus pulsos nas cavas de um avental. Depois da cena na reunião de mulheres na casa da sua Tia Camille outro dia, ela não traria um homem a esta reunião para ser alvo de piadas sexuais, ou o que seria pior... Um suposto objeto de luxúria de Bel. Além disso, que melhor maneira de demonstrar a eficiência das escovas mostrando que mesmo uma dama poderia usá-las?

Com o seu avental posto, Bel levantou as escovas para que as damas a inspecionassem.

— Como veem, os arames estão dispostos como um guarda-sol. Eles permanecem fechados enquanto a haste é inserida no buraco da chaminé. — Ela virou as escovas. — Quando são retiradas, as cerdas se expandem para esfregar as paredes. A diferença de um menino escalador, que tem somente dois braços e uma pequena escova, esta máquina alcança todos os cantos da chaminé ao mesmo tempo.

Bel se ajoelhou na lareira para inserir as escovas no duto da chaminé. Desdobrando a haste articulada começou a empurrá-la para cima, empurrou a engenhoca mais e mais. Não era tão fácil como havia imaginado que seria.

A chaminé estava obstruída pela fuligem e precisou de muito esforço para empurrar as escovas através da estreita passagem. Pequenas partículas de cinzas começaram a cair enquanto empurrava, sujando o seu cabelo e sua roupa.

Enquanto trabalhava, sentiu que as damas no salão se impacientavam. Disfarçadamente limpou a testa com a manga de seu vestido.

— Seu marido não está em casa, Lady Aldridge? — claro, era a voz petulante de Lady Violet.

— Não — Bel a cortou, forçando as escovas para cima com um raivoso empurrão. — Ele está fora.

— Que lástima — disse Lady Violet. — Ele é sempre tão divertido com as damas. Pode-se sempre contar com Sir Toby para animar uma festa aborrecida.

— Me perdoe mas... — disse Bel com seus movimentos cada vez mais agitados. — Isto não é uma festa. Se a senhora está em busca de diversão, deveria ir a outro lugar.

Um silêncio envolveu o salão. As raspaduras das escovas contra o cano da chaminé era a única coisa que se escutava.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— E a respeito do meu marido... — Continuou Bel. — Ele não está entretendo a nenhuma dama esta manhã. Ele está em Surrey.

— Oh, mas certamente há damas em Surrey — disse significativamente a matrona. — Damas ansiosas para serem entretidas. Mas pelo que li no Prattler, este lugar onde Sir Toby se encontra em Surrey tem uma geografia muito interessante. Entendo que se encontra muito perto de um estabelecimento conhecido como a Pérola Escondida.

— Tenho certeza que não sei o que a senhora está querendo dizer.

— Tenho certeza que não, minha querida — Lady Violet deu um sorriso cruel. — Provavelmente é por isso que ele está lá.

Os músculos de Bel ficaram tensos. O aborrecimento avivou o seu sangue, mas ela não se permitiria perder o controle. Havia trabalhado durante muito tempo e muito duramente para fazer com que esta demonstração fosse um sucesso e as vidas dos órfãos dependiam disso. Ainda que estivesse irritada com Lady Violet por fazer aquelas insinuações grosseiras e mais irritada ainda com Toby pelas caricaturas que foram criadas... Ela não seria uma escrava de paixões imprevisíveis.

Paciência, repreendeu-se a si mesmo. Bondade. Caridade. Órfãos miseráveis.

— As escovas estão completamente inseridas agora. — Ela se dirigiu à todas no salão calmamente, levantando-se e batendo o pó de suas mãos. — E agora, dou uma pequena volta na manivela para expandir as cerdas e enquanto retiro o mecanismo, a fuligem será removida. — Ela lançou a Lady Violet um sorriso inocente. — Talvez a senhora gostaria de recuar, milady. Para o fundo do salão, talvez. Ou inclusive para mais longe. Isto pode sujá-la.

— Oh, acredito que ficarei. Estou desfrutando imensamente da minha visão na primeira fila. Que manhã esclarecedora está provando ser.

— Muito bem — Bel se ajoelhou novamente e começou a retrair a escova com bruscos puxões, torcendo e girando a haste enquanto fazia isso. Com cada movimento, uma chuva de fuligem caía pela chaminé, prendendo-se em torno de suas saias.

— Agora, normalmente este método não causa tanta sujeira — explicou Bel enquanto trabalhava. — Os limpadores que usam este equipamento têm também um conjunto de cortinas que colocam diante da chaminé, para não... — Bel parou de falar de repente quando uma escova ficou presa em um obstáculo, — ... sujar. — Tentou um forte puxão mas não conseguiu nada. Ela apoiou uma bota na chaminé e puxou fortemente com ambas as mãos.

Não obteve nenhum progresso.

— Acredito que está entupido, querida — disse Lady Violet amavelmente.

— Sim, está entupido — disse Bel bruscamente, soltando a haste e lutando para ficar de pé. Ela estava ofegante. — E é exatamente assim que essas crianças escaladoras ficam presas. É assim que essas crianças se entopem nos dutos das chaminés com alarmante frequência. Imagine, Lady Violet, que você estivesse presa neste duto, incapaz de se mover, sufocando-se em uma nuvem de fuligem, com um medo inacreditável.

Imagine que seu amo cruel está abaixo lhe cravando alfinetes em sua carne para convencê-la que se mova... ou, se isso não funcionar, acendendo uma palha no fogo e usando-a para queimar a planta de seus pés.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Imagine, Lady Violet, que você é uma menina pobre, miserável, sem amigos e prestes a morrer. Para ser sacrificada no altar da tradição inglesa simplesmente porque uma dama da alta sociedade não quis se incomodar em instruir seus criados a adotar melhorias modernas — Bel fungou e empurrou uma mecha de cabelo de seus olhos. — Está desfrutando dessa imagem, lady Violet?

— Não — disse a matrona presunçosamente. — Mas acredito que você sim.

Bel ofegou. Lady Violet tinha razão. Ela desfrutava da imagem de uma apertada e sufocada Lady Violet, coberta de fuligem. Ela estava desfrutando muito. O que havia de errado com ela?

Este era para ser um evento de caridade, não um exercício de hostilidade. Mas tinha muita emoção agitando-se dentro dela, sentia-se como um vulcão, preparando-se para entrar em erupção.

O pior de tudo era que ela não podia fugir do perigo, quando o mesmo residia dentro dela.

Ela poderia fazer isto. Disse a si mesma. Respirando profundamente e soltando a respiração lentamente. Ela poderia domar suas paixões fervilhantes e completar esta demonstração com dignidade e graça.

Ela não iria explodir.

Sophia se aproximou dela.

— Bel, você está fazendo muita força. Talvez precise de um descanso.

Bel advertiu-a com um aceno de cabeça e se agachou para pegar a haste novamente.

— Tudo o que preciso é um pouco de ajuda. Vamos trabalhar em harmonia, Lady Violet. Posso pedir que me ajude?

A matrona lançou à ela um olhar fulminante.

— Você certamente está brincando, Lady Aldridge. Como se...

— A senhora não é forte o suficiente, então?

— Não é isso, eu garanto.

— Temerosa por um pouco de fuligem?

— Não — a boca de Lady Violet se afinou em uma magra linha vermelha. Ela se levantou da cadeira e colocou as mãos sobre a haste, acima das mãos de Bel. — Faço qualquer coisa para me tirar desta casa de loucos.

— Ela resmungou para Bel. Para o restante do salão, cantarolou. — Que divertido é isto, Lady Aldridge. Isto está me dando vários tipos de ideias para a minha próxima festa. Acho que distribuirei aventais na entrada e convidarei a todas as damas para se revezarem na copa com as donzelas. Depois do chá, cada convidada deverá lavar sua própria xícara e pires.

As damas riram. Bel fervia por dentro, mas se esforçou para permanecer calma.

— Quando contar três, então? — Ela perguntou com os dentes cerrados.

— Sim. No três — concordou Lady Violet. — Oh, espere! Acabei de ter uma ideia brilhante para minha festa de outono. Todas brincaremos de donzelas!

Bel ignorou as risadas e começou a contar.

— Um...

E de algum modo, naquele breve e fugaz momento, algo estranho aconteceu na mente de Bel. Agarrando a haste de madeira na mão, ouvindo as risadas de zombaria de suas convidadas,

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

sentiu uma bolha de raiva crescendo dentro dela... e enfrentou o fantasma da loucura.

— Dois...

Ela sentia sutilmente a tentação de simplesmente desistir. De ceder à fúria, repreender Lady Violet, jogar essas mulheres insuportáveis para fora de sua casa e destroçar algumas estatuetas de cerâmica, só para completar o efeito dramático. Seria muito fácil perder as estribeiras.

Mas Bel escolheu não fazê-lo. Ao invés disso, tomou uma decisão com muita calma, uma decisão racional.

Até que soltou.

— Três.

Bel puxou com força e deu uns passos para trás. Ficou observando a alguns passos de distância...

Zassss!

O forte puxão realizado por Lady Violet liberou um dilúvio de cinzas e fuligem. Uma coluna de negro vapor envolveu o vestido vermelho escuro de Lady Violet.

Fugindo da nuvem de cinzas, Bel cobriu o rosto com as mãos.

Oh, não havia mais nenhuma risada agora. O salão estava muito silencioso, ela podia ouvir o pó de carvão caindo no chão. Lentamente, abaixou as mãos, descobrindo seus olhos e se virou para olhar a chaminé.

Lady Violet estava diante dela, coberta de fuligem da cabeça aos pés, cuspindo e soltando faíscas. Ao redor delas, uma dúzia de damas ficaram imóveis, com os lenços pressionados contra suas bocas em sinal de horror.

Bel manteve suas próprias mãos sobre sua boca, inutilmente. Não importava o quão duro ela pressionasse seus dedos contra seus lábios, não conseguia se impedir.

E começou a rir.

Começou com uma tola risadinha, que em seguida, rapidamente evoluiu para gargalhadas. Não podia evitar. Essa demonstração resultou ser uma paródia, seu casamento era um desastre e ela estava, muito provavelmente ficando louca...

E não havia nada a fazer senão rir. Rir alto e longamente. Realmente, onde estava o benefício em ser uma mulher louca, se isso não dava à ela o direito a uma gargalhada selvagem?

Bel riu até que seu estômago doeu, enquanto enxugava as lágrimas com seu lenço coberto de fuligem. Em seguida, encontrou os olhos azuis chocados de Lady Violet, olhando para ela, com o rosto cinza cheio de fuligem.

A matrona ficou congelada no lugar, com as mãos levantadas em sinal de rendição, e antes que Bel percebesse o que estava fazendo, abraçou à mulher. Ela pegou Lady Violet em um abraço exuberante e ousado e riu mais ainda.

— Eu gostaria de dizer que sinto muito por seu vestido — disse Bel dando um passo para trás. — Mas na verdade, no convite estava explícito que todas deveriam vir de negro.

Ela tirou seu próprio avental sujo de fuligem e o jogou de lado.

— Bem — ela disse às damas que estavam boquiabertas, pois haviam sido testemunhas do escândalo. — Isto conclui a demonstração. Lady Grayson passará à vocês uma lista de limpadores de chaminés profissionais que utilizam esta máquina no lugar dos meninos escaladores. Espero

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

que vocês contratem seus serviços para seus lares. A menos que, é obvio, Lady Violet aceite clientes. Bel continuava rindo enquanto se dirigia à porta.

Sophia correu atrás dela.

— Bel, onde você está indo? Você está bem?

— Eu não sei se estou bem. Mas estou indo para Surrey — esticando o pescoço, olhou para o relógio do corredor. - E preciso me apressar ou será tarde demais.

— Tarde demais para quê? — Perguntou Sophia.

Ignorando-a, Bel se virou para as damas.

— Por favor, me desculpem, mas acabei de me lembrar que tenho um compromisso urgente e necessito...

Sua risada se converteu em náuseas quando percebeu no que seu plano implicava.

Oh, maldição!

Mas agora ela já havia tomado a decisão. Como dissera Joss, não podia permitir que o medo a paralisasse. Ela terminou fracamente:

— Preciso preparar o faetón.

CAPÍTULO 25

Toby estava parado aos pés do palanque da tribuna, esperando que Colin Brooks colocasse aquele abominável casaco amarelo e aparecesse para oficializar sua vitória.

Enquanto esperava, andava de um lado para o outro, de vez em quando dando um novo aperto em sua bengala e resistindo ao impulso de fazer algo verdadeiramente ridículo, como acariciar o punho de marfim.

Ele realmente se converteu em um tolo sentimental. Ele possuía um conjunto completo de roupas em Wynterhall... mais do que suficiente para o funeral de Yorke e para a eleição... entretanto, havia enviado dois lacaios à cidade com as instruções de empacotar a metade das roupas de seu armário. Todo esse esforço, simplesmente como uma desculpa para recuperar essa inútil bengala.

Certamente, se tivesse podido fazer isso sem parecer um completo imbecil, teria solicitado lembranças ainda mais embaraçosas. Uma mecha de seu cabelo negro azeviche, um travesseiro com aroma de verbena, uma amostra daquele vestido de seda vermelho... mas esta bengala era a única coisa dela que pertencia inequivocamente a ele... E, como consequência, estava convertendo-a em um verdadeiro fetiche.

— O que está atrasando Brooks? — Perguntou ao adjunto do xerife.

O homem respondeu com um murmurado "não sei" e trincou os dentes.

Toby voltou a andar, balançando a bengala com impaciência. Quanto mais cedo Brooks chegasse, mais cedo os resultados eleitorais seriam oficializados... E Toby poderia estar no seu caminho de volta à Londres. Para ela.

Que idiota havia sido. As palavras de Sophia mostraram o engano de suas atitudes, antes

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

mesmo que deixasse os limites da cidade. Bom, na verdade, esteve carrancudo a maior parte da viagem à Surrey, mas havia recuperado o bom senso em algum momento antes que o faetón parasse no canal de Wynterhall.

Tudo o que ele queria era que Isabel o visse em seus piores momentos, e que o amasse. E como o palhaço estúpido que era, havia falhado em seu próprio teste.

Ele havia professado o seu amor eterno, e no momento em que ela... (muito justamente, poderia acrescentar), ficou com raiva dele, ele a abandonou.

Deus, que luta foi os últimos dois dias, uma luta contra o desejo de voltar para ela e simplesmente cair aos seus pés, rogando o seu perdão. Mas havia coisas que precisava fazer ali, em Surrey, e não apenas porque elas precisavam ser feitas, mas sim porque Toby necessitava fazê-las para demonstrar o seu próprio valor. Ele precisava ver seu amigo enterrado com honra, precisava dar apoio à sua mãe em luto... e agora precisava garantir este banco no Parlamento.

Em realidade, era tudo o que ela havia pedido que ele fizesse. Uma coisa tão pequena. Por que diabos ele resistiu? Ele poderia ter facilmente garantido o seu respeito, se não, o seu amor.

E agora havia perdido qualquer chance de ter qualquer um deles.

Ele só poderia tentar fazer todo o possível para fazer as coisas direito e esperar que sua raiva diminuísse com o tempo. Talvez nunca conseguiria conquistar o seu amor, mas Toby poderia viver com a permissão de amá-la.

Teria que aprender a viver muito tempo com isso, porque certamente não poderia sobreviver sem ela. Os dois últimos dias o havia ensinado isso.

— Toby.

Ele parou de caminhar. Seus olhos se ergueram rapidamente e ele viu uma figura familiar vindo na direção dele.

Na verdade, eram duas figuras familiares.

— Gray. Jem. — Toby saudou com uma inclinação de cabeça o seu cunhado, e então seu amigo. — Que diabos vocês estão fazendo aqui?

— Estou financiando a sua campanha — disse Gray, batendo no bolso do seu casaco.

— O quê, com subornos? — Perguntou Toby.

— Se for necessário. Até o momento, umas cervejas estão fazendo bastante bem o trabalho.

Toby virou-se para Jeremy.

— O que você está fazendo aqui?

— Honestamente? — Jeremy deu de ombros. — Não faço ideia. Gray me fez vir.

— Eu trago o ouro — disse Gray, fazendo um gesto para Jeremy, — e ele traz a classe. Imaginei que não faria mal ter o respaldo de um Conde te apoiando.

Toby coçou a nuca.

— Gray, você se deu conta que, dos dois candidatos de oposição, um deles morreu...?

Gray concordou com a cabeça.

— ... E o outro é o lunático do povoado?

— Sim.

— E que quase todos os votos foram computados e tenho uma vantagem insuperável. Entretanto, vocês ainda parecem pensar que necessito subornos e respaldos aristocráticos para

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

conseguir uma vitória?

— Toby balançou a cabeça. — Sua fé em mim... O que posso dizer? É muito inspiradora.

— Eu não estou aqui por ti — disse Gray com irritação. — Estou aqui por Bel.

— Eu também estou aqui por Bel — disse Toby. — Jem, você está aqui pela Bel?

Jeremy soltou um suspiro exasperado.

— Não faço ideia do porque estou aqui. Realmente desejaria não estar.

— Bem... — disse Toby. — Então vá para casa. Os dois.

Gray entrecerrou os olhos.

— Agora preste atenção. Eu não vou correr nenhum risco com...

— Não, preste atenção você! — Toby apontou seu cunhado com sua bengala. — Isabel é minha esposa. Ela me pediu que concorresse ao Parlamento, não você — ele se virou para Jeremy. — E ela não te pediu nada.

— Eu sei — disse Jeremy, levantando as mãos em defesa. — Eu já te disse, não sei por que estou aqui. Ele me disse que estávamos indo para o clube.

Toby continuou:

— Quando eu ganhar esta eleição, pode ser que não seja uma grande vitória, mas será a minha vitória. Só minha para colocar aos pés de Isabel. Nego-me a compartilhar nem que seja um mínimo de glória com qualquer de vocês.

Então, voltem para casa. Vocês não serão os heróis hoje.

— Em realidade... — uma voz grave anunciou atrás deles, — ... nenhum de vocês será.

O cano de um mosquete forçou seu caminho no triângulo, fazendo com que a bengala de Toby caísse com barulho no chão. Todos os três homens deram um passo rápido para trás...

Só para se congelar em uníssono quando escutaram um coro de sinistros cliques... O som inconfundível de várias armas sendo engatilhadas.

— Maldição... — sussurrou Toby, levantando as mãos. Ele girou a cabeça para os lados. Os estúpidos sobrinhos do coronel Montague os rodeavam, cada um apontando uma arma para Toby.

— Que diabos está acontecendo? — Perguntou ao sobrinho que havia falado. O maior deles, ele observou com desânimo.

— Agora, Sir Toby — ele disse. — Não achamos que você queira realmente ser um candidato para um banco no Parlamento.

— Sim — disse Toby. — Asseguro que quero.

O imbecil cutucou o peito de Toby com sua arma.

— Não, você não quer. Um almofadinha de Londres como você? Você nunca se importou em sequer cuspir sobre este condado antes. Por trinta anos, o coronel esteve se candidatando.

O velho está ficando mais debilitado a cada inverno. Ele provavelmente não terá outra oportunidade. E agora que Yorke está morto, ele pode finalmente ganhar. Então, você vai permitir que ele ganhe.

— Permitir? — Toby repetiu incrédulo. — Mesmo que eu quisesse, não poderia. A votação está fechada. Colin Brooks estará aqui a qualquer momento para oficializar o resultado.

— Colin Brooks está neste momento tendo uma pequena conversa com o meu primo —

disse o imbecil. — E sei por boa fonte que ele não aparecerá por aqui até que você tenha retirado a sua candidatura.

Nesse momento, Gray deu um passo para a esquerda. O imbecil com o rosto vermelho girou ao redor, apontando sua arma para ele. Gray congelou.

— Que ninguém tente nada divertido — disse o sobrinho de Montague.

Toby suspirou.

— Pelo amor de Deus, homem. Você honestamente acha que vai disparar em nós? Eu posso ser somente um Baronete, mas Jem é um Conde. Assassinar um nobre do reino é uma passagem certa para a forca.

E você está cercado de testemunhas — ele fez um gesto amplo para os espectadores pressionados em torno deles, os quais estavam em um silêncio de pedra. — Sem mencionar que a eleição do coronel não poderia se manter de pé.

Alguém o declararia incompetente e o destituiriam de seu cargo, e onde deixaria isso ao pobre velho tolo?

— Bom, então ele teria sido um membro do Parlamento, não é? Mesmo que apenas por pouco tempo. O pobre velho tolo morreria feliz.

— Isto não faz sentido — disse Toby, balançando a cabeça. — Não me importa o que você diz. Não vou fazer isso.

A arma voltou a apontar para ele.

— Você realmente acha que ganhará este banco no Parlamento? Você acha que o deseja tanto quanto o coronel?

— Não, e não. — Respondeu Toby. — Mas minha esposa quer que eu o tenha com uma honrada paixão. E eu amo a minha esposa, mais do que amo o Coronel.

A multidão irrompeu em gargalhadas, e a cara do sobrinho do Montague ficou em um impressionante tom púrpura.

— Sinto muito — disse Toby, levantando as mãos e mostrando um sorriso cativante. — Mas é a verdade. Ela é mais bonita — lentamente estendeu uma das mãos para o homem. — Vamos. Não façamos as coisas desta maneira.

Tenho um grande respeito por seu tio, de verdade. Assim como todo mundo aqui. Podemos resolver isto de outra maneira, pensar em uma forma de homenageá-lo... Declará-lo sargento de armas do condado, possivelmente.

Diga aos seus primos que abaixem suas armas. Vamos todos para a taberna beber uma cerveja, e discutiremos isto como pessoas civilizadas.

E justamente quando Toby estava seguro de que o havia convencido... Justamente quando desapareceu o tom rosado no rosto do homem e o cano do mosquete baixou uma fração... Tudo foi para o inferno.

Do fundo da multidão, surgiu um grito de pânico. Os sons de cascos sobre a pedra e os relinchos dos cavalos não demoraram a chegar. Os espectadores começaram a se dispersar, embora os homens armados que os rodeavam se mantivessem firmes. O louco Montague os tinha treinado bem.

— Oh, não. — Toby sussurrou. — Não, não, não — seu coração caiu aos seus pés. Não podia

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

estar revivendo este pesadelo.

Mas, evidentemente, era o que estava acontecendo.

A multidão se afastou, tal como havia acontecido naquele dia. E aqui estava: O faetón vinha para cima deles, os cavalos conduzindo em uma vertiginosa velocidade.

E lá, empoleirada no couro adornado, agarrando os ferros para salvar sua vida, com seu rosto parecendo uma máscara pálida de terror, estava Isabel.

— Você deve para agora! — Bel gritou.

O condutor puxou as rédeas, detendo abruptamente os cavalos no centro da praça novamente. Bel nem sequer esperou que alguém a ajudasse a descer. Ela saltou do faetón aberto, assim que suas rodas desaceleraram e correu em direção ao seu marido.

— Toby — ela disse, engolindo o ar. — Toby, preciso falar com você.

Ele a olhou fixamente, mantendo as mãos em alto, perto de seus ombros, como se estivesse com medo de tocá-la. Bem, realmente... Quem não ficaria? As mãos de Bel voaram para o seu próprio rosto. Céus, ela deveria estar horrível.

O que não estava coberto de fuligem, agora estava coberto com o pó da estrada, e seu cabelo estava espalhado em todas as direções. E, claro, Toby estava em todo o seu magnífico esplendor, cada centímetro do alto e arrumado cavalheiro.

— Você está maravilhoso — ela disse, simplesmente porque podia.

— Obrigado — ele disse lentamente, notando sua aparência. — Você está... bastante chamuscada. Mas estou muito contente em te ver, apesar do fato de que você acabou de me dar um susto mortal.

— Sinto muito — ela disse, sacudindo suas saias. — Eu disse ao condutor que conduzisse como se o diabo estivesse atrás de nós. E estou um pouco chamuscada, não? — Ela começou a rir. — É de se esperar, suponho.

Passei a manhã duelando com um dragão. As eleições ainda não terminaram, não é?

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Ah, bom. Eu verdadeiramente te peço desculpas por te assustar. Só precisava falar contigo imediatamente.

— Sim — ele disse, ainda com as mãos levantadas. — Você e várias outras pessoas.

Ele girou a cabeça para os lados, e pela primeira vez desde que havia sido conduzida até a praça, Bel olhou para algo que não fosse o seu marido.

Oh, Meu deus.

Ali estava seu irmão. E o Lorde Kendall. E uma meia dúzia de homens em torno deles, todos armados. Ela deu um passo para trás assustada, tropeçando em algo que parecia um pedaço de pau, não que ela fosse olhar para baixo para comprovar.

— Toby? — Ela perguntou em um tom de voz cauteloso. — O que está acontecendo?

— Bem, você está vendo...

Um homem grande com o rosto vermelho cutucou Toby no peito com o cano de um mosquete.

— O que está acontecendo é que temos armas. E vocês nos escutarão.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Eu acho que não — disse Bel, virando-se para olhar o homem. — Acabo de viajar três horas em um faetón a um ritmo enlouquecedor... — ela se virou para o seu marido, — ... e Toby sabe como odeio viajar em um faetón.

— Sim — ele disse com um sorriso lindo. — Eu sei.

Ela se virou para o homem com a arma.

— De qualquer forma, padeci três horas de tortura só para falar com o meu marido, e com armas ou não, ele vai me ouvir.

— Bel... — disse Gray em voz baixa, — Talvez você devesse...

— Dolly, por favor, não me leve a mal. Mas, por que você está aqui?

— Perguntei a mesma coisa a ele — disse Toby.

— Eu também — disse Lorde Kendall secamente. — Possivelmente teríamos recebido uma resposta mais satisfatória se o tivéssemos chamado de Dolly.

— Dolly? — Alguns dos homens armados começaram a reprimir o riso.

Bel apertou os punhos e baixou o olhar ao chão. Por que sempre que tinha algo importante a dizer, as pessoas ao seu redor não conseguiam parar de rir? Seus olhos encontraram a bengala de Toby, que jazia aos seus pés.

Isso devia ter sido o que fez ela tropeçar antes.

— Chega! — Gritou o homem do rosto vermelho.

As risadas cessaram.

O homem continuou:

— Perdão Milady, mas Sir Toby não tem tempo para ouvi-la agora. Sir Toby se encaminhará para esta tribuna e fará um pequeno anúncio. Ou então...

— Ou então o quê? — Perguntou Bel.

— Não é óbvio? Ou então vou matá-lo — o homem grunhiu e apontou novamente a arma para Toby.

— Oh, por favor... — disse Bel, revirando os olhos. — Vocês não vão disparar em ninguém.

— Milady... — ele falou com o seu rosto se avermelhando mais, — ... sugiro que volte para a sua...

Ela não chegou a ouvir a sugestão completamente. Bel se agachou, pegou a bengala de Toby e a balançou. Golpeou o idiota na cabeça com o punho de marfim. Ele desabou no chão inconsciente, com um ruído surdo.

Bel gritou para ele de qualquer maneira.

— Eu estou falando com o meu marido! Você... você... Oh, você não vale a pena! — Ela sustentou a bengala no alto e se virou para Toby. — Você tinha razão. Isso é bastante útil.

— Sim — uma gargalhada escapou dele. — Sim. É verdade.

Ela olhou em volta, aos outros homens armados, que haviam baixado suas armas, aparentemente desolados com a perda de seu líder. Então ela voltou a olhar para baixo, ao bruto inconsciente.

— Eu realmente fiz isto?

— Sim, você fez — disse Toby, vindo para frente com um diabólico e formoso sorriso. — E foi magnífico — ele tirou a bengala da sua mão e a deixou cair ao chão antes de tomá-la em seus

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

braços.

— Meu Deus, Isabel, eu...

— Não, espera! — Ela se afastou dele. — Toby, eu vim aqui para falar com você.

— Adiante... — ele disse, sem deixar de sorrir. — Estou ouvindo.

— Eu vim aqui para te dizer que eu...

Ele assentiu com a cabeça encorajando-a.

— Que você...?

— Que eu estou muito furiosa contigo!

O rosto de Toby se fechou.

— Oh — ele trocou seu peso, dirigindo um tímido olhar para os lados. — Você viajou até aqui para me dizer isso? Que está furiosa comigo?

— Sim — ela disse, com as mãos fechadas em punhos. — Sim. Você precisava saber isso. Você precisa me ver como realmente sou. Eu... — ela cravou um dedo em seu peito. — Eu sou uma mulher que se enfurece.

— Estou vendo.

— Não, você não me via assim. Como podia? Eu mesma não descobri isso até hoje. Eu não sou altruísta, Toby. E certamente não sou um anjo. E eu não posso estar louca.

Você não me disse uma vez que se eu estiver ciente de que estou com raiva, que não estou louca?

Ele assentiu com a cabeça.

— Então eu não posso estar louca. O que estou é furiosa. Enfureço-me, todo o tempo, da maneira mais inútil. Enfureço-me com coisas que eu não posso esperar para corrigir, como a injustiça, a violência e a opressão.

Enfureço-me com as coisas que ficaram no passado... com meus irmãos por terem me deixado crescer sozinha, com o meu pobre e defunto pai por ter sido um libertino destemperado e com a minha pobre e defunta mãe simplesmente por ter enlouquecido. Enfureço-me quando as pessoas debocham dos velhos e dos doentes. E fico absolutamente furiosa quando vejo uma criança sendo maltratada.

— Eu entendo — ele disse, dando um passo na direção dela.

— Não, você não entende — ela insistiu, com lágrimas ardendo em seus olhos. — Você não poderia entender. Você sempre foi feliz, sempre foi muito amado. Você não pode saber o que é ver as pessoas doentes e sofrendo, e tudo isso se enredar com sua própria dor. E precisar de alguma forma canalizar toda essa fúria em algo bom... ou você simplesmente ficará louca com isso.

Ele estendeu uma das mãos.

— Querida, por favor. Me permita...

— E você... — ela continuou ignorando a sua mão e assinalando-o com um dedo. — Quando as mulheres flertam contigo, enfureço-me tanto que poderia cravar alfinetes nelas.

Quando os homens apontam armas para você, me enfureço tanto que dou pancadas em suas cabeças com bengalas.

O idiota aos seus pés começou a gemer e se agitar.

— Se cale! — ela disse. — Ou farei isso novamente — ela virou para Toby e perguntou: — O que ele queria, afinal?

Toby inclinou a cabeça e contemplou a figura no chão.

— Ele queria que eu retirasse a minha candidatura.

— Oh! — Uma risada selvagem brotou em seu peito. — Isso é o que eu queria pedir à você também — ela cutucou o ombro do homem com a ponta de sua bota. — Sinto muito.

— Eu não posso retirar a minha candidatura — disse Toby, franzindo a testa. — Ou o coronel Montague ganhará.

— E? — Bel perguntou.

— E... Ele está velho, surdo e louco. — Toby cruzou os seus braços. — Não posso permitir que isto aconteça e ficar com a minha consciência tranquila. Além disso, não era isto o que você queria? Um marido no Parlamento.

— Eu queria você — ela deixou escapar. Sua mão foi para a garganta. — Eu te quis desde o primeiro momento em que te vi.

Estive empurrando em você todas essas funções políticas e de caridade porque assim podia fingir que tinha uma causa mais nobre na mente. Mas não tinha. Eu só queria você.

— Isabel... — ele se aproximou dela novamente, com os braços abertos.

— Não — ela o parou com a mão espalmada em seu peito. — Eu ainda não terminei e ainda estou com raiva.

— Oh... — ele abaixou os braços. — Tudo bem. Vou esperar... que você queira me abraçar, então.

— Isso seria o melhor — ela sorveu pelo nariz. — Toby, de todas as coisas e pessoas que eu estou com raiva, você é a pessoa com quem estou mais furiosa. Eu confiei em ti e você mentiu para mim.

Entendo por que você fez isso e inclusive posso até te perdoar... mas isso não faz com que doa menos. Então, estou furiosa contigo por ter mentido para mim, mas estou ainda mais furiosa pela forma profunda que você me fez te querer.

— As lágrimas escorreram pelo canto de seus olhos e ela as enxugou com impaciência. — Você me fez te amar, Toby, tanto que eu poderia te odiar por isso. — Ela sufocou um soluço com a palma de sua mão.

— Eu nunca disse isto a ninguém antes.

— A parte sobre o amor? — Ele perguntou.

— Não. — Ela engasgou em meio as lágrimas. — A parte sobre o ódio.

A partir do seu primeiro beijo, ele a fez sentir tudo, o bom e o ruim. Ele trouxe todas suas paixões à superfície, quando ela havia trabalhado por tanto tempo para dominá-las. Era revoltante, maravilhoso e muito aterrador.

Ela simplesmente não sabia o que fazer.

Felizmente, ele parecia fazer ideia.

— Eu menti... — ele disse, colocando as mãos em seus ombros. — Eu sinto muito, mas menti para você agora, novamente. Não vou esperar que você me abrace.

Seus braços a rodearam, e Bel descansou contra seu peito forte e sólido, derramando

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

lágrimas e fuligem por todo o seu casaco.

— Acalme-se, amor... — ele disse, balançando-a suavemente. — Está tudo bem. Eu não te disse, uma e outra vez? — Ele se afastou um pouco e inclinou seu rosto para ele. — Você é linda quando está furiosa.

Ela o beijou. Apertou os braços ao redor de seu pescoço, ficando nas pontas dos pés e o beijou, diante de todos. Na frente de centenas de espectadores boquiabertos, na frente de seis homens com mosquetes...

Deus do céu, na frente do seu irmão.

E foi maravilhoso. Todos aplaudiram. Inclusive os homens com as armas.

Bem, possivelmente não o seu irmão.

— Não faça isto — ela disse, entre mordidas em seus lábios. — Não é muito tarde para você retirar sua candidatura.

— Eu preciso ganhar. — Ele murmurou.

— Não, você não precisa. Não me importa se você não estiver no Parlamento. Não vou forçá-lo a isso.

— Eu não estou sendo forçado — ele colocou alguma distância entre eles e pegou suas mãos entre as dele. — Eu sei que não era minha intenção original, mas agora quero ser membro, por várias razões.

Uma delas, é porque é meu dever de cavalheiro por privilégio. Outra, porque quero honrar o legado do senhor Yorke. De muitas maneiras, ele foi um pai para mim.

— Eu sinto muito — disse Bel. — Sinto por não ter estado lá para você quando ele morreu.

— Eu sei. Eu também fiquei triste que você não estivesse, mas eu sabia que a culpa era minha — ele beijou sua mão. — Mas Isabel, a principal razão porque quero ser eleito para o Parlamento é a seguinte:

Quero fazer isso por você.

— Você não estava me escutando? Você não deve fazer isto por mim.

— É obvio que devo. Eu te amo, e não há melhor razão para fazer algo assim.

— Mas...

— Shhh... — ele a tomou em seus braços novamente. — É a minha vez de expressar a minha opinião, tudo bem?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele falou em voz baixa, só para ela.

— Isabel, você estava certa sobre mim. Eu sou capaz de muito mais do que esta vida frívola que estive levando, e sabia disso muito antes de nos conhecermos. Por anos, desejei um propósito maior, e você teve razão em me forçar a encontrar um. Mas você não fará esta escolha por mim.

— Não, é claro que não — ela acariciou a sua bochecha. — Eu estava errada em tentar. É por isso que eu quero que você retire a sua candidatura.

Ele negou com a cabeça.

— Não. Serei eleito para o Parlamento, onde representarei este Condado com honra. E continuarei administrando a minha propriedade. Acho que serei razoavelmente competente em ambos. Mas o meu maior objetivo, minha verdadeira razão para viver, está aqui em meus braços.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

É você querida. Somos nós. Você é tudo o que estive desejando, por muito tempo... Um ajuste perfeito para todos os meus talentos naturais.

— Ele sorriu e secou uma lágrima de sua bochecha. — Amar você dá sentido à minha vida.

— Toby... — ela inclinou a cabeça, apoiando sua testa contra o peito dele.

Ele sussurrou em seu ouvido:

— E Por Deus, vou me empenhar nisso. Tenho a intenção de te amar muito bem, ferozmente. Para ter certeza que você nunca duvide que classe de mulher extraordinária e formosa você é. Para ter certeza que todo mundo sabe disso também. Para criar um lar estável e amoroso para você e nossa família. Te dar um lugar onde sempre se sentirá segura.

Ela colocou as mãos dentro do seu casaco, precisando abraçá-lo com força.

— Esses talvez não sejam o tipo de realizações que são notícia nos periódicos — continuou ele, — ou que me façam ganhar o aplauso da sociedade masculina. Mas são igualmente importantes.

E quando observo ao redor do mundo, me dou conta... É assombroso como poucos homens são realmente bons nisso.

Ela ergueu o rosto para ele.

— Você será magnífico. Um verdadeiro campeão. Tenho total confiança em você.

Ela tinha razão, é obvio. Toby era um homem raro, de fato.

Em toda sua vida, Bel nunca havia conhecido a uma pessoa com uma calidez e bom humor tão contagiante, ou o seu talento instintivo para fazer aqueles ao seu redor se sentirem confiantes e seguros.

Essa combinação a tinha atraído para ele desde o começo. Bom, isso e seu sorriso devastador.

Oh, ela era a mulher mais sortuda do mundo.

Ele disse:

— Então eu te aconselho a se acostumar com essa ideia, de que você vale à pena qualquer esforço. Aprenda a viver com o fardo de ser adorada. Pegue toda essa fúria justificada, e saia à guerra contra os dragões da injustiça... mas você deve sempre voltar para mim — ele a beijou no nariz. — Porque eu tenho a intenção de ser, acima de tudo, um marido dedicado

— um brilho malicioso apareceu subitamente em seus olhos quando ele acrescentou: — E um pai carinhoso.

Ela ofegou.

— Como você sabia? Mesmo eu não tenho certeza ainda.

— Eu tenho certeza. E soube no momento em que te vi. Tenho três irmãs mais velhas, com dez sobrinhas e sobrinhos entre eles. Posso garantir.

Ela escondeu o rosto em seu casaco.

— Estou com medo. Não tenho certeza se sei como ser uma boa mãe.

— Você será a mãe mais amorosa e a mais paciente que já existiu — ele a abraçou com força. — Exceto nos raros dias em que você não seja. Nesses dias, levarei as crianças ao parque.

Ela começou a rir em seu peito.

— Como você faz isso? — Ela levantou seu rosto para o dele. — Como você sempre sabe

exatamente o que mais preciso ouvir?

— Isso é fácil — ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido. — Vou revelar um grande segredo, querida... Eu só digo o que gostaria de ouvir de volta — seu fôlego esquentou sua bochecha quando murmurou esperançosamente:

— Eu te amo.

— Oh, Toby... — ela se derreteu por dentro. Se houvesse um homem melhor nesta terra... ela ainda iria querer este. Para sempre. — Eu também te amo.

EPÍLOGO

Cinco anos depois...

— E então? Será que você consegue matar qualquer coisa hoje?

Toby se esticou na margem gramada, reclinando-se sobre um cotovelo.

— Cacei uma perdiz. E Henry conseguiu um belo par de faisões.

— Isso é tudo? Eu sabia que deveria ter ido com você — Lucy olhou para ele com um brilho fraco de sede de sangue em seus olhos. Era uma expressão completamente em desacordo com sua aparência maternal.

Ela estava sentada sobre uma toalha acolchoada de lanche campestre, apoiando seu peso sobre uma das mãos enquanto que com os dedos da outra, penteava os escuros cachos de seu bebê.

Ao lado dela, Sophia sombreava um desenho com carvão de um menino adormecido.

— Eventualmente — ela disse, olhando para cima, — teremos que parar de chamar isto de encontro anual de caça. Você homens, muito raramente conseguem caçar algo.

— É verdade — disse Toby, observando o jogo do sol e a viva brisa de outono sobre a superfície do arroio. — Mas, então, nossa anual "caminhada pela floresta para provar nossa virilidade" certamente perderia o sentido.

— E onde estão esses outros exemplares de virilidade? — Lucy perguntou colocando uma fina manta sobre o seu filho.

— Felix foi até a mansão, eu acho. Henry levou Jem e Gray ao canil para mostrar seus novos cães de caça. Eles estarão de volta em breve.

— Eu ainda não sei por que Gray te acompanha — disse Sophia. — Ele não gosta de violência.

— Tampouco Jeremy — replicou Lucy. — Ele nunca teve coragem de disparar em um único pássaro. E depois tem o Felix, cuja pontaria sempre foi desoladora. Logo Tommy começará a implorar para ir junto e isso porá fim às excursões de caça completamente — ela lançou um olhar para o seu filho mais velho, que estava entretendo um trio de pequenas meninas rio abaixo: duas loiras e uma morena. Lucy continuou;

— Jeremy está decidido que nenhum de seus filhos jamais tocará em uma arma.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Isso não é sábio — disse Toby. Ele podia entender a conduta protetora de seu amigo, considerando como o irmão de Jem, também chamado Tommy, havia falecido tragicamente. Mas ele não concordava com isso.

— Os meninos só crescerão com maior curiosidade, se ele os proibir, e é essa curiosidade que gera acidentes. Na verdade, conheci uma menina que uma vez, secretamente, seguiu um grupo de caça e quase se matou.

— Ah, é mesmo? — Perguntou Lucy, fingindo inocência. Ambos sabiam que ele se referia ao dia em que se conheceram, quando a jovem Lucy assustou um bando de pássaros e o disparo de Toby passou a centímetros dela.

Eles haviam ficado próximos desde então.

— Uma menina incorrigível — continuou ela. — Suponho que ela deve ter tido um final muito ruim, certamente.

— De modo algum. Ela cresceu e se converteu em uma bela e elegante Condessa — Toby sorriu. — Não se preocupe pelos meninos. Falarei com Jem.

Um coro de gritos irrompeu, quando o jovem Tommy agarrou repentinamente uma cobra na grama e segurou seu prêmio se contorcendo no ar. Gritando, as duas meninas loiras correram.

A terceira menina, de cabelos escuros se manteve firme; entretanto, ela não gritava para a cobra e sim para Tommy... para que ele deixasse livre a pobre criatura.

Toby sorriu. Essa era Lyddie. Ela havia herdado de sua mãe o profundo sentido de justiça, juntamente com o seu cabelo escuro e brilhante.

— Merda... — Sophia resmungou, deixando de lado seu esboço para perseguir suas duas filhas. — Agora elas vão correr chorando durante todo o caminho até chegar ao seu pai.

— Sinto muito — disse Lucy para ela. Em seguida, sacudiu a cabeça e sorriu para Toby. — Eu não saberia o que fazer em seu lugar. Foi uma coisa boa eu ter dado à luz a meninos, enquanto ela teve meninas.

— Até agora — ele lançou um olhar à Sophia. — Veremos em seis meses se este padrão se mantém.

— De verdade? Ela não disse nada — disse Lucy com suas covinhas aparecendo em um amplo sorriso. — Mas suspeitei que ela havia trazido uma pequena lembrança da Itália.

— E... — disse Toby com calma, — o bebê da Sophia não será o único.

Ela exclamou:

— Certamente Isabel não está...

— Não, não. Ainda é muito cedo.

— Bom, eu sei que não sou eu — disse Lucy abaixando o queixo. — Ou sim?

— Não — ele apontou para as duas mulheres sentadas sob a árvore: sua anfitriã, Marianne Waltham e a irmã da Sophia, Kitty. — Parece que finalmente Felix atingiu o alvo.

— Oh, graças à Deus. Kitty esteve esperando por isso por muito tempo. Por um momento, pensei que você se referia Marianne, novamente.

Ambos riram. Henry, como o primeiro a se casar, havia superado à todos eles com seis filhos... Até agora, Toby julgava que ainda não havia um sétimo a caminho.

— Isabel está acordada em casa? — Perguntou Toby.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

— Que marido velho e complacente você se tornou. Não pode ficar nem cinco minutos sem perguntar por ela. Sim, ela levou o bebê para alimentá-lo há pouco tempo atrás — ela tocou o dorso de seus dedos pela bochecha do seu próprio filho.

— Você vai falar com o Jeremy sobre os meninos e a caçada?

— Sim, é claro. Tenho os meus próprios métodos para fazê-lo ouvir.

— Eu sei que você os tem, é um político brilhante. E Jeremy nunca dirá nada, mas sei que ele respeita imensamente a sua opinião — uma brisa despenteou seus cachos de cor marrom escura e ela inclinou o rosto para ele.

— Assim como eu. Agora que Tia Matilda se foi... além de Henry e Marianne, este grupo é toda a família que temos. Você tem que me prometer que retornará sempre à Waltham Manor todos os anos.

— Você está brincando? Isabel e Lyddie adoram estar aqui. Você não poderia nos manter longe.

— Bom — ela disse. — Isto nunca foi realmente uma reunião de caça, Toby. Sempre foi uma festa familiar, muito antes que qualquer um de nós se casasse. E você sempre foi a pessoa que nos mantinha juntos, com sua natureza afável e sua calidez. Você ensinou à um punhado de órfãos ranzinzas e feridos que poderíamos ser felizes e nos sentir seguros, rodeados de pessoas que se importam conosco — ela lançou à ele um sorriso constrangido.

— Deve ser por isso que estive tão apaixonada por você por tantos anos.

— Oh, você esteve apaixonada por mim? — Ele zombou, recordando a maneira como ela se agarrava à ele todos os outonos, como se fosse uma segunda sombra. — Nunca percebi.

— Mentiroso — ela levantou uma sobrancelha. — Mas há algo que nunca disse à você — apesar do fato que não havia ninguém por perto e só um bebê dormindo poderia escutar, ela se inclinou para perto dele e sussurrou:

— Você sabia que aquele ano em que você trouxe Sophia aqui... eu estava tão desesperada de ciúme que planejei entrar às escondidas em seu quarto e te seduzir, para que você se casasse comigo?

A mandíbula de Toby se afrouxou. Não, ele não sabia disso.

— De verdade?

— Sim, de verdade.

— Então o que aconteceu? Suponho que você recuperou o bom senso a tempo.

— De certa forma, sim — ela disse, sorrindo maliciosamente. — De alguma forma eu acabei no quarto de Jeremy. — Ela fez um gesto pensativo inclinando a cabeça e olhou para ele com uma vulnerabilidade juvenil brilhando em seus olhos verdes. — Embora às vezes me pergunto... O que teria acontecido se eu tivesse encontrado o caminho para o seu quarto?

— Considerando isso... — Toby deu um tapinha em baixo do seu queixo. Era um gesto de ternura, um gesto que usava habitualmente com sua filha agora. — Lucy... — ele disse.

— Por favor, entenda isto da maneira mais amável possível. Estou muito feliz de que nunca saberemos.

Devagar... com cuidado... tranquilo agora.

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

Bel colocou o bebê para dormir. Ela balançou delicadamente o berço do bebê, mantendo uma palma da mão em sua pequena barriga até que sua respiração rítmica, indicasse que ele havia caído em um sono profundo.

Ainda assim, ela ficou ali, admirando a pequena marca no lóbulo de sua orelha e a doce curva de suas pestanas revoando contra sua bochecha arredondada. Um rosto angelical. Um lindo menino, perfeito.

O amor inchou dentro dela, até que seu coração doeu.

— *Duérmete*, mi amor. — Ela sussurrou. — Durma, meu amor.

Quando se casou, Bel estava aterrorizada pelas intensas emoções que seu marido fazia aflorar nela. Gradualmente, com a paciência e o cuidado de Toby, Bel aprendeu a desfrutar da paixão compartilhada ao invés de temê-la.

Mas nada poderia tê-la preparado para isto... O intenso e inesgotável amor sem limites que uma mãe sentia por seu filho. Não havia como controlar essa emoção e certamente não havia maneira de separá-la do temor.

Enquanto observava seu bebê dormir tão inocentemente, protegendo-o com uma suave pressão da palma de sua mão, perfurava o seu coração saber que não importava o quanto ela e Toby tentassem protegê-lo, não importava quanto o envolvessem em amor... Esta criança inevitavelmente conheceria a dor, a enfermidade, o perigo, a tristeza.

Mas nunca conheceria isso da mão de sua mãe. Disso Bel tinha certeza.

A porta rangeu baixinho atrás dela.

— Sou eu — sussurrou uma voz familiar. — Não se assuste.

A porta se fechou muito silenciosamente e momentos depois, braços fortes a rodearam pela cintura. Toby apoiou seu queixo no ombro dela.

— Ele está dormindo?

— Sim, acabou de dormir.

— Bom... — seus lábios roçaram o sensível lugar debaixo da orelha e o beijo ecoou na sola dos pés dela. Bel soltou um suspiro de prazer. Ele sabia exatamente onde beijá-la para fazer estremecer seus joelhos.

— Lyddie está lá embaixo, no córrego com os outros — ele sussurrou. — Temos algum tempo para nós.

Ela se recostou contra o seu peito, e suas mãos deslizaram para seus seios. Estavam vazios de leite agora, suaves e sensibilizados nos mamilos.

— Não quero despertar o bebê... — ela protestou fracamente e sem sinceridade.

— Nós não vamos — disse ele, pegando sua mão e puxando-a para o quarto ao lado. — Seremos muito, muito silenciosos.

Ela lançou à ele um sorriso travesso. Os dois sabiam que era difícil para ela ficar em silêncio quando faziam amor. Estar nos braços de Toby... Era o lugar mais seguro do mundo de Bel e era o lugar onde ela liberava todas suas inibições. Ele desfrutava em fazê-la gritar na cama. E às vezes ele a fazia gritar muitas vezes. Ultimamente, ele a fazia rir.

E em algumas ocasiões, como esta tarde, quando o bebê dormia perto deles e precisavam fazer muito, muito silêncio, ele a amava muito suavemente, muito docemente, ele fazia com que

** Essa tradução foi feita apenas para a leitura dos membros do Talionis. **

ela derramasse lágrimas silenciosas de prazer e alegria.

Depois disso, ela jazia em seus braços, respirando profundamente, fôlegos entrecortados aromatizados com a confortável essência masculina. A luz do sol da tarde dourava o contorno esculpido dos ombros, peito e as mechas de cor âmbar em seu cabelo castanho claro.

— Você é lindo — disse ela.

— Querida... — respondeu ele. — Estava a ponto de te dizer exatamente essas palavras.

Flutuaram juntos nesse mágico e idílio espaço entre a insônia e o sono.

— Toby... — ela perguntou suavemente. — Sempre seremos assim ridiculamente felizes?

— Provavelmente não... — sua voz estava sonolenta. — Será que mesmo assim, você me amará?

— Sim — ela o abraçou com força. — Oh, sim.

Mal havia pronunciado as palavras, o bebê despertou chorando. Quinze minutos depois, Lyddie entrou com lágrimas nos olhos e com os joelhos machucados.

Em seguida, chegou um mensageiro de Wynterhall com a notícia de que Toby deveria partir em seguida... por causa de algum tipo de crise com os carneiros.

Sua tarde idílica havia terminado, o encanto perfeito quebrado.

Mas o amor permanecia, apesar de tudo. Sempre.

Fim

TALIONIS

**Incentive os revisores contando no nosso blog
o que achou da história do livro.**

http://twtalionis.wordpress.com/

Todos os arquivos aqui postados são para leitura pessoal.
É proibido postar e/ou anexar nosso conteúdo em outros blogs, fóruns, grupos, redes sociais e afins.
Nosso trabalho é gratuito e não temos nenhum tipo de lucro.